

Partholon:
Um mundo diferente
em que os sugadores de sangue
são uma verdadeira ameaça...

P.C. CAST

Nº 1 do *USA TODAY*.

Autora da série *House of Night*.

A escolha de
Elphame

 Harlequin

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



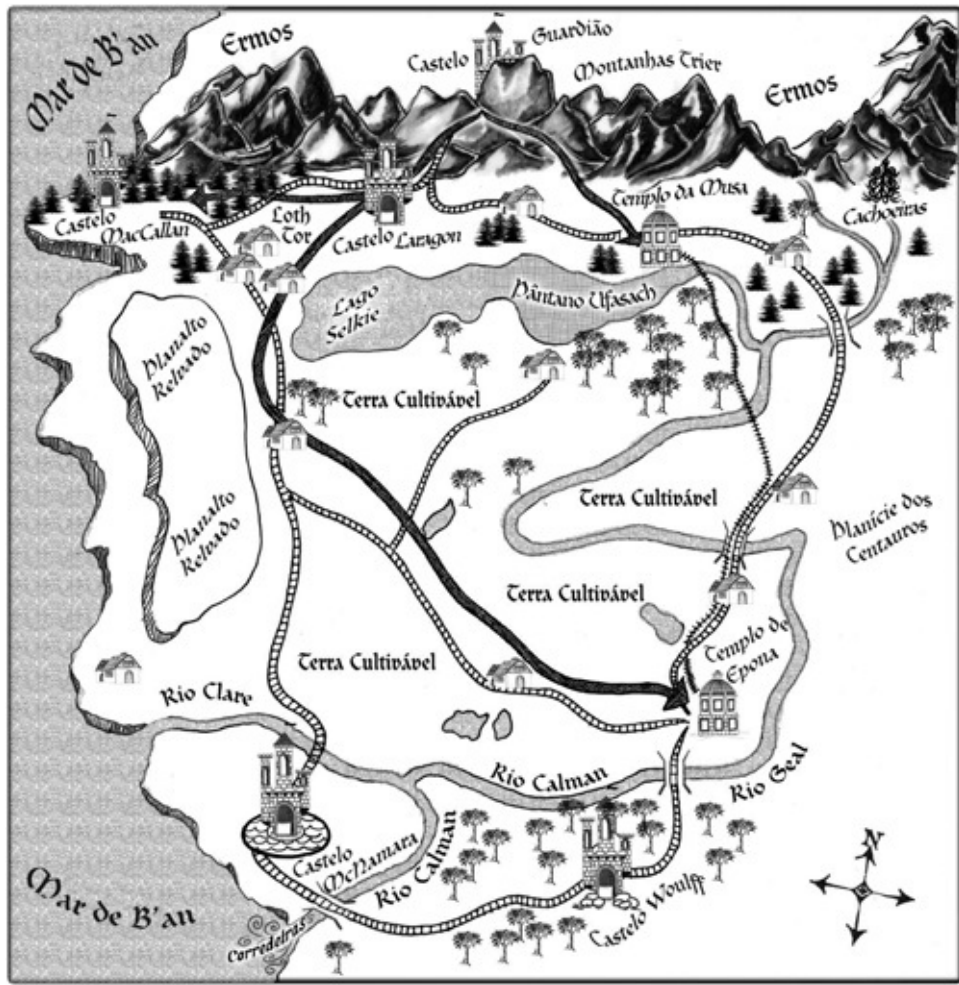
P.C. CAST

A escolha de Elphame

Tradução de
Elaine Moreira



Rio de Janeiro
2011



PARTHOLON



Ponte



Castelo



Coníferas



Rota de Fuga



Floresta



Rota de Invasão



Pântano



Rios e Mar



Templo



Aldeia

Prólogo

AQUELE DIA HAVIA começado com uma normalidade enganadora.

A oferenda da alvorada para Epona havia sido particularmente comovente. A Deusa preencheria Etain tão completamente que o brilho de Sua presença foi carregado por ela durante toda a manhã. Para variar, teve a permissão de ficar algum tempo sozinha — temporariamente livre dos deveres de Deusa Encarnada.

As contrações começaram com uma vaga sensação de inquietude. Ela não conseguia encontrar um lugar confortável na *chaise-longue* bem estofada. Repreendeu com impaciência incomum a zelosa serva que veio verificar se sua senhora precisava de mais água quente. Nem mesmo a ideia de um longo banho na piscina de águas minerais parecia atraente.

Etain esperava que um passeio por seu magnífico jardim ajudasse a aliviar o que pensava ser apenas uma pequena dificuldade de digerir os morangos do almoço. A caminhada parecia estar ajudando — até ela parar para cheirar uma lustrosa flor carmim e a água romper com violência sobre as sapatilhas revestidas de seda da Deusa Encarnada.

A normalidade também estava rompida.

— Não é sempre assim? — Ela fez uma careta e trincou os dentes enquanto outra onda de dor cobria seu corpo. Curvando-se para a frente, apoiou-se pesadamente na mulher cujo braço estava enlaçado ao seu.

— Shh, Etain — falou Fiona em tom confortador no seu leve e melódico sotaque. — Não fale, minha amiga. Apenas se concentre na respiração.

Etain sacudiu a cabeça numa apressada concordância e tentou combinar seus arquejos com a respiração calma e profunda de Fiona. A contração chegou ao apogeu e retrocedeu.

Sobreveio um alvoroço de atividade. As roupas da Deusa Encarnada foram trocadas por seu grupo de criadas, que depois começaram a alertar as Mulheres Sábias que viviam nas aldeias próximas ao Templo de Epona. Enrolando o braço na cintura de Fiona, e usando sua presença vigorosa para ganhar força, Etain continuou seu passeio pelos jardins do templo. A amiga e conselheira da Escolhida tinha garantido

que andar ajudaria no nascimento da criança.

Enquanto o dia se arrastava metodicamente, a imagem de oásis de tranquilidade de Etain se dissipou, mas o resíduo da posse matinal de Epona a acalmava — como sempre, a Escolhida de Epona recorreu ao familiar fio que a ligava à Deusa e encontrou força e conforto.

Fiona sorriu com encorajamento, e as duas mulheres se viraram, voltando na direção das janelas que iam do chão ao teto e ligavam os aposentos de Etain ao jardim particular. Cortinas diáfanas da cor de ouro líquido flutuavam de dentro dos vitrais que serviam de porta e janela. A Deusa Encarnada respirou fundo, tentando estabilizar os batimentos do coração e preparar-se para a inevitável contração seguinte.

— Acho que essa é a pior parte. — Como sempre, falou para Fiona o que lhe vinha à mente.

— O quê? — Ela olhou pensativa para sua amiga e senhora.

— A inevitabilidade do que está acontecendo. Não posso detê-la. Não posso pausá-la. Nem mesmo posso afetá-la. A verdade é que eu gostaria de dizer “Foi interessante, mas estou pronta para parar com isso agora. Quero tomar banho, comer uma refeição decente e ter uma boa noite de sono. Vamos retomar daqui amanhã, sim?”.

A expressão de curiosidade educada de Fiona se transformou numa gargalhada esfuziante.

— Isso seria bom.

— Bom? — Ela fez uma careta nada divinal. — Seria maravilhoso.

Etain respirou fundo outra vez, apreciando a intoxicante doçura da floração voraz das lilases que emolduravam aquela parte da caminhada. A trilha se curvou à esquerda e as lilases abriram espaço para uma profusão de rosas de tonalidade violeta, que estavam florescendo. As cortinas delicadas ondulavam na entrada e flutuavam como as asas de borboletas gigantes sobre as pontas das rosas. Elas pararam a poucos passos dos aposentos que abrigaram a Amada de Epona de Partholon por incontáveis gerações. A brisa carregava o som encantador de mulheres cantando louvores: “Somos o fluxo da água

Maré alta ou vazante

A torrente de sabedoria

De verdade abundante”

As palavras se costuravam numa harmonia de escalas. O ritmo subjacente era hipnótico. Aquilo atraiu a Escolhida de Epona e acalmou seus nervos desgastados. Lentamente, o corpo inchado relaxava à medida que Etain era preenchida pela canção de saudação das mulheres.

“Somos o som vicejante

De uma raiz divinal

Plena de força e sabedoria

Uma semente eternal”

As palavras impulsionaram Etain, que entrou com impetuosidade nos aposentos. As Mulheres Sábias enchiam o cômodo. Com a aparição da Deusa Encarnada, o ritmo da canção aumentou. Girando com graça, elas pareciam flutuar pelo quarto até Etain e Fiona formarem o centro do círculo jubiloso.

“Somos a alma feminina

Um presente de amor

Tão rico em sabedoria

O aclamamos com louvor!”

Com a palavra *louvor*, as mulheres ergueram os braços para a abóbada e rodopiaram, sussurrando juntas a melodia. A vestimenta de seda que trajavam fluía ao redor dos corpos como folhas caindo, enquadrando-as em raios cintilantes de luz mutável. Todas as mulheres estavam sorrindo, como se estivessem tomando parte num evento de tamanho grandioso que tornava impossível o comedimento, tanto que a felicidade transbordava de seus corpos. Enquanto Fiona ajudava sua senhora a se acomodar nas almofadas da *chaise-longue*, podia-se ver com clareza um brilho informe delinear cada dançarina tal qual halos espirituais.

— Magia — murmurou Etain.

— Claro — respondeu Fiona em seu tom sensato. — Esperaria menos no nascimento de uma deusa?

— Claro que não. — Mas a verdade era que apesar de Etain ser a Escolhida de Epona há quase uma década, era fácil ficar espantada com o poder da Deusa.

A canção acabou e as dançarinas saíram com graciosidade do círculo. Algumas se aproximaram de Etain, cada qual com um sorriso e uma palavra gentil: — Epona a encheu de bênçãos, Escolhida.

— É um grande dia para a Deusa, Amada de Epona.

Vistas separadamente, elas perdiam um pouco da magia e mais uma vez se tornavam o que eram: simples mulheres humanas que estavam ali para auxiliar e encorajar o nascimento de uma criança muito esperada. Variavam em idade e beleza, mas todas tinham um único pensamento.

A contração seguinte começou no alto do abdome de Etain. Ela se sentiu tensa. A dor chegou ao cume. A contração a tomou, tremulando por seu corpo. Era uma onda na qual ela estava se afogando.

Uma jovem aninhou os ombros de Etain nas mãos.

— Não lute, Deusa. — A voz murmurou com suavidade no ouvido da mulher em trabalho de parto. — Não é uma batalha a ser vencida. Pense nisso como se fosse o vento.

A voz de outra mulher falou com sinceridade depois que a primeira se calou: — Deixe que a preencha, Escolhida.

Outra mulher ainda acrescentou:

— Sim, voe com ele, minha senhora.

— E respire comigo, Etain. — O rosto tranquilizador de Fiona surgiu à vista. A Deusa Encarnada lutou para desacelerar a respiração enquanto era varrida no vórtice da contração.

Depois de uma série de momentos intermináveis, a dor se foi temporariamente. Um pano frio e úmido limpava o suor da testa de Etain. Fiona levou uma taça de água clara e gelada aos lábios entreabertos da amiga.

— Deixe-me ver o progresso, minha senhora.

Etain abriu os olhos para espreitar o calmo olhar ciano da curandeira. Era uma loira de constituição robusta, de meia-idade, que carregava consigo o inconfundível ar de confiança de uma mulher que conhecia intimamente seu trabalho e o executava bem. A Escolhida assentiu e obedientemente ergueu os joelhos. Estava vestindo apenas uma camisola de algodão na cor creme, tão fina que parecia ter sido fiada com nuvens. A curandeira empurrou a camisola pela cintura inexistente de Etain. O toque foi gentil e eficiente.

— Está indo bem, Amada da Deusa. — Sorriu de maneira encorajadora e deu-lhe tapinhas na coxa antes de rearrumar a roupa de Etain.

— Mais quanto tempo? — perguntou, cansada.

A curandeira encontrou o olhar da Deusa Encarnada, compreendendo sua impaciência.

— Só a Deusa pode dizer com certeza, minha senhora, mas acho que não vai demorar muito a acolha

sua filha.

Etain sorriu e assentiu antes que a curandeira desaparecesse no grupo de mulheres, a quem dava ordens com uma voz feita de aço aveludado. Fiona curvou-se para afastar um cacho fujão do rosto úmido da amiga.

— Ele não vai chegar aqui a tempo, vai? — Etain não pôde deter o tremor na voz.

— Claro que vai — disse Fiona com firmeza.

— Não devia ter insistido para que ele se fosse. Em que eu estava pensando?

Fiona tentou sem sucesso reprimir a risada ao responder: — Deixe-me ver... Ah, sim! Acho que lembro o que você disse. Algo sobre esfolar a pele dele caso não largasse do seu pé e parasse de perguntar como estava se sentindo a todo instante. — Ela imitou o tom com tanta exatidão que fez várias das mulheres próximas rirem.

— Sou uma tola — gemeu Etain. — Só uma tola mandaria o marido embora quando está tão grávida a ponto de dar à luz a qualquer momento.

— Minha amiga. — Fiona sentou-se perto de Etain e apertou-lhe a mão. — Midhir estará aqui a tempo para o nascimento da filha. Sabe que Moira o encontrará.

E ela sabia. Ao menos a mente da Deusa Encarnada lhe dizia que era óbvio que Moira, a caçadora-chefe de Partholon, seria capaz de rastrear e encontrar seu marido, que fora enxotado na véspera na companhia de vários de seus camaradas para uma caçada que duraria toda a noite (e ela se encolheu ao lembrar-se do nítido aborrecimento na voz ao dizer a ele que a caçada duraria o dia inteiro também). Mas seu coração e seu corpo em trabalho de parto diziam que o bebê chegaria em breve. Com ou sem a presença do pai.

— Preciso dele aqui, Fiona. — Lágrimas fizeram sua visão tremular.

Antes que Fiona pudesse responder, outra contração começou a crescer, fazendo Etain apertar-lhe a mão.

— Oh! Esta é forte. — Etain ofegou, sentindo-se um pouco nauseada e amedrontada.

E então a Escolhida foi envolvida pelas vozes calmas e tranquilizadoras das mulheres que cantarolavam a melodia da canção de nascimento. Em harmonia com o ritmo, várias delas falavam em júbilo, uma por vez.

— Estamos a senhora.

— Está indo bem!

— Respire com Fiona, Escolhida.

— Relaxe, deusa. Lembre que cada dor traz sua filha para mais perto deste mundo.

— Não podemos esperar para saudá-la, minha senhora!

As vozes delas se tornaram as rochas de Etain, que as usou para ancorar a concentração quando mais uma vez combinou a respiração com os sopros calmos de Fiona. Entregou-se à fase final da contração e conseguiu sorrir com apreço para as mulheres ao redor.

As mulheres riram num som doce que era contagiante. Etain descansou uma das mãos no estômago inchado enquanto uma risadinha escapava de seus lábios. Fechou os olhos, desejando que o corpo relaxasse e descansasse.

Oh, por favor, por favor, faça com que ele chegue a tempo.

Paciência, Amada. A voz formigava na mente de Etain. Seus lábios se curvaram diante da gentil repreensão. *O xamã não perderá o nascimento da filha.*

— Obrigada, Epona — murmurou. Tranquilizada pela promessa da Deusa, sentiu uma nova onda de

energia. — Fiona! Vamos caminhar novamente.

— Está segura disso, Etain? — A testa de Fiona se enrugou de preocupação.

— Você disse que caminhar faria a criança vir mais rápido. — Etain estendeu as mãos para que Fiona a ajudasse a levantar-se desajeitadamente da *chaise*. — E agora me parece que quanto mais rápido, melhor. — Ela piscou, então a preocupação no rosto de Fiona diminuiu. A Escolhida girou a cabeça e sorriu para o grupo de mulheres presentes. — Senhoras, por favor, cantem para mim enquanto apresso a chegada da minha filha.

As mulheres bateram palmas com alegria. Algumas irromperam numa pequena dança de celebração que fez a magia cintilar em seu rastro. Com os braços entrelaçados, as duas mulheres caminharam devagar através das cortinas diáfanas.

Etain respirou fundo.

— Sentirei falta de estar grávida por causa disso. — Fiona a fitou indagadora. — Meu incrível olfato. Durante toda a gravidez meu olfato esteve bem aguçado. — Ela caminhou desengonçada até a roseira mais próxima e, com delicadeza, passou um dedo pelas pétalas aveludadas antes de continuar pela trilha.

— Sim, isso é incrí... — A palavra terminou num resmungo quando a contração seguinte a tomou de surpresa.

— Devagar, lembre-se de não lutar, Etain — falou Fiona baixinho ao ouvido da amiga, que se apoiava pesadamente nela. — Devemos voltar para junto das outras mulheres?

Etain meneou a cabeça e arfou.

— Não, sinto que posso respirar melhor aqui fora. — A contração cedeu, e ela se endireitou devagar, secando o suor do rosto com a manga. — E gosto do modo como a canção delas soa na brisa. É como se o mundo inteiro estivesse preenchido com a magia do nascimento desse bebê.

Os olhos de Fiona de repente cintilaram com lágrimas, e ela abraçou Etain.

— Está, minha senhora, está!

A Escolhida da Deusa tirou a dor de sua mente ao focalizar as suas bênçãos conforme continuavam a hesitante caminhada pelo jardim. A nação de Partholon honrava muitos deuses e deusas, mas Epona sempre teria um lugar especial no coração de seu povo.

Epona sopra vida ao céu da manhã, o rosto de Epona se reflete na lua cheia. Ela é a Deusa Guerreira do Cavalo, e também a Ofertante dos Frutos da Colheita. E Partholon sempre a reverenciaria como protetora. Foi a Escolhida de Epona, junto com seu companheiro xamã, quem repeliu a invasão dos demoníacos fomorianos e salvou Partholon da escravidão. Se os quase cem anos desde a guerra fomoriana importavam pouco nas mentes e nos corações dos partholonianos, a dádiva de Epona nunca seria esquecida, e sua Amada sempre seria honrada.

Ela era a Amada da Deusa, a Escolhida de Epona, Etain lembrou a si mesma enquanto ofegava durante outra contração. E isso significava que seu primogênito seria uma menina, e que ela também seria tocada pela Deusa. Seria a neta da lendária Rhiannon, destruidora de fomorianos. A ideia de que sua filha provavelmente estivesse destinada a sucedê-la como Escolhida de Epona era excitante e fazia o tédio do trabalho de parto um tanto mais fácil de suportar.

A onda da contração seguinte dispersou os pensamentos de Etain, que rapidamente compreendeu que esta era diferente das outras. Veio acompanhada por uma profunda sensação de ardência e uma necessidade de empurrar tão devastadora que a fez ofegar. Os joelhos cederam e Fiona lutou para guiá-la gentilmente até o chão.

— Preciso empurrar — arfou ela.

— Espere! — disse Fiona com severidade, depois gritou por cima do ombro na direção dos aposentos: — Mulheres! Venham até mim! A Deusa precisa de vocês!

Etain não conseguia saber se alguém a ouvira porque todo seu ser estava concentrado em seu interior. A urgência de empurrar era selvagem, primordial, e lutar contra isso custou toda a força do temor pela vida da filha.

Então um som penetrou a concentração da Escolhida, cuja alma pulou de alegria quando o reconheceu. Era o som de cascos batendo no chão firme da trilha. Etain piscou para afastar o suor dos olhos quando o centauro brotou numa curva da trilha e deslizou sobre os joelhos diante dela.

— Aqui, amor. Tudo vai ficar bem agora. Coloque seus braços ao redor dos meus ombros. — A voz profunda do marido parecia afugentar a dor conforme a contração abrandava e depois se dissipava por completo.

Sem dizer nada, ela envolveu os ombros de granito com os braços e deixou a cabeça tombar no marido, que a ergueu sem esforço. Em poucas passadas longas, os aposentos estavam à vista. Segundos depois, Midhir deitava a esposa com gentileza na *chaise-longue*. Ela o agarrou, mas não precisava ter se preocupado. Ele não tinha qualquer intenção de soltá-la.

— Estou tão contente que esteja aqui — disse ela lentamente, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Não pertenço a outro lugar que não seja aqui. — Ele sorriu e afastou um cacho frouxo do rosto suado da esposa.

— Tive medo de que não conseguisse chegar. Pensei que Moira não fosse encontrá-lo a tempo.

— Não encontrou — disse ele, com um enigmático encolher dos ombros. — Sua Deusa o fez. — E ele a beijou com carinho.

Oh, Epona, obrigada por trazê-lo para mim a tempo — e obrigada por tê-lo criado para ser meu consorte. Com os olhos cheios de lágrimas, ela observou seu belo marido centauro afogar as almofadas nas quais estava apoiada. Mesmo depois de cinco anos de casamento, a força e a virilidade de sua forma centáurea ainda a excitavam. Claro, sendo Sumo Xamã, ele tinha a habilidade de se metamorfosear para que pudessem realmente se unir, mas ela o amava por inteiro e alegrou-se do fato de que a Deusa tivesse criado um ser tão maravilhoso para ser seu consorte.

Antes que pudesse dizer a ele mais uma vez o quanto o amava, Etain sentiu o movimento da contração seguinte. Seu gemido invocou a curandeira.

— Meu senhor, ajude-nos a colocá-la em posição para o parto. — Ela deu ordens hábeis, e os braços fortes de Midhir mais uma vez ergueram a esposa. Dessa vez ele ficou por trás, com as mãos unidas por baixo dos braços dela e apoiando com firmeza as costas da esposa contra si, que suportava o peso com facilidade. Fiona ficou à direita de Etain, segurando-lhe a mão, e outra mulher tomou-lhe a mão esquerda. A Deusa Encarnada olhou para a curandeira, que estava agachada entre suas pernas, e ficou vagamente surpresa ao perceber que de alguma maneira ficara nua. Os dedos da curandeira a sondaram com gentileza.

— Já está pronta. Deve empurrar com a próxima contração.

E a contração a envolveu. Etain não era mais nada além de um empurrão. Cores brilhantes explodiram nas pálpebras firmemente fechadas. Ela viu salpicos de dourado e vermelho, ouviu um som gutural, inumano, e com um pensamento estranhamente distante concluiu que devia ser sua própria voz fazendo aquele ruído animalesco. Por um instante não conseguiu respirar.

Então um cantarolar mudo registrou-se através da neblina do esforço. Etain não conseguia ver as mulheres, mas as sentia. A canção de nascimento a preencheu, e ela foi capaz de respirar novamente.

— Mais uma vez, Deusa. Vejo a cabeça de sua filha! — encorajou a curandeira.

Ela ouviu a litania das orações sussurradas por Midhir. As palavras na antiga língua dele, que sempre soaram tão mágicas para a esposa, pareceram espelhar o ritmo da canção de nascimento exatamente quando a contração tomou o controle.

Mais uma vez, Etain se tornou nada além de um empurrão. Estava sendo partida ao meio. Lutando contra o pânico e o medo, sua mente buscou recorrer ao poder que a cercava. Deixou que o encantamento do círculo de nascimento a preenchesse e concentrou-se em empurrar com o poder combinado da vontade e da magia. Com um sentimento líquido de liberação, a umidade quente que era sua filha deslizou de seu corpo.

Então o tempo pareceu acelerar e as coisas aconteceram muito rápido. Etain lutou para dar uma olhada na filha, mas só conseguiu ver imagens desconjuntadas da curandeira embrulhando a forma úmida nas dobras da veste. As mãos da velha mulher tremiam ao cortar o cordão.

Silêncio.

Os joelhos de Etain cederam, então Midhir e Fiona a sustentaram de encontro à *chaise*.

— Por que ela não está chorando? — arfou Etain.

Os olhos de Midhir se estreitaram de preocupação e ele logo se voltou para a curandeira, que ainda estava encolhida no chão com o pequeno embrulho.

Então o choro doce e forte de um recém-nascido furou o ar, e Etain sentiu o medo amainar. Mas foi só um adiamento temporário, porque, quase imediatamente, ela registrou o olhar de choque que tinha imobilizado o rosto pálido da curandeira.

As mulheres que as cercavam também haviam notado, pois o jubiloso canto de saudação subitamente cessou.

— Midhir? — Ela soluçou o nome dele numa pergunta.

O centauro se moveu numa velocidade inumana para observar o embrulho que era sua filha chorando com energia. A curandeira ergueu a cabeça, confusão e desalento envidraçando-lhe o olhar. Rapidamente Midhir dobrou os joelhos e estendeu os braços para desembulhar a coberta que escondia sua filha. E ficou congelado.

Seu corpo encobria a visão do bebê, por isso Etain lutou contra a exaustão para se sentar e poder enxergar o que estava acontecendo.

— O que foi? — pranteou ela, o estômago apertando com muito mais do que dores do pós-parto.

Suas palavras fizeram um arrepio correr pelo corpo musculoso de Midhir, que então se estendeu e ergueu o bebê do chão. Num único movimento, voltou-se para a esposa, os olhos iluminados de alegria.

— É nossa filha, meu amor. — A voz estava grossa de emoção. — E ela é uma pequena deusa!

Com essas palavras, ele caminhou até Etain e entregou-lhe com gentileza o embrulho, agora silencioso, porém ainda esperneando. A Escolhida de Epona viu pela primeira vez a filha.

O primeiro pensamento de Etain não foi de choque ou surpresa, mas simplesmente de que nunca tinha visto algo tão magnificamente belo. Ela era perfeita. Mesmo que os fluidos do parto ainda a envolvessem, a cabeça do bebê era recoberta com filetes escuros de cabelo de cor âmbar. A pele era de um atraente moreno sedoso, uma tonalidade entre bronze e ouro. Era exatamente como se alguém tivesse misturado sua pele com a de Midhir, foi o pensamento distraído que fluiu pela mente de Etain, que estava tomada de assombro. A pele dourada escurecia na cintura, onde o corpo subitamente se tornava coberto por uma fina pelagem, da mesma cor dos cabelos na cabeça, mas na qual já aparecia pintas nas partes mais secas, como se fosse o pelo de uma corça recém-nascida. Ela se contorceu e

chutou com as duas pernas que se estreitavam graciosamente para formar dois pequenos cascos, que ainda brilhavam úmidos. Então ela abriu a boquinha perfeita e emitiu um choro indignado.

— Shhh, minha preciosa — arrulhou Etain, beijando-lhe o rosto e maravilhando-se com a surpreendente suavidade da pele. O amor pela filha a inundou, preenchendo Etain mais completamente do que sequer acreditou ser possível. — Estou aqui e está tudo bem. — Ao som da voz da mãe, os olhos incrivelmente escuros do bebê pareceram se arregalar e seu choro cessou imediatamente.

— Elphame. — A voz profunda de Midhir estava embargada de emoção. Ele se ajoelhou ao lado delas. Um dos braços rodeou a esposa para que ela pudesse descansar em segurança encostada a ele, e a outra mão se estendeu para tocar o corpo da filha. — Elphame — repetiu ele. A voz penetrante, maravilhada, acrescentava magia à palavra, como se ele estivesse conduzindo a Rainha das Fadas. O nome parecia permanecer suspenso no ar ao redor deles.

Etain olhou para o marido em meio às lágrimas. O nome era vagamente familiar, como se o tivesse ouvido num sonho.

— Elphame... O que significa?

Os lábios cálidos primeiro roçaram a testa da esposa, e depois a testa da filha, antes que ele respondesse.

— Era o antigo nome que os xamãs usavam para a Deusa donzela. É quando Ela está mais magnífica, repleta da magia da juventude e da maravilha da renovação da vida.

— Elphame — murmurou Etain enquanto guiava a boca faminta da filha para o seio dolorido. — Minha preciosa.

Sim, Amada. A voz da Deusa se infiltrou pela mente da Escolhida. O xamã lhe deu o nome certo. Ela deve ser chamada de Elphame — anuncie a Partholon o nome de sua recém-nascida, que também é Amada de Epona.

Etain exibiu um sorriso luminoso e ergueu a cabeça. Numa voz ampliada pelo poder de Epona, suas palavras jubilosas rasgaram o ar: — Exultai, Partholon! O nascimento de minha filha é um presente digno de uma deusa. — Seu olhar tocou as mulheres à volta, até chegar ao marido com o rosto banhado em lágrimas. — O nome dela será Elphame. Ela é mesmo uma pequena deusa, a mais bela e magnífica!

Houve uma agitação no ar, como o estalar de um relâmpago. Depois a brisa que soprava as cortinas mudou de direção, e a gaze transparente flutuou para dentro do aposento numa lufada de ar perfumado e quente. De repente, todos estavam envoltos numa nuvem diáfana de asas delicadas. Centenas de borboletas cintilantes flutuavam ao redor e acima do grupo, adejando-os com sua magia.

— Obrigada, Epona! — Etain riu, deliciada com a demonstração de prazer de sua Deusa.

Então as mulheres começaram a cantarolar e a rodopiar. Lentamente a princípio, depois com mais rapidez e alegria, iniciaram a antiga cerimônia que era a saudação tradicional pelo nascimento de uma criança de Partholon.

Etain repousava nos braços do marido, que acalentava a família em seu peito forte.

— A magia da juventude e a maravilha da renovação da vida — murmurou ela para a filha. Etain tocou o bebê com reverência, incapaz de desviar o olhar, sem querer perder uma respiração ou um movimento. Os dedos correram pelo corpo de Elphame com admiração, acariciando as pernas singulares e descobrindo os contornos de cada casco delicado. *Sátiro.* O nome flutuou por sua mente. Mas, não. Ela não era nada parecida com um bode. Era delicada demais e primorosamente constituída para se assemelhar a Pã. Ela era simplesmente uma perfeita mistura de humana, centauro e deusa.

Uma sensação de assombro varreu Etain, e uma risada borbulhou de seu peito.

Midhir apertou os ombros da esposa em resposta.

— Eu também estou rejubilante com a maravilha que ela é.

Etain assentiu com a cabeça, concordando com ele. Depois, com mais uma risada, acrescentou: —

Sim, mas não é por isso que estou rindo.

Midhir arqueou uma sobrancelha com ar questionador.

Ela sorriu e acariciou um dos pequenos cascos de Elphame.

— Eu costumava pensar que ela estava usando botas, pois às vezes seus chutes pareciam bem fortes.

Agora vejo exatamente o que estava sentindo.

A gargalhada de Midhir se uniu à da esposa enquanto se deleitavam na magia de sua filha recém-nascida.

Um

PODER. NADA ERA tão bom. Nem o excelente chocolate de Partholon. Nem a beleza de um perfeito nascer do sol. Nem mesmo... Não, não sabia sobre *aquilo*. Ela sacudiu a cabeça, mudando com propósito o padrão de seus pensamentos. O vento assobiava veloz por seus cabelos e alguns fios longos açoitavam seu rosto, fazendo-a desejar que estivessem presos. Geralmente os prendia, mas hoje queria sentir o peso deles, e admitia para si mesma que gostava da maneira como flutuavam às suas costas quando corria, como a cauda flamejante de uma estrela cadente.

Sua passada vacilou com a oscilação da concentração, porém Elphame logo recobrou o controle de seus pensamentos perdidos. Manter velocidade exigia foco. O campo no qual corria era relativamente plano e livre da maioria das rochas e obstáculos, mas não seria prudente deixar os pensamentos vagarem. Um passo em falso poderia facilmente quebrar uma perna; seria tolice acreditar no contrário. Por toda a vida, Elphame fez questão de evitar crenças e comportamentos tolos. Tolice e estupidez eram para pessoas que podiam se permitir erros normais e cotidianos. Não para ela, alguém cujo físico demonstrava que fora tocada pela Deusa e era, portanto, mantida à parte do que era aceito como normal e cotidiano.

Elphame aprofundou a respiração e obrigou-se a relaxar a parte superior do corpo. *Mantenha a tensão na parte inferior*, lembrou a si mesma. *Mantenha todo o resto frouxo e relaxado. Deixe a parte mais poderosa de seu corpo fazer o trabalho*. Os dentes brilharam num sorriso quase selvagem quando ela sentiu o corpo se recompor e disparar em frente. Elphame adorava a maneira como os músculos encordoados em suas pernas respondiam. Os braços se arrojavam sem esforço enquanto os cascos batiam no macio tapete verde do campo jovem.

Ela era mais rápida do que qualquer humano. Muito mais rápida.

Elphame exigiu mais de si mesma, e o corpo respondeu com força inumana. Poderia não ser tão rápida quanto um centauro em longas distâncias, mas poucos poderiam deixá-la para trás numa corrida de velocidade, como seus irmãos frequentemente costumavam se gabar. Com um pouco mais de esforço, talvez ninguém fosse capaz de superá-la. A ideia era quase tão satisfatória quanto o vento em seu rosto.

Quando a ardência começou, ela a ignorou, sabendo que precisava ir além do ponto de simples fadiga muscular, mas começou a angular suas passadas para que a corrida a levasse num imenso caminho esférico. Terminaria no lugar onde tinha começado.

Mas não para sempre, prometeu a si mesma. Não para sempre. E exigiu ainda mais se si mesma.

— Oh, Deusa. — Observando a filha, Etain suspirou com reverência. — Será que nunca me acostumarei com a beleza dela?

Ela é especial, Amada. A voz de Epona tremulou com familiaridade pela mente da Escolhida.

Ela puxou as rédeas do cavalo para detê-lo ainda dentro da proteção das árvores que flanqueavam uma das extremidades do campo. A égua prateada parou e girou a cabeça, erguendo as orelhas para sua senhora na versão equina de uma pergunta. E Etain sabia que sua égua, a encarnação equina da Deusa Epona, estava *realmente* fazendo uma pergunta.

— Só quero ficar aqui e observá-la.

A Deusa bufou imperiosa pelo nariz.

— Não estou espionando! — exclamou Etain indignada. — Sou a mãe dela. Está no meu direito observá-la correr.

A Deusa sacudiu a cabeça numa réplica que indicava não ter tanta certeza.

— Comporte-se com o devido respeito. — Ela sacudiu as rédeas da égua. — Ou a deixo no templo no próximo passeio.

A Deusa não se dignou a comentar com nada além de um bufo. Etain ignorou a égua que agora a ignorava, e murmurou alguma coisa sobre velhas criaturas mal-humoradas, mas não alto o bastante para a égua ouvir. Depois apertou os olhos e ergueu a mão para impedir que o sol interferisse na sua visão.

Sua filha estava correndo com uma velocidade que fazia a parte inferior do corpo borrar, tanto que parecia voar sobre os brilhantes brotos verdes do trigo novo. Ela corria ligeiramente inclinada para a frente, com uma graça que sempre maravilhava a mãe.

— Ela é a mistura perfeita de centauro e humana — murmurou Etain para a égua, que girou as orelhas para capturar as palavras. — Deusa, você é tão sábia.

Elphame tinha completado a longa volta de sua trilha imaginária e estava começando a voltar para o bosque no qual a mãe aguardava. O sol poente emoldurava seu corpo em movimento, lançando fogo no cabelo castanho-avermelhado da garota. Ele brilhava e faiscava ao redor dela em fios longos e pesados.

— Ela certamente não herdou de mim o adorável cabelo liso — falou Etain com a égua, enquanto tentava prender atrás da orelha um dos cachos que sempre escapavam. A égua virou as orelhas para trás em atenção. — O brilho vermelho que entremeia o cabelo, sim, mas de resto ela pode agradecer ao pai. — Também poderia agradecê-lo pela cor daqueles espantosos olhos escuros. O formato era seu — grandes e redondos, repousando em maçãs altas e delicadas que também eram cópias das da mãe, mas enquanto os olhos de Etain eram verde-musgo, os olhos da filha eram do fascinante negro do pai centauro. Mesmo que a forma física de Elphame não fosse inteiramente única, sua beleza seria incomum — combinadas a um corpo que só a Deusa poderia ter criado, o efeito era espetacular.

O passo de Elphame começou a diminuir, mudando de direção, dessa vez rumando para as árvores nas quais a mãe e a égua esperavam.

— Devemos nos fazer visíveis para que ela não pense que estávamos nos escondendo nas sombras para observá-la.

Elas surgiram na orla, e Etain viu a filha virar a cabeça na direção delas num gesto instintivo de defesa,

mas quase imediatamente Elphame as reconheceu e ergueu o braço para acenar um olá, ao mesmo tempo que a égua proclamava uma aguda saudação.

— Mamãe! — chamou Elphame com alegria. — Por que vocês duas não vêm se refrescar comigo?

— Claro, minha querida — gritou Etain. — Só que mais devagar, você sabe que a égua está ficando velha e...

Antes que ela pudesse terminar a frase, a “égua velha” em questão disparou e alcançou a jovem, empinando com energia para os lados antes de ajustar com facilidade seu galope calmo à marcha de Elphame.

— Vocês duas nunca ficarão velhas, mamãe. — Elphame riu.

— Ela só está se exibindo para você — disse Etain à filha, mas abaixou-se para agitar com afeição a crina sedosa da égua.

— Ah, mamãe, por favor. *Ela* está se exibindo... — Elphame deixou a frase sugestivamente inacabada enquanto erguia a sobrancelha e dava uma olhada sábia nas joias resplandecentes e no sedutor caimento do traje de montaria de couro macio que se ajustava confortavelmente ao corpo ainda formoso da mãe.

— El, você sabe que usar joias é para mim uma experiência espiritual — disse ela em sua voz de Amada da Deusa.

— Eu sei, mamãe. — Sorriu Elphame.

O bufo da égua era decididamente sarcástico, e a risada de Etain se misturou à da filha enquanto prosseguiram em harmonia pelo campo.

— Onde deixei minha roupa? — murmurou Elphame meio para a mãe, meio para si mesma, enquanto vasculhava a margem do bosque. — Pensei ter deixado nesse tronco.

Etain observou a filha se inclinar num tronco caído à procura do restante da roupa. Ela vestia apenas uma blusa sem mangas de couro, que estava bem presa ao redor dos seios fartos, e uma pequena tira de linho que envolvia as nádegas musculosas e era recortada bem acima dos quadris, antes que se afundasse num triângulo para cobri-la na frente. Criação da própria Etain.

O problema era que apesar de o corpo musculoso da moça ser coberto por uma luzidia pelagem equina a partir da cintura, e que ela tivesse cascos em vez de pés, exceto pelos extraordinários músculos da parte inferior do corpo, Elphame era muito semelhante a uma mulher humana. Então precisava de uma vestimenta que lhe desse a liberdade de exercitar a velocidade inumana com a qual fora presenteada, além de mantê-la decentemente coberta. Etain e a filha experimentaram muitos estilos diferentes antes de encontrarem um que satisfizesse com sucesso as duas necessidades.

O resultado funcionara bem, exceto por deixar muito do corpo de Elphame visível. Pouco importava que as mulheres de Partholon sempre tivessem sido livres para exibir seus corpos com orgulho. Etain frequentemente desnudava os seios durante rituais de bênção para representar o amor de Epona pela forma feminina. Quando Elphame revelava as pernas unguladas, as pessoas reagiam com absoluto choque e espanto à visão do corpo da Escolhida, tão evidentemente tocado pela Deusa.

Elphame odiava ser objeto dos olhares.

Então se tornara um hábito para Elphame vestir-se de maneira conservadora em público, só tirando suas vestes esvoaçantes quando corria, quase sempre sozinha e bem longe do templo.

— Ah, encontrei! — gritou ela, pulando por cima de um tronco não muito longe de onde estavam.

Ela apanhou o corte de puro linho que fora tingido na cor das esmeraldas e começou a enrolá-lo ao redor da cintura delgada. A respiração já voltara ao normal; o brilho leve do suor que tinha feito as penugens dos braços nus cintilarem já havia secado.

Possuía uma silhueta espetacular. O corpo era esguio, atlético e perfeitamente talhado, mas não havia nada de rude ou masculino em sua compleição. A adorável pele morena parecia sedosa e atraía o toque; só depois de realmente tocá-la, a força primorosa dos músculos por baixo daquela pele podia ser plenamente percebida.

Mas poucos ousavam tocar a jovem Deusa.

Ela era alta, sobrepondo em vários centímetros o 1,70m de altura da mãe. Durante o começo da puberdade, havia sido magra e um pouco desajeitada, mas logo as curvas e a plenitude da feminilidade substituíram o jeito potrilho. A parte inferior do corpo era uma perfeita mistura de humano e centauro. Ela possuía a beleza e o encanto de uma mulher, a força e a graça de um centauro.

Etain sorriu para a filha. Como desde o momento do nascimento dela, abraçou a singularidade de Elphame com um amor feroz e protetor.

— Não precisa usar essa roupa, El. — Ela não percebera que havia falado seu pensamento em voz alta até a filha olhar rapidamente.

— Sei que acha que eu não preciso. — A voz, geralmente tão semelhante à da mãe, de repente se endureceu com emoção contida. — Mas preciso. Não é a mesma coisa para mim. Não me olham como você.

— Alguém disse algo para magoá-la? Diga-me quem é e essa pessoa conhecerá a ira de uma deusa! — Fogo verde faiscava nos olhos de Etain.

A voz de Elphame perdeu toda a expressão ao responder à mãe: — Não precisam dizer nada, mamãe.

— Preciosa... — A raiva se esvaiu dos olhos de Etain — ... sabe que as pessoas a amam.

— Não, mamãe. — Ela ergueu a mão para impedir que a mãe a interrompesse. — Amam *voce*. As pessoas me idolatram e veneram. Não é a mesma coisa.

— Claro que a veneram, El. Você é a filha mais velha da Amada de Epona e foi abençoada pela Deusa de uma maneira muito especial. Deveriam venerá-la.

A égua caminhou até o focinho roçar o ombro da jovem. Antes de responder, El envolveu a cabeça da égua para acariciar o pescoço lúcido.

Ergueu os olhos para a mãe e falou com uma convicção que a fez soar mais velha do que era: — Sou diferente. E não importa o quanto deseje acreditar que me encaixo, não é a mesma coisa comigo. É por isso que devo partir.

O estômago de Etain se contraiu com as palavras da filha, mas ela se obrigou a permanecer em silêncio e permitir que Elphame continuasse.

— Sou tratada como se fosse uma coisa à parte. Não que seja tratada mal — acrescentou rapidamente —, só que à parte. Como se fosse algo do qual tivessem medo de se aproximar demais porque eu talvez... — Aqui ela hesitou e encostou a face na ampla testa da égua prateada — ... Não sei... Talvez despedace. Ou talvez os despedace. Então me tratam como se eu fosse uma estátua que milagrosamente ganhou vida bem diante deles.

Minha bela e solitária filha, pensou Etain, sentindo a familiar dor de não ter a solução para acabar com o sofrimento da primogênita.

— Mas estátuas não são amadas, não exatamente. Elas são cuidadas e mantidas em lugar de honra, mas não são amadas.

— Eu te amo. — A voz de Etain soou embargada.

— Oh, eu sei, mamãe! — A cabeça dela se ergueu e os olhos encontraram os da mãe. — Você e papai, e Cuchulainn e Finegas e Arianrhod me amam. Vocês devem me amar, são minha família —

acrescentou com um rápido sorriso. — Mas mesmo seus guardas particulares, que os adoram inquestionavelmente e que dariam a vida por qualquer um de vocês, acreditam que sou algo essencialmente intocável.

A égua deu um passo à frente e El encostou-se ao flanco do animal. Etain ansiava por tomar a filha nos braços, mas sabia que a jovem ficaria rígida e diria que não era mais uma criança, então se contentou em acariciar o cabelo sedoso, transmitindo o conforto de Epona, através de suas mãos, para o corpo da filha.

— Foi por isso que veio aqui hoje, não foi? — perguntou El baixinho.

— Sim — simplesmente respondeu a mãe. — Queria tentar mais uma vez convencê-la a não partir. — Etain ficou pensativa antes de falar novamente: — Por que não fica aqui e assume a minha posição, El?

A filha deu um pulo, ficou rígida e começou a sacudir a cabeça violentamente de um lado para o outro, mas Etain insistiu: — Tive um reinado longo e próspero. Estou pronta para me aposentar.

— Não! — A voz de Elphame era inflexível. Só a ideia de tomar o lugar da mãe disparava uma corrente de pânico por ela. — Você *não* está pronta para se aposentar! Olhe para você. Parece ser décadas mais jovem que sua idade. Adora realizar os rituais de Epona, e o povo precisa de sua presença. E deve se lembrar da coisa mais importante, mamãe. O reino espiritual está fechado para mim. Nunca ouvi a voz de Epona ou senti o toque da magia dela... — A tristeza dessas palavras se assentou resolutamente no rosto de Elphame. — Nunca senti magia nenhuma.

— Mas Epona me fala de você com frequência — disse Etain suavemente, tocando a face da filha. — A mão dela está sobre você desde o nascimento.

— Eu sei. Sei que a Deusa me ama, mas não sou a Escolhida.

— Ainda não — acrescentou a mãe.

A única resposta de Elphame foi encostar-se na cálida familiaridade do pescoço da égua, que nela esfregou o focinho com afeição.

— Ainda não compreendo por que deve partir.

— Mamãe — disse Elphame, virando a cabeça para poder olhar a mãe. — Você fala como se eu estivesse viajando para o outro lado do mundo. — Ela ergueu uma das sobrancelhas com irritação, o que a mãe sempre achou que a deixava muito parecida com o pai.

A resposta de Etain foi um sorriso zombeteiro. Desde o momento do nascimento, sempre fora devotada aos filhos. Mesmo agora quando adultos, preferia que ficassem perto dela. Gostava realmente da companhia deles e os apreciava pelos indivíduos que haviam se tornado.

El falou lentamente, desejando que a mãe realmente ouvisse suas palavras: — Não sei por que minha partida a aborrece tanto. Não é como se nunca tivesse me afastado de casa. Estudei no Templo da Musa, e isso não a aborreceu.

— Isso foi diferente. Claro que tinha que estudar com a Musa. É onde todas as mulheres mais espetaculares de Partholon são educadas. Arianrhod está lá agora. — O sorriso de Etain era vaidoso. — Minhas duas filhas são espetaculares, uma das razões pelas quais gosto de ter vocês perto de mim — disse Etain expressando lógica.

— Se eu tivesse casado, talvez tivesse me mudado para o lar de meu marido. — A voz de El havia perdido sua nuance frustrada e agora soava exausta.

— Não fale como se nunca fosse casar. Ainda é jovem. Tem anos e anos pela frente.

— Mamãe, por favor. Não vamos começar essa velha discussão outra vez. Você sabe que ninguém se

casará comigo. Não existe ninguém como eu, e ninguém que queira se aproximar de uma deusa.

— Seu pai se casou comigo.

El sorriu com tristeza para a mãe.

— Mas você é humana, mamãe, e, além do mais, o Sumo Xamã dos centauros sempre se uniu com a Escolhida de Epona. Ele foi criado para amá-la — é o normal para ele. É óbvio que a Deusa me tocou, mas não sou Sua Escolhida. Epona não dispôs nenhum xamã centauro para se apresentar como meu companheiro. Acho que ninguém, homem ou xamã centauro, foi criado para me amar. Não como você e papai.

— Oh, Corça! — Etain a chamou pelo seu apelido de infância. — Não acredito nisso. Epona não é cruel. Existe alguém para você. Ele só não a encontrou ainda.

— Talvez. E talvez eu tenha que partir para encontrá-lo.

— Mas por que lá? Não gosto de pensar em você lá.

— É apenas um lugar, mamãe. Na verdade é apenas uma velha ruína. Acho que já passou da hora de ser reconstruída. Lembra-se das histórias que costumava me contar na hora de dormir? Você me disse que já foi lindo — persuadiu El.

— Sim, até se tornar lar de massacre e maldade.

— Isso já tem mais de cem anos. O mal se foi e os mortos não podem me ferir.

— Não pode ter certeza disso — retrucou a mãe.

— Mamãe. — El buscou pela mão dela. — O MacCallan era meu ancestral. Por que seu fantasma me machucaria?

— Muitos mais morreram no massacre do Castelo MacCallan além do chefe do clã e dos nobres guerreiros que deram suas vidas para protegê-lo. E você sabe o que dizem sobre o castelo: é amaldiçoado. Ninguém ousou entrar naquelas terras, muito menos viver lá, por mais de um século — disse Etain com firmeza.

— Mas durante toda minha vida vi você vigiar o santuário MacCallan e sua chama eterna — contrapôs ela. — Mantivemos viva a memória d'O MacCallan, apesar de o clã ter sido destruído. Por que meu desejo de restaurar o castelo a surpreende? Afinal, o sangue dele corre em minhas veias também.

Etain não respondeu de imediato. Por um instante realmente brincou com a ideia de mentir para a filha, dizer que tinha conhecimento oferecido pela Deusa da veracidade da maldição do castelo. Mas só por um instante. Mãe e filha possuíam um profundo senso de confiança, assim como de amor, e Etain não estava disposta a destruir ou tirar vantagem disso — e ela nunca mentiria sobre o conhecimento revelado a ela por Epona.

— Não acredito realmente que O MacCallan a machuque, embora seja bem possível que espíritos inquietos habitem o velho castelo. E admito que a maldição é apenas um conto para assustar crianças errantes. Não é que eu tema pela sua segurança... é que não entendo por que deve ir com os trabalhadores que limparão as ruínas. Por que não esperar até que a bagunça tenha sido retirada e o castelo seja reconstruído e se torne algo realmente habitável? Então você poderia monitorar os estágios finais da construção.

Elphame suspirou de afeto pela mãe. A Escolhida de Epona estava acostumada a viver no luxo, cercada por servas e criadas. Não era possível para ela compreender o desejo da filha de sujar as mãos e viver sem facilidades até o trabalho estar pronto.

— Preciso estar atenta a cada detalhe. Reconstruirei o Castelo MacCallan e serei senhora dele. Como

senhora do castelo e das terras vizinhas, terei algo só meu, algo que criei com as próprias mãos. Se não posso ter meu próprio companheiro e filhos, então ao menos terei meu próprio reino. Por favor, compreenda e me dê sua bênção, mamãe. — Seus olhos imploravam à mãe.

— Só quero que seja feliz, minha preciosa Corça.

— Isso me fará feliz. Precisa confiar que conheço a mim mesma, mamãe.

Deve deixá-la ir, minha Amada. A Deusa falou gentilmente as palavras na mente de Etain, mas ainda era como se uma lâmina tivesse transpassado sua alma. *Confie nela para encontrar o próprio destino e confie em mim para cuidar dela.*

Etain fechou os olhos, lutando contra lamentos e perda. Respirando fundo, abriu os olhos e secou as lágrimas das faces.

— Confio em você. E você sempre terá minha bênção.

O rosto de Elphame se transformou e as linhas de preocupação que com tanta frequência o nublavam se dissiparam, fazendo-a parecer excruciantemente jovem.

— Obrigada, mamãe. Acredito que estou destinada a isso. Espere só para ver o Castelo MacCallan vivo outra vez. — Alegre, ela deu um aperto entusiasmado no pescoço da égua. — Vamos correr de volta para que eu termine de fazer as malas. Você sabe que devo partir amanhã, ao amanhecer.

Elphame tagarelava animada enquanto mantinha facilmente o passo com a égua e a mãe. Etain fez ruídos significativos de que estava atenta, mas não conseguia se concentrar nas palavras da filha. Era como se já sentisse o peso da ausência de Elphame tal qual um buraco negro em sua alma. E, mesmo que o anoitecer de fim de primavera estivesse quente, o calafrio deslizou seu dedo pela nuca da Deusa Encarnada.

Dois

— CUCHULAINN, POR QUE foi mesmo que deixei que viesse comigo? — Elphame olhou de soslaio para o irmão e tentou acelerar o trote sem ser muito óbvia. Ele estava cantando o que parecia ser o quinquagésimo verso de uma marcha militar um tanto grosseira, e o refrão interminável latejava em sua têmpora direita em compasso com sua dor de cabeça, quase fazendo-a desejar não ter insistido para que os dois viajassem separados do resto do grupo.

O grande capão amarelo no qual Cuchulainn cavalgava prontamente apressou o passo para acompanhar as passadas longas de El. A risada contagiante do irmão soou ao redor deles.

— Eu vim, minha irmã, para protegê-la.

Elphame deu um bufo nada feminino.

— Oh, por favor, me poupe. Me proteger? É mais provável que esteja cansado de perseguir as donzelas do templo aqui e acolá.

— Acolá? — O rosto bonito irrompeu num sorriso maroto. — Falou mesmo acolá? — Ele sacudiu a cabeça com zombeteira seriedade. — Sabia que estava passando tempo demais lendo aqueles tomos na biblioteca da mamãe. E não são as *donzelas* que eu persigo. — Ele ergueu as sobrancelhas de maneira sugestiva para a irmã.

Elphame tentou sem sucesso esconder um sorriso ao lhe dar uma olhada carinhosa.

— Agora vai me lembrar que não precisa *perseguir* mulher nenhuma em lugar nenhum.

— Isso, minha irmã, é a pura verdade... — Ele deixou as palavras suspensas e abriu um largo sorriso.

— Humm, pensei que ficaria em casa para receber a... — Elphame pigarreou e jogou o cabelo para trás, fazendo uma perfeita imitação do tom de voz e da linguagem corporal da mãe — ... adorável filha solteira do chefe do Castelo Woulff, que se hospedará no Templo de Epona a caminho para o treinamento no Templo da Musa.

A boca de Cuchulainn se apertou, e por um instante Elphame lamentou a provocação. Então, com seu costumeiro bom humor, ele deu de ombros e lhe exibiu um sorriso sofrido.

— O nome dela é Beatrice, minha irmã. Pode imaginar alguém chamada Beatrice que não tenha uma

fronte alta e porte real? — Ele pronunciou as palavras colocando afetação na voz profunda, que fez Elphame gargalhar.

— Ela provavelmente é uma mulher muito formosa — disse El em meio a risadinhas.

— Sem dúvida, fértil, com quadris largos e habilidade de prover muitos netos.

Irmão e irmã trocaram olhares de completa compreensão.

— Ficarei contente quando Arianrhod e Finegas tiverem idade bastante para que mamãe comece a arranjar casamentos para eles. — El disse num tom que soou mais sério que o pretendido.

Cuchulainn suspirou profundamente.

— Os gêmeos farão 18 nesse verão. Em mais três anos mamãe estará em toda sua glória casamenteira.

El lançou um olhar ao irmão.

— Pobres crianças. Quase me faz desejar que não os tivéssemos importunado tanto quando éramos crianças.

— Quase! — Cuchulainn gargalhou. — Ao menos estamos todos juntos nisso, mamãe não iria deixar um de nós solteiro.

Elphame apenas sorriu para ele e acelerou o passo novamente, forçando-se temporariamente a ficar à frente do irmão na trilha que se estreitava. *Mas não é a mesma coisa comigo.* Pensamentos rodopiavam incessantemente por sua mente inquieta. Seus irmãos eram humanos — humanos atraentes, talentosos, queridos. Não precisava olhar por cima do ombro para descrever Cuchulainn. O rosto era tão familiar quanto o dela — e muito semelhante ao dela. Elphame sorriu com ironia. Cuchulainn era apenas um ano e meio mais jovem, e da cintura para cima poderiam também ser gêmeos. Ele tinha as maçãs altas e bem definidas, mas as dela eram delicadas e femininas, as deles eram vigorosamente masculinas. Seu queixo era (de acordo com a mãe) um tanto desafiador, e o dele, teimoso e orgulhoso (de acordo com a irmã mais velha), perfeito com uma fissura adorável. Em vez dos olhos negros e fios castanho-avermelhados, ele tinha olhos de uma cor única matizada entre azul e verde e cabelo espesso, cor de areia, que se recusava a desistir dos topetes infantis. Então ele o mantinha alisado para trás e cortado bem rente, o que fazia a mãe choramingar e reclamar sobre o desperdício de não deixá-lo crescer como o de um guerreiro decente.

Mas Cuchulainn, filho de Midhir, Sumo Xamã e Lorde Guerreiro Centauro, não precisava ser um “guerreiro decente”. Batizado segundo um dos antigos heróis de Partholon, já envergava e encenava o papel, comportando-se decentemente ou não. Alto e bem-formado, ele se sobressaía em torneios, era o melhor espadachim humano em Partholon e nunca fora vencido no arco e flecha. Elphame tinha ouvido mais de uma moça suspirar desejosa e dizer que ele devia ser mesmo Cuchulainn reencarnado.

Não, Cuchulainn nunca deixou de ter parceiras. Só não tinha encontrado ainda sua companheira. Os lábios atraentes de Elphame se ergueram.

— Não por falta de tentativa — murmurou consigo mesma.

Nesse ponto ela era muito diferente do irmão. Ele era delicado e experimentado com o sexo oposto. Ela nunca fora beijada.

Mesmo seus irmãos mais novos, que ela e Cuchulainn haviam apelidado de Pequenos Eruditos, não tinham problema para encontrar parceiros para os rituais lunares. Embora Arianrhod e Finegas não fossem tão atléticos quanto o irmão e a irmã mais velhos, certamente estavam se tornando jovens adultos inteligentes e equilibrados. Parecendo quase imagens espelhadas um do outro, seus corpos altos e graciosos eram completamente humanos — totalmente normais. E, Elphame admitia para si mesma, Arianrhod era tão bela quanto Fin era bonito.

A trilha que cortava a antiga floresta se curvou para a direita e se alargou. Cuchulainn instigou o capão para o lado da irmã.

— Ela me lembra mamãe — disse El de repente.

Cuchulainn olhou ao redor em surpresa.

— Quem?

El revirou os olhos. Sempre esperava que o irmão lesse sua mente e ficava aborrecida nas poucas vezes em que ele não lia.

— Arianrhod, quem mais? É por isso que os garotos já ficam atraídos por ela. Claro que ela não se importa ou sequer nota — não até ser completamente transformada durante seu primeiro período no Templo da Musa.

Os olhos turquesa do irmão se enrugaram com o sorriso.

— A cabeça de Arianrhod sempre estará nas nuvens.

— A astronomia e a astrologia estão inexoravelmente ligadas às Parcas, por isso é prudente estudá-las com cuidado. — El imitou a irmã mais nova.

Cuchulainn riu.

— Aí está um dos nossos Pequenos Eruditos, muito bem. A ironia é que esses jovens enlouquecidos a perseguirão com mais afinco por causa de sua indiferença. Já se vê as donzelas começando a perseguir Fin, e sua barba ainda é uma penugem.

— Bom, seja qual for o motivo, eles certamente gostam muito dela.

Cuchulainn olhou com mais atenção a irmã.

— Você está bem?

— Claro — respondeu ela automaticamente, sem encontrar-lhe os olhos.

— Será diferente aqui, Corça — disse ele sossegadamente.

— Eu sei. — Ela rapidamente o fitou, depois afastou o olhar tão rápido quanto temerosa de que ele visse as lágrimas que estavam começando a deixar seus olhos muito brilhantes.

— Não, é verdade. — O tom sério a fez reduzir o passo para poder ouvi-lo com mais atenção. — Você encontrará o que sempre desejou no Castelo MacCallan. Tive um pressentimento.

As palavras do irmão ficaram suspensas no perfumado ar de primavera. Ela sabia exatamente o que o irmão queria dizer. Era parte do código entre eles. Assim como Elphame era a filha primogênita de sua mãe, a Deusa Encarnada, e portanto fora marcada por Epona, Cuchulainn era o verdadeiro filho primogênito de seu pai xamã. Desde tenra idade, ele simplesmente *sabia* coisas. Quando era criança, havia explicado à irmã dizendo que era como se pudesse ouvir palavras que estavam escondidas no vento. Às vezes esse “vento” contava-lhe onde itens perdidos poderiam ser encontrados. Outras vezes contava quando alguém estava vindo visitar o templo. E às vezes previa notícias portentosas, como a morte prematura de uma criança amada ou o rompimento de um juramento de sangue.

O conhecimento sobrenatural havia assustado o jovem Cuchulainn. Não era um inimigo que pudesse vencer com a perícia de seus músculos ou superar com sua esperteza. Era algo que o fazia se sentir uma aberração; isso lhe dava um poder pelo qual não pedira e que não tinha qualquer desejo de exercer.

Era uma coisa que sua irmã mais velha compreendia muito bem.

Então ele procurava por Elphame sempre que tinha um pressentimento a respeito de algo ou alguém. E a irmã se identificara com seu medo. Não tinha se afastado dele — na verdade, tornara-se sua confidente mais próxima, embora a atitude de Elphame com relação ao reino espiritual fosse decididamente diferente da dele. Ela era, afinal, uma manifestação física da magia da Deusa. Não

compreendia por que o irmão rejeitava dons do reino espiritual, especialmente quando ela ansiava sentir um sussurro do poder que a mãe utilizava com tanta facilidade, mas apoiava o desejo dele com uma atitude calma e sensata. Conforme ficava mais velho, Cuchulainn aprendeu a reprimir sua florescente habilidade psíquica e não se deixava ser subjugado.

Agora Elphame olhava minuciosamente o irmão. Ele nunca havia mentido para ela. E seu pressentimento nunca errara.

— Promete? — perguntou, um tanto sem fôlego, o súbito rubor que se espalhou pelas faces o único sinal aparente que traía seu excitação.

— Sim — ele assentiu com firmeza.

A alegria se infiltrou por Elphame.

— Sabia que restaurar o Castelo MacCallan era a coisa certa a ser feita! — Depois o encarou zangada, pensando no quanto custara persuadir a mãe a concordar com sua partida. — Não podia ter compartilhado esse conhecimento com mamãe?

— Se eu tivesse contado à mamãe que sabia que encontraria seu destino no Castelo MacCallan, acha que haveria alguma força em Partholon que a impedisse de nos acompanhar até lá?

— Excelente ideia — concordou Elphame rapidamente. Depois seus pensamentos navegaram por uma torrente de emoções e ela perguntou: — Mas por que esperou para contar para *mim*?

A testa de Cuchulainn se franziu em pensamento, e ele respondeu lentamente: — O pressentimento é indistinto. — Então, vendo o desapontamento no rosto da irmã, ele se apressou em tentar explicar: — Não, isso não torna nada menos certo. Sei que encontrará seu destino no Castelo MacCallan. Sei que esse destino está ligado ao seu consorte, mas quando tento me concentrar nos detalhes sobre o homem, só vejo névoa e confusão. — Meneou a cabeça e sorriu acanhado para Elphame. — Talvez seja porque você é minha irmã e saber detalhes sobre sua vida amorosa seja na verdade muito perturbador.

— Sei exatamente o que quer dizer. Quando as donzelas ficam poéticas quanto às várias partes do seu corpo... — ela estremeceu e fez uma careta — ... cubro meus ouvidos e saio gritando na direção oposta.

— Humpf. — Ele bufou sucintamente, rindo apesar de tudo, contente porque a irmã tinha parado de fazer perguntas específicas sobre o pressentimento.

Tinha penado com o que dizer a El sobre a visão. Sabia que causava dor à adorada irmã acreditar que nunca encontraria um par, e sabia que precisava contar a ela sobre seu pressentimento. Estava claro para ele que ela encontraria seu consorte e seu destino no Castelo MacCallan, mas também sabia que havia mais do que simplesmente se apaixonar. Parte da premonição era vaga e sinistra. Não era nada como as típicas visões de “amor” que recebera no passado, que geralmente eram vislumbres de um amigo nos braços de uma mulher, acompanhado por um pressentimento de que aquelas duas pessoas se pertenciam.

Ele tinha vivenciado a visão de sua irmã nos braços de um homem, mas fora incapaz de ver o homem. Talvez porque a primeira coisa que conseguiu ver com clareza fosse o ar de meiga felicidade que irradiava do rosto geralmente sério da irmã, e aquela visão em particular havia sido tão surpreendente que sua concentração se dispersou irreparavelmente. Talvez não. E, sim, havia um pressentimento definido de que os dois estavam destinados um ao outro. Quando tentou se concentrar novamente na cena e estudar o homem, a visão fora banhada por uma ofuscante luz escarlate, como se a cena tivesse sido mergulhada em sangue. Depois, tão rápido quanto surgiu, tudo se cobriu de escuridão, como se os amantes tivessem sido envoltos numa cortina de veludo, e o homem se dissipou, deixando a irmã sozinha.

Muito próprio do reino dos espíritos, deixá-lo com perguntas sem respostas e uma sensação de

inquietação. Sempre odiou a natureza evasiva e fugidia do poder. Não era como o peso garantido de uma espada ou o alvo claro de uma flecha.

Cuchulainn engoliu com a garganta subitamente seca, contente por Elphame, mais uma vez, seguir à frente dele. Ela lia suas expressões com facilidade. Não queria que notasse que a última visão havia atingido sua alma e o deixado realmente assustado com estranhos sussurros tintos de vermelho. Flexionou a mão direita. Podia sentir o peso ilusório de sua *claymore* enquanto na mente a agarrava e erguia em prontidão.

Sim. Consorte ou não, Cuchulainn estava preparado para proteger a irmã de tudo que pudesse lhe fazer mal.

Três

— NÃO ENTENDO POR que não podíamos ficar em Loth Tor com o resto dos trabalhadores — reclamou Cuchulainn ao alimentar a fogueira com outra tora seca.

— Pensei que guerreiros fossem tão calejados que poderiam dormir em camas de espinhos sem titubear — gracejou Elphame, e atirou-lhe o odre. — Beba. Lembre-se, mamãe mandou o vinho — acrescentou de forma significativa.

— Guerreiros gostam de camas macias tanto quanto qualquer um — resmungou ele, mas pegou o odre e bebeu bastante. — O amor de mamãe pelo vinho tem sido uma bênção nessa viagem. Mas não compensa a ausência de uma cama de plumas. — Ou a de uma jovem viúva robusta na mesma cama, pensou.

— Cuchulainn só está zangado porque aquela loira rechonchuda estava obviamente oferecendo mais do que outra porção de cozido excelente.

— Ser uma jovem viúva é um fardo solitário de se carregar.

— Não com você por perto. — Ela riu. — Oh, vamos. Não faça cara feia. Quero ver o sol nascer sobre meu castelo, e não quero fazer isso com um grupo de centauros e homens me encarando enquanto inventam demônios espreitando de cada sombra.

Cuchulainn resmungou em resposta, tomou outro longo gole de vinho e jogou o odre de volta para a irmã. Cutucou o fogo e parou de reclamar. Estava acostumado aos modos solitários de Elphame e compreendia suas razões. Ela passou a vida sendo reverenciada porque fora tocada pela Deusa; era um ser do tipo que antes não fora criado. Não que fosse sempre tratada com crueldade — na verdade, era justamente o contrário. Ela encantava as pessoas, especialmente aquelas que não estavam acostumadas a vê-la. A maioria dos trabalhadores que os acompanharam era da área ao redor do Templo de Epona, então meramente a tratavam com respeito cauteloso e mantinham distância. Mas durante os cinco dias de viagem desde o Templo de Epona ao Castelo MacCallan, Cuchulainn havia notado como as pessoas paravam o que estivessem fazendo e corriam para a estrada, curvando-se tão baixo quando “a jovem deusa Elphame” passava que praticamente enterravam as cabeças nas campinas relvadas que cercavam a

estrada principal. E conforme se aproximavam do destino, novas pessoas e centauros começaram a se juntar ao grupo, ansiosos pelas oportunidades vindouras com o restabelecimento do Castelo MacCallan. A reação deles à irmã era sempre a mesma — mais assombro e espiadas. Cuchulainn sabia que era por isso que Elphame tinha insistido para que os dois deixassem a estrada e seguissem o caminho mais estreito e difícil que cortava a floresta. Para El, menos pessoas significava chances menores de ser venerada, e isso era boa coisa.

Irmão e irmã tinham acampado sob as estrelas e não pararam em nenhuma das aldeiazinhas modorrentas que pontilhavam a região em meio a vinhedos e pastos até chegarem a Loth Tor, a aldeia aninhada na base do platô no qual se erguia o Castelo MacCallan. Naquela noite haviam se reunido ao grupo e todos jantaram na Estalagem da Égua, a única taverna da cidade, por onde, talvez, a população inteira compareceu, cada um curvando-se em reverência a Elphame. Alguns perguntavam se podiam tocar a Deusa, outros apenas fitavam-na boquiabertos. Cuchulainn havia observado a irmã assentir educadamente para cada um deles, aquiescendo com graça ao desejo de venerá-la. Só ele pareceu notar a tensão incomum em seus ombros e a maneira rígida da postura. Para Cuchulainn, era como se ela fosse se estilhaçar caso se mexesse rápido demais.

Quando a refeição terminou, ela disse que sentia a necessidade de dormir sob as estrelas e ficar sozinha com seu irmão e Epona. Sabia que ela acrescentara o nome da Deusa para que a cidade não a seguisse e continuasse a olhar. Sem dizer nada, ele selou seu cansado capão e o pôs a galope, arrastando-se para acompanhar Elphame, que se retirava da aldeia.

— Você sabe que ficará melhor depois de algum tempo aqui — disse ele em tom sossegado.

Ela suspirou profundamente.

— Era de se pensar que eu estivesse acostumada. — Ela deu outro gole no excelente vinho antes de jogá-lo de volta ao irmão. — Mas não. — Ergueu as sobrancelhas e acrescentou: — É difícil acreditar que meu destino está por aqui.

— Coisas mais estranhas já aconteceram — disse ele tranquilamente, sem querer conversar sobre a visão ou o potencial companheiro dela.

— Como o quê? — perguntou ela.

— Como o fato de termos os mesmos pais, mas eu ser humano e você, parte cavalo — replicou ele prontamente.

Ela revirou os olhos.

— Sou parte centauro, não parte cavalo. — Porém, não discutiu mais.

— Durma um pouco. Precisaré de toda energia amanhã. Ficarei acordado para vigiar o fogo. — E você, acrescentou silenciosamente consigo mesmo. A tensão da irmã poderia ter diminuído com a partida da cidade, mas seus próprios instintos guerreiros o deixavam cauteloso e inquieto.

Por que não conseguia ter uma imagem clara do futuro da irmã? Por que sua visão fora tão sombria e indistinta? E por que parecia tão imersa em sangue?

Elphame enroscou-se de lado, parecendo resguardada e confortável em seu saco de dormir.

— Não me engana, Cuchulainn. — Seus olhos estavam fechados e sua voz era um sussurro, mas a gentil brisa da noite levou as palavras com clareza até o irmão: — Essa é mais uma das suas coisas de guerreiro que deve proteger a irmã.

— Isso definitivamente soou como algo que mamãe diria — falou ele, e depois acrescentou baixinho: — Já era hora de ter notado.

Os cantos dos lábios da irmã estavam erguidos num sorriso suave enquanto mergulhava em sono

profundo.

Elphame sonhou que seu amante vinha até ela numa névoa escura, que a enrodilhou como se a noite tivesse ganhado asas, e apesar de tremer ao toque, ela não sentia medo. De bom grado, ofereceu-se à névoa, que se curvou e bebeu de seu amor enquanto voavam na escuridão aveludada do céu à meia-noite e faziam sua cama em meio às estrelas.

— Sabia que seria estupendo — suspirou Elphame contente. — Oh, Cuchulainn, olhe meu castelo!

Estavam de pé na borda da floresta de pinheiros que envolvia o lado do platô no qual o Castelo MacCallan fora construído. O cheiro ácido e limpo de pinho se misturava à essência salgada do oceano e parecia lavar tudo em esplendor, tornando o verde da floresta luxurioso e sobreposto, o azul e branco do oceano, cristalino e elegante conforme batia contra as rochas lá embaixo. O castelo assomava diante deles, parecendo imponente em seu poleiro rochoso à beira do magnífico penhasco litorâneo.

Elphame fitou seu novo lar, deixando os olhos sorverem a maravilha daquela primeira visão. Cercado de fileiras e fileiras de olaias e cornisos em plena floração, além do mato que crescera demais e moitas de amoreiras sem poda, o castelo parecia abrigar uma criatura mágica que dormia havia muito séculos, apenas esperando pelo beijo de seu verdadeiro amor para despertar.

Um pouco como eu. Elphame se surpreendeu com o pensamento escandalosamente romântico. Mas a visão diante dela, aliada à premonição do irmão, a fizera sentir-se atipicamente romântica. E, ela concluiu com um sobressalto, era uma sensação que achava ser capaz de gostar.

Seria isso o que andei perdendo por todos esses anos?, refletiu em silêncio. *Esta excitação ansiosa e de tirar o fôlego? Como alguém que estivesse prestes a girar uma chave dentro de si e liberar algo mágico?*

O sol estava começando a surgir acima das árvores. Enquanto Elphame observava, os sonhadores rosa e creme do céu no raiar da manhã se transformaram em vibrantes tons dourados e azuis de um dia claro de primavera. Ela foi imediatamente tomada por uma incrível sensação de esperança, como se o amanhecer daquele dia fosse uma promessa de um novo começo para ela também. Uma bênção que ouvira a mãe oferecer muitas vezes a Epona infiltrou-se em sua mente, e de repente ela se ouviu repetindo-a em voz alta — embora suas palavras fossem pouco mais do que um sussurro hesitante:

“Grande Deusa Epona, minha Deusa,

posto-me aqui num novo dia,

um dia preenchido por Sua magia.

Posto-me aqui num limiar, diante de Seu véu de mistérios,

e peço Sua bênção.

Que eu possa trabalhar para Sua glória

e para a glória do meu espírito também.”

Cuchulainn ficou em silêncio durante a oração da irmã — em parte por respeito a Epona, e em parte por surpresa. Até então nunca ouvira a irmã invocar a bênção de Epona. Na verdade, Elphame parecia preferir evitar qualquer menção à Deusa que tão obviamente a tocara. Até aquela manhã. Então, apesar de Cuchulainn mal poder ouvir as palavras da oração, conseguiu sentir a distinta vibração de magia no ar — como sentira muitas vezes quando a mãe executava rituais de Epona.

Se tivesse encarado o irmão, El teria visto os olhos arregalados pelo choque, mas nem mesmo olhou para ele. Estava hipnotizada pela beleza da manhã e pela florescente sensação que estava apenas começando a reconhecer como um senso de pertencer a algo. De repente, o sol se libertou dos altos pinheiros e seus raios incendiaram as paredes do castelo numa luz dourada.

— Está vendo isso, Cuchulainn? É como se as paredes brilhassem. — Ela suspirou.

— O que sobrou delas, quer dizer. — Ainda surpreso com o novo poder irradiando da irmã, sua voz soou mais brusca do que o pretendido. Ele clareou a garganta, estreitando os olhos para ter uma visão melhor do edifício desmoronado. Para ele, o castelo parecia uma velha fera dilacerada encolhida na borda do penhasco à beira-mar. — El, não tenha esperanças demais. Mesmo daqui posso ver que o lugar está em ruínas. Temos muito trabalho a fazer.

Ela socou o braço dele com carinho.

— Deixe de ser como a mamãe. Venha, vamos logo. — Saiu saltitando, e Cuchulainn apertou com os joelhos seu grande capão, vagueando para manter o passo com a forma ágil da irmã.

Avançaram com determinação pelo mato grudento até encontrarem a estrada que levava à entrada frontal do castelo. Era mais fácil ir por ali, mas Cuchulainn ainda resmungava baixinho das ervas daninhas e do tanto de árvores que sufocavam o caminho, antes amplo e limpo.

— Ah, pare de resmungar e olhe para essas árvores maravilhosas! — Elphame repreendeu o irmão enquanto diminuía o passo e girava num círculo, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — Não tinha ideia de que seria tão bonito. — Tanto que mais de um século de negligência não conseguia diminuir a visão estonteante de tantas olaias e cerejeiras silvestres carregadas de flores. — É como andar por uma floresta de nuvens rosadas.

— Nuvens geralmente não possuem uma profusão de espinheiros. — Ele apontou para as plantas espinhentas que se apinhavam em meio aos arbustos que proliferavam entre as árvores.

— Não são espinheiros, são amoreiras. Um pouco de poda e ficarão ótimas. Pense só nos bolos e tortas maravilhosos que teremos nesse verão.

— Depois que construir uma cozinha — murmurou ele.

Ela exibiu para ele um rápido sorriso.

— Construirei uma.

Cuchulainn achou que a determinação na voz dela provavelmente era mais forte do que as paredes do castelo ao qual parecia tão firmemente apegada.

— E você sabe que sempre gostei da floresta. — Ela girou outra vez, a cabeça jogada para trás, o cabelo castanho-avermelhado voando ao redor dela feito um manto. — Os pinheiros são maravilhosos, mas acho que essas árvores em flor são ainda mais incríveis.

Ele sacudiu a cabeça e falou com o conhecimento de um guerreiro: — Está planejando deixar isso de pé? Por tudo que estudou de história, sua memória não parece muito exata. Um dos maiores erros do Castelo MacCallan foi deixar as defesas enfraquecerem. — O movimento imponente de seu braço captou a profusão de árvores viçosas. — O MacCallan deixou isso crescer até seus muros. O exército fomoriano não teve problemas para passar despercebido até romper os muros do castelo e começar o massacre aos habitantes.

Elphame abriu a boca para retrucar que não estavam em guerra; não houvera um fomoriano em Partholon em 125 anos. Ninguém tentaria romper seus muros. Mas Partholon também nunca esteve em guerra do ataque. Não até o Castelo MacCallan ser tomado de surpresa. Sim, os fomorianos foram derrotados, e o que restou de sua raça demoníaca fora expulsa de Partholon através das Montanhas Trier, para além dos Ermos. Se ela viajasse para o norte até as montanhas, sabia que ainda encontraria o Castelo Guardião mantendo séria vigilância, protegendo eternamente a passagem para Partholon.

Mas 125 anos era um tempo longo, e, exceto por conflitos de clãs e incursões ocasionais dos bárbaros milesianos, afeiçoados ao mar, Partholon conhecera uma prolongada era de paz e prosperidade, portanto

não havia razão lógica para que não continuasse assim.

Elphame estudou o irmão, pronta para lembrá-lo dos fatos que acabavam de brotar em sua cabeça. Ele parecia tenso; sua testa geralmente lisa estava enrugada e ela podia ver seu queixo cerrar e descerrar enquanto esperava que ela falasse.

— Os milesianos, são eles que preocupam você? — perguntou ela lentamente.

Ele deu de ombros.

— Não sei dizer. Mas seu castelo dá para o mar. Você se mostraria uma líder sábia e prudente se garantisse que MacCallan fosse defensável. — Enquanto falava, ele não olhava para ela, em vez disso avaliava a floresta ao redor como se esperasse que uma horda bárbara saltasse das árvores floridas e cortasse seus pescoços.

Elphame sentiu um pequeno tremor de inquietação. Era óbvio que algo abalara o normalmente calmo equilíbrio do irmão. Ele podia não ter tido um pressentimento, verdadeiro e completo, com visões e um claro aviso, mas algo o aborrecia. Mesmo que evitasse o reino espiritual e odiasse mergulhar em seus poderes psíquicos, Cuchulainn os respeitava — assim como Elphame.

Ela assentiu:

— Você está certo, agradeço por me lembrar. A maior parte dos arbustos deve ser cortada e limpa. — A voz dela era moderada e pensativa. — Precisarei, claro, de seus conselhos sobre como as defesas do castelo devem ser reconstruídas. — Ela olhou as árvores rapidamente e com desejo. — Acha que podemos pelo menos manter algumas delas?

— Um ou dois bosques bem longe dos muros do castelo não prejudicariam em nada. — Ele relaxou um pouco e sorriu, surpreso por Elphame ter cedido tão facilmente. — E suas amoreiras podem ficar. Elas são garantia de mais espinhos do que proteção para um inimigo.

— Bom, então teremos bolo de amoras afinal! — Ela sorriu para o irmão, aliviada por ele voltar a ser alegre. Cuchulainn provavelmente estava sendo ultracuidadoso e superprotetor com ela, como sempre.

A estrada se curvava gentilmente para a esquerda. Quando se endireitou, eles se viram a menos de 15 metros da entrada frontal do castelo. As sólidas portas de ferro que, segundo as lendas, nunca se fecharam para convidados, tinham sumido. Haviam enferrujado e desintegrado. Elphame podia ver que fragmentos de seus resquícios jaziam em meio a uma confusão de ervas daninhas e vinhas. Só a estrutura irregular da grande entrada restava, dando à brecha nos grossos muros a aparência de uma boca desprovida dos dentes da frente.

Os muros pareciam surpreendentemente intactos, ou ao menos o que podia ser visto deles pela frente, vigorosos e sólidos. Algumas balaustradas estavam desabando, e não havia adarve. As partes do telhado que foram feitas de madeira tinham sumido, mas o esqueleto do castelo permanecia de pé, forte e orgulhoso.

— Está melhor do que pensei — Cuchulainn rompeu a quietude da expectativa.

— É perfeito. — A voz de Elphame estava cheia de animação incontida.

— El, está em melhor estado do que eu esperava, mas ainda é uma ruína! — Ele estava exasperado com o otimismo cego dela. Não apenas porque era uma atitude ridícula frente ao precário edifício diante deles, mas porque era totalmente diferente da irmã que conhecia. Antes que pudesse falar mais, Elphame estendeu a mão, tocando-o de leve no braço.

— Não sente? — A voz dela estava baixa.

Cuchulainn se sobressaltou com surpresa. Embora a irmã tivesse sido fisicamente tocada pela Deusa, nunca exibira qualquer ligação especial com Epona ou com o mágico reino dos espíritos. Na verdade,

exceto pelo corpo singular, Elphame não possuía qualquer poder que a ligasse ao reino espiritual. O irmão a observava com atenção.

— O que quer dizer, El?

Os olhos dela nunca deixavam o castelo, mas a mão ainda repousava em seu braço e Cuchulainn podia sentir o tremor que lhe passava pelo corpo. Seu cavalo ficou subitamente imóvel. A brisa gentil se aquietou; mesmo os pássaros estavam sobrenaturalmente silenciosos.

— Está me chamando. — A voz da irmã soava muito jovem. — Não com palavras, mas posso sentir. — Ela tirou os olhos do castelo para fitar penetrantemente o irmão. — É como na primeira vez que mamãe teve que realizar um ritual lunar em outro Templo. Lembra? — Elphame prosseguiu antes que ele pudesse responder: — Ela nunca tinha ficado realmente longe de nós, não por tanto tempo, e ficou fora por cinco noites. Quando finalmente chegou em casa, chamamos seu nome e corremos para encontrá-la antes que pudesse sequer alcançar os degraus do Templo. Ela nos abraçou, beijou e riu entre lágrimas. Lembra? — perguntou outra vez.

Cuchulainn assentiu e sorriu:

— Eu lembro.

O olhar de Elphame retornou ao castelo.

— É a sensação que tenho — sussurrou. A magia que enchia suas palavras subiu pela espinha do irmão, fazendo os pelos de sua nuca se arrepiarem. — Ele esteve esperando por todo esse tempo que eu voltasse para casa.

Quatro

— MAL POSSO ESPERAR para ver o resto. — Elphame se livrou do transe feliz e rumou em frente com determinação.

— Sem mim, não mesmo.

Cuchulainn desmontou depressa e prendeu as rédeas do capão à árvore mais próxima. Correu até ela e, à medida que se aproximavam das portas queimadas, o som de sua *claymore* sendo desembainhada era música mortal na calmaria da manhã.

Elphame parou e franziu o cenho para a espada.

— Acha mesmo que isso é necessário?

— Prefiro errar no lado da segurança a errar no da tolice.

Ela plantou as mãos nos quadris e o encarou por cima de seu régio nariz.

— Está dizendo que sou tola?

— Não. — Ele sorriu, contente por ela estar reagindo mais como a El que ele conhecia. — Estou dizendo que *eu* não serei tolo.

Elphame enrugou o nariz antes de partir em largas passadas em direção à entrada.

— Você é teimosa e cabeçuda — gritou Cuchulainn, sorrindo abertamente quando ela o fitou por cima do ombro. — Mas isso é uma das coisas de que gosto em você.

— Cale-se e me acompanhe. Tenho certeza de que existe algum esquilo maníaco à espreita lá dentro do qual preciso ser protegida porque sou muito indefesa... — Ela fingiu um desmaio, no meio do qual se curvou à frente e dobrou os poderosos músculos das pernas, disparando de propósito à frente do irmão, tanto que ele respirava com esforço e resmungava consigo mesmo sobre ela ser meio-cavalo e, definitivamente, nada indefesa quando finalmente a alcançou.

Elphame esperava por ele, parada em silêncio do lado de fora da entrada do castelo. Ervas daninhas e vinhas haviam coberto o espaço onde as grandes portas antes repousavam, tanto que irmão e irmã tiveram que picar uma pequena trilha antes que pudessem forçar passagem. Elphame foi a primeira a pisar dentro dos limites daqueles muros. O irmão a seguia de perto.

O emaranhado de plantas acabou assim que adentraram os muros. Estavam numa área espaçosa entre as muralhas externas e o princípio do terreno do castelo.

Cuchulainn relanceou os arredores com curiosidade. A cada lado existiam resíduos do que antes era o caminho de ronda que devia ter se estendido ao longo das muralhas maciças do castelo. Cuchulainn franziu o cenho. Pena O MacCallan não ter posto vigias lá.

— Olhe, Cuchulainn, aposto que existiam belas portas de madeira aqui. — A voz de Elphame estava baixa, como se tivesse adentrado uma igreja.

Cuchulainn a seguiu através de outro buraco nos muros internos, menores, e entraram no que obviamente fora um grande pátio. O chão estava coberto de escombros e mergulhado na imundície e no tempo, mas aqui e ali ainda podiam ser vistos retalhos das pedras aplainadas que sustentaram os passos abafados do clã MacCallan por décadas. Imensos pilares de pedra entalhada circundavam a área, erguendo-se para encontrar o que antes era um teto abobadado, mas que agora estava aberto para o esplendor do céu matinal. Os pilares maciços ainda carregavam as cicatrizes negras do fogo que fora a morte do castelo.

Elphame engoliu, apesar da secura na garganta.

— Acha que vamos encontrar algum... — Ela calou-se e buscou o olhar do irmão — ... Resquício dos guerreiros?

— Não creio. Já se passou um longo tempo. O que o fogo não consumiu, o tempo e os elementos certamente o fizeram. — Mesmo assim, bastou a ideia para fazê-lo espiar com suspeita alguns dos montes mais obscuros de folhas e terra.

— Mas se realmente encontrarmos qualquer traço dos guerreiros MacCallan, devemos lhes dar um enterro digno. Eles aprovariam — falou Elphame com calma segurança.

— Consegue senti-los, El? — perguntou o irmão.

— Os guerreiros?

Cuchulainn assentiu.

Ela ficou imóvel, inclinando a cabeça como se tentasse ouvir uma voz no vento.

— Espere, não tenho certeza.

Lentamente se aproximou do mais central dos pilares enegrecidos, que era tão amplo que nenhum dos dois conseguiria tocar as pontas dos dedos se parassem ao redor da base, com os braços esticados. Assim tão perto, Elphame podia ver que o pilar fora intricadamente esculpido num padrão circular de nós entrelaçados que se uniam para formar desenhos adoráveis de pássaros, flores e éguas empinadas nas patas traseiras. Mesmo sob as camadas de fuligem e sujeira, a beleza do acabamento era óbvia.

— Você deve ter sido lindo de se ver — sussurrou Elphame para o pilar.

Imediatamente um estranho sussurro de resposta ecoou por seu corpo.

— Oh! — Ela ofegou.

— O que foi, El? — Em dois passos Cuchulainn estava ao lado dela, a *claymore* bem firme na mão forte.

Ela reservou a ele um sorriso tranquilizador.

— Não se preocupe, não é nada ruim. — Então concentrou novamente sua atenção no pilar. — Posso sentir algo aqui — nesta pedra.

Enquanto a estudava, Elphame subitamente ficou ciente de uma percepção. Era uma presença audível. *É de onde vem o sussurro*, pensou. Ignorando a vigilância incansável do irmão, Elphame pousou as mãos esguias na coluna desgastada pelo tempo. Quando sua carne encontrou a pedra, foi como se a superfície

da coluna estremece. Num espanto silencioso, ela a acariciou. Por um instante a coluna maciça pareceu se liquefazer sob suas palmas, quase como se seu toque de alguma forma tornasse a pedra argilosa e maleável. Então suas mãos e a seção da coluna que ela tocava começaram a cintilar, e a radiância subiu por seus braços num fluxo de calor até envolver seu corpo. Elphame foi tomada por uma sensação surpreendente, como se estivesse imersa numa piscina quente de emoção, ou em segurança no abraço da mãe. As mãos dela tremeram — não por medo, mas devido à completa beleza daquilo.

— Oh. — A respiração dela veio num sopro. — Oh, sim! Posso senti-los. — O rosto dela se iluminou de emoção.

— Não são os guerreiros o que está sentindo, Deusa. — A voz profunda veio de trás deles, rompendo o silêncio como uma faca quente na neve.

Cuchulainn se moveu com velocidade espantosa para tomar posição entre a irmã e o intruso, a *claymore* mantida em prontidão diante de si.

— Danann! Esta é uma maneira excelente de garantir que não morra tranquilamente de velhice durante o sono, artífice. — A mão de Cuchulainn tremia devido ao excesso de adrenalina enquanto embainhava a espada, mas o velho centauro prestava pouca atenção no guerreiro. Seu olhar estava focado em Elphame, assim como o dela estava focado nele.

— Se não estou sentindo os espíritos dos guerreiros, então o que é isso que sinto? — perguntou ela.

Ao som da voz dele, Elphame tinha interrompido o contato com o pilar, mas as mãos ainda formigavam com o resíduo do calor da pedra. Agora ela esperava ansiosa pela resposta de Danann. Toda Partholon sabia que Epona presenteara o centauro com uma afinidade especial com a terra. Os espíritos da natureza falavam com ele através da pedra, razão pela qual Elphame requisitara o artífice para se juntar à equipe para reconstruir o Castelo MacCallan, mesmo que com sua idade avançada ele estivesse mais inclinado a cochilar ao sol do que a erguer paredes de templos. Mas ele continuava sendo o mais reverenciado canteiro em Partholon. Ele podia ouvir espíritos dentro das pedras, e assim escolhia, literalmente, a pedra perfeita para cada construção. Com o renomado artífice centauro para guiar as reformas, Elphame poderia ter certeza de que a reconstrução se sustentaria harmoniosa por séculos.

O centauro se aproximou de Elphame e da coluna atrás dela com um passo enérgico que traía sua idade. Ele estudou a pedra, a princípio sem tocá-la. Quando falou, sua voz era um som sonhador e distante: — Esta é a grande coluna central do Castelo MacCallan. Já foi a força do castelo. — Ele sorriu para Elphame. — É o espírito da rocha que você está sentindo. O próprio coração do castelo em si, não os espíritos de guerreiros mortos.

Gentilmente, ele ergueu a mão e a pôs na coluna.

— Toque-a novamente, Deusa. Não tem nada a temer.

— Não tenho medo dela — disse Elphame rapidamente. Sem hesitação, pôs sua mão macia e lisa ao lado da mão enrugada do centauro. Danann fechou os olhos em concentração.

O brilho começou embaixo de sua palma e se espalhou rapidamente para abranger tanto Elphame quanto Danann. Mais uma vez, uma onda de sensação a inundou. Ela estava preparada para isso e se concentrou, tentando filtrar fragmentos de emoções que eram quase faladas. *Alegria* — ela captou a palavra à medida que a felicidade a engolfava... *Paz* — Elphame queria rir alto... *Um fim à espera* — a frase esvoaçou brincalhona por sua mente. Então o brilho desvaneceu, deixando Elphame ofegante e eufórica.

— Eu sabia! Eu senti assim que pisei dentro desses muros — gritou o velho artífice. Ele virou a cabeça; por isso, ao abrir os olhos, suas profundezas azuis e límpidas refletiram o rosto de Elphame.

— Você está sintonizada com o coração deste castelo, Deusa. As próprias rochas lhe dão boas-vindas. Elas exultam pela chegada de sua senhora. — O sorriso dele estava cheio de calor. — Como sua ancestral, Rhiannon, você tem a habilidade de ouvir os espíritos da terra.

— Não até agora! Não até eu chegar aqui! — gritou ela com alegria. Magia! Ela finalmente fora presenteada com mais do que uma aberração física.

Por impulso, Elphame pôs a mão sobre a que Danann ainda mantinha na coluna e a apertou com gratidão. Quase imediatamente lamentou ter cedido ao impulso. Exceto pelos membros da família, fazia questão de nunca tocar outras pessoas. Uma das suas antigas lembranças era um incidente envolvendo a filha de um visitante chefe de clã. Os adultos estavam ocupados discutindo o que quer que seja que os adultos discutem. A jovem Elphame estava entediada e aproveitara a oportunidade para cutucar o braço da filha do chefe — estava tentando chamar a atenção dela discretamente para que as duas pudessem escapular e brincar. A criança berrara ao toque de Elphame, gritando que fora marcada pela Deusa e que certamente morreria. Nenhuma tentativa conseguiu dissuadir a garotinha da histeria. O chefe partiu afobado, lançando olhares assustados para Elphame — mesmo depois de Etain assegurar-lhe que Epona não estava interessada na vida de sua filha.

Espíritos da terra podiam lhe falar, e pedras lhe darem as boas-vindas, mas mortais não gostavam de ser tocados por uma deusa viva.

Com um pequeno arfar, Elphame tentou tirar a mão da de Danann antes que ele pudesse fugir de seu toque, mas em vez de deixar que ela se afastasse, Danann virou a palma e apertou-lhe a mão.

— Os espíritos da pedra dizem que este é o seu lugar.

Elphame sentiu o rosto corar.

— Desde que eu me lembro, sempre quis trazer o Castelo MacCallan de volta à vida — deixou escapar. — Obrigada por se juntar a nós aqui, Danann. Sua presença significa muito para mim.

— Sinto-me honrado em servi-la, Deusa — disse ele simplesmente, apertando-lhe a mão antes de soltá-la.

Danann não se afastou dela com medo nem se curvou numa reverência espantada.

Era como se ela fosse uma simples chefe de clã pedindo sua ajuda. A ideia era tão inesperada que Elphame piscou surpresa, e virou-se rapidamente para o irmão para esconder sua falta de jeito.

— Cuchulainn, pode acreditar que eu consigo sentir os espíritos nas pedras?

— Claro que acredito. — Ele sorriu para a irmã, contente por ela parecer tão feliz e animada. Quase contente o bastante para esquecer o quanto fora desconcertante observar o brilho mágico da pedra engolfá-la. Precisava lembrar-se de que era diferente para Elphame. Ele era um guerreiro; não queria contato nenhum com coisas que não podia vencer com a pancada de uma lâmina, mas Elphame nunca sentira sua inquietação com a magia e o reino espiritual. Apesar de falar pouco nisso, mesmo com ele, Cuchulainn sabia que a irmã sempre ansiara por uma conexão espiritual com a Deusa que tão obviamente moldara seu corpo. Elphame era a filha primogênita da Escolhida de Epona. Nunca foi uma certeza, mas geralmente a Deusa chamava a filha mais velha de uma Escolhida idosa para suceder a mãe como líder espiritual de Partholon. Epona podia estar preparando Elphame para o dia em que tomaria o lugar da mãe. Assim é o mundo, Cuchulainn lembrou a si mesmo. Ele se esquivou do tremor e aproximou-se de Danann, apertando a mão do velho centauro num cumprimento caloroso.

— Acredito que sou melhor para ouvir espíritos do que para surpreender um guerreiro guardando sua irmã — disse Danann ironicamente.

— Ah, eu diria que você fez bom trabalho ao me surpreender — disse Cuchulainn.

— Cuchulainn está agitado desde a noite passada. Apenas o ignore — disse Elphame enquanto batia o ombro no do irmão, sorrindo abertamente.

Cuchulainn ignorou a provocação de Elphame.

— Veio sozinho, Danann?

O artífice meneou a cabeça e apontou para a entrada tomada por mato.

— Não, me juntei ao resto do seu grupo quando deixaram Loth Tor. Eles preferiram esperar do lado de fora dos muros do castelo. Não estavam nada ansiosos para entrar. — Ele encolheu os ombros e sorriu. — Os jovens geralmente se assustam com pouco mais do que histórias de ninar e sombras.

Elphame sentiu um ímpeto de gratidão pela atitude sensata do centauro.

— Isso é próprio dos homens *jovens*. — Ela lançou ao irmão um olhar de aborrecimento fraternal, agrupando-o na categoria dos preguiçosos. — Em vez de se ocuparem, ficam parados esperando que digam o que devem fazer.

Com experiente elegância, Danann se curvou, dobrando uma das pernas dianteiras prateadas enquanto estendia a outra. Oferecendo o braço num velho gesto de cortesia, disse: — Então, Deusa, devo escoltá-la para que possa oferecer aos jovens alguma orientação antes que desperdicem suas vidas na ociosidade?

Elphame hesitou. Iria mesmo tocar em alguém fora de sua família pela segunda vez num dia? Olhou do braço galantemente oferecido pelo centauro para o irmão. Cuchulainn piscou e assentiu. Ela respirou fundo e repousou a mão no antebraço do artífice. Seus dedos tremeram só um pouquinho.

Exatamente como uma pessoa normal, pensou ela, incapaz de conter um sorriso.

Com Cuchulainn acompanhando logo atrás, refizeram o caminho desde as ruínas do pátio, através do buraco nos antigos muros, até onde o grupo esperava.

Como Danann notara, era um grupo jovem — quase todos filhos caçulas que desejavam embarcar na aventura de restaurar o Castelo MacCallan porque nutriam o desejo de traçar seu próprio caminho no mundo. Haveria terra e oportunidade se o Castelo MacCallan revivesse — e isso injetara animação em seus sangues quentes.

E então lá estava a jovem deusa, Elphame. Toda Partholon sabia que ela lhes fora ofertada por Epona como uma bênção especial, mas ninguém entendia bem o porquê. Os desígnios de Epona geralmente eram misteriosos. Era uma Deusa benevolente, mas não costumava interferir nas atividades cotidianas de Seu povo; em vez disso, escolhia uma mulher — alguém com quem tivesse ligação especial, e era através dessa Escolhida que Epona guiava Seu povo. Elphame ter sido marcada tão obviamente pela divindade de Partholon, especialmente enquanto sua mãe ainda reinava como Deusa Encarnada, fora fonte de assombro e especulação desde seu nascimento. Epona tocara Elphame, e agora Elphame estava determinada a restaurar o Castelo MacCallan. Certamente a honra de acompanhá-la em sua missão lhes traria uma sorte que nem mesmo os rumores da maldição do MacCallan poderiam macular. Ou ao menos era o que eles se diziam quando se uniram a ela. Tinham acreditado nisso, até ficarem frente a frente com os muros desmoronados do castelo devastado pela guerra.

Quando Elphame surgiu, os homens e centauros que estavam nervosamente reunidos a vários metros da entrada ficaram em silêncio. A maioria deles estava acostumada à visão da jovem Deusa, mas sua aparência ainda os afetava — e naquela manhã em particular ela parecia mais extraordinária do que de costume. O rosto estava iluminado e a pele parecia reluzir. Vários dos homens e centauros jovens se descobriram pensando no quanto ela era espetacular, e quando seus lábios cheios e sensuais se ergueram num sorriso refulgente, muitos dos machos reunidos sentiram uma resposta no sangue — mas apenas brevemente — até se recordarem de que não podiam desejar uma deusa encarnada na Terra. Não

importava o quão tentadora ela parecesse.

Quando Elphame falou, sua voz espalhou-se pelo grupo como brasa: — Desde as flores nos galhos, os pássaros melódiosos e a brisa sussurrante até os pilares deste castelo, todos nos dão as boas-vindas. As próprias pedras nos cumprimentam com alegria. Não será mais uma ruína. — Elphame ergueu as mãos acima da cabeça e gritou: — Alegrem-se! Este será nosso lar! — Um calor formigou por seus braços como quando ela se comunicara com a pedra, e seu corpo parecia deliciosamente em chamas.

O grupo reagiu em conjunto, não muito por causa de suas palavras ou da ideia de reconstruir o Castelo MacCallan, apenas responderam a ela — sua espetacular Deusa. Com uma única voz, gritaram uma aclamação que fez as antigas paredes diante deles ecoarem novamente com os sons jubilosos dos vivos.

De seu esconderijo em meio às árvores, Lochlan observou o grupo. Homens e centauros — jovens e orgulhosos. Reconheceu o fogo no sangue deles quando reagiram a ela. E a reconheceu também. Como não poderia? Sabia que a encontraria ali. Porém, a visão o sobressaltou. Ela parecia muito mais viva que em seus sonhos, e vê-la em pessoa o fez perceber que nunca compreendera realmente a profundidade da beleza dela.

O corpo! Irradiava paixão e poder sobrenatural. Ele sentiu uma onda de desejo no fundo da carne. Seu sangue bombeou quente e forte e, com a excitação, ele sentiu suas asas colossais tremerem e começarem a ficar eretas. Rapidamente se forçou a deixar de olhá-la para que pudesse colocar sua luxúria sobre controle.

A dor pinçou suas têmporas e se irradiou pelo corpo, carregada pelo sangue que pulsava forte e quente dentro dele. Seu corpo lutou para controlar o desejo, mas, como sempre, Lochlan buscou seu poço de humanidade para conquistar os próprios impulsos sombrios. O latejar do sangue se aquietou. As asas estremeeceram mais uma vez antes de se dobrarem devidamente às suas costas.

Ele ignorou a dor familiar que continuava a ecoar fantasmagoricamente por sua mente.

Mas, uma vez controlado, permitiu que seus olhos voltassem a ela. Naquele instante, ela ergueu os braços acima da cabeça e o grupo gritou em resposta. Ele sorriu, exibindo caninos longos e de aparência perigosa. Elphame o fazia querer gritar também. Foi certo vir sozinho; os outros possivelmente não entenderiam. Mas pensar nos outros despejou sobre ele uma maré de desespero que ameaçou afogá-lo. Conseguia senti-los. Sempre conseguia senti-los — a necessidade, a dor, a confiança que tinham nele. Lochlan estremeceu e fechou aquela parte da mente. Agora, não. Não podia pensar nos outros agora. Não quando tudo que havia de honrado e verdadeiro nele — tudo que era humano — queria correr até Elphame e dizer que ela preenchia seus sonhos e seu coração desde quando conseguia se lembrar.

Ele respirou com dificuldade e esfregou a mão no rosto. Não podia ir até ela. Não em lugar aberto. Não ainda. Apenas o veriam como um fomoriano; seria morto. Não poderia lutar contra todos por ela. Não importava o quão desesperadamente ansiasse.

Lembre-se de sua promessa, a consciência sussurrou em sua memória na voz de sua amada mãe. Lembre-se da Profecia. É seu destino encontrar uma maneira de curar seu povo e levá-los de volta a Partholon. É você quem deve cumprir a Profecia de Epona.

Lochlan não podia agir de maneira egoísta. Precisava considerar os outros. Precisava acabar com a dor deles, mesmo que isso significasse...

Lutando contra uma sensação esmagadora de perda, arrancou o olhar de Elphame e desapareceu silenciosamente nas profundezas da floresta.

Cinco

— ESTÁ TENTANDO DE propósito acabar com minha diversão e me sentenciar a uma vida de celibato? — resmungou Cuchulainn com a irmã.

Elphame sorriu.

— Duvido que designá-lo para inspecionar os trabalhadores externos, em sua maioria homens, enquanto entrevisto as mulheres para a criadagem do castelo, possa de alguma forma afetar sua ativíssima vida amorosa.

— Venha, garoto. Ajudo você a escolher quais nesse lamentável grupo de jovens podem ser canteiros passáveis — disse Danann, dando-lhe tapinhas amigáveis no ombro. — Então você poderá levar o resto deles e começar a limpar os montes de entulho daqui, como sua irmã instruiu. — O velho centauro piscou para Elphame. — Mantenha isso em mente: as mulheres ficarão mais dispostas a agraciar sua cama quando as paredes ao redor estiverem sólidas e limpas.

— O oposto dessa devastação, você quer dizer — falou Cuchulainn.

— É exatamente isso o que eu quero dizer — afirmou Danann.

— Hrumph. — Cuchulainn bufou enquanto ele e o artífice rumavam em direção ao pátio principal para retornar aos trabalhadores.

Elphame balançou a cabeça para a figura distante do irmão. Sua voz forte fluiu até ela pelo pátio quando chamou à ordem o grupo de homens e centauros que estavam do lado de fora dos muros do castelo. Depois que ela cumprimentou os trabalhadores, Cuchulainn, Danann e Elphame fizeram uma rápida varredura das terras do castelo e não demoraram a perceber que pouco podiam fazer quanto à restauração antes que limpassem os escombros acumulados ao longo do último século. Então a primeira ordem do dia era tediosa, mas necessária. Limpeza.

Mãos nos quadris, Elphame olhou ao redor. Agora que estava sozinha, relaxou a expressão e estreitou os olhos. Que bagunça. Era verdade que os muros e as estruturas básicas do castelo ainda estavam de pé, mas tudo o mais estava em ruínas. O que a pira funerária de MacCallan deixara, o tempo havia destruído. Elphame sentiu os ombros tombarem. Era muito maior do que ela tinha imaginado. As terras

do castelo, circundadas pelas sólidas muralhas de pedra, tomavam uma área enorme. Quantas pessoas já viveram ali? Ao menos tantas quantas as que atualmente povoavam a modorrenta aldeia de Loth Tor. Será que seria capaz? Conseguiria realmente restaurar tudo aquilo?

Sentindo-se decididamente devastada, os olhos de Elphame foram atraídos pela coluna central marcada pelo fogo. Ela esfregou as mãos, lembrando-se da calorosa sensação de conversar com a pedra. Magia... Nunca tinha sentido sequer um indício antes, e hoje fora subitamente bombardeada com o conhecimento de que tinha uma afinidade com os espíritos das pedras. O que isso significava realmente?

Por que não fica aqui e toma meu lugar... Tive um reinado longo e próspero. Estou pronta para me aposentar.

As palavras da mãe vagaram por sua memória, fazendo-lhe o estômago apertar de ansiedade. Não podia tomar o lugar da mãe! Mesmo que sentisse ou não os espíritos nas pedras, não estava pronta para liderar Partholon; ela não era a mãe.

— Pare! — Elphame disse a si mesma com severidade. A mãe era a Escolhida de Epona; ela, não. Só estava se sentindo intimidada com a enormidade da tarefa diante deles, o que era natural. Olhou para as paredes desmoronadas, marcadas por fogo. — Não é como se eu achasse que seria fácil — murmurou, sacudindo-se mentalmente. Só precisava começar. Dar um passo de cada vez. Ficar no controle.

Era seu castelo. Seu lar.

— Elphame! — A voz de Cuchulainn ribombou pelo pátio vazio. — As mulheres estão aqui!

— É aqui que eu começo — sussurrou Elphame. Não podia liderar Partholon — na verdade, não tinha qualquer vontade —, mas podia fazer o Castelo MacCallan reviver. Ofereceu à forte coluna central um sorriso antes de correr até a entrada do castelo.

As mulheres estavam paradas num pequeno grupo a vários metros do buraco nos muros do castelo. Sem ser notada, Elphame as observou das sombras. Pareciam jovens e assustadas. E eram tão poucas! Contou rapidamente — pouco mais de uma dúzia. Quase três vezes mais homens e centauros se voluntariaram. E todas as mulheres eram humanas. Nem uma centaura respondera ao seu chamado? Nem mesmo uma jovem caçadora em treinamento? El se permitiu sentir brevemente o desapontamento. Tinha um trabalho a fazer e simplesmente teria que trabalhar com o que lhe era disponível. Talvez o pequeno número lhe desse a chance de conhecê-las mais pessoalmente. Aquilo seria uma boa mudança.

Não se permitiu o luxo de esperar, talvez fazer uma amiga de verdade — mal poderia imaginar tal coisa. Mas talvez esse pequeno grupo de mulheres pudesse aprender a interagir com ela como se fosse uma chefe de clã, ou até uma alta sacerdotisa, em vez de tratá-la como um objeto a ser venerado — deusa, intocável e distante de emoções mortais.

Quando Elphame surgiu da ruína, o grupo fez uma nervosa mesura.

Elphame pigarreou e exibiu seu melhor sorriso de boas-vindas.

— Bom dia. Fico contente por ver que tantas de vocês estão interessadas em restaurar o Castelo MacCallan e fazer dele seu lar. Os homens... — ela apontou acima da cabeça delas para os grupos que já se formavam e começavam a tirar pedregulhos dos arredores dos muros do castelo — ... Cuidarão de grande parte do trabalho pesado, mas isso não significa que seus serviços serão menos importantes. Precisaréi de cozinheiras e mulheres que sejam talentosas com o tear e a costura. — Sem perceber, o sorriso de Elphame se tornou sonhador. — Quando MacCallan vier à vida novamente, quero encher suas paredes com belas tapeçarias que deixem até minha mãe com inveja.

Reagindo à doce expressão da Deusa, várias mulheres sorriram com hesitação. Fortificada pela reação positiva, Elphame prosseguiu numa voz segura e forte: — E, claro, precisarei de mulheres que me

ajudem com o cuidado diário do castelo. — Elphame riu e olhou ostensivamente para as ervas daninhas e o lixo que sufocavam a entrada. — Alguns dias definitivamente exigirão mais que outros.

Uma das mulheres deu uma risadinha, depois cobriu a boca com a mão e corou vividamente.

Elphame encontrou-lhe os olhos.

— Não tenha medo de rir aqui. Sei que agora não parece, mas as pedras cantam de alegria por nossa chegada. MacCallan será um lar feliz.

A moça tirou a mão da boca e sorriu timidamente para a Deusa.

— Qual o seu nome? — perguntou-lhe Elphame.

— Meara — disse ela, a voz hesitando nervosamente.

— Meara — repetiu Elphame. — Em que trabalho você é mais talentosa?

— Eu... Eu... — gaguejou ela, depois enfim concluindo com ímpeto: — Sou boa em manter as coisas arrumadas.

— Então veio ao lugar certo. Há muita arrumação esperando você. — Seu olhar viajou sobre o resto do pequeno grupo. — Aquelas que forem boas em limpeza, por favor, deem o nome para Meara. — Elphame voltou a olhar a moça que tinha se voluntariado e viu os olhos dela se arregalarem de orgulho. — Meara, peço que me entregue uma lista das suas trabalhadoras ao fim do dia. Agora — Elphame recomeçou —, quem serão as minhas cozinheiras?

Com apenas uma ligeira hesitação, quatro jovens mulheres que estavam de pé juntas num morrinho ergueram as mãos. A que estava no meio do grupo avançou meio passo. Ela possuía cabelo ruivo brilhante e adoráveis olhos cor de jade.

— Ouvimos seu chamado e viemos do Castelo McNamara. A cozinheira-chefe de lá era... — Ela se calou e olhou para as amigas em busca de apoio. Elas assentiram em encorajamento. — Ela era muito enfezada e não gostava de cozinheiras jovens. Sim, não gostava principalmente de cozinheiras jovens com ideias novas. — A ruiva despejou suas palavras com um suave sotaque do oeste.

Elphame ergueu as sobrancelhas.

— Bem, posso assegurar que não me importo com cozinheiras jovens e *gosto* particularmente de ideias novas. Acho que não sou enfezada, mas Cuchulainn provavelmente discordaria de mim.

À menção do nome de seu formoso irmão, as moças deram risadinhas e sorriram.

— Então qual de vocês é a melhor cozinheira? — perguntou Elphame.

Três pares de olhos se dirigiram à mulher que tinha falado por elas.

— Somos todas boas cozinheiras, mas admito que tenho talento especial na cozinha. Meu nome é Wynne. As meninas que me acompanham são Ada, Colleen e Ula. — Ela apontou para cada mulher por vez ao falar.

— Wynne, estou contente em anunciar que você é minha nova cozinheira-chefe — disse Elphame. — Sua primeira tarefa será inspecionar o que restou da cozinha do castelo. Tome nota do que deve ser reparado para que entre em funcionamento o mais rápido possível. Você tem muitas bocas famintas para alimentar.

— Sim, Deusa — disse Wynne, fazendo uma mesura rápida.

Elphame pôde sentir o queixo apertando à menção do título. Deusa. Nunca a veriam como ela mesma — Elphame, uma jovem mulher que gostava de correr, rir com sua família e possuía a tendência de gostar um pouco demais de longos banhos na piscina da mãe —, ao menos não enquanto todos insistissem em vê-la apenas como uma deusa.

Talvez esse novo começo pudesse mudar isso. Ela tomou a decisão rapidamente.

— Senhoras — disse ela, e a tagarelice que havia começado se silenciou quando todos os olhos se voltaram para Elphame. — Gostaria de pedir um favor a cada uma de vocês. Estaremos trabalhando juntas, e prefiro que me chamem por meu nome em vez do título de deusa.

As mulheres piscaram, expressões chocadas espelhadas em cada face.

Elphame suspirou.

— Ou podem me chamar “minha senhora”. Qualquer coisa, menos deusa — disse ela, sentindo-se um pouco desesperada quando ninguém falou. — Deixe-me ver — continuou, apressada. — O que mais? Já sei. Há alguém aqui que tenha talento para tecer ou costurar?

Várias mãos se ergueram. Elphame notou uma loira um tanto gorducha cujo rosto rosado parecia ter uma radiância perpétua.

— Qual o seu nome? — perguntou El.

— Caitlin.

— Caitlin, sabe tecer ou costurar?

— Ambos, deu... Minha senhora.

— Excelente. Tenho várias ideias para as novas tapeçarias. Na verdade, gostaria que elas refletissem um tema para cada cômodo principal do castelo, a começar pelo Grande Salão. — A voz de Elphame se acendeu de animação. — E o tema para o Grande Salão será o próprio castelo. Quero que as tapeçarias mostrem o Castelo MacCallan revivido em toda sua grandeza e beleza.

Caitlin piscou várias vezes antes de falar:

— Mas, deusa... Er... Digo, minha senhora, como saberemos o que tecer? Ele... — a moça apontou desalentada para a grande estrutura diante delas — ... Não parece grandioso agora.

Elphame franziu as sobrancelhas. Tinha se esquecido de que os outros não possuíam uma imagem do castelo restaurado gravada na mente.

— Suponho que precisarei encontrar um artista... — ponderou ela, fitando seu desmantelado e amado castelo.

— Eu poderia esboçá-lo para você, minha senhora.

A cabeça de El girou à procura da mulher, tentando sem sucesso ver quem tinha falado.

— Quem falou? — perguntou.

A mesma voz respondeu de trás do grupo:

— Sou Brenna.

— Venha aqui, não consigo vê-la — disse Elphame com impaciência.

O grupo se partiu para deixar uma morena miúda passar. Sua cabeça estava curvada e o rosto obscurecido. Elphame imediatamente notou que as outras mulheres desviavam o olhar, como se a visão dela as deixasse desconfortável. Então a pequena mulher ergueu a cabeça. Elphame sentiu um inesperado solavanco no corpo quando viu em cheio o rosto da mulher, e teve que forçar sua expressão a permanecer impassível.

Brenna era jovem, e já tinha sido bela, Elphame podia julgar isso pelo lado esquerdo de seu rosto. O lado direito era uma ruína. Uma terrível cicatriz de queimadura vinha desde o pescoço, subindo para cobrir todo o lado direito do rosto. Era grossa e mosqueada com os vívidos pigmentos rosa e branco que distinguiam as queimaduras mais profundas. O lado direito da boca estava desprovido do contorno dos lábios, o que era mais horrível quando comparado à fartura macia dos lábios ilesos no outro lado do rosto. O olho direito era límpido e parecia incólume. Possuía o mesmo castanho de corça do olho esquerdo, mas as cicatrizes no canto dele pareciam puxá-lo para baixo, dando-lhe uma aparência

recurvada.

Ela ficou imóvel, deixando que Elphame a estudasse. Correspondeu ao olhar da deusa sem se acovardar.

— Acredito que posso desenhar o castelo para você — disse ela numa voz clara e confiante.

— Você é artista, Brenna? — perguntou Elphame.

— Tenho um pequeno talento para esboçar, especialmente coisas que imagino na minha mente. — Ela exibiu um sorriso torto que Elphame ficou surpresa por considerar encantador. — Então acho que posso esboçar coisas que você imagine também, se puder descrevê-las para mim.

El assentiu com entusiasmo, mas, antes que pudesse falar, Brenna prosseguiu: — Mas deve saber que não me considero artista. Sou curandeira.

O rosto de Elphame se abriu num grande sorriso.

— Então é mais do que bem-vinda, Brenna. Com todos estes trabalhadores arrastando e construindo coisas, é certo que teremos vários contratemplos que exigirão o toque de uma curandeira. Sei que meu próprio irmão, embora seja um guerreiro perfeito, é incomumente propenso a cortes e arranhões.

Por um instante Elphame viu a expressão de Brenna mudar, e foi como se uma sombra passasse pelo rosto devastado da jovem. Mas ela respondeu sem hesitação: — Claro, minha senhora. Sempre fico contente em estar onde sou necessária.

— Elphame! — Feito um furacão, Cuchulainn passou pelo grupo de mulheres. Olhos cintilando, ele assentiu para várias das mais bonitas antes de chegar ao lado da irmã. — As carroças de suprimentos estão presas na bagunça que antes foi chamada de estrada principal para o castelo. Despachei os centauros para encontrá-las e picar uma trilha até os muros da frente. Quando as carroças chegarem aqui, acho que é melhor erguermos tendas do lado de fora dos muros do castelo, ao menos até tornamos este monstro habitável novamente.

Elphame ergueu uma sobancelha para ele e cruzou os braços.

Cuchulainn riu.

— Certo! Perdoe-me por chamar seu palácio de monstro.

— Não é um palácio. É um castelo — corrigiu-o ela.

— Bem, seu *castelo* não serve nem para gente nem para feras. — Ele piscou para a encantadora e gorducha Caitlin, que corou até quase ficar roxa. — Nem para uma adorável dama. — Ele apontou para detrás delas. — A área de pasto ali a sudoeste do castelo, que corre desde o muro sul até a beira do penhasco, será mais fácil de limpar. Em alguns dias poderemos erguer tendas e montar um acampamento. Até lá o povo de Loth Tor ficará contente em nos abrigar. — Cuchulainn sorriu para a irmã de forma atrevida. — Se isso lhe convém, minha senhora.

Elphame conteve-se para não lhe esmurrar as orelhas.

— Sim, sim, assim está bom. Mas preciso de alguns homens que acompanhem minha cozinheira-chefe e sua equipe. É importante que a cozinha seja restaurada rápido. — Ela cutucou as costelas do irmão. — Homens precisam de mais do que carne-seca e biscoitos duros no estômago quando vão trabalhar por longos dias.

Cuchulainn deu uma risadinha e apertou as costelas. Gostava de ver a irmã tão relaxada em público — ela geralmente guardava as brincadeiras fraternais para momentos em que só estavam os dois juntos. Restaurar o gigantesco edifício talvez fosse bom para ela, se a ensinasse a relaxar.

— Por mais que eu deteste admitir, você está certa, minha irmã. Colocarei vários homens à sua disposição — na verdade, à disposição de sua cozinheira. — Seus olhos brilharam travessamente. — O

que significa que precisará me apresentar para sua cozinheira.

Elphame revirou os olhos antes de chamar sua nova cozinheira-chefe: — Wynne, este rapaz incômodo é meu irmão. Cuchulainn, conheça minha cozinheira-chefe.

Cuchulainn se curvou de maneira extravagante.

— Prazer em conhecê-la, Wynne do cabelo flamejante.

— Digo o mesmo, meu senhor — disse a nova cozinheira, dando-lhe um olhar de apreciação primitivamente feminino.

— Agora sabe o nome dela, Cuchulainn. Mandê que alguns homens venham encontrá-la. Ela estará dentro do castelo, assim como o resto de nós.

— Ah, você só pensa em trabalho, minha irmã. — Cuchulainn afastou-se do grupo, curvando-se galantemente. — Senhoras, até mais tarde.

As mulheres fizeram medidas e deram adeus a ele.

— Meu irmão é um malandro. — Ela não percebeu que tinha falado o pensamento em voz alta até Wynne, que ainda olhava os ombros largos de Cuchulainn se afastando, falar: — Sim, mas um malandro diabolicamente bonito. — Então, como se temesse ter ultrapassado uma barreira imaginária, Wynne empalideceu e murmurou um apressado pedido de desculpas.

Elphame acenou em desconsideração e disse com forçada indiferença: — Apenas mantenha a ênfase no diabolicamente e ficará a salvo de muito desgosto.

Elas nunca ficariam à vontade em sua presença? Sempre agiriam como se ela fosse um duto sagrado a ser contornado? Ela estava se esforçando para agir “normalmente” perto das mulheres. Não tinha acabado de provocar Cuchulainn na frente delas?

Vai levar tempo para mostrar a elas que não sou tão diferente, disse a si mesma com firmeza. Esse era seu novo começo, mas precisava ser paciente. Anos vivendo de um modo não seriam apagados numa manhã. Refreando a frustração, ela se dirigiu ao grupo: — Vamos trabalhar. Sei que cada uma de vocês tem talentos especiais, e realmente aprecio isso. — Ela sorriu para as mulheres, especialmente para aquelas às quais já fora apresentada, e notou pela primeira vez que Brenna não estava mais perto dela. Pelo contrário, havia desaparecido mais uma vez por trás do grupo. — Mas creio que por enquanto todas nós devemos imitar Meara — devemos arrumar as coisas antes de nos separarmos para focar nos nossos talentos individuais. Então, vamos começar limpando a entrada de nosso novo lar.

Sem esperar uma resposta, Elphame caminhou com determinação até o buraco coberto pela vegetação nos muros do castelo. Sem piedade, curvou-se e agarrou um longo pedaço de ferro enferrujado que antes se sustinha orgulhosamente de pé como parte dos portões sempre abertos de MacCallan. Ela o arrastou, usando os músculos poderosos das pernas para lhe dar mais força, e o pedaço de ferro libertou-se com relutância da aderência das vinhas.

Ela ergueu a cabeça e viu os olhos das mulheres alternando entre observá-la e espiar as sombras dentro dos muros do castelo. Pareciam ansiosas e assustadas. Sem dúvida estavam pensando nas histórias de ninar que ouviram sobre a maldição do Castelo MacCallan. Elphame quase podia ver os reflexos dos fantasmas imaginários nos olhos delas. Sabia que precisavam de palavras de encorajamento, mas não era nada boa nisso — o discurso feito aos homens mais cedo naquele dia fora um acaso; ainda estava mergulhada na maré mágica de ouvir os espíritos nas pedras do castelo. Fazer discursos inspiradores era especialidade de sua mãe, não sua.

Mas elas precisavam ser tranquilizadas; a maneira nervosa com que os olhos sempre se voltavam a ela dizia que aquelas mulheres achavam que Elphame tinha todas as respostas. E ela teve uma ideia. Podia

não ter todas as respostas, mas estava completamente certa de uma coisa. O Castelo MacCallan era seu lar. Agora seria o lar delas também. E de repente ela soube o que dizer às mulheres: — Acho que é certo limparmos a entrada para nosso novo lar. As mulheres são o coração de um lar, seja um castelo, um templo ou uma humilde cabana. As mulheres sopram vida à família, assim como nossa Deusa, Epona, sopra vida em nosso mundo a cada manhã. Como mulheres do castelo, vamos reabrir MacCallan aos vivos e, aos poucos, fazer dele nosso lar.

Elphame pôde ouvir o suspiro coletivo quando suas palavras pareceram liberar a tensão que crescera no grupo.

Meara correu na frente, agarrou um galho morto e o atirou na pilha que Elphame iniciara.

— Ao menos sabemos que somos necessárias aqui — disse ela com um tom de satisfação que fez as outras sorrirem.

— Sim, isso é uma certeza — disse Wynne quando começou a puxar uma parte do enorme emaranhado de mato que cobria a abertura. Sem mais hesitação, as três recém-nomeadas cozinheiras assistentes se juntaram a ela. Depois o resto do grupo começou a trabalhar, tagarelando, rindo e fazendo pálidas piadinhas sobre as mulheres precisarem abrir caminho para os homens, que do contrário costumavam perder o rumo.

Elphame recuou um passo e as observou. Já podia dizer que era um grupo trabalhador. Ninguém reclamou por sujar as mãos, ninguém choramingou por descanso. El pensou no que Meara dissera: “*Ao menos sabemos que somos necessárias aqui.*” Talvez fosse isso. Todas as mulheres daquele grupo tinham algo em comum — em seus antigos lares, sua antiga vida, não eram necessárias, então vieram à procura da sensação de pertencimento que ser necessário ofereceria.

Elas sempre terão isso aqui comigo, um lar onde são necessárias e apreciadas. Quando Elphame fez aquela promessa a si mesma, por apenas um instante pensou ter ouvido o sussurro de uma voz no vento dizer *Muito bem, Amada.*

Seis

— PARECE MUITO ESCURO e assustador. — A voz macia de Caitlin ecoou nas vazias paredes internas do castelo.

As mulheres estavam paradas pouco mais do que um passo dentro da entrada recentemente limpa do Castelo MacCallan. Passaram o que sobrara da manhã removendo do espaço o equivalente a um século de entulho, que agora parecia a boca de um gigante sem o dente da frente. O almoço fora um rápido intervalo que consistiu de biscoitos duros, queijo e carne-seca, devorado apressadamente entre a remoção e o corte do mato — Elphame podia imaginar o tremor de desgosto da mãe com a comida e o que rotularia como maneira bárbara com que foi devorada, mas Elphame adorara cada mordida apressada.

Agora era o momento do segundo passo: entrar de fato no castelo e começar o trabalho decididamente mais complexo de transformar a antiga destruição em lar ordeiro.

Mas primeiro precisaria reorganizar suas tropas. Mais uma vez.

— Não é escuro de verdade — disse, adentrando alguns passos pelos protetores muros externos. Apontou para a entrada vazia que levava ao interior do castelo, através da qual mal se podia ver o pátio interno e as maciças colunas de pedra. — Parece escuro porque tudo ainda está coberto de fuligem do incêndio. Sem mencionar a sujeira de anos de exposição aos elementos. — Ela sorriu encorajadoramente para Caitlin. — Só precisa de uma boa esfregada e um pouco de atenção, e não será mais escuro.

Caitlin, assim como o resto das mulheres, ainda não parecia convencida. Bom, pensou Elphame, talvez devesse encarar o que todas elas estavam pensando — colocar tudo em pratos limpos para que pudessem lidar abertamente com o problema.

— E a respeito da maldição... — Elphame calou-se. Parecia que até as pedras haviam parado para ouvir suas próximas palavras. — ...nada disso existe — disse lenta e distintamente. — Tenho a garantia da Encarnada da própria Epona, além de contar com minha intuição. — Enquanto falava, Elphame recuou mais alguns passos até parar diretamente na entrada interna. Apontou às suas costas.

— Ainda há muita beleza aqui. Só precisam procurar. Por favor, não deixem que histórias bobas

contadas para assustar crianças malcriadas maculem sua confiança em seu novo lar. — *Ou em mim.* Acrescentou o apelo silenciosamente. Não queria que as pessoas se esquivassem por MacCallan, assustando-se com sombras e sendo perseguidas por demônios imaginários.

— Nunca tive medo de histórias de ninar, minha senhora.

Elphame reconheceu a voz da mulher antes mesmo que ela sáisse de seu lugar habitual nas sombras ao fundo do grupo. Brenna havia parado de baixar a cabeça e se esconder por trás de uma parede de cabelo — todas estavam ocupadas demais naquele dia para se preocuparem muito com a aparência. Mas El notara que Brenna se resguardava e que raramente era incluída na conversa fácil que já começava a unir o resto das mulheres. Agora seu olhar perspicaz sustinha os olhos de Elphame.

— Mas descobri que às vezes fantasias e imaginações podem ser mais poderosas que a realidade. Por causa disso, é prudente dispersar os fantasmas *irreais* antes que sobrepujem o que é verdadeiro.

Elphame gostou do modo confiante e calmo de Brenna falar.

— O que sugere, Brenna?

— Uma simples cerimônia de limpeza, algo que limpe qualquer energia negativa e também nos proteja e nos dê as boas-vindas como novos habitantes do castelo — disse Brenna.

As outras mulheres estavam observando Brenna com expressões mistas de curiosidade e alívio.

— Diga-nos o que precisa — disse Elphame.

— A cerimônia é simples. Só precisamos de manjericão e vasilhas para colocar água fresca.

— É possível que se encontre manjericão selvagem na horta do castelo — disse Wynne.

— Ervas são resilientes. As chances de encontrar manjericão são grandes, se encontrarmos a horta — disse Brenna a Wynne.

— Posso encontrar uma horta em qualquer castelo. — Wynne acrescentou uma inflexão ao seu sotaque melódico.

— E deve ter sobrado algo que armazene água — acrescentou Meara. — É um lugar que já foi cheio de gente; e onde há gente, há muitos objetos domésticos.

— Boa ideia, Wynne e Meara. Metade de vocês vai com nossa cozinheira encontrar manjericão, a outra metade vai com Meara procurar vasilhas, baldes ou qualquer coisa que possa armazenar água — disse Elphame rapidamente. — Depois tragam o que encontrarem para cá e começaremos a cerimônia.

Elphame não esperava que elas reagissem tão prontamente, mas as mulheres logo se dividiram em dois grupos e, como guerreiros domésticos, desbravaram o antigo castelo. Sim, elas estavam conversando e rindo com vozes bem altas, como se para afugentar qualquer coisa que pudesse estar espreitando o castelo em si, sem se encolherem, chorarem ou berrarem de medo. Elphame lembrou-se de que naquela manhã os homens e centauros se recusaram a acompanhar Danann para dentro dos muros do castelo. Agora aqueles mesmos muros ressoavam com os sons das mulheres ocupadas. Era certamente um passo na direção certa.

— O medo geralmente pode ser superado com bom-senso e tarefas que sejam familiares e simples — disse Brenna baixinho. Ela não tinha acompanhado as mulheres. Ela e Elphame estavam sozinhas perto da entrada do castelo.

El sorriu para ela.

— Foi esperteza sua pensar na cerimônia de limpeza. Tudo no que pude pensar foi na tolice de ter medo de um lugar que reserva tanta esperança para o futuro. Queria gritar com elas e tentar forçá-las a ver que as histórias não são verdadeiras. Seu jeito foi melhor.

— Não melhor, minha senhora, só mais fácil para que elas compreendessem — disse Brenna com

humildade, mas ela curvou a cabeça ligeiramente em reconhecimento ao cumprimento de Elphame.

— Você é uma xamã? — perguntou Elphame, curiosa.

Brenna exibiu seu sorriso torto.

— Fico lisonjeada por pensar assim. Não, não posso curar o espírito, como um xamã faz, mas reconheço que para tratar a carne devo ter algum conhecimento do reino espiritual.

Elphame sentiu o sorriso se alargar.

— Você parece meu pai — só que ele diz o contrário. Ele não pode curar o corpo, mas deve ter conhecimento do funcionamento dele para curar problemas do espírito.

— Midhir é um grande xamã. Só o encontrei uma vez, mas nessa única oportunidade ele demonstrou uma gentileza da qual nunca esquecerei.

— Eu não sabia... — Elphame fechou a boca. Quase disse que não sabia que o pai havia tratado de alguém tão severamente ferido. Quanta insensibilidade! Ela tossiu e pigarreou para encobrir a falta de jeito. — ... Não sabia que conhecia meu pai.

— Não o conheço de fato, minha senhora. Como disse, só o encontrei uma vez.

Elphame assentiu, ainda decepcionada consigo mesma, e perguntou apressada: — De onde você é, Brenna?

— O Castelo Guardião era meu lar — respondeu Brenna.

— Fico contente por ter vindo se juntar a nós, mas espero que o Castelo Guardião não sinta demais a falta da curandeira.

Brenna desviou o olhar do de Elphame, mas não antes que ela deixasse de ver a dor que lampejou em seus olhos desencontrados.

— Era hora de partir. Era hora para um novo começo — disse Brenna calmamente.

— Acho que compreendo — disse Elphame.

Os olhos de Brenna se voltaram para Elphame. Ela abriu a boca para responder que a deusa, com seu rosto belo e perfeito, nem poderia começar a entender. Mas as palavras não vieram, e não porque a curandeira estava com medo daquela mulher poderosa. Lentamente seu olhar vagou pelo corpo de Elphame. Ela estava vestida de maneira muito semelhante ao resto das mulheres, num simples e prático vestido de linho que envolvia o peito e era mantido no lugar por simples broches nos ombros. O vestido deixava os braços nus e livres para o trabalho, e do corpete se enrolava em dobras suaves e intrincadas — muito semelhantes aos *kilts* que os homens vestiam — para terminar, como de praxe em Partholon, bem em cima dos joelhos. Ali os olhos de Brenna pararam. Elphame estava vestida como o resto das mulheres, mas era aí que a similaridade acabava. Em vez de joelhos delgados, panturrilhas femininas e torneadas e tornozelos se estreitando em sapatos de sola de couro, Elphame possuía poderosas pernas equinas e jarretes recobertos por uma escovada e lustrosa pelagem do mesmo tom castanho de seus cabelos. As pernas incríveis terminavam em cascos que reluziam como ébano polido. Ela não era humana, mas tampouco era um centauro. Era algo distinto do resto de Partholon. Os olhos de Brenna se ergueram para encontrar os de Elphame novamente.

— Sim, acho que deve compreender muito bem — disse devagarinho.

As duas mulheres singulares sorriram hesitantemente uma para a outra.

As mulheres retornaram bem mais rápido do que Elphame previra. O grupo de Meara encontrou dois vasilhames utilizáveis. Um era um pote lascado que estivera meio enterrado em sujeira, e o outro era um balde escurecido que de alguma forma escapara de ser consumido pelo fogo.

— É óbvio que nenhum é lavado há anos — disse Meara com desgosto. — Precisam de uma boa esfregada. — Depois acrescentou baixinho: — Assim como o castelo inteiro.

Elphame reteve um sorriso. Meara era definitivamente a escolha certa para liderar uma formidável força de arrumadeiras, e era melhor estar resmungando do trabalho que estava por vir do que correndo de medo de uma maldição imaginária.

— Há um riacho perto daqui que corre desde a floresta até o penhasco e deságua no mar — falou uma das mulheres.

— Arlene, não é? — perguntou Elphame.

A moça assentiu timidamente.

— Sim, hã, minha senhora. Fui criada em Loth Tor e conheço bem essa área. — Sua voz possuía o delicioso sotaque do oeste de Partholon.

— Maravilhoso. Você pode mostrar a Meara o riacho. Meara, leve quantas mulheres precisar para dar uma boa esfregada nisso.

Com um resmungo satisfeito, Meara chamou várias mulheres para ajudá-la, e lá se foram elas, Arlene liderando o pequeno grupo.

— E eu encontrei bastante manjericão. — Wynne abriu a saia e vários ramos de folhas largas de manjericão tombaram no chão, enchendo o ar com o distinto aroma que trouxe à mente molhos vermelhos deliciosos e refeições longas e agradáveis.

Elphame inalou fundo e notou várias das mulheres fazerem o mesmo. Ela sorriu para elas e pensou que devia estar quase na hora do jantar, se todas estavam pensando em comida.

— Também encontrei a cozinha. Está praticamente em ruínas. — A cozinheira fez cara feia para o manjericão, como se as ervas fossem responsáveis pela confusão.

O coração de Elphame se apertou.

— Pode ser reparada ou precisa ser completamente reconstruída? — Ela tinha esperanças de que a cozinha pudesse ser colocada em funcionamento num espaço de tempo relativamente curto.

— Não será fácil, mas acredito que possa ser reparada. A fundação é forte, e muito dela sobreviveu ao fogo.

Por nenhuma razão explicável, as palavras de Wynne trouxeram lágrimas aos olhos de Elphame. Ela piscou rápido, não querendo que as mulheres interpretassem mal sua reação emocional. Quando ficou segura da voz, disse: — Acho que encontraremos muito disso em nosso novo lar — a fundação é forte, e muito dele sobreviveu.

As mulheres deram pequenas exclamações de concordância, e Elphame sentiu os olhos lacrimejarem novamente.

— El! Já está pronta para os homens? — A voz de Cuchulainn estrondou às costas delas, fazendo as mulheres pularem.

Para variar, Elphame ficou contente pela distração do irmão e secou rapidamente os olhos.

Cuchulainn estava ocupado exibindo seus dentes brancos para notar a súbita demonstração de emoção da irmã.

Ele piscou para Wynne, que tentava espanar apressadamente o manjericão esmagado e a terra da saia.

— Quando contei aos homens que damas adoráveis estariam nos auxiliando, tive muitos voluntários dispostos.

— Sim, sim, sim, Cuchulainn, fazemos ideia. — Elphame lhe fez cara feia. Ao menos ele era consistentemente incorrigível. — Estamos quase prontas para eles. Mas primeiro temos que realizar a

cerimônia de limpeza.

— Cerimônia de limpeza?

Elphame deu uma olhada presunçosa no irmão. Agora que mencionou magia, ela tinha sua total atenção.

— Isso mesmo. Nossa nova curandeira pensou que uma cerimônia de limpeza e proteção ritual seria uma boa ideia antes de começarmos a trabalhar no interior do castelo. Eu concordo com ela.

Foi a vez de Cuchulainn fazer cara feia.

— É uma simples cerimônia de limpeza, Cuchulainn. Ninguém lançará feitiços ou invocará qualquer guia espiritual. — El piscou para ele, que resmungou uma resposta ininteligível. — Deixe-me apresentá-lo à nossa curandeira... — Sua voz morreu. Um momento antes Brenna estava parada ao lado dela, mas agora seu lugar estava vazio. Os olhos de El logo vasculharam o grupo de mulheres e perceberam o cabelo escuro de Brenna. Mais uma vez, ela tinha se misturado silenciosamente ao final do grupo.

Elphame queria gemer de frustração. Se era para ser a curandeira, ela teria que parar de se esconder sempre que um homem se aproximasse. O que Brenna pensava, que o irmão fugiria dela ou que gritaria de horror? Então El se lembrou da expressão nos olhos da moça quando ela disse que precisava de um novo começo. Talvez essa fosse a exata reação que ela esperava, especialmente de um homem bonito. Bom, Brenna não conhecia Cuchulainn como ela. Talvez ele fosse um paquerador incorrigível, mas era um homem bom com um coração gentil. Nunca magoaria uma mulher de propósito.

— Brenna — chamou. — Gostaria de que conhecesse meu irmão.

Lentamente, a curandeira saiu de trás do grupo. A cabeça estava curvada novamente, e ela não a ergueu até estar ao lado de Elphame. Então, com um suspiro, ela levantou a cabeça. Elphame estava observando o irmão e viu sua expressão desafinar à primeira vista das cicatrizes horrendas da jovem, mas ele não se encolheu de medo nem afastou o olhar.

— Cuchulainn, esta é nossa nova curandeira, Brenna.

— Prazer em conhecê-la, Lady Brenna — disse Cuchulainn, curvando a cabeça com cortesia.

— Achei que vocês dois deveriam ser apresentados. Já contei a Brenna como você é propenso a acidentes — disse Elphame, sorrindo calorosamente para Brenna, que parecia totalmente entretida no estudo dos próprios pés.

— Ficarei contente em ajudar sempre que for necessário — disse Brenna. A voz mal passava de um sussurro, e Elphame teve que se esforçar para ouvi-la.

— Como eu disse antes, foi ideia de Brenna realizar uma cerimônia de limpeza. — Os olhos de Elphame varreram o pequeno grupo de mulheres, incluindo-as em suas palavras. — E nós achamos isso uma excelente ideia.

As mulheres falaram alto, tagarelando em concordância com Elphame, mas ela notou que o irmão ainda olhava com atenção para Brenna.

— Você é xamã, Brenna? — perguntou Cuchulainn de supetão.

Com relutância, Brenna ergueu os olhos e encarou o belo guerreiro.

— Não, Cuchulainn, não sou — disse ela, com a mesma voz sussurrante. — Mas tenho algum conhecimento do mundo espiritual e estou familiarizada com os rituais que evocam sua bênção.

— Bom. Acho prudente chamarmos o reino espiritual para auxiliar minha irmã na restauração do Castelo MacCallan — disse ele com seriedade.

Elphame piscou de surpresa. O que ele estava dizendo? Cuchulainn odiava qualquer menção ao mundo espiritual — sempre o deixava desconfortável. Ela estreitou os olhos para o irmão.

— Cuchulainn, está se sentindo bem?

Antes que ele pudesse responder, Meara e seu grupo de mulheres irromperam pela entrada. Os braços e saias estavam ensopados, mas elas carregavam dois vasilhames limpinhos que reluziam com a água. Quando elas viram Cuchulainn, pararam e se curvaram em rápidas medidas, dando risadinhas quando a água respingou no chão.

Cuchulainn sorriu para as mulheres.

— Como não poderia estar bem, cercado por rostos tão formosos?

Agora ele soava como ele mesmo. Elphame meneou a cabeça e o mandou ficar calado, mas fez uma nota mental de mais tarde perguntar a ele sobre esse súbito desejo por apoio espiritual.

— Pode ir agora, Cuchulainn. — Ela o dispensou antes de se voltar para a curandeira. — Brenna, o que precisamos fazer?

— Pegar o manjericão e esmagá-lo na água. — Enquanto explicava a cerimônia, a voz se transformou do tom de sussurro hesitante com que falara com Cuchulainn para a voz clara e confiante da curandeira que Elphame estava já começando a respeitar. — Cada mulher deve tomar parte nisso. Cada uma de vocês deve pegar algumas folhas de manjericão, espremê-las na água e, enquanto fazem isso, se concentrar em todas as coisas maravilhosas que gostariam de ter em seu novo lar.

Brenna acenou para Meara, que estava parada perto dos vasilhames. Um pouco nervosa, a governanta pegou um ramo de manjericão, depois inclinou-se e o afundou na água fresca e fria, esmagando as folhas cor de lima e mexendo suavemente a água.

— Bom — encorajou Brenna.

— É agradável e fresco, e o cheiro é delicioso — contou Meara às outras mulheres. Sem mais hesitação, Wynne, Ada e Colleen pegaram pedaços das ervas, e logo o balde e o pote estavam rodeados de mulheres sorridentes com água tingida de verde até os cotovelos.

— Fechem os olhos — disse-lhes Brenna —, pensem nos sonhos para seu novo lar — suas esperanças e desejos para o futuro — pensem no que desejam... No que anseiam.

Em conjunto, elas fecharam os olhos e Elphame observou os rostos das mulheres ficarem sonhadores. Sorrisos satisfeitos contorciam-lhes os lábios.

— Devemos nos juntar a elas, minha senhora — disse Brenna.

Elphame assentiu, então ela e a curandeira escolheram cada uma um ramo de manjericão. Elphame se aproximou do pote, que já estava atulhado de mulheres concentradas. Espremeu-se entre Meara e Caitlin. Ninguém se assustou ou encolheu-se por estar tão próximo a ela. As mulheres estavam tão absortas em seus pensamentos que ninguém nem pareceu notá-la. Era bom, pensou ela, muito bom sentir-se como qualquer outra pessoa — mesmo que fosse por pouco tempo. Elphame fechou os olhos e enfiou a mão na água, esmagando o manjericão contra as palmas.

E imediatamente ela pôde ouvir os desejos silenciosos das mulheres ao redor. Era como se a água fosse um condutor para seus pensamentos e sonhos, e todos desaguassem em Elphame. Ela conteve o fôlego, saboreando cada desejo que lhe afluía.

Por favor, traga felicidade ao meu lar... Conceda-me a alegria de um bom marido... Mais do que tudo, quero filhos... Por favor, nunca me deixe sentir fome... Quero sempre ter segurança... Quero ser aceita pelo que sou...

Os apelos inundaram Elphame numa torrente de emoções, que foram guardadas com carinho pertinho do coração. Depois ela acrescentou seu próprio desejo, e quase sem perceber seus pensamentos mudaram do constante apelo para se encaixar e ser normal. Pela primeira vez, o principal desejo de seu coração não estava focado somente nela.

Por favor, permita que todos que entrarem no Castelo MacCallan encontrem nele um refúgio seguro e ajude-me a ser uma líder sábia e compreensiva.

— Agora o resto da cerimônia deve ser realizado por você, deusa — disse Brenna. Sua voz confiante reverberou pelo grupo de mulheres, quebrando o encanto de pensamentos que Elphame estava absorvendo. Elas abriram os olhos, piscando como se para se reorientarem após despertarem de sonhos prazerosos, depois se levantaram, limpando as mãos salpicadas de verde nas saias e olhando cheias de expectativa para Elphame.

Ela sentiu um horrível tremor de apreensão. Presumira que Brenna as guiaria na cerimônia, assim como nos preparativos. El nunca realizara qualquer tipo de magia ritualística. Mesmo durante sua formação no Templo da Musa, tinha evitado o treinamento que envolvia encantamento e a invocação de qualquer divindade. Sabia que as outras estudantes tinham fofocado entre si sobre a estranha evasão e que todas presumiram que era por ela ser tão poderosa que não precisaria de orientação mortal quando se comunicava com o reino espiritual. As pessoas esperavam que ela sucedesse a mãe como Escolhida de Epona — que ela, assim como a mãe e a avó, reinasse como líder espiritual de Partholon. Só de pensar, Elphame ficava doente, porque, infelizmente, a verdade estava longe do que elas acreditavam. Apesar de ansiar por isso, nunca sentira qualquer impulso mágico — nem de espíritos, nem de deuses e muito menos de Epona. De nada lhe valia estudar magia. Ela não possuía qualquer magia além de suas anormalidades físicas.

Até entrar no Castelo MacCallan e os espíritos das pedras a receberem, corrigiu-se. As coisas eram diferentes ali. O Castelo MacCallan era um novo começo para todos. Isso não significava que seria forçada a aceitar o manto de sua mãe; significava que ela tinha finalmente encontrado seu lugar. Deixando de lado as inseguranças que a assombraram por anos, buscou os olhos de Brenna.

— O que devo fazer? — perguntou Elphame.

— Precisamos carregar as vasilhas para a entrada do castelo — explicou Brenna, e a tarefa foi rapidamente cumprida. Ela posicionou as vasilhas no buraco recentemente limpo nos amplos muros e pediu que Elphame ficasse entre elas, virada para fora. As outras mulheres deveriam ficar do lado de fora da entrada. — Agora você deve chamar cada um dos quatro elementos por vez — ar, fogo, água e terra. Peça que limpem esse castelo e o encham de proteção, enquanto joga a água aromatizada com a erva para cada uma das quatro direções correspondentes. Não há palavras certas a recitar, fale o que vier ao coração. Nós a acompanharemos, deusa. — Assim dizendo, Brenna deu as costas para Elphame e indicou que o resto das mulheres fizesse o mesmo. Todas estavam voltadas para o leste.

Leste... Elphame pensou freneticamente. O leste era a direção inicial de todo encantamento e toda formação de círculo. Seu elemento era o ar — sabia disso tanto quanto qualquer criancinha partholoniana. E o leste era a direção para a qual o castelo estava voltado. Ela respirou fundo ao perceber o fato. Devia ser um bom presságio.

Fechou os olhos, acalmou os pensamentos e fez uma oração sincera à verdadeira Deusa: *Epona, se puder me ouvir, não peço que fale comigo como faz com minha mãe — não espero isso. Só peço que me ajude a não desapontar essas mulheres e que me ajude a honrar os espíritos que só hoje comecei a sentir. Por favor, ofereça-me as palavras certas para a bênção de proteção de nosso novo lar.*

Conseguiria fazer isso, prometeu a si mesma quando abriu os olhos e se curvou para apanhar o primeiro punhado de água cheia de ervas.

Olhando para o leste, ergueu as mãos diante de si e deixou a água perfumada e cor de grama escorrer por seus dedos.

— Eu o convido, Poder do Ar, a testemunhar este rito. Você é o elemento que encontramos ao nascer quando começamos a respirar. Peço que preencha o Castelo MacCallan ao ser renascido e disperse dele qualquer força negativa. Sobre dentro destes muros proteção e paz.

De repente uma brisa despenteou os longos cabelos de Elphame. Girou brincalhona ao redor dela, apanhando as gotas de água que caíam e fazendo-as parecer dançar no vento, claramente mostrando a Elphame que suas palavras foram ouvidas e aceitas. Ela respondeu com um sorriso cheio de alegre espanto.

Depois que o vento morreu, ela respirou fundo e virou para a direita para ficar voltada para o sul — a direção do elemento fogo. O grupo de mulheres a acompanhou, virando para o sul também. Ela apanhou outro punhado de água e a estendeu diante de si.

— Eu o convido, Poder do Fogo, a testemunhar este rito. É de você que recebemos calor, luz e energia. Sua força já purificou o Castelo MacCallan. Peço que continue a guardá-lo agora que fazemos dele nosso novo lar.

Conforme falava, ela sentiu os raios de sol brilharem sobre ela, e era como se o calor magicamente ampliado alcançasse sua própria alma.

Elphame e as mulheres giraram para a direita novamente. Ela encheu as mãos de água.

— Eu o convido, Poder da Água, a testemunhar este rito. Você está presente em nossos corpos na forma de lágrimas, leite e sangue. Você nos preenche e sustenta. Lave o Castelo MacCallan das dores do passado distante. Limpe e guarde-o com a alegria do presente enquanto se conservar, sempre vigilante, às suas margens.

O som das ondas distantes quebrando no penhasco subitamente elevou-se e ecoou com intensidade ensurdecadora pelos muros do castelo.

Quando o som retrocedeu, Elphame girou outra vez, voltando-se para o norte e o elemento terra, completando o círculo.

— Eu o convido, Poder da Terra, a testemunhar este rito. Você nos estabiliza e abriga. Sentimos seu espírito nas próprias pedras deste castelo. Peço que use seu vasto poder para rejeitar qualquer energia negativa persistente, e que proteja o Castelo MacCallan com a força da nova vindima aliada à antiga sabedoria.

A grama sobre a qual estavam farfalhou como se tivesse acabado de ser acariciada por uma mão gigante, e o ar ao redor delas se encheu da rica fragrância de uma colheita generosa.

Depois, por impulso, Elphame se curvou mais uma vez. Abaulou as mãos e, enquanto atirava a água bem alto no ar, disse numa voz clara e jubilosa: — E a convido, Epona, a testemunhar este rito e presentear o Castelo MacCallan, nosso novo lar, com sua bênção e proteção.

As gotículas de água explodiram ao redor de Elphame como estrelas líquidas, e as mulheres irromperam em aclamações.

— Venham! — gritou Brenna, correndo até uma das vasilhas de água com manjerição. Ela afundou as mãos e exibiu seu sorriso torto para as mulheres. — Vamos batizar nosso novo lar. — Assim dizendo, ela jogou um punhado d'água, que pareceu chover sobre as antigas pedras. Logo todas as mulheres estavam rindo e gritando de alegria à medida que a água levemente perfumada lavou alegremente seus últimos temores.

Escondido no pequeno bosque próximo à entrada do castelo, Cuchulainn observava as mulheres. O ritual de limpeza fora poderoso — isso era fácil de ver. Mal podia acreditar que sua irmã havia falado

aquelas palavras e invocado uma resposta tão óbvia dos elementos. Mas precisava acreditar; ele havia nascido testemunha disso. E o poder dentro dele — o poder que constantemente precisava represar para controlar — pulou em resposta ao rito mágico que claramente fora impregnado pela bênção de Epona. Ele sentira a limpeza, e também as paredes invisíveis de proteção que Elphame subitamente ergueu num círculo mágico que circundava o Castelo MacCallan.

Pensou talvez estar sentindo o resíduo psíquico da raiva de Epona com os invasores fomorianos. Mais de um século atrás, a guerra começara com o massacre do clã MacCallan, um ato que deixou Epona tão enfurecida que a Escolhida da Deusa reagrupara o povo de Partholon. Centauros e humanos se uniram para derrotar a horda demoníaca. Seria por isso que Epona havia tocado o ritual da irmã? Para mostrar a aprovação da Deusa à reconstrução do Castelo MacCallan? Seria simples assim?

Não. Sabia que havia mais coisa — algo mais estivera presente durante o ritual da irmã. E por mais que tentasse, ele não conseguia compreender o que era. Era fugaz, mas sabia o que lhe recordava. Era como o pressentimento que experimentara durante sua visão do consorte de Elphame. Era sombrio. Estava aguardando. E estava ali.

Cuchulainn estava ali também e protegeria a irmã do mal. Mesmo que esse mal viesse do homem cujo destino era amá-la.

Sua mão repousou na *claymore*, e o rosto parecia implacável ao dar as costas às mulheres e ao castelo. Sempre vigilante, seus olhos de guerreiro vasculharam a floresta que os rodeava, procurando a fonte daquilo que ele temia ser capaz de destroçar o coração da irmã.

Sete

ELPHAME ACHAVA QUE elas cheiravam como um jardim repleto de manjerição depois de uma chuva de primavera. Prendeu uma mecha úmida de cabelo por trás da orelha, mas não antes de retirar uma folha esmagada dele, e sorriu consigo mesma. As mulheres — assim como o castelo — haviam sido limpas. Fora um bom intervalo, e um ritual maravilhoso. Elphame fitou o céu. O sol parecia estar baixando terrivelmente rápido. Ela conteve um suspiro frustrado. Ficaria contente quando as lareiras estivessem cheias com fogo queimando vivamente, e o anoitecer sinalizaria o acendimento dos tições do castelo — então o cair da noite não colocaria fim ao trabalho. Mas certamente colocaria agora. Rapidamente estabeleceu as prioridades em sua mente. A cozinha precisava de cuidados, isso deveria vir primeiro.

Então veio-lhe um pensamento trivial. *Limpe o pátio principal. Deixe que o coração do castelo bata novamente.* Elphame sentiu um pequeno sobressalto de surpresa. Aquilo fora seu próprio pensamento? Não, *pensamento* não era a palavra certa. Seu súbito desejo de limpar o pátio mais se parecia com uma compulsão que batia em compasso com seu sangue.

— Minha senhora? Qual é nossa próxima tarefa?

Elphame interrompeu suas reflexões e sorriu para Brenna, satisfeita porque a curandeira parara de chamá-la de deusa. Acenou para que as mulheres se juntassem ao seu redor. Procurou e encontrou Wynne.

— Vamos colocar a cozinha em ordem. Reconstruir um lar dá fome.

O sorriso de Wynne foi uma brilhante concordância.

— Sei exatamente onde ela está.

Elphame, claro, também sabia onde a cozinha estava localizada. Vira-a na rápida caminhada que fizera com o irmão e o artífice, mas estava contente por dar à nova cozinheira o prazer de guiá-las ao que seria seu território pessoal.

— Mostre-nos — disse Elphame.

E as mulheres simplesmente entraram juntas no castelo. Sem hesitação. Sem apreensão. Sem risadas

nervosas. Era como se o ar estivesse limpo de teias emocionais do passado — agora tudo que restava fazer era limpar os resíduos físicos para que o futuro pudesse começar.

Elphame sabia que Cuchulainn lhe diria que estava sendo uma tola idealista, mas estava tão feliz que era como se seu coração fosse explodir.

As mulheres entraram no pátio principal em grupo, e de repente a conversa afável foi silenciada. A grande coluna central do clã MacCallan jazia silenciosa e assombrosa, alongando-se numa altura majestosa bem acima de suas cabeças. Elphame deixou o grupo e se aproximou dela. Ainda podia sentir o calor fantasmagórico de sua comunicação com os espíritos da pedra nas palmas das mãos. Mas dessa vez não pousou as mãos na superfície de granito, apenas encarou o grupo de mulheres.

— Esta é a coluna central do Castelo MacCallan — explicou ela. — Sempre se lembrem de que este já foi o lar do honradíssimo clã MacCallan. Eles eram guerreiros, mas também eram poetas e artistas. Muitas das Escolhidas de Epona possuíam sangue MacCallan pulsando nas veias. Eles reverenciavam a beleza e a verdade, por isso Epona demonstrou tamanha fúria por seu massacre. — Ela apontou para a extensão da coluna. — Se olharem de perto, poderão ver que debaixo das camadas de sujeira e fuligem ela é decorada com símbolos que eram importantes para os MacCallan. Criaturas e plantas da floresta vizinha, além do símbolo do clã, a égua empinada, foram intrincadamente esculpidos dentro do padrão circular interligado.

Várias das mulheres assentiram e se aproximaram, espiando com visível curiosidade o poderoso pilar.

— Isso deve ser limpo para que sua beleza original possa ser vista — disse Meara, com o mesmo tom prático que usara quando ordenou que os vasilhames sujos fossem esfregados.

— Será — assegurou Elphame. — Assim como o pátio inteiro. Olhem para o chão. — Os olhos das mulheres miraram o chão. Sem parar para considerar que poderia estava chamando atenção indesejada para seu corpo singular, esfregou um dos cascos impetuosos, abrindo uma pequena trincheira na terra que cobria o chão. — Vejam — disse ela com um sorriso satisfeito. — Por baixo de toda essa sujeira há uma camada de puro mármore. Quando estiver limpo, brilhará tanto quanto os corredores perolados do Templo de Epona.

As mulheres falaram em pequenas explosões animadas de conversa enquanto estudavam o tesouro escondido que existia abaixo delas.

O coração do castelo... Os pensamentos de Elphame continuavam voltando às palavras que pareceram reverberar por seu corpo. A reação das mulheres mostrava que elas também estavam comovidas. Ele deveria reviver. *Logo*, prometeu a si mesma e à coluna marcada pelo tempo.

— Leve-nos à sua nova cozinha, Wynne — pediu Elphame.

A cozinheira corou de prazer antes de sair determinada do pátio por outra entrada arqueada vazia que as levou a um cômodo enorme. Lá as mulheres pararam.

No Grande Salão, o teto fora construído na mesma pedra cinzenta fosca dos muros do castelo, então o fogo não pôde consumi-lo, mas as paredes estavam enegrecidas e o imenso cômodo parecia sombrio e triste. Montes de madeira queimada atestavam o fato de que, há muito tempo, fileiras de mesas de madeira pesada ficavam alinhadas diante da imensa estrutura arruinada, que antes fora uma parede de janelas que deixavam os ocupantes do castelo fazerem suas refeições ou estabelecerem a corte com vista para o austero pátio principal do castelo.

Agora tudo o que restava eram destroços, mas Elphame ainda podia enxergar os ossos sólidos do castelo através do que o tempo havia encoberto — e podia dizer pelo brilho nos olhos de muitas das mulheres que elas também compreendiam o potencial dali.

— Existem duas entradas para a cozinha a partir do Grande Salão. — A voz de Wynne dizia que ela estava mais do que pronta para trabalhar. — Uma ali, e outra lá. — Ela apontou para pequenas entradas arcadas em lados opostos da parede distante. Falava enquanto caminhava em direção a uma das entradas: — São ligadas por um longo corredor, que abre para a cozinha. — Ela olhou para as três assistentes. — Devemos designar uma porta para ser sempre usada como entrada, e uma como saída. Haverá menos acidentes assim.

As assistentes assentiram numa reação atenta. Elphame teve que se impedir de gritar de alívio. Elas estavam começando a vê-lo como um castelo habitável e funcional também!

Como a cozinha era parte do Grande Salão, seu teto de pedra ainda estava intacto também. Mas, como no resto do castelo, o cômodo estava em ruínas. Elphame ouviu o farfalhar característico de pássaros e a corrida de outras criaturas pequenas, e supôs que toda uma tribo de animais tinha estabelecido residência no que costumavam ser as duas enormes lareiras da cozinha. Fogões de tijolos alinhavam-se numa parede e, enquanto Wynne espiava uma delas, um esquilo pulou e correu num pânico ruidoso, fazendo a cozinheira conter um berro, que se transformou numa risada.

— Ele provavelmente pensou que eu era um pedaço muito grande de manjerição molhado — disse, e o resto das mulheres riu com ela.

A parede restante guardava uma bacia grande e uma bomba enferrujada através da qual a água fresca ficava disponível. A cada lado da bomba, armários de pedra arreganhavam suas bocas entupidas de escombros. No centro do cômodo existia uma grande ilha de mármore na qual havia pilhas de folhas e resíduos de aparência suspeita.

— Bom, minha irmã, o que temos para jantar? — A voz de Cuchlainn falou ao ouvido dela.

Elphame pulou e bateu nele.

— Sua pele, caso me assuste assim novamente!

— A pele dele seria dura demais para mastigar, deusa — veio uma resposta da multidão de homens que aguardava com ansiedade às costas dele.

— Ah, tiveram pouco tempo, mas já parecem conhecê-lo muito bem — satirizou ela.

Cuchlainn ergueu as mãos numa rendição zombeteira.

— Vim em paz!

— Espero que tenha vindo trabalhar — retrucou Elphame com certa aspereza.

— Isso também — respondeu ele. — Ordene, minha senhora, e sua vontade será atendida. — Ele se curvou dramaticamente, assim como os homens atrás dele, o que fez a irmã sorrir.

— Na verdade, não sou eu que estou no comando nesse cômodo em particular. É nossa cozinheira.

Os olhos de Cuchlainn brilharam ao mudar a direção de sua reverência para encarar a ruiva Wynne de seios fartos. Elphame notou que vários dos outros homens deram à jovem cozinheira olhares apreciativos também.

As faces atraentemente coradas de Wynne eram o único sinal aparente que ela exibiu de que a atenção a agradava. Endireitando os ombros e plantando as mãos com firmeza nos quadris talhados, ela se lançou numa arenga de ordens em seu sotaque vibrante: — Vocês, homens, podem começar limpando as lareiras e os fogões. Vários de vocês terão que subir no telhado para garantir que as chaminés estejam desentupidas e reparar qualquer pedra que tenha ficado solta. Também preciso dessa bomba funcionando, depois precisarei de baldes, sabão, trapos e coisas do tipo para a limpeza geral. — O cômodo irrompeu em ação.

Elphame logo saiu do caminho.

— É bom que os centauros tenham limpado a estrada para o castelo e as carroças de suprimentos tenham passado. Eu não gostaria de dizer à sua bela cozinheira que os suprimentos de limpeza estavam encalhados na floresta. — Cuchulainn se juntara à irmã na observação no canto do cômodo.

— Ela pode ser bela, mas acho que deve ser um bocado enérgica — opinou El.

— Ruivas... São uma tentação — observou Cuchulainn com a voz da experiência.

— Venha, Cuchulainn — disse ela, agarrando-lhe a mão. — Quero que me ajude.

— Para onde estamos indo?

— Ao pátio principal. Algo me diz que é importante restaurá-lo o quanto antes.

Conforme começavam a deixar o cômodo, Elphame notou o súbito silêncio. Olhou para trás e viu que a atividade cessara e que todos olhavam para ela.

— Continuem — disse, apressada. — Meu irmão e eu começaremos a limpar o pátio. — Antes que pudesse começar a se afastar, a voz de Brenna a deteve: — Posso acompanhá-la, minha senhora?

A curandeira saíra de uma área sombreada no canto mais distante da cozinha, e Elphame viu vários dos homens se encolherem e desviarem o olhar do rosto dela.

— Claro que pode, Brenna — respondeu rapidamente.

— Eu também lhe dou as boas-vindas — disse Cuchulainn. — Como minha irmã já observou, geralmente necessito dos serviços de uma curandeira habilidosa.

Elphame sentiu um ímpeto de carinho pelo irmão. Suas palavras fizeram os homens reavaliarem a mulher deformada ao demonstrar que ele, assim como a irmã, a estimavam e respeitavam.

Brenna não respondeu, apenas curvou a cabeça para que o cabelo escondesse a maior parte do rosto, e os seguiu depressa para fora da cozinha.

— El, você precisar medir essas molduras e depois encomendar janelas novas — observou Cuchulainn enquanto caminhavam de volta pelo Grande Salão. — A não ser que prefira reconstruir essa parede sem o vidro.

— Não, gosto da ideia de olhar para o pátio. Imagino que costumava ser uma vista espetacular.

Os três pararam à margem do pátio principal. Podiam olhar para cima pelo teto queimado e ver que a noite rapidamente se aproximava e que o céu estava mudando de azul brilhante para tons de laranja e violeta. A beleza acima deles era um grande contraste com a ruína abaixo. Troncos de árvores e sujeira cobriam o piso de mármore. Montes de vigas chamuscadas e apodrecidas do teto entulhavam a área, especialmente o centro. Enquanto estava parada ali, os olhos de Elphame foram atraídos para a área central. Uma lembrança se agitou. Algo sobre o pátio central do castelo...

— Cuchulainn, Brenna, vamos ver se podemos limpar um pouco daquelas vigas velhas naquela área central. — Sem esperar por resposta, correu para a maior pilha de destroços e começou a trabalhar. Logo Elphame removeu um pedaço de madeira particularmente grande e a beira de uma bacia apareceu debaixo dela, parecendo a borda de uma tigela gigante suja que fora descartada há um século.

— Sim! Sabia que havia algo debaixo de toda essa bagunça — disse Elphame com satisfação.

Eles redobraram os esforços até que, erguendo-se em meio à podridão e à ruína, uma delicada estátua tomou forma. Era uma adolescente em tamanho real. Estava de pé no meio da bacia, segurando um grande vaso que estava inclinado como se ela derramasse libações dele.

— É uma fonte! — exclamou Brenna.

— Olhe para ela, El, há algo nela... — disse Cuchulainn, pisando dentro da bacia para olhar mais de perto. Com uma dobra do *kilt*, ele esfregou o rosto da estátua até expor uma pequena área de mármore leitoso que parecia luminoso e fantasmagórico. Então respirou fundo devido à surpresa. — Ela se parece

com você.

Oito

ELPHAME FITOU A estátua. Parecia mesmo com ela. As duas compartilhavam as mesmas maçãs altas, lábios cheios e sobrancelhas finas e arqueadas.

— Rhiannon — disse Brenna de repente. — Esta fonte deve ser uma estátua de Rhiannon quando era moça. Agora me lembro. Antes de se tornar a Deusa Encarnada de Epona, ela vivia aqui, pois era filha única d'O MacCallan, e foi...

— Minha ancestral — Elphame terminou por ela.

— Ela também foi uma grande guerreira — disse Cuchulainn, ainda estudando a estátua com cuidado. — Foi através de sua liderança que os fomorianos foram derrotados e exilados de Partholon.

— Não nos esqueçamos de que Rhiannon teve uma ajudinha de seu consorte, o Sumo Xamã centauro, ClanFintan.

Elphame olhou ao redor em surpresa, tentando localizar a dona da forte voz feminina que cruzou o pátio. Da sombra comprida da coluna central surgiu a forma graciosa de uma centaura. Elphame não pôde conter o arfar de surpresa. A centaura devia ser uma caçadora para ser capaz de se aproximar deles tão silenciosamente; Cuchulainn nem mesmo notou seu avanço. A ideia disparou uma torrente de prazer por Elphame. Uma caçadora centaura se juntara a eles!

— Está certa por me corrigir, caçadora — disse Elphame formalmente. — Meu pai teria feito o mesmo.

— Não quis corrigi-la, deusa, apenas lembrá-la.

À medida que ela se aproximava da poça de luz que iluminava a área ao redor da fonte, Elphame ficou pasma com sua beleza. A parte equina do corpo era um elegante palomino, variando do creme para um loiro tão claro que a centaura quase parecia ser prateada, fazendo El de repente recordar-se do pelo reluzente da Égua Escolhida de Epona. Nunca vira um centauro de coloração tão espetacular. Mesmo os cascos eram de uma tonalidade única de branco. A parte humana de seu corpo era tão adorável quanto. O cabelo combinava com o pelo e escorria pelas costas numa grossa onda branca. A pele era de alabastro, e ela estava com o tradicional colete de couro dos centauros semiaberto, pelo qual

se podia vislumbrar os seios fartos e arredondados. Seu rosto era um modelo de clássica perfeição. Elphame encontrou-lhe os olhos, que possuíam uma espantosa tonalidade de lavanda.

A centaura parou diante dela e executou uma reverência profunda e graciosa.

— Vim oferecer meus serviços como caçadora a você, Deusa Elphame, e ao Castelo MacCallan. Sou Brighid Dhianna.

— Você é da Manada Dhianna — disse Cuchulainn. A voz estava incomumente rígida e a expressão implacável.

— Sou daquela manada. Não sou daquela propensão.

E suas palavras de repente fizeram sentido para Elphame. Havia uma facção crescente de centauros que desdenhava o contato com humanos. Raramente deixavam a planície dos Centauros e consideravam centauros que escolhiam viver com as comunidades humanas como sendo pouco melhores que animais domesticados. Lembrou-se dos pais discutindo as ramificações do crescimento de tamanha crença excludente e do desgosto com que seu pai centauro via a ideologia segregacionista. Também se lembrou de ele ter mencionado uma manada particularmente militante de nome Dhianna, cuja poderosa líder xamã estava instigando uma quantidade perturbadora de apoio para sua ideologia, o que explicava a expressão implacável de Cuchulainn.

— Brighid Dhianna, se é um novo começo o que procura, então lhe dou as boas-vindas ao Castelo MacCallan, um lugar para novos começos — disse Elphame solenemente.

A caçadora encontrou-lhe os olhos com um olhar forte e direto.

— Sim, deusa, estou em busca de um novo começo.

— Bom, então pode começar me chamando de Elphame — disse rapidamente. — Este guerreiro de aparência severa é meu irmão, Cuchulainn. — Cuchulainn assentiu com frieza para a caçadora. — E esta é nossa nova curandeira, Brenna. — Elphame ficou contente por notar que Brighid não se abalou quando Brenna ergueu o rosto desfigurado ao ser apresentada. — Pegue um tronco, Brighid. Está ficando tarde e gostaria de descobrir a fonte antes de perdermos toda a nossa luz.

Elphame voltou para a pilha de destroços, ignorando os olhares de suspeita trocados entre o irmão e a caçadora.

— Basta, El! Pode retomar daqui amanhã. Todos já deixaram a cozinha — até sua cozinheira tirânica e as harpias dela estão voltando para Loth Tor para uma refeição quente e uma cama macia — disse Cuchulainn, exasperado com o estoque ilimitado de energia da irmã.

Ele e a caçadora tinham acabado de arrastar uma padiola carregada de vigas do pátio para a crescente pilha fora dos muros do castelo. E retornara para encontrar a irmã e Brenna largando os baldes e se preparando para partir? Não... Sua obstinada irmã estava enchendo outra padiola com lixo, dessa vez do lado de trás da bacia.

— Cuchulainn — disse ela, mal olhando para ele. — Por que não vai na frente? Só vou carregar esta última padiola e estarei a caminho. — Ela olhou pelo teto aberto para o céu que agora guardava uma pálida luz malva refletida do sol poente.

— Não. Todos os outros já foram. Não quero você viajando sozinha pela floresta.

— Oh, por favor. As pessoas têm ido e voltado de Loth Tor o dia inteiro. Ficaria surpresa caso um esquilo sequer tenha desejado ficar com tamanho barulho.

— E ela não estará sozinha. Eu retornarei com ela — disse a caçadora.

— E eu — acrescentou Brenna.

Elphame ergueu uma das sobancelhas para o irmão.

— Convencido de que não estarei sozinha?

— Hrumph — resmungou ele. Depois acrescentou com firmeza: — Se não estiver na Estalagem da Égua quando a comida for servida, venho arrastá-la. E mantenha isso com você. — Ele desafivelou um cinto fino da cintura. Atada a ele estava uma pequena bainha na qual Elphame sabia estar uma de suas letais adagas de arremesso. Ele a atirou para a irmã, que a apanhou com habilidade. — Você sabe que já lhe avisei antes para carregar uma arma. — Ele se virou, resmungando baixinho sobre mulheres teimosas, e saiu a largas passadas do pátio.

— Ei! É com sua segurança que deveria se preocupar caso Wynne o escute chamando suas assistentes de harpias — gritou para as costas dele. — Irmãozinho superpossessivo e chato — disse Elphame com desgosto.

— Ele a ama muito — afirmou Brenna.

— Mas ele é chato — acrescentou Brighid.

— Você ainda não viu o que é chatice. Se eu não estiver de volta à hora esperada, ele virá correndo pela floresta, a *claymore* erguida em prontidão, matando de susto pequenos roedores e passarinhos indefesos.

Brenna começou a rir. Era um som adorável e musical, e logo Brighid e Elphame a imitaram.

Enquanto trabalhavam amigavelmente juntas na limpeza da bacia da fonte, Elphame pensou no quanto era bom ter o pátio cheio com os sons de risadas e vida. Não precisava pressionar a mão contra a coluna central para sentir que a atmosfera do castelo estava mudando. Sentira-se bem-vinda desde o primeiro vislumbre do Castelo MacCallan, mas também precisava admitir que ele fora um lugar lastimável preenchido pela solitária espera. Sua história era rica em tradição e honra, como ela explicara mais cedo às mulheres, mas ele permanecera silencioso e abandonado por mais de um século. O correr de um único dia começara a mudar isso. No próprio ar que as cercava Elphame sentia a vida recém-nascida. Era como se cada respiração sua estivesse impregnada de esperança.

— Acho que basta — disse, limpando as mãos sujas na saia. Olhou para a parte de baixo do próprio corpo.

— Ugh... Estou precisando de banho tanto quanto de comer uma refeição quente.

Brenna assentiu numa rápida concordância enquanto tentava remover algo grudado do braço. Até o pelo lustroso de Brighid estava sujo com marcas de fuligem.

A caçadora agarrou as correias de couro atadas à padiola e as prendeu sobre os ombros para que seu poderoso corpo centauro não tivesse problema para puxar a carga pesada.

— Ao menos vocês duas realmente terão um banho. Posso quase apostar que em Loth Tor não existe um quarto de banho grande o bastante para mim — disse ela enquanto começava a arrastar a padiola do pátio.

Elphame e Brenna ajudaram a equilibrar a pilha de entulho para que nada se perdesse na viagem.

— Nunca pensei nisso antes — disse Brenna, ofegando um pouco enquanto corria para acompanhar as outras duas mulheres mais atléticas. — Seria horrível se todos os quartos de banho fossem pequenos demais para mim — refletiu a miúda curandeira.

— Terrível se você é mulher — disse Brighid. Então sorriu para Brenna. — Se fosse um centauro macho, bem, não se importaria muito.

— Ugh, garotos! — exclamou Elphame, lembrando-se que a mãe costumava ameaçar Cuchulainn e Finegas quando crianças para que entrassem num quarto de banho. — Centauro ou humano, podem

mesmo ser nojentos.

As três mulheres enrugaram o nariz uma para a outra e riram.

— Acreditam no quanto esta pilha cresceu? — disse Elphame quando esvaziaram a padiola no crescente monte de vigas podres e sujeira antiga que estava localizado um pouco adiante dos muros externos do castelo.

— Eu acredito — disse Brenna, parando para esfregar os ombros e girar o pescoço. — Espero que Loth Tor tenha um feitor de hidromel decente; nós precisaremos de algo para ajudar a relaxar nossos músculos essa noite... — ela olhou para a imensa forma do castelo lá atrás — ... E amanhã.

— É isso. — El bateu as mãos com satisfação. — Vamos indo para Loth Tor, para a Estalagem da Égua.

— E jantar — acrescentou Brighid.

— Com certeza — concordou Elphame. Mas só tinham dado poucos passos na estrada quando ela parou e bateu na testa. — Deixei a adaga de Cuchulainn lá dentro. Ele nunca vai parar de falar se eu aparecer sem ela. Esperem aqui, demorarei só um instante. — Arrebanhou os músculos poderosos e disparou estrada acima pela entrada do castelo.

Onde tinha deixado aquela coisa? A luz estava bem pouca agora, e cada pilha de folhas e amontoado de terra poderia passar por um cinto com bainha casualmente esquecido.

— Deveria ter tido mais senso e a prendido na cintura quando ele me deu — murmurou, zangada consigo mesma.

— *É isso o que procura, menina?*

Um calafrio espalhou-se por seu corpo. A voz profunda veio de trás dela; tinha uma qualidade estranha, como se atravessasse uma poça d'água para alcançá-la. Como se num sonho, Elphame se virou.

Ele estava casualmente sentado na beira da bacia que sustentava a fonte. Não teve problema para vê-lo porque seu corpo cintilava suavemente, como luz de velas sobre pérolas. Também podia enxergar com clareza as ruínas no pátio atrás dele, assim como diretamente através de sua forma semissubstancial.

— Oh! — Elphame não tinha percebido que estava segurando a respiração até liberá-la num jorro. Sentiu o corpo começar a tremer quando tentou dizer às pernas dormentes que a levassem para longe dali.

O espectro ergueu uma mão áspera e muito calejada.

— *Fique calma, Elphame, não quero lhe fazer mal.*

Ele falava com uma ponta de brusquidão no sotaque carregado, mas o ar em seus olhos era gentil, e como ela não saiu correndo, ele lhe sorriu.

— *Ali, menina.* — Apontou com a cabeça para o cinto pendurado ao acaso na beira da bacia, não muito longe de onde estava sentado. — *Não é o que procura?*

Elphame estupidamente fez que sim com a cabeça, deu um passo hesitante e apanhou o cinto. — O... — Teve que clarear a garganta e engolir antes que conseguisse falar: — Obrigada.

Ele inclinou a cabeça de maneira galante.

— *O prazer é meu.* — Seu olhar bem-humorado deixou Elphame para repousar na fonte que era a estátua de uma garota. O sorriso do espectro tornou-se pungente. — *Alegra-me que finalmente tenha vindo, Elphame. Nem os mortos podem esperar para sempre.*

— Você me conhece? — A voz dela não parecia querer funcionar, e as palavras não soavam mais do que um sussurro.

— *Sim, menina, conheço você. E que menina bonita e esplêndida também.* — Seus olhos dançaram. — *Olhe*

para você! Uma mistura perfeita dos dois. Você é a escolha certa.

— Para o quê? Quem é você? — A capacidade de raciocínio de El estava começando a se recuperar junto com sua habilidade vocal.

— *Use seu coração e sua intuição, menina. Eles dirão quem sou.*

Elphame respirou fundo e estudou o espectro com cuidado. Ele já tinha passado bastante da meia-idade, mas ainda era uma figura poderosa no traje completo do oeste, com sua camisa de linho de mangas compridas e *kilt* bem drapejado. Mesmo transparente, as cores ousadas de azul-safira e verde-lima produziam um contraste impressionante no tartã. Os olhos dela se arregalaram. Conhecia aquele padrão de xadrez — intimamente. A mãe o vestira por anos sempre que viajava para o oeste. A própria Elphame possuía um. E tinha todo o direito para tanto; o sangue do clã MacCallan corria grosso em suas veias.

— Você é O MacCallan.

O sorriso dele se alargou e ele piscou para Elphame.

— *Sim, menina, sou eu. Agora essa posição é sua.* — Então, com olhar sério, ele levantou-se, executando uma reverência elegante que de repente lhe fez lembrar de Cuchulainn. — *Suas companheiras a procuram, não posso ficar. Em outra hora, menina... Outra hora...*

E desapareceu em nada mais do que uma fina névoa que permaneceu como uma neblina mágica ao redor da fonte.

— Minha senhora! Está tudo bem? — A voz de Brenna fluiu da direção da entrada.

— Sim! — gritou Elphame. Ela passou a mão trêmula pelo rosto. Tinha dito à mãe que não acreditava que nenhum dos espíritos perdidos do Castelo MacCallan lhe faria mal, e falara a verdade. Mas na verdade nunca considerou que realmente existissem espíritos perdidos com os quais lidar. — Certamente nunca pensei em me encontrar com o próprio MacCallan.

— Disse alguma coisa, Elphame? — perguntou Brighid. Seus cascos ecoavam com um ruído abafado no mármore coberto de sujeira, e seu pelo loiro-prateado parecia etéreo na escuridão quando ela entrou no pátio. — Pela Deusa, está escuro aqui! Não é surpresa que estivesse demorando tanto.

— Ficarei contente quando os candeeiros das paredes estiverem consertados e as tochas acesas — disse Brenna, nervosa. Ela era apenas uma silhueta pequena e escura parada ao lado da caçadora.

Elphame sorriu e forçou a voz a soar normal:

— Tem razão, eu estava com dificuldades para encontrar a adaga, mas agora já a peguei, então podemos enfim conseguir aquela refeição quente que estamos saboreando na mente. — Com uma última olhada por cima do ombro para a fonte envolta em neblina, Elphame afastou-se apressada do castelo que escurecia.

Nove

A LUZ FRACA suavizava as margens da estrada recém-aberta através da floresta e a fresca brisa da noite enchia o ar com o doce perfume de árvores floridas, tanto que para Elphame era como se estivessem caminhando por uma pintura aquarelada. Quase que contra a vontade, sentiu-se começando a relaxar. Ali ao ar livre, com Brenna e Brighid conversando amigavelmente sobre os eventos do dia, era difícil acreditar que apenas momentos antes esteve conversando com o espírito do chefe do clã morto há mais de um século. Não que Elphame duvidasse do que tinha testemunhado, era tão somente que por anos nada de ligeiramente mágico lhe acontecera. Até aquela manhã, o reino espiritual lhe estivera morto. Agora os espíritos das pedras e dos mortos conversavam com ela — tudo no decorrer de um dia. Suspeitava que sua mente provavelmente estivesse em choque, razão pela qual ainda era capaz de sorrir e conversar com suas companheiras em vez de estar congelada num lugar e babando. Ela conteve uma risadinha quase histérica. Talvez a baba fosse um pequeno exagero. Ouviu seu nome e assentiu distraída para o comentário que Brenna acabara de fazer.

— Maravilhoso! Viu, Brighid, eu disse que era uma boa ideia.

— Está certa disso, Elphame?

O tom da pergunta da caçadora interrompeu o diálogo interno de El, que voltou ao presente para ver o sorriso torto de Brenna.

— Claro que está. Você já disse que não haveria quarto de banho grande o bastante para você, e olhe, o riacho deve empouçar logo ali. Deve ser de bom tamanho.

Os olhos de Elphame acompanharam o dedo com o qual Brenna apontava. O terreno estava declinando progressivamente, criando uma área rochosa graduada em meio aos pinheiros na floresta circundante. E, como previsto, o riacho que corria ao longo da estrada, que até mesmo a cruzava de quando em quando, caía de um nível para outro numa queda de três cachoeiras. Quando espiaram pela folhagem da floresta, puderam enxergar que uma piscina se formara no último nível antes que a água continuasse a fluir para o outro lado e desaparecesse na floresta. Elphame olhou para a curandeira, tentando não demonstrar seu choque. Brenna queria que elas se banhassem ali? Na piscina? As três?

Nunca tinha se banhado entre estranhos — nunca sequer permitira que as criadas do templo ficassem no quarto de banho com ela. Poderia mesmo se despir na frente das outras duas?

Soava como algo que companheiras fariam. Soava normal.

— Acho que é uma boa ideia — disse Elphame, resoluta.

Antes que mudasse de ideia, saiu da trilha, descendo e circulando rochas, rumando para a piscina. Às costas, escutava Brenna e Brighid seguindo-a ruidosamente. Poderia fazer isso, disse a si mesma. Se queria ser tratada normalmente, precisaria agir normalmente. E mulheres “normais” tomavam banho na frente umas das outras — sabia disso desde a época em que engatinhava para dentro do quarto de banho movimentado da mãe. Sacerdotisas visitantes, além de amigas e conhecidas, em um momento ou outro, todas tinham se juntado à Amada de Epona no luxo de suas fontes minerais. A modéstia de Elphame era a exceção, não a regra, em Partholon.

Ela parou à beira da piscina, esperando por Brenna e Brighid. Era maior do que parecia da estrada. As três cachoeiras produziam um som alegre ao cascadearem como cristal líquido sobre as rochas alisadas pela água.

— Parece bem fundo — disse Brenna.

— Parece frio — disse Brighid.

— Ótimo — disse a curandeira, já abrindo o broche simples que mantinha o vestido de gola alta preso no ombro direito. — Deve ser refrescante depois de um longo e suado dia de trabalho. — Abriu o corpete e livrou-se da parte de cima enquanto começava a desatar os nós que sustinham a saia em estilo *kilt* enrolada com segurança ao redor da cintura esguia.

Elphame não conseguiu desviar o olhar do corpo exposto de Brenna. O lado esquerdo dela era coberto por pele macia e imaculada, mas, como no rosto, o lado direito do corpo revelava uma história diferente. As cicatrizes que desfiguravam aquele lado do rosto não terminavam no pescoço. Desciam, cobrindo o ombro e o topo do seio, tanto que sob a luz da lua ela parecia uma bela e delicada estátua de cera que fora parcialmente derretida.

Brenna ergueu os olhos e olhou da deusa para a caçadora, que a fitavam em silêncio. E a súbita compreensão cruzou-lhe o rosto. Tinha de fato se esquecido por um instante das cicatrizes horríveis. Desviou rapidamente o olhar, fingindo ter problemas para desatar os nós de linho, esperando que sob a luz fraca não pudessem ver suas lágrimas.

— Sinto muito — disse Elphame, baixinho. — Não pretendia ficar olhando.

Ainda sem erguer os olhos, a voz de Brenna soou abafada: — Não precisa se desculpar. Todos olham.

Elphame respirou fundo e abriu os broches que mantinham seu corpete no lugar. Depois desenrolou rapidamente a extensão de tecido da cintura, deixando-o cair no chão da floresta. Curvou-se e puxou o triangulozinho de tecido que cobria suas partes mais íntimas. Totalmente nua, ficou parada para que Brenna e Brighid pudessem estudar cada centímetro de seu corpo exposto.

— Compreendo exatamente o que quer dizer. É por isso que me desculpei.

Brenna ergueu a cabeça e os olhos se arregalaram de surpresa. E pela primeira vez na vida a curandeira não pôde deixar de olhar para outro ser humano. Só que o corpo de Elphame não era humano. Era muito mais. A metade superior do corpo era talhada com uma beleza feminina que qualquer mulher invejaria. A cintura se curvava para abarcar os quadris poderosos que se estreitavam no que pareciam ser as pernas dianteiras de um cavalo bem-estruturado. Da cintura para baixo, ela era coberta por uma luzidia pelagem castanha que brilhava com saúde e juventude. Suas partes mais íntimas eram moldadas, pelo que Brenna podia notar, exatamente como as dela, cobertas por uma camada de

pelos castanho-avermelhados que se enroscavam e enrolavam num triângulo.

O ruído de um sapateado violento irrompeu atrás delas, fazendo as duas mulheres saltarem. À margem da piscina, Brighid batia e batia com seus cascos dianteiros num amontoado de rochas que começavam a espumar e borbulhar.

— Pedra-sabão — explicou ela. — Pensei em fazer algo de útil enquanto vocês duas terminavam de se inspecionar. — Ela se inclinou e filtrou alguns grânulos escorregadios pelos dedos. — Acho que já está bem esmagado. — Brighid desatou o colete e o colocou com cuidado sobre uma rocha seca.

— Por que não está olhando para nós? — perguntou Brenna à caçadora.

— Fui criada para acreditar que todos os humanos são criaturas estranhas e deformadas, então vocês duas me parecem perfeitamente normais — disse, com um sorriso sarcástico, e entrou na água.

— Acho que isso não foi cumprimento, mas a atitude dela foi boa coisa — refletiu Brenna, olhando para a caçadora.

— Sim, certamente — concordou Elphame. Então ela sorriu para a nova amiga. — Terminamos de nos inspecionar?

— Acho que sim, mas eu gostaria de tocar sua penugem — se não se importar — acrescentou depressa.

Elphame ergueu uma perna e a estendeu para a curandeira.

— Não me importo, mas não penso nisso como penugem, vejo mais como se fosse pelo.

Brenna passou um dedo desde o joelho de Elphame até o jarrete, hesitou, e depois tocou a brilhante superfície preta do casco.

— Oh, minha nossa... — ela suspirou. — É tão macio quanto parece. — Depois a parte curandeira de sua mente assumiu. — Sua pele se corta com facilidade ou é mais dura que a de uma perna humana? E como você reage a plantas que fazem a pele inflamar, como hera venenosa ou carvalho?

— Se seu irmão vier à nossa procura e nos encontrar nuas, sei de pelo menos duas de nós que ficarão muito desconfortáveis com isso — avisou Brighid do meio da piscina.

Brenna ficou pálida e olhou rapidamente por cima do ombro na direção da estrada.

— Tem razão. Isso seria horrível.

— Estamos indo — disse Elphame. — Pode me interrogar depois.

— Eu o farei. — Brenna sorriu.

— Traga um pouco de pedra-sabão — gritou Brighid.

Brenna logo se ajoelhou e apanhou bocados de pedra áspera e espumante. Respirando fundo, arriscou-se na piscina. Deslizou nas rochas lisas e escorregadias perto da margem e caiu de costas, ofegando com o choque da água fria que de repente cobriu seu corpo.

Elphame sorriu, agitando com hesitação a água com a ponta de um casco.

— Ainda acha que é uma boa ideia?

Com os dentes já batendo, Brenna assentiu com entusiasmo.

— Não é tão ruim depois que se acostuma.

— Não se preocupe. Essa camada de pelo vai protegê-la — disse Brighid. Depois os lábios se ergueram e ela acrescentou: — Ao menos uma parte sua.

— Isso não é muito tranquilizador — disse Elphame. Mas não pôde deixar de sorrir. Estavam provocando uma à outra como se fossem conhecidas de longa data. Ela tinha amigas.

— Não se preocupem, estou indo...

Mas antes que pisasse na piscina, ela parou. Sentiu algo desconfortável ao longo da nuca. Era uma

sensação muito familiar para Elphame — a sensação arrepiante e ofegante de ser observada. Usando o pretexto de arrumar sua pilha de roupas, seus olhos astutos vasculharam a floresta ao redor. Não notou nada incomum. As árvores eram só árvores e não pareciam abrigar nada mais maligno do que passarinhos gorjeantes.

Mesmo assim, ela sentia uma pontada na nuca.

Sua imaginação provavelmente estava trabalhando demais, o que era compreensível considerando tudo que tinha experimentado naquele dia.

— Sabe que quanto mais ficar aí parada, mais fria fica a água — disse Brenna.

Elphame se voltou para a piscina. Os lábios da curandeira estavam azuis, mas ela esfregava contente a pedra-sabão no cabelo.

Ignorando seus sentidos abalados, Elphame apanhou um punhado de pedra-sabão e depois, gritando, mergulhou na piscina fria.

Quando ela tirou a roupa, Lochlan soube que deveria ficar de costas, ou ao menos desviar o olhar. Seria a coisa honrada a fazer. Mas não conseguiu. Elphame o hipnotizava. Ele bebeu de sua nudez. Às vezes, nos sonhos, tinha lampejos de tocar-lhe a pele, beijar-lhe os lábios, mas esses sonhos sempre eram insubstanciais e breves, deixando-o ansioso por mais. Agora ela estava ali — tão perto dele. Suas asas negras estremeceram, refletindo seu crescente desejo. Sentia-se quente e frio ao mesmo tempo. Observá-la era uma doce agonia.

Quando ela se virou da piscina e observou a floresta com olhos penetrantes, seu corpo ficou bem imóvel, misturando-se às sombras das árvores, mas as batidas de seu coração ecoavam nas têmporas. Ela o sentia. Sua mente ainda não o conhecia, mas sua alma já reconhecia que ele estava ali.

Depois ela vadeou a água e sua risada preencheu a floresta. Ela nunca ria em seus sonhos. Só a vira sorrir às vezes, geralmente para o irmão guerreiro ou para um dos pais. Agora o inesperado som da risada dela era um presente que lhe aplacava a luxúria, mas não fazia nada para diminuir seu desejo por ela. Sentiu os próprios lábios se erguerem. Elphame devia rir com mais frequência. Queria vê-la feliz; achava que podia fazê-la feliz. Se ao menos houvesse alguma maneira...

A Profecia. Ela o assombrava. Ela o atormentava. Como poderia cumprir a Profecia e conviver consigo mesmo? Mas se não o fizesse, seu povo estaria condenado a uma existência cheia de dor e tormento, ou loucura. *Não!* Não conseguia pensar no que aconteceria caso sua missão não fosse bem-sucedida. Sua mãe tinha tanta certeza. Sua fé em sua amada Epona fora profunda. Ainda podia ver seu rosto, iluminado de recordações enquanto realizava os rituais da Deusa e lhe ensinava os caminhos de Epona. Tivera tanta certeza. Certeza suficiente para sobreviver a um estupro brutal e, doente e fraca por dar à luz, reunir outras como ela para criar um lar para suas crianças híbridas. Crianças cujas mães não deveriam ter sobrevivido ao parto. Deveriam servir apenas de incubadoras para seus captos demoníacos, os invasores fomorianos, cujas fêmeas ficaram misteriosamente estéreis. As mulheres humanas não eram estéreis; mulheres humanas podiam ser engravidadas e usadas para produzir uma nova geração de fomorianos. Era irrelevante que as mulheres humanas não pudessem sobreviver ao nascimento de sua prole horrível.

Mas sua mãe sobrevivera ao seu nascimento, assim como um pequeno grupo de mulheres. A Deusa não a abandonara. Quantas vezes Lochlan não a ouviu dizer aquelas palavras? Quase tantas quando a ouvira repetir sobre a Profecia.

A determinação o preenchia. Seus sonhos com Elphame o levaram ali; tinha acabado de abrir

caminho pelo labirinto de complicações para estar realmente com ela. Ele fechou os olhos e se recostou pesadamente no tronco grosso da árvore atrás da qual continuava escondido. Eles eram semelhantes, Elphame e ele, uma mistura de duas raças.

A risada feminina e a brisa fresca e perfumada se juntaram para brincar com suas lembranças. Quase podia ver sua mãe, curvada sobre o riacho onde costumava lavar seu pequeno suprimento de roupas grosseiras. Ela sempre teve que trabalhar tanto por tão pouco, mas quando pensava nela, era do sorriso e da doce risada que ele lembrava primeiro.

Você é minha alegria. Ela lhe dissera isso vezes sem conta. *E algum dia você guiará os outros como você de volta a Partholon para que encontrem a felicidade também, e você estará livre da dor e da loucura.*

A mãe era tão idealista. Tinha acreditado que a Deusa responderia às suas preces e que ele cumpriria a Profecia de Epona. E logo ele desistiu de tentar convencê-la do contrário. Queria acreditar que a humanidade dentro deles era mais forte que os impulsos sombrios imprimidos pelo sangue fomoriano, que a bondade por fim reinaria sobre a loucura e a insanidade.

— Reinará em mim. Tem que ser assim — sussurrou ele, precisando do apoio do som da própria voz. — Sou mais humano que demônio. Meu pai estuprou minha mãe e a engravidou, mas sua raça foi derrotada pelas forças de Partholon, assim como o amor de minha mãe derrotou a dor e o horror de meu nascimento. — Lochlan sabia que era insensato viver no passado, ainda mais pensar naqueles que deixara nos Ermos. Precisava controlar seus pensamentos — focar na tarefa em mãos. Uma pontada de dor de alerta espetou sua cabeça. Disse a si mesmo para não se importar, para pensar na dor como uma velha amiga. A ausência dela era o que devia temer, era contra o que devia se proteger. Sua ausência significava que o sangue sombrio do pai finalmente vencera.

Ele abriu os olhos e se agachou para poder espiar Elphame novamente. As mulheres estavam deixando a piscina, sacudindo-se e rindo enquanto tremiam e corriam até as roupas.

Sentiu o sangue acelerar com a proximidade dela. *Por favor, Epona, ajude-me a encontrar uma maneira de cumprir a Profecia sem causar mal a ela.* Enviou sua oração fervorosa à Deusa de sua mãe, mesmo que a culpa o consumisse. A risada de Elphame flutuava novamente até ele, que enrijeceu seu coração confuso e terminou a oração: *Permita-me uma chance de conquistá-la.*

Se ao menos pudesse encontrar uma maneira de falar com Elphame. Sozinha. Não era uma tarefa tão impossível. Em seus sonhos costumava vê-la correr com frequência, e geralmente sozinha. Seria paciente. Tinha esperado por ela por mais de um século. Poderia esperar mais alguns dias.

Dez

CUCHULAINN ESTAVA SELANDO seu capão e se preparava para descobrir o que teria acontecido à irmã quando as três apareceram diante da Estalagem da Égua. Estava pronto para passar um sermão em Elphame sobre os perigos de desconsiderar seus pressentimentos de guerreiro, mas a visão delas fez todos os sermões fraternais saírem da mente.

Elas riam e conversavam, todas as três — o que incluía sua habitualmente solitária irmã. Pela Deusa, ela parecia feliz! E então algo mais se registrou em sua mente, e ele bufou de surpresa. A pequena curandeira desfigurada estava montando a caçadora centaura! Os centauros, de tempos em tempos, se ofereciam para transportar humanos, mas geralmente em situações de emergência. A nobre raça dos centauros definitivamente não servia de besta de carga. Mas lá estava a caçadora, trotando indiferentemente com uma humana empoleirada precariamente no seu lombo esguio. Cuchulainn teve certeza de que os militantes centauros Dhianna teriam um ataque apoplético de larga escala se testemunhassem aquela visão.

Ele teve vontade de rir alto. Também começou a se perguntar se fora muito severo ao julgar a caçadora.

— El! — chamou e acenou para a irmã. Ela acenou em resposta e gesticulou para que as amigas a acompanhassem.

— Desculpe, Cuchulainn — disse ela, sem fôlego. — Não pretendíamos demorar tanto, mas encontramos uma piscina maravilhosa no caminho de volta, e, bem... — Ela encolheu os ombros e espremeu um pouco d'água do cabelo molhado.

A irmã tinha tomado banho na frente dos outros? Ele olhou da centaura para a curandeira, e de volta para Elphame. Estavam molhadas. Todas as três. E pareciam coradas e muito satisfeitas consigo mesmas.

— Na verdade foi culpa minha — disse a caçadora, oferecendo um olhar desafiador a Cuchulainn. — Achei que os humanos de Loth Tor não teriam um quarto de banho que me acomodasse...

— Então sugeri pararmos para tomar banho antes de voltarmos para o acampamento — interrompeu Brenna numa voz tímida e suave. — Elphame estava sempre avisando para nos apressarmos. — Ela não

olhava diretamente para o guerreiro ao falar e mantinha o lado direito do rosto virado.

— Entendo... — disse Cuchulainn, esfregando o queixo. E entendia mesmo. Estavam protegendo a irmã, e que Epona as abençoasse por isso. O sorriso que iluminou seu rosto era deslumbrante. — Vejo que devo passar mais tempo espreitando ao redor da área da piscina.

— Ah, Cuchulainn! — Elphame enrugou o nariz. — Não seja nojento.

— Bom, eu não estaria olhando para você, menina — disse ele, imitando o sotaque local.

Elphame sentiu como se o rosto tivesse perdido toda a cor. Ele soava exatamente como O MacCallan, lembrando-a que precisava contar-lhe sobre o encontro com o espírito do ancestral deles; seu irmão gostaria de saber.

— Onde vamos comer, Cuchulainn? — perguntou apressada.

Ele apontou com a cabeça para os fundos da Estalagem da Égua.

— Arrumaram mesas do lado de fora e servirão a comida lá. — Cuchulainn olhou significativamente para a grande caçadora. — Parece que não havia espaço suficiente na hospedaria para alimentar nós todos.

Brighid fez um som rude com a garganta, e Brenna teve que encobrir a risada com uma tossidela.

— Por que vocês duas não vão andando? Preciso pôr em dia o trabalho de hoje com Cuchulainn.

— Vamos guardar lugar para você — disse Brighid. A centaura hesitou, fazendo uma pausa óbvia antes de acrescentar: — E para seu irmão.

— Posso descer agora, Brighid — disse Brenna.

Incerta sobre o protocolo correto para desmontar de um centauro, ela começou a deslizar lentamente a perna direita sobre o lombo firme da caçadora, mas antes que começasse a descer ao chão, sentiu uma mão forte equilibrá-la. Brenna se virou, esperando ver Elphame ajudando-a. Em vez disso estava olhando diretamente para os penetrantes olhos verde-azulados de Cuchulainn.

— Posso ajudá-la a desmontar, minha senhora?

— Eu... Hã... Eu — gaguejou ela, lutando contra a vontade de baixar a cabeça e esconder o lado direito do rosto. Brenna engoliu em seco. Tinha trabalhado perto de Cuchulainn por grande parte do dia. Ele conhecia a aparência dela. Não havia razão para se amedrontar. — Sim. Pode — enfim conseguiu dizer.

Cuchulainn ergueu a curandeira do lombo da caçadora. Era tão leve como se os ossos fossem recheados com ar. E o cabelo úmido cheirava a chuva e grama nova. Ele a pôs com gentileza no chão e depois se curvou com galanteria, mas ela nem mesmo o olhava. Ela e a caçadora já estavam andando para os fundos da estalagem. A voz doce de Brenna fluía até ele na brisa: — Obrigada, Brighid. Lamento o incômodo. Nunca fui boa de montaria...

— O que está olhando? — perguntou Elphame a Cuchulainn, batendo-lhe no ombro.

Refletindo consigo mesmo, Cuchulainn sacudiu a cabeça e revelou o primeiro pensamento racional que lhe veio à mente: — Uma centaura Dhianna dando uma carona a uma humana?

A irmã ergueu uma das sobrancelhas arqueadas.

— Sim.

— E não havia nenhum fomoriano perseguindo vocês?

— Não notei nenhum, mas talvez você devesse dar uma olhada — prometo guardar seu lugar no jantar — disse ela inocentemente. Depois riu da expressão dele. — Só era mais fácil, Cuchulainn. Brenna não conseguia acompanhar nosso passo, e estávamos com pressa porque tenho um irmão superprotetor e chato com quem devo fazer contato constantemente, então Brighid ofereceu uma

carona. Não conseguia carregá-la direito nos meus ombros. Foi apenas a coisa lógica a fazer.

— A não ser que você seja um centauro Dhianna. Então a coisa lógica a fazer seria deixar a humana se virar.

A raiva de Elphame se expandiu:

— Se Brighid fosse uma típica centaura Dhianna, não estaria aqui. Quero que lhe dê uma chance. Ela é minha amiga.

Ela é minha amiga. Cuchulainn nunca ouvira a irmã dizer essas palavras antes, e ouvi-las era um milagre que fez sua desconfiança pela caçadora parecer uma coisa egoísta e insignificante.

— Sinto muito, El — disse, prendendo o braço ao dela. — Tem razão. A única coisa que acho realmente ofensiva na caçadora é seu nome. — Claro que não gostava do tom sarcástico que ela usava quando falava com ele, mas a expressão nos olhos da irmã dizia que não devia mencionar aquilo.

— Então vai dar uma chance a ela? — perguntou esperançosa.

— Claro, El — disse ele. — E preciso admitir que talvez estivesse preocupado por nada. Tive um pressentimento vago e inquietante que não fui capaz de definir. — Ele buscou os olhos da irmã, pedindo silenciosamente que compreendesse. — Talvez fosse apenas o prenúncio das mudanças que estavam para acontecer com você que estivesse me deixando desconfortável.

— Mudanças? O que quer dizer?

— É óbvio que escolheu o caminho certo para sua vida. Você pertence ao Castelo MacCallan, El, até as pedras lhe dão as boas-vindas. E olhe para você, rindo em público e fazendo amigas.

A felicidade fez os olhos negros de Elphame cintilarem.

— Estou fazendo amigas — repetiu as palavras como se fossem uma oração.

— Talvez eu tenha exagerado hoje cedo — disse ele, com relutância. — Suponho que andei escutando muitas histórias de fantasmas para crianças sobre o antigo lugar ser amaldiçoado com o espírito dos mortos. Tentarei relaxar um pouco.

Histórias de fantasmas para crianças? Elphame estudou o rosto do irmão. Ele estava sorrindo com uma expressão satisfeita e franca que dizia, com mais clareza do que suas palavras, que finalmente acreditava que era no Castelo MacCallan que ela deveria estar. Então o que aconteceria se ela revelasse que tinha, de fato, recebido a visita de um dos MacCallan mortos — na verdade, O MacCallan? Sabia exatamente o que aconteceria. Cuchulainn evitava e desconfiava do reino espiritual; sempre fora assim, apesar de ter sido presenteado com poderes. Se contasse a ele sobre seu visitante espectral, não tinha dúvida de que ele voltaria a ser obsessivamente superprotetor com cada movimento seu.

E, além disso, ela mesma não compreendia por que O MacCallan aparecera. A visita parecera benevolente — ele certamente parecia tão nobre em espírito quanto a história relatava como fora em vida. Ele a chamara de A MacCallan. Mas o que a visita dele realmente significava? Estava lhe dando as boas-vindas ou observando-a?

Não podia contar a Cuchulainn sobre o fantasma d'O MacCallan. Ao menos não naquela noite. Esperaria até estarem mais acomodados, até saber mais sobre os motivos d'O MacCallan. Talvez o espírito nunca aparecesse para ela novamente. Se assim fosse, por que deveria preocupar o irmão desnecessariamente?

— El — disse ele, cutucando-a. — Você me ouviu? Eu disse que tentarei relaxar um pouco.

— Eu ouvi — disse ela rápido. — Só estou em choque por você finalmente admitir o erro de seus modos. Agora, se eu conseguisse convencê-lo a desistir de perseguir mulheres e sossegar para ser pai de várias dúzias de crianças, minha vida estaria completa.

— Você fica assustadora quando se parece tanto com mamãe. Tome cuidado ou sua voz se congelará assim.

— Agora sou eu quem está assustada. — Ela sorriu. — Vamos comer.

— Com suas amigas — disse ele.

— Sim. Com minhas amigas.

— As estrelas parecem muito mais brilhantes aqui do que no Templo de Epona — disse Elphame.

— É porque há menos luz refletida de Loth Tor e da floresta do que no templo e na cidade que o cerca — disse Cuchulainn.

— Deveria ver as estrelas da planície dos Centauros. Às vezes são mais brilhantes do que a luz do fogo — disse Brighid.

— Nunca fui à planície dos Centauros, mas parece ser bonito. — A voz de Brenna era sonolenta.

— Deve visitar algum dia. Há espaços amplos onde se pode correr por dias sem parar.

Elphame olhou para o irmão e meneou a cabeça com firmeza, então Cuchulainn guardou o comentário depreciativo que sabia que ele pretendia fazer. Ela suspirou. Por que ele achava a caçadora tão irritante? Parecia gostar de Brenna — na verdade, fazia de tudo para ser gentil com ela. Mas sempre que ele e Brighid trocavam mais do que duas palavras, era como fogo encontrando gelo. Ele agiu com contentamento quando Brighid e Brenna perguntaram se poderiam se juntar ao acampamento improvisado deles, mas depois que se acomodaram para a noite, ele e a caçadora cresceram nos cascos um do outro. (Claro, visualizar Cuchulainn com cascos a deixava com vontade de rir.) El relaxou no saco de dormir que acomodou aconchegantemente entre duas raízes retorcidas na base de um antigo carvalho. Ouvindo o suave sussurro da voz de Brighid ao descrever a planície dos Centauros para Brenna, El fitava com contentamento o céu noturno brilhantemente iluminado. Ela e Cuchulainn tinham escolhido uma clareira um pouco adentro do bosque, onde os imensos carvalhos ainda suplantavam os pinheiros. Queria ficar afastada do resto do grupo, mas não sentia a necessidade de se retirar tão completamente como na noite anterior. O jantar, na verdade, fora uma experiência agradável, em parte porque Brighid e Brenna escolheram assentar os quatro ao redor de umas das várias fogueiras que foram acesas nos fundos da Estalagem da Égua. O grupo principal de centauros e humanos comia em longas mesas de madeira, onde conversavam, riam e aproveitavam para se conhecerem melhor. Quando Elphame e Cuchulainn apareceram, os homens e centauros levantaram-se formalmente, todos curvando-se respeitosamente para ela. Elphame trincou o queixo, preparando-se para mais veneração indesejada. Mas então uma coisa miraculosa aconteceu. Wynne acenou e gritou um cumprimento — e ela não a chamou de deusa ou sequer de minha senhora. Simplesmente disse “Boa noite para você, Elphame”. E o cumprimento casual de Wynne foi somado a vários outros.

A aceitação das mulheres produziu mágica. Nenhum aldeão se ajoelhou diante dela ou pediu sua bênção sequer uma vez. Surpreendentemente, foi Brighid quem recebeu atenção indesejada. Elphame sorriu consigo mesma ao lembrar quantos centauros fizeram questão de achar uma desculpa para falar com Cuchulainn, que estava sentado diante da caçadora, quando era óbvio que o que todos realmente queriam era conseguir uma apresentação a Brighid. Elphame observara a coisa toda com grande curiosidade. A caçadora era um modelo em graciosa altivez feminina. Fora cordial com seus muitos pretendentes em potencial — cordial e desinteressada. Os centauros reagiram com óbvia paixão. Até os humanos deram olhadas apreciativas na bela caçadora. Depois de vários centauros se apresentarem, Cuchulainn resmungou seu aborrecimento com El, chamando Brighid de Princesa de Gelo. Elphame

refletiu que Princesas de Gelo aparentemente eram criaturas altamente desejadas.

— Ei — sussurrou-lhe Cuchulainn. — Você está com um sorriso bobo no rosto.

— Não é um sorriso bobo, é um sorriso feliz.

— Vá dormir, El. Até suas amigas já pararam de falar.

Ela olhou para as duas outras formas escuras, que tinha ficado em silêncio, e percebeu que as pálpebras delas estavam bem fechadas. Então rolou para o lado e fitou o irmão.

— Quando vai dormir, Cuchulainn?

— Em breve, minha irmã.

Ele alimentou a pequena fogueira com lenha e se recostou na árvore, observando os olhos de Elphame se fecharem e a respiração dela se aprofundar. Seu olhar buscou as duas outras mulheres. Ambas pareciam dormir profundamente. A curandeira estava curvada de lado, de costas para ele. As pessoas a deixaram em paz naquela noite; ele se sentou ao lado dela para garantir isso. Disse a si mesmo que o feroz sentimento protetor que estava desenvolvendo por Brenna era porque ela era importante para a irmã, e parte dos votos que fizera quando se tornou um guerreiro declarava que deveria proteger aqueles que precisassem de proteção. Então se lembrou do perfume dela, da sensação de tê-la nos braços quando a ergueu do lombo da centaura.

Desviou o olhar do corpo de Brenna e encarou diretamente os olhos abertos da caçadora. Sentiu as faces arderem sob seu olhar silencioso e astuto.

— Fico com o primeiro turno. Acordo você quando a lua estiver no topo do céu. — Sem esperar que ele respondesse, ela se ergueu e desapareceu na floresta feito um elegante espírito prateado do bosque.

Cuchulainn podia ouvir os sons abafados de seu corpo abrindo caminho pelos arbustos conforme caminhava lentamente pelo perímetro.

— Maldita Princesa de Gelo — resmungou consigo mesmo. — Que ela faça parte da vigia. Está enganada se pensa que vai conseguir uma reclamação minha.

Cuchulainn se remexeu, tentando encontrar uma posição mais confortável, pensando no quanto ficaria feliz quando pudesse dormir numa cama novamente, no quanto a caçadora era irritante e no tanto de trabalho que estava por vir... Pensando em tudo que o impedisse de lembrar-se da curandeira de voz suave e rosto desfigurado que cheirava a chuva e grama nova.

O sono embalou Elphame feito uma mãe atenciosa, levando-a a sonhar. No sonho, estava correndo por uma floresta de carvalhos antigos que se pareciam exatamente com aquele debaixo do qual seu corpo estava repousando. Era noite, mas o céu estava claro e a lua cheia iluminava a floresta tal qual uma tocha feita de neve e fogo. O chão da floresta de seu sonho estava livre de arbustos, e não havia buracos traiçoeiros ou raízes para prender seus cascos. Ela respirava profunda e uniformemente, alongando os músculos das pernas e aumentando o passo, tanto que o vento lhe açoitava o rosto e as árvores ficavam borradas ao passar depressa.

Amava correr. O sonho a lembrou de que há muito não dava uma boa corrida — desde o dia em que deixara o Templo de Epona. Tempo demais, sua mente subconsciente repreendeu-lhe.

O chão da floresta começou a se tornar alto e ela impulsionou as pernas, saboreando o ardor nos músculos poderosos conforme subia a inclinação. Escapuliu da floresta para uma pequena clareira na qual, de repente, se descobriu envolta em neblina. Respirando pesado, Elphame parou. A névoa se enroscava ao seu redor, grossa e cinzenta. Ela a socou e subitamente a cor enevoadada mudou e ficou

tingida com um toque de vermelho.

A cor a atraía.

A neblina redemoinhava num infinito padrão circular que lhe recordava um dos labirintos de Epona margeados por azevinhos que decoravam as terras do templo. No sonho, a comparação a fez sorrir, então ela estendeu os braços, abrindo bem os dedos. Lentamente, Elphame começou a girar e, conforme a névoa acariciava seu corpo, percebeu-se nua.

— *Elphame...* — A voz desencarnada flutuou ao redor dela na névoa. Era uma voz de homem, mas ela não a reconheceu.

— *Venha para mim, Elphame...*

Em vez de alarmá-la, o som da voz desconhecida tocou em algo bem no fundo dela, e seu corpo respondeu com uma ardente torrente de calor. A umidade da acariciante névoa escarlate a recobria, lambendo-lhe a pele e trazendo à vida sensações que tinha apenas imaginado. A névoa se tornou mais densa, assim como seu desejo.

— *Sim...* — A voz do homem a persuadia sedutoramente. — *Deixe-me amá-la.*

Elphame foi envolta por uma teia diáfana e, onde sua nudez era tocada, seu corpo ganhava vida. Não, ela pensou com uma crescente sensação de espanto, não estava coberta por uma teia. Estava envolta por asas.

— Ele tem asas! — disse em voz alta, e o som da voz a acordou num repente.

Nos escuros bosques ao norte do Castelo MacCallan, Lochlan sentou-se numa guinada, imediatamente desperto. O corpo estava ardendo de necessidade. Sonhara que estava com Elphame, que pela primeira vez tinha sentido sua presença. Saiu do cômodo abrigo que fizera para si mesmo na caverna formada por um afloramento de rochas, desdobrou as asas palpitantes e começou a longa e árdua escalada pela lateral do rochedo, desesperado para queimar seu desejo reprimido.

Sua mente flamejava. A dor na cabeça apunhalava tão avidamente que ele pensou que a mente explodiria, mas manteve um rígido controle sobre si mesmo e se concentrou em extenuar o corpo poderoso até o suor escorrer pela pele e a respiração vir em goles irregulares.

Vivera por tanto tempo... Cento e vinte e cinco anos. Era uma maldição essa longevidade passada a ele e aos outros pelos pais fomorianos. E quem sabia por quanto tempo seu coração ainda bateria e o sangue sombrio de seu pai serpearia com a tentadora loucura por seu corpo? A luta. A constante luta o sobrecarregava.

Desista... A dor dentro dele sibilou. *Pare de lutar. Deixe a loucura tomar você. Deleite-se no poder que está sob seu comando.* Lochlan poderia acabar com a dor abraçando sua herança sombria. Trincou bem os dentes. E então ele se tornaria semelhante à raça do pai. Não seria melhor do que um animal raivoso ou um demônio. Ambas as descrições seriam precisas.

Ele queria mais — para si mesmo e para seu povo.

Elphame... O nome dela era como água fresca para sua alma ressecada.

Eles se encontraram no reino dos sonhos — tinha certeza disso. Ela ouvira sua voz e abrira os braços para ele, que a envolveu em suas asas e a acariciou. Ela o conhecera. Tinha ao menos reconhecido parte do que ele era. Ouvira-a falar com clareza: — *Ele tem asas!*

A voz de Elphame ainda ecoava por ele, e o assombro refletido nela o enchia de esperança e de uma inenarrável alegria, fazendo a dor em seu corpo temporariamente mais fácil de suportar.

Onze

VESTÍGIOS DO SONHO permaneceram com ela ao longo da manhã, e mesmo no meio da tarde. Elphame se descobria olhando a distância, lembrando da carícia da névoa em tom escarlate. Foi durante um desses devaneios que ela não prestou atenção no que o trabalhador dizia.

— Então é isso, minha senhora.

— Desculpe-me. Minha mente estava longe. Pode ser reparado? — perguntou Elphame, aborrecida consigo mesma pela falta de atenção. Fora apenas um sonho. Era tolice ficar tão distraída com isso.

— Como eu disse, vai dar algum trabalho, mas acredito que sim. — O jovem homem possuía ombros largos, mãos grossas e um enrugado rosto moreno de sol que falava de muitos anos de exposição ao tempo, mas seus olhos castanhos eram acolhedores e seu sorriso confiante ao erguer os olhos da sondagem da base traseira da fonte. — Já comecei a trabalhar no desentupimento do poço principal do castelo. Quando tiver terminado, a água deve correr livremente mais uma vez até a cozinha e também para esta fonte, minha senhora. A não ser que exista um rompimento no sistema subterrâneo de canais, o que ainda preciso descobrir.

— Bom, obrigada.

O homem se curvou educadamente e deixou o pátio. Elphame fitou a estátua da bela moça que tanto se parecia com ela. As vigas que escondiam a fonte foram removidas, e agora a tarefa de limpeza da estátua estava para acontecer. Danann recomendara usar areia, água com sabão e também uma escova de cerdas grossas para restaurar a estátua — a mesma técnica de restauração que estava sendo empregada por várias mulheres que estavam em cima de andaimes rapidamente erguidos para limpar as imensas colunas que circundavam o pátio. O som da conversa delas misturava-se bem ao ruído da reconstrução que já começava no telhado. O castelo estava vivo de atividade.

— Eu provavelmente deveria estar inspecionando algo terrivelmente importante em vez de estar obcecada com você — murmurou para a garota de pedra. Elphame já tinha esfregado a sujeira do rosto de Rhiannon. O mármore no qual a estátua foi esculpida era de uma luminosa cor creme, e o rosto agora limpo da garota destacava-se num brilhante contraste com o resto do corpo. — Mas por alguma

razão acredito que você é muitíssimo importante.

— Aprovo sua conversa com a pedra, minha senhora — a rica voz de Dannan surgiu do lado dela, fazendo-a pular. Não sabia qual dos dois se movia mais silenciosamente, o artífice ou a caçadora, mas tinha a sensação de que ambos lhe deixavam nervosa.

Recuperando-se da surpresa, Elphame tocou a face da estátua.

— Não é difícil conversar com ela, parece tão real. — El voltou o rosto para o velho centauro. — Há algo nesta fonte e neste pátio que me parecem muito importantes. Sei que há outros afazeres dos quais deveria estar cuidando, mas sou atraída para cá, para o coração do castelo. Não posso descansar até isto... — ela abriu os braços para incluir a área inteira — ... Estar revivido.

— Coração... Revivido... — falou Danann devagar, coçando o queixo. — Uma escolha interessante de palavras. Quando se fala na construção de um novo lar, ou mesmo na reconstrução de um antigo lar, geralmente não se usa palavras que descrevem uma pessoa que vive e respira — como *coração* e *reviver*. Pode me dizer por que faz isso?

Os olhos de Elphame trocaram o centauro pela estátua de sua ancestral.

— Isso é fácil — disse logo. — Para mim, o castelo está vivo. Não o vejo como pedra morta e vigas podres. — Pensou na conversa com o espírito d'O MacCallan e quis contar a Danann sobre o encontro, mas de alguma forma sentia que seria uma traição ao irmão confiar a outro o que estava incerta de contar a ele.

— Sim, deusa. Você tem uma afinidade com este castelo.

— É uma coisa nova para mim, Danann. Nunca senti nada assim até chegar aqui.

Danann sorriu para a bela e jovem criatura.

— Isso é porque até chegar aqui você estava ocupada demais com sua própria vida para sentir a magia que a cerca.

— Isso me faz parecer superficial e tola — retrucou Elphame.

— Não, deusa, nada disso. O que faz é torná-la muito parecida com a maioria das outras almas que estão vivendo suas vidas atuais em Partholon. O problema é: você é diferente da maioria das outras almas.

Elphame não sabia o que responder. Odiava ser chamada de “deusa”, porém, quando vinha dos lábios do artífice, parecia mais um carinho do que um título. E desde que conseguia se lembrar, desejara duas coisas: ser como o resto de Partholon e ser agraciada com alguma forma de magia. Mas o que Danann estava dizendo era que uma coisa excluía a outra.

Elphame suspirou:

— É difícil de entender.

— Sim, para aqueles de nós que foram tocados pelo reino espiritual, geralmente é uma coisa difícil de entender — disse Danann com gentileza. Depois ficou em silêncio, estudando a estátua parcialmente restaurada.

— Mas eu gostaria de saber mais — disse ela, temendo que o centauro pudesse ter encerrado a conversa. — Você me ensinaria, Danann?

Ele lhe deu uma olhada especulativa.

— Não aprendeu a se abrir para os espíritos da terra quando estudou no Templo da Musa?

— Não — admitiu ela.

— Ah, entendo. — Antes de continuar, ele considerou suas palavras com cuidado. — Deve compreender que não sou professor, nem xamã. Não posso instruí-la, simplesmente tenho um talento

para ouvir os espíritos da terra, mais especialmente aqueles que habitam as pedras.

O rosto de Elphame pendeu em desapontamento, mas o centauro não tinha terminado.

— Não posso instruí-la — repetiu ele —, mas posso guiá-la.

— Ah, Danann, muito obrigada! — Elphame tomou a mão nodosa do velho centauro nas suas.

— Como poderia rejeitar uma aluna encantadora? — disse Danann com carinho. — Por que não tira um descanso e faz um passeio comigo? Sinto meus ossos enrijecendo quando fico parado por muito tempo no mesmo lugar.

— Claro, aonde gostaria de ir?

Danann sorriu de maneira enigmática para a jovem que era uma mistura única de centauro e humano.

— Deixe os espíritos guiarem-na, deusa. Nós os seguiremos.

Elphame franziu as sobrancelhas. Deixar que os espíritos a guiassem? Como? O artífice a fitava com expectativa, como se não duvidasse que os espíritos fossem chamar o nome dela, puxá-la em certa direção ou algo assim... Qualquer coisa. Ela franziu a testa, concentrando-se nas pedras ao redor. Sentiu-se em paz e feliz, assim como no momento em que chegara ao castelo. Mas foi só isso. Nada lhe dizia para ir a qualquer lugar.

— Não consigo... — começou ela.

— Você se esforça demais — falou Danann calmamente, erguendo a mão para silenciá-la. — Comece devagar. Apenas se abra para a influência dos espíritos e comece a andar. Eles a guiarão quando não estiver tentando forçar a vontade deles.

Sentindo-se ridiculamente tensa, Elphame perguntou: — Me abrir?

O centauro assentiu com paciência.

— Respire fundo três vezes e depois deixe de pensar.

Ansiosa para obedecer, Elphame inspirou de maneira longa e purificadora por três vezes e limpou a mente. Depois mandou as pernas se moverem e, com o centauro idoso caminhando rigidamente ao seu lado, deixou o pátio. Lentamente, num padrão sinuoso, El rumou na direção da cozinha, mas, ao alcançar o corredor fora do Grande Salão, sentiu-se compelida a virar para a direita e afastar-se do burburinho de atividade que emanava dos cômodos do outro lado das janelas sem vidro.

— Lembre que o mundo ao nosso redor está imbuído de alma. — A voz de Danann assumiu um tom melódico que era quase hipnótico. — Desde as pedras do seu castelo até a água que se agita no mar logo abaixo de nós, a própria terra tem alma. Está vivendo e respirando, e geralmente apenas esperando que alguém que tenha quietude de mente ouça suas muitas vozes.

Seguindo um puxão silencioso que atraía algo bem no fundo dela, Elphame deixou o longo corredor e atravessou uma entrada arqueada que levava para um pátio interno que era muito menor do que aquele que guardava a fonte. El parou e estudou a área. Não se lembrava de ter passado por ali no dia anterior, na rápida inspeção do castelo. O pátio era aberto ao céu, mas não porque o telhado fora queimado. Aquela área em particular fora deixada descoberta de propósito. O chão ali não era de pedra, mas de grama, que ficara selvagem e crescera até quase seus joelhos. Havia várias entradas para aquela pequena área, uma das quais era um íngreme lance de degraus de pedra que conduzia a um cômodo amplo e baixo que antigamente ligava o telhado do castelo às paredes com balaustradas — antes que o fogo o tivesse consumido e deixado apenas destroços. Deve ter sido a caserna dos soldados, pensou ela, que imaginou brevemente os homens que tinham vivido e morrido ali.

Os olhos de Elphame foram atraídos para o pé da escada de pedra. As pernas a levaram adiante por vontade própria. Seus cascos faziam um som suave e discreto através da grama alta. Ela pensou que

talvez as pedras na escada a estivessem chamando, mas deteve-se a vários passos dela.

A tristeza que a engolfou foi súbita e inesperada.

— Oh! — Ela suspirou profundamente, piscando para conter as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

— Respire, Elphame. — Danann estava ao seu lado, transmitindo calma às suas emoções agitadas. —

O mundo natural é intenso em poder, informação, conselho e sabedoria. Não está tentando machucá-la, está tentando falar com você. Aquiete sua mente e escute.

Elphame mais uma vez inspirou de forma profunda e purificadora, e, quando expirou, liberou a apreensão — e escutou.

— *Venham até mim, seus covardes malditos!*

Reconheceu a voz imediatamente — ele tinha falado com ela na noite anterior. Um emaranhado de imagens convergiu sobre Elphame, que lutou para se manter calma enquanto o pequeno pátio estremecia, se deslocava e, como uma tocha que é acesa numa caverna escurecida pela noite, as sombras do passado subitamente ganhavam vida ao seu redor.

O MacCallan estava de pé diante dela na base da escada de pedra. Horríveis criaturas humanoides aladas o cercavam. O sangue escorria das feridas abertas que foram feitas em seus braços e peito, mas sua imensa espada ainda estava girando em arco ao redor dele. Aos seus pés estavam duas coisas decapitadas, vítimas de sua força. Rosnando, as criaturas humanoides o rodeavam, tomando o cuidado de ficar longe do alcance de sua lâmina mortal.

— *Venham até mim, seus covardes malditos!*

Ele repetiu seu desafio. Hipnotizada, Elphame não conseguia desviar os olhos dele. Suas palavras tinham chamado a atenção de mais criaturas. Uma por uma, o círculo ao redor do velho guerreiro cresceu até que vinte criaturas humanoides o cercassem, as asas tensas, a boca sangrenta babando em expectativa.

Elphame podia sentir a respiração acelerar e o coração bater erratically à medida que as criaturas começaram a apertar o círculo e convergir sobre ele. Mas O MacCallan não entrou em pânico. Seus movimentos eram calmos e seguros. Ela viu a espada faiscar e a ouviu cortar a primeira, a segunda e a terceira criaturas, até não poder mais prosseguir. Então as presas e os dentes delas o alcançaram. Ele lutou com os punhos, que estavam escorregadios com o próprio sangue — tanto sangue que a visão parecia forjada em carmesim.

Mesmo quando caiu de joelhos, o chefe do clã não gritou. E não capitulou.

Mas Elphame não podia mais aguentar. Mesmo que sua mente soubesse que só estava assistindo às sombras do passado, a cena lhe parecia real por demais. Tinha falado com ele na noite anterior — ainda lembrava-se da voz brusca e bem-humorada, do brilho acolhedor de seus olhos. Quando ele tombou de joelhos, Elphame tombou com ele, soluçando, fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos.

No instante em que seus joelhos tocaram o chão gramado, os sons da batalha cessaram.

— Você testemunhou o passado por alguma razão. — A voz de Danann a ancorou de volta ao presente. — Fique parada e continue a escutar — não deixe que os espíritos falem em vão.

Tentando acalmar o corpo trêmulo, Elphame tirou as mãos do rosto e abriu os olhos. O dia estava calmo; o pátio estava alegremente iluminado pela luz do sol de uma quente tarde de primavera. Mais nenhum fantasma condenado do passado lutava até a morte. Elphame secou os olhos e tentou clarear os pensamentos novamente, mas a imagem do nobre chefe continuava preenchendo sua mente.

Será que a morte dele fora reencenada por nada porque ela era uma tola inexperiente que não sabia como escutar o reino espiritual? Envergonhada, mordeu o lábio e baixou a cabeça. Algo caído em meio

ao mato e grama emaranhados recebia a luz do sol e cintilava. Contendo o fôlego, Elphame estendeu a mão pela folhagem e apanhou o objeto metálico, erguendo-o da terra para a luz.

Era um broche redondo, bem embaçado e encrostado de terra, mas nem o fogo funerário e os anos de exposição aos elementos puderam extinguir a beleza da égua empinada no escudo de prata.

— É o broche d'O MacCallan — disse Danann, inclinando-se para inspecionar o tesouro. — Você foi guiada até aqui para encontrá-lo. Valorize-o, deusa, o próprio MacCallan a presenteou com ele.

Enquanto tocava o presente, ela pensou ouvir um eco da resposta do chefe quando ela o identificou como O MacCallan.

— *Sim, menina, sou eu. Agora essa posição é sua.*

Parecia que o velho espírito era realmente receptivo. Sentiu sua aprovação através do calor do broche, que virou e revirou na mão enquanto ela e Danann caminhavam lentamente de volta para o pátio principal. O centauro lhe deu tempo para digerir o que tinha acabado de experimentar, mas antes que reentrassem no movimentado pátio, ele parou.

— Foi uma experiência difícil para você — disse ele simplesmente.

Elphame olhou para o broche e assentiu, sentindo-se um pouco tonta e desequilibrada.

— Seria prudente comer e beber alguma coisa agora. Você visitou o reino dos espíritos e não se sentirá inteira neste mundo novamente até se firmar entre os vivos com alimento.

Ela assentiu, sentindo outra onda de tontura.

— Vê-lo morrer foi terrível. — A voz ainda estava tensa.

— Aconteceu há mais de cem anos. Tente esquecer o horror do passado e, em vez disso, lembrar-se do maravilhoso presente que recebeu.

Elphame pensou que desejaria ter recebido o broche sem ter que ver O MacCallan assassinado pelos demoníacos fomorianos.

Como se lendo sua mente, o centauro sorriu e lhe deu palmadinhas no ombro.

— Você testemunhou a morte dele por alguma razão. Isso ficará claro no devido tempo. Até lá, pense no presente. Devo me despedir agora. Os homens devem ter retornado com um novo carregamento de pedras. Preciso supervisionar a colocação delas.

— Obrigado por me ensinar, Danann.

— Não ensinei, apenas guiei — disse o velho centauro com um leve sorriso. — Mas lhe darei um último conselho. Faça algo que alegre seu coração essa noite. Geralmente aqueles que escutam os espíritos se esquecem de viver as próprias vidas. Guarde em mente que a terra está imbuída de alma, não de sepulturas. Encha-se de vida, deusa, não de imagens de morte. — O velho centauro curvou-se e partiu.

Doze

— ONDE DISSE QUE encontrou isso? — perguntou Cuchulainn à irmã enquanto inspecionava o broche que carregava a égua empinada da insígnia do clã MacCallan.

— Na base de uma escada de pedra que leva ao que eu acho que era a caserna dos guerreiros.

Não contou a Cuchulainn sobre a visão que a conduzira ao broche, e não estava inteiramente certa do motivo, exceto porque ver a morte d'O MacCallan fora uma experiência muito íntima. Havia a ancorado ao passado do castelo. Amava o irmão com a mesma lealdade feroz que ele tinha por ela, mas eram diferentes um do outro. Ela reverenciava o passado e abraçava o mundo espiritual. Cuchulainn era um guerreiro que vivia o aqui e agora. Desconfiava do que não compreendia, do que não podia ser vencido com punhos e armas. El não queria ouvir o irmão analisando mais do que o necessário ou talvez até rejeitando completamente o que lhe acontecera naquela tarde. Queria guardar o passado um pouquinho mais, e isso significava manter silêncio sobre a visão e seu visitante fantasma.

— Esse lugar está maravilhoso — disse ela, desviando a atenção dele do broche. E não estava exagerando só para mudar de assunto: com grande ar de admiração, contemplava ao redor. Conforme a noite se aproximava, ela e Cuchulainn se encontraram para verificar o progresso dos trabalhadores. El ficara contente por notar que a área sul do castelo estava quase totalmente limpa. Cuchulainn lhe garantira que na noite seguinte estariam acampando lá, em vez de nos arredores de Loth Tor.

A metade superior das poderosas colunas que circundavam o pátio principal foi limpa, e a beleza cremosa dos entalhes delicados formava um estranho contraste com o resto das peças, fazendo parecer com que o topo restaurado tivesse se materializado no ar. Brenna tinha tomado interesse especial pelas antigas colunas e estava supervisionando pessoalmente as mulheres que trabalhavam na limpeza delas. Quando Elphame e Cuchulainn elogiaram o trabalho que fazia, a pequena curandeira quase corou de prazer.

Agora irmão e irmã estavam parados à entrada da cozinha, e embora a atividade ao redor estivesse começando a diminuir, Elphame mal podia acreditar na mudança acarretada em dois dias.

— É bom vê-la, minha senhora. — Wynne se aproximou de Elphame e fez uma rápida mesura. Seus

olhos buscaram apreciativamente Cuchulainn. — E você também, guerreiro.

El observou Cuchulainn se transformar de irmão preocupado em jovem libertino.

— É sempre um prazer cumprimentar uma dama tão adorável, Wynne — disse ele.

— É incrível o que conseguiu em tão pouco tempo. — Elphame interrompeu o que ela temia ser uma longa troca de comentários galanteadores. — Nem mesmo parece a mesma cozinha.

As imensas lareiras tinham sido completamente limpas das vigas e esfregadas. Os fogões tinham sido livres dos roedores e da terra, e as pedras partidas e caídas já tinham sido substituídas. Mulheres esfregavam a parede de armários e a imponente ilha central, além do piso de pedra.

— Wynne! Temos água! — gritou uma das jovens assistentes da cozinha. Elphame a observou bombear a alavanca da torneira, e a água jorrou na pia de mármore. A princípio era escura e suja de terra, mas logo clareou e cascadeou num rio espumoso. Várias mulheres próximas festejaram.

— Minha senhora, amanhã à noite estaremos nos banquetando com comida preparada na própria cozinha de MacCallan — disse Wynne.

— Isso me deixa muito feliz, Wynne.

A bela cozinha sorriu e fez uma mesura antes de correr de volta ao trabalho.

— Parece que é hora de a caçadora começar a ganhar seu sustento — disse Cuchulainn enquanto deixavam a cozinha e seguiam para a frente do castelo.

— É o que ela está fazendo exatamente agora, Cuchulainn. — Elphame fez-lhe cara feia, exasperada com a contínua antipatia do irmão com Brigid. — Ela disse que não gostava da ideia de dilapidarmos toda a comida de Loth Tor, então saiu para caçar esta tarde.

Cuchulainn resmungou.

— Estou surpresa por não gostar dela, sabe? Ela é uma mulher bonita, e você geralmente se dá muito bem com mulheres bonitas.

— Bem, ela sabe que é maravilhosa. É arrogante demais. E eu ainda não confio completamente nos motivos dela — rosnou ele.

Elphame revirou os olhos.

— Só não gosta porque ela não se atira sobre você.

Cuchulainn deu de ombros.

— Você poderia estar certa, minha irmã. É muito incomum. — Ele ergueu as sobrancelhas para a irmã, fazendo-a rir. — Mas não quero falar sobre a caçadora, quero saber mais sobre esse broche do chefe que miraculosamente caiu em sua posse.

Estavam entrando no pátio principal, e Elphame foi poupada de responder pela voz animada de Brenna.

— Oh, olhe para a fonte, Elphame!

— Cuchulainn, está funcionando! — El agarrou a mão dele e o puxou para o centro do pátio, onde vários homens e mulheres observavam a fonte. Água turva escorria do vaso de Rhiannon para a bacia, que já começava a encher, e, enquanto observavam, a água ficou clara, apanhou o sol de fim de tarde e cintilou festivamente. As maciças colunas do lugar recolheram o som da fonte e o pátio ecoou os ruídos tranquilizantes e familiares de dias chuvosos e água gorgolejante.

— É mesmo maravilhoso, El — disse Cuchulainn, passando o braço ao redor dos ombros dela e dando-lhe um abraço fraternal.

— Sim, concordo — disse Brenna. Junto a Elphame, sorrindo-lhe com alegria, os olhos da curandeira dançavam com o reflexo da água.

Elphame não conseguia falar. Depois de anos de frustração com sua vida inútil, de repente era como se todos os seus desejos estivessem sendo concedidos. Quase sentia medo de acreditar — quase medo de que se falasse, o encanto se quebraria e tudo se dissolveria como névoa num sonho.

Névoa num sonho. A comparação lhe trouxe de volta o sonho com distinta intensidade, e por um momento ela se sentiu confusa e tonta. Era um pouco como se sentira mais cedo naquele dia depois de vivenciar a visão da morte d'O MacCallan. Piscou com força tentando clarear os olhos e a mente. Podia sentir o olhar de preocupação do irmão, mas teve o cuidado de não encontrar-lhe os olhos.

— Acho que é o bastante por hoje — disse Cuchulainn abruptamente. Ele escolheu um dos homens. — Dermot, anuncie que é hora de retornar para Loth Tor para passarmos a noite.

— Sim, meu senhor. — Sorrindo, Dermot saiu correndo do pátio.

Conversando entre si, os homens e mulheres no pátio começaram a dispersar, amontoando baldes e escovas em pilhas organizadas e pendurando trapos rasgados nos andaimes para que estivessem secos pela manhã, deixando Elphame, seu irmão e Brenna sozinhos na fonte.

— Sente-se bem, El? — perguntou Cuchulainn.

— Tudo bem — disse ela, recuperando a voz.

— Você está pálida. — Os olhos experientes de Brenna a estudaram com atenção.

Sem olhar para o irmão ou para a curandeira, Elphame disse: — É só um pouco impressionante ver tudo com que sonhei prestes a se realizar. Às vezes fico emocionada.

Cuchulainn resmungou:

— Agora está parecendo uma garota.

A provocação melhorou o humor de Elphame, que foi capaz de sorrir para ele.

— Eu *sou* uma garota, Cuchulainn.

Brenna, contudo, não esqueceu a preocupação com a provocação fraternal.

— Acho que deve aceitar o conselho de seu irmão, Elphame. Já fez o bastante por hoje. Precisa de uma farta refeição e de uma boa noite de repouso para que se sinta revigorada amanhã. Vou preparar um chá que a deixará relaxada e ajudará seus músculos doloridos.

— Não estou... Ai! — exclamou El quando Brenna esticou o dedo e pressionou sua escápula.

— Sim, está sim — disse a pequena curandeira com presunção.

— Melhor ouvi-la, El — riu Cuchulainn. — Ela me lembra mamãe.

— Prepararei o bastante para você também — avisou Brenna a ele com severidade.

— O gosto é muito ruim? — perguntou Cuchulainn. Estava contente por ela falar com ele com a mesma voz que usava com a irmã, em vez de baixar a cabeça e sussurrar para o ombro.

— Sou curandeira, não cozinheira. — Ela deu-lhe uma olhada indignada. Então percebeu de repente que estava caçoando do belo guerreiro. Brenna sentiu o rosto ficar quente; sabia que o lado sem cicatriz estava corando, o que só acentuaria o rosa desfigurado do outro lado. — Preciso colher as ervas corretas — disse ela que, baixando a cabeça, retirou-se do pátio.

Cuchulainn a acompanhou com o olhar.

— Por que ela faz isso?

— Só pode estar brincando, Cuchulainn. Você sabe o porquê. Olhe para o rosto dela, e não é só isso nela que tem cicatrizes — disse El.

— Vi o rosto dela. Não me fez encolher de medo ou fugir dela.

Elphame ergueu uma sobrancelha. O que era aquilo na voz dele?

— Ela não me confidenciou, mas meu palpite é de que tenha sido tratada duramente, e não apenas

por mulheres. Apосто que os homens foram muito cruéis com ela, especialmente homens bonitos.

— Se alguém a tratar com crueldade aqui, terá que se entender comigo. Os homens sabem disso. —
A voz de Cuchulainn era dura.

Elphame ergueu a outra sobrancelha.

— Verdade?

— Ela é sua amiga. Não quero que seja tratada com desrespeito — disse Cuchulainn, ainda olhando na direção em que Brenna desaparecera.

Elphame observou o irmão. Nunca o vira reagir assim com qualquer mulher de fora da família. Estaria começando a se importar com Brenna? Seria possível? Imediatamente, Elphame ficou envergonhada com seus pensamentos. Claro que Cuchulainn poderia se importar com Brenna. Era bonito e talentoso, mas não era superficial e negligente com os outros. Brenna era uma jovem miúda e adorável, que por acaso fora desfigurada. Não deveria duvidar de que seu irmão era homem bastante para enxergar além das cicatrizes.

Sorriu com ternura para ele.

— Obrigada por cuidar dela, Cuchulainn.

— Não precisa me agradecer. É a coisa certa a ser feita. — As palavras da irmã o deixaram desconfortável e a voz souou mais rígida do que ele pretendia. Sorriu em tom de desculpas. — Devemos ir. Brenna provavelmente ficará preocupada se não a acompanharmos logo.

Perdidos em seus pensamentos, irmão e irmã caminharam lentamente através do pátio e da entrada desobstruída dos muros internos. Quando se aproximaram dos muros externos, foram acompanhados por um grupo de trabalhadores vindos de diferentes partes do castelo. Curvaram a cabeça respeitosamente para Elphame e seu irmão, e ela ficou contente quando vários deles a cumprimentaram pelo nome.

— O ferro do portão novo deve chegar antes da lua nova — disse Cuchulainn enquanto saíam do castelo.

Elphame parou e olhou de volta para o castelo.

— Fica feliz só de olhar para ele, não é? — perguntou Cuchulainn com um sorriso na voz.

As palavras dele despertaram-lhe a memória.

— Sim, fico. — Ela olhou para o irmão. — Sabe o que mais me deixa feliz?

— O quê?

— Correr. — Ela suspirou com a palavra. — Não dou uma boa corrida desde antes de deixarmos o templo de mamãe, Cuchulainn... — colocou a mão no ombro dele para impedi-lo de interromper — ... Preciso de uma corrida.

— Não conhece esse terreno. Onde acha que poderia ir? A estrada entre o castelo e a aldeia é a única área longa o bastante que lhe dá um exercício decente.

Elphame sacudiu a cabeça. Não, não correria onde os outros pudessem vê-la. Estavam apenas começando a aceitá-la. Se vissem sua verdadeira velocidade, provavelmente voltariam a tratá-la como deusa. Pensou no assunto, estudando a floresta ao redor com olhos de atleta. Depois sorriu.

— Correrei ao longo do penhasco. A floresta termina a vários metros antes do abismo. Segue uma faixa razoavelmente reta, então posso enxergar bem adiante. E, de qualquer forma, só preciso evitar as rochas, que são bem grandes para que eu não deixe de vê-las.

— Não sei, El. Não gosto da ideia de você andando sozinha. Por que não me deixa pegar meu cavalo e ir com você?

— Cuchulainn, não estava dizendo na noite passada que estava enganado quanto aos seus sentimentos

paranoicos? — Ela ignorou a pontada de culpa por usar a desculpa dele contra ele mesmo — especialmente considerando tudo que ela não lhe contara. — Levarei sua adaga de arremesso. — Ela bateu na cintura, onde a adaga estava bem afivelada. — Ainda há muita luz. Estarei de volta a Loth Tor tomando o chá de Brenna antes que o sol se ponha.

— Não gosto disso.

— Acha que vou despencar da beira do penhasco?

— Não. Só não gosto disso.

— Cuchulainn, não seja a mamãe.

Ele fez cara feia.

— *Não* sou nossa mãe.

Ela lhe sorriu.

Cuchulainn suspirou.

— Esteja de volta antes de o sol se pôr. Isso quer dizer na cidade, sentada perto de mim, bebendo o chá de sua curandeira — não rumando naquela direção ou pensando em rumar naquela direção.

— Sim! Sim! — disse ela com impaciência. Deu-lhe um rápido abraço e roçou-lhe a face com um beijo. Afastando-se correndo, lançou-lhe um olhar provocador por cima do ombro. — Cuide de Brenna até eu voltar.

Elphame riu e acelerou, deixando o vento engolir a resposta sucinta do irmão.

Treze

ELPHAME CONTORNOU A lateral do castelo. O Castelo MacCallan fora construído numa área gigantesca de terra alta que se projetava sobre o imponente litoral do Mar de B'an. Ela seguiu a beira do penhasco rumo ao norte. Como a terra ao sul, a costa se entortava para a floresta, deixando o MacCallan postado sozinho, silencioso e austero em sua posição proeminente.

Bom, silencioso por enquanto. Elphame sorriu ao vento enquanto pensava no castelo repleto dos sons felizes de pessoas cuidando dos afazeres diários de viver. Seu povo e seu castelo.

Quando ela não era mais visível do castelo, parou para desenrolar a saia da cintura e a pendurou sobre a lateral de um rochedo. Então começou uma série de alongamentos para aquecer os músculos rígidos das pernas. Elphame aspirou fundo a penetrante brisa marinha. Lá embaixo, ondas atingiam ritmicamente a base do penhasco. O sol seguia seu caminho descendo sobre o safira do mar, e o céu a oeste começava a ficar entremeado com o vermelho brilhante do anoitecer. Parecia-lhe tão certo estar ali que Elphame se perguntou como vivera por tanto tempo em outro lugar.

Músculos alongados e aquecidos, partiu num trote ligeiro, seguindo a margem do penhasco e descobrindo a sensação do terreno. Não era uma corrida fácil, como em sua campina próxima ao Templo de Epona. Ali tinha que desviar de rochedos e saltar sobre rochas, mas o exercício extra era satisfatório. Com a floresta à direita e o mar à esquerda, era como se corresse numa faixa de terra criada só para ela. Inclinou-se à frente e aumentou o passo. Danann havia sido sábio. Podia sentir a tensão dos últimos dias escorrendo de seu corpo conforme as pernas se arrojavam e os cascos batiam no chão com seu ritmo familiar. A sensação foi boa quando a ardência começou, então ela inclinou-se para acelerar, extraindo bastante de sua reserva de energia.

Adiante, enxergou um largo riacho que corria da floresta para cascadear num jorro brilhante de água cristalina sobre a margem do penhasco. Ela reduziu o passo, tomou uma decisão e virou para a floresta, acompanhando a linha do riacho. Adorava o mar e o som da água, mas a floresta a chamava. Ao lado do riacho, o chão estava grosso de agulhas de pinheiro e musgo precoce. Seus cascos trituravam com um som forte e satisfatório à medida que ela disparava floresta adentro. As árvores que se tornavam

gradualmente mais abundantes ao seu redor se alongavam até o céu. Os pinheiros eram tão antigos que seus galhos começavam depois de mais do que a altura de uma pessoa acima de sua cabeça. As árvores enormes a deslumbravam — eram muito mais bonitas que os salgueiros e bordos controlados que cresciam ao redor do templo da mãe. Elphame ergueu o olhar, sorvendo daquela imensidão. Aquele era seu lar, o lugar ao qual pertencia. Pela primeira vez na vida estava realmente se encaixando. Sentia-se livre, feliz e até, talvez, um pouquinho frívola...

Não notou a ravina até ser tarde demais para parar. O chão se abriu debaixo dela e o corpo de Elphame se arremessou para a frente, depois para baixo. Seus braços giraram freneticamente, tentando ajudá-la a recuperar qualquer impressão de equilíbrio enquanto caía, rolando e rolando. A dor cortou-lhe o flanco. Instintivamente, Elphame se curvou para proteger o ferimento e algo lhe atingiu o ombro e depois a cabeça. A escuridão a engolfou rápida e completamente.

Lochlan soube quando ela caiu. Andara caçando — a fome era a única força que podia arrancá-lo da constante vigília sobre o castelo. Um jovem cervo passara próximo ao seu esconderijo e ele o seguiu até a floresta, abateu-o com uma única flecha e começou o trabalho sangrento de cortar e limpar. Trabalhava com rapidez e eficiência, certo de que terminaria a tempo de retornar e observar Elphame partir do castelo quando o sol deixasse o céu. Talvez ela fosse se banhar novamente. Suas asas estremeceram diante da ideia, e Lochlan automaticamente reprimiu sua agitação, fazendo a cabeça doer com uma insistência enlouquecedora. A paixão do sonho da última noite o acompanhara durante aquele longo dia.

Ela não é só isso, lembrou a si mesmo com fúria. Ela não é apenas um objeto para ser cobiçado e usado. Ao longo de anos de sonhos, aprendera que ela era gentil e pensativa, frequentemente triste. Era mais do que um corpo feminino sensual e bonito. Era mais do que pele e sangue — Sangue... Espontaneamente, suas asas estremeceram de novo.

Então sentiu uma fisgada de dor no flanco do corpo, seguida por uma batida nauseante no ombro e na têmpora direita. Lutando contra uma onda de tontura, Lochlan largou a espada curta que estava usando para preparar o cervo e apertou o flanco do corpo. E então soube.

— Elphame! — gritou o nome dela, sem se importar com quem pudesse ouvi-lo. Algo terrível acontecera. Ela estava ferida. Precisava dele. Em frenesi, tentou aquietar o pânico e recuperar o controle de seus pensamentos. Onde ela estava? Como poderia chegar até ela?

Seu coração lhe dirá. Fique calmo e o escute.

Uma voz, muito parecida com a de sua mãe, ecoou em sua mente junto com a dor fantasma da ferida de Elphame. Estava enfim ficando louco? Não importava, pensou com ferocidade, desde que a loucura o levasse até ela. Com a unicidade de pensamento que o guiou até Partholon para encontrá-la nas ruínas do Castelo MacCallan, Lochlan se focou na moça que observara crescer e amadurecer. A moça que ele acreditava ser seu destino.

Sentiu a resposta com a mesma certeza com que sentia a dor dela. Abrindo as asas para que pudessem levá-lo na corrida ligeira e planada que herdara do povo de seu pai, disparou para o norte.

Elphame recobrou a consciência ao som de um trovão distante. Estava ficando enjoada — tremendamente enjoada. Tentou virar a cabeça para não se sujar, e a dor que latejava por sua têmpora direita a fez sugar o ar com um soluço. Vomitou — espasmos secos que faziam o flanco do corpo parecer estar em fogo.

Abriu os olhos lentamente, encolhendo-se com a dor na cabeça. Seus pensamentos eram desconexos, confusos. O que acontecera? Um tremor se espalhava por seu corpo e o fogo no flanco a dilacerava. Sua visão escureceu nas margens e ela se esforçou para manter-se consciente. Por que sentia tanto frio? Suas pernas estavam congeladas, quase dormentes. Estaria paralisada? Olhou para baixo. As costas estavam escoradas de maneira estranha num barranco musgoso. A metade inferior do corpo estava submersa num riacho — o riacho que ela estava margeando — e sua memória retornou. Estivera correndo e não prestara atenção. Caíra numa ravina.

Cuchulainn a mataria.

Fazendo careta com a dor aguda no ombro, lenta e cuidadosamente estendeu os braços para baixo para que pudesse tocar ambas as pernas. As mãos estavam tremendo terrivelmente, mas ela não sentiu nenhum osso quebrado se projetando da pelagem molhada que cobria suas pernas. Elphame tremeu. Seu flanco ardeu novamente. Havia um rasgo em sua camisa ensopada de sangue. Ela o abriu. E desviou o olhar — bem rápido. Um corte longo e feio, que sangrava livremente, corria desde a cintura até as costelas. Olhar para aquilo fez com que se sentisse prestes a ficar enjoada novamente. Nunca foi particularmente melindrosa com sangue, mas também nunca vira tanto do próprio sangue.

Rangendo os dentes de dor, deslocou o peso e tentou juntar as pernas para poder ficar de pé e sair do riacho. O mundo ficou cinza e uma onda de náusea a engolfou. Ofegando, ela desmoronou de encontro ao barranco. O lado direito da cabeça latejava horrivelmente. Ergueu a mão para tocar com delicadeza o local da dor e voltou grudenta e vermelha. Ela lutou contra outra ânsia de vômito.

Foi quando estava limpando a boca com as costas da mão que ouviu: um rosnado estranho e gutural. A inclinação da ravina não era tão íngreme no lado oposto do riacho, e as árvores cresciam quase até a beira do barranco, que era orlado por rochas, amarronzadas pelo tempo e cobertas de líquen cor de fungo. Sua visão estava lacrimosa, então Elphame piscou rapidamente, tentando enxergar a floresta sombria. Só conseguia distinguir formas vagas que poderiam estar se movendo ou não.

Um trovão ribombou novamente, dessa vez mais alto. Ela apertou os olhos em direção ao céu. Estava ficando escuro, mas não sabia dizer se era porque já tinha se passado tempo suficiente para o sol começar a se pôr ou se porque uma tempestade se aproximava.

O mato estalou como se um corpo grande se movesse depressa por ele. Estaria sumida por tempo suficiente para que Cuchulainn viesse procurá-la? Seria ele?

Sem acreditar muito, chamou hesitantemente:

— Cuchulainn? É você?

O ruído silenciou instantaneamente. Quando recomeçou, movia-se com intento na direção dela. Sob a luz fraca, um par de olhos vermelhos apareceu à orla da floresta antes mesmo que a criatura saísse das sombras.

Elphame sentiu um lampejo de pânico. O javali era realmente aterrorizante. O corpo encrostado de lama facilmente atingia a largura de um homem, com várias vezes seu volume. Presas amareladas projetavam-se em arcos mortais das mandíbulas poderosas. O javali cheirou o ar e repuxou os lábios num rosnado abominável que cuspiu saliva branca espumosa em forma de arco ao redor dele. O fedor a alcançou numa fétida arremetida, e o estômago de Elphame se agitou perigosamente. Os olhinhos do javali faiscaram num brilho feroz, então ele baixou a cabeça. As pernas pesadas de Elphame se arrastaram para sustentá-la e colocá-la de pé. Apoiando-se pesadamente no barranco, tentou piscar para clarear a visão enquanto puxava a adaga do irmão da bainha em sua cintura, mas o braço direito não funcionava bem, por isso a adaga caiu. O javali atacou.

Elphame trincou os dentes e tentou se afastar do barranco. Sabia que morreria. *Epona, me ajude a ser corajosa!*, rezou fervorosamente.

— Não! — Rosnando a palavra como se fosse uma praga, uma forma alada se lançou do barranco às costas de Elphame e colidiu com o animal atacante. O javali foi arremessado no chão, mas se endireitou com terrível rapidez. Agora não estava mais concentrado em Elphame. Em vez disso, encarava um novo adversário, um atacante que se agachou diante dele, asas abertas e uma espada curta ensanguentada desembainhada e de prontidão.

Elphame desabou novamente de encontro à lateral do barranco. Parecia que a realidade tinha se fragmentado. Devia ter caído pela malha do mundo que conhecia e entrado em outro, pois o ser alado diante dela desafiava a razão.

O javali atacou, e o ser alado pulou para o lado, baixando a espada pelo flanco do couro grosso do monstro. O javali berrou de dor e fúria, girando para atacar outra vez. Mas novamente o ser alado foi rápido demais e arrancou sangue pela segunda vez. Espumando, o javali atacou com selvageria, tentando encurralar o inimigo na lateral do barranco. Elphame viu o ser alado a olhar de relance e notou, também, que ele tinha percebido que o javali queria guiá-lo para perto de onde ela caíra. Com um terrível som sibilante, a criatura alada saltou uma última vez, direto no lombo do javali. Com incrível velocidade, a mão disparou em frente e a espada cortou certa a garganta da fera. O javali guinchou e tombou com peso no riacho, sangue vertendo da cachoeira em sua garganta.

A criatura alada ergueu-se das costas do javali morto. Deu dois passos hesitantes na direção de Elphame.

— Fique longe! — gritou ela.

Como se tivesse se deparado com um muro de vidro, a criatura alada parou.

Elphame fitava-lhe as mãos. Estavam cobertas de sangue, assim como a espada que segurava. Ele lhe acompanhou o olhar e imediatamente largou a espada, abrindo as mãos.

— Não a machucarei — arfou ele, tentando normalizar a respiração para que a voz não a assustasse. Os olhos dela estavam arregalados e vidrados, e ele via que Elphame estava tremendo violentamente.

— Tanto sangue — sussurrou ela com lábios dormentes.

Ela não precisava ter dito nada; Lochlan já estava intensamente ciente de que o sangue do javali o cobria e também preenchia seus sentidos exaltados. Podia sentir o espírito do animal, ainda forte e zangado, na vermelhidão brilhante que lhe tingia as mãos. Chamava Lochlan com uma voz bárbara que incendiava seu sangue. O demônio dentro dele se agitou; vitorioso, queria afundar os dentes no pescoço do javali e beber profundamente, absorvendo a essência bestial. Lochlan lutou contra as sensações. Precisava se livrar do sangue antes que se perdesse. Lutando contra a dor que ferroava sua mente enquanto represava o desejo vicioso dentro de si, Lochlan se abaixou rápido e afundou as mãos e os braços no riacho, esfregando-os com frenesi para se livrar do sangue do animal. Depois, braços pingando, mas não mais vermelhos, novamente os estendeu abertos diante dela.

— Já se foi agora. — Limpo, o escudo de controle estava firmemente intacto e Lochlan era capaz de falar com Elphame numa voz tranquilizadora, como se fosse uma criança muito pequena.

Elphame olhou das mãos para o corpo dele, estudando-o com uma estranha e desalentada curiosidade que era resultado do choque, da perda de sangue e da completa descrença. Ele era um homem. Um homem alado. Era alto, vários centímetros mais alto do que ela, e o cabelo era de uma estranha cor amarela, como se alguém tivesse domado os raios do sol da manhã, pensou. Devia ser longo, pois mesmo que estivesse preso numa linha, ela viu que durante a batalha com o javali vários dos fios se soltaram e

penderam além dos ombros. O rosto fora primorosamente esculpido, com sulcos poderosos e maçãs altas e bonitas. Os olhos, que a fitavam com intensidade, eram ligeiramente oblíquos. A cor era um distinto azul-acinzentado. Com uma crescente sensação de assombro, concluiu que ele era belo. O corpo era longo e magro; a pele era muito pálida, mas ele não parecia doente ou amarelado. Em vez disso, parecia etéreo, como se não pertencesse ao mundo mortal. Estava vestindo uma camisa de cor creme feita de um tecido grosseiramente costurado. Elphame achou que a camisa precisava ser lavada. O calção era de couro marrom que fora rudemente curtido. Não usava sapatos. Havia algo de estranho quanto aos pés, mas ele estava parado no riacho, por isso Elphame não conseguia obter uma clara visão deles.

Então seus olhos buscaram as asas. Mesmo agora, bem dobradas às costas, o tamanho delas era impressionante. Lembrou-se de como pareciam quando ele lutou com o javali. Tinham se estendido como se ele fosse uma ave de rapina com asas de mais de três metros de envergadura. Não possuíam penas, mas eram feitas de uma membrana que parecia ser macia ao toque. A parte interna das asas era uma penugem clara, como a pele e o cabelo, mas a parte de fora era mais escura, mais como o acinzentado dos olhos.

— O que é você? — Pensou ter feito a pergunta numa voz normal, mas ficou desalentada ao ouvir que as palavras eram apenas um fraco sussurro.

— Me chamo Lochlan. E não desejo machucá-la. Jamais — disse ele, deixando um pouco da urgência que sentia infiltrar-se na voz. Ela estava ferida. Desviou o olhar da terrível quantidade de sangue na cabeça e no flanco dela. Os lábios estavam azuis e o rosto mortalmente pálido. — Vai me deixar ajudá-la, Elphame.

Os olhos dela se arregalaram, e Lochlan pensou que ela parecia uma assustada criatura da floresta.

— Como sabe meu nome?

— Sempre soube seu nome — respondeu ele, dando um lento passo adiante.

— Isso está mesmo acontecendo? Estou morta?

Ele deu mais dois passos e encurtou a distância entre eles.

— Garanto que isso está acontecendo, e que você não está morta.

Ele então sorriu, e Elphame ficou deslumbrada com o calor que irradiava dele.

— Mas compreendo o que sente. É quase como se eu estivesse sonhando também. — Uma mão se estendeu com impaciência, como se quisesse tocá-la, mas quando Elphame se encolheu, ele deteve o movimento e o esplendor de seu sorriso desvaneceu. Lochlan só hesitou por um instante antes de dizer: — Está muito úmido e frio. Não quero movê-la, mas você está em choque e não é seguro que fique aqui.

A preocupação na voz dele era real e penetrou a neblina de dor que ameaçava subjugar-la.

— Acho que não consigo andar — disse ela, sentindo-se estranhamente destacada do som da própria voz.

Ele sorriu novamente, e dessa vez Elphame foi surpreendida por um vislumbre de dentes muito brancos, muito afiados.

— Posso carregá-la — disse ele.

Ela devia estar vivendo um sonho. O que estava acontecendo era simplesmente outro sonho incrivelmente realista como o que tivera na noite anterior. Logo ela acordaria e encontraria Cuchulainn alimentando o fogo com mais lenha. Ele a repreenderia por não dormir o bastante e depois fingiria que não tinha ficado acordado por grande parte da noite para vigiá-la.

Então, por que não? Era seu sonho, e ela achava que poderia gostar se um belo homem alado a

carregasse.

— Pode me carregar. — Queria sorrir para ele, mas seus lábios não a obedeciam.

Tentando ao máximo ser gentil, Lochlan se ajoelhou ao lado dela. Assim tão perto, não podia ignorar o sangue que lhe cobria a cabeça e lhe ensopava o flanco do corpo. O cheiro vigoroso o assaltou — rico e forte, o sangue corria espesso de poder feminino. Sem aviso, ouviu a voz da mãe repetir as palavras da Profecia: *Você salvará seu povo da loucura através do sangue de uma deusa agonizante.*

Não! Elphame não podia morrer. Não aqui — não agora.

Ele rangeu os dentes, rejeitando o chamado do sangue dela, e abraçou a dor que lhe aguilhoava por ignorar seus desejos básicos. Deslizou um braço por trás das costas dela e o outro por baixo dos joelhos. Hesitou. Era inumanamente forte e não teria problema em carregá-la, mas temia a dor que sabia que causaria a ela.

— Perdoe-me — disse ele.

Num suave movimento, ergueu-a nos braços. Elphame gemeu e o som rasgou-lhe o coração. Lochlan estendeu as asas para ter equilíbrio e, o mais rápido possível, carregou-a barranco acima pela íngreme ravina.

Um trovão soou, acompanhado pelo brilho de um relâmpago. Ele estudou o céu; uma tempestade estava vindo do mar. Elphame precisaria de abrigo e também de tratamento para os ferimentos. Lochlan cerrou a mandíbula em frustração. Deveria carregá-la para seu próprio abrigo, mas sabia que antes precisava verificar os ferimentos dela. Vasculhou a área. A copa dos altos pinheiros forneceria certa proteção da tempestade, desde que a chuva não se tornasse pesada demais. Caminhou vários metros entre as árvores até encontrar um ponto debaixo de um antigo pinheiro que estava com um grosso amontoado de agulhas secas. Chutou mais agulhas num ninho improvisado, depois se agachou e a deitou com cuidado.

Elphame estava com os olhos fechados e tremia. Estava vestindo apenas um corpete sem mangas e um pequeno triângulo de tecido. O lustroso pelo equino que lhe cobria as pernas estava molhado, mas as pernas em si não pareciam estar feridas; ele não via sangue ou inchaço marcando a superfície macia. Seus olhos viajaram pelo corpete. O tecido estava rasgado de um lado e saturado de escarlate com sangue fresco. O estômago dele fez um nó e a dor rasgou sua cabeça com o esforço que foi impedir-se de agir num impulso sombrio que estava bem perto de afogá-lo.

Ele não a provaria; seus demônios não venceriam. Desviou o olhar e estabilizou-se. Quando voltou-se para ela, a voz estava contida e controlada: — Elphame, preciso examinar seu ferimento.

Os olhos dela se abriram em fendas estreitas.

— Isso não é um sonho.

— Não. Isso não é um sonho. Não quero lhe causar mais dor, mas preciso ver se a ferida está muito feia.

— Vá em frente — disse ela, apertando bem os olhos.

Precisava ficar calmo. Agora não era hora para mãos trêmulas e pensamentos apavorados. Era mais humano que demônio. Conseguiria fazer isso.

Lochlan respirou fundo e puxou a beirada rasgada do corpete. O talho era longo e feio. Podia ver que tinha aberto a pele e cortado o músculo, mas ao examinar ficou aliviado ao ver que não era tão profundo quanto esperava. Sondou a área, tornando seu toque o mais gentil possível, e não sentiu nenhuma costela fraturada. O ferimento estava sangrando livremente. Lochlan trincou os dentes com o esforço necessário para manter o demônio em seu sangue acuado. Para variar, saudou a dor que preenchia suas têmporas

enquanto se obrigava a observar o ferimento com distanciamento clínico. Precisaria comprimir o talho e parar o sangramento. Olhou para a cabeça de Elphame, cuja lateral estava coberta de sangue seco. O ferimento da cabeça o preocupava bem mais do que o talho no flanco, mas havia pouco que ele pudesse fazer a respeito.

Lochlan pensou no que precisava. Mais de um século de vida lhe ensinara bem algumas lições — sua espécie provara ser de vida longa, mas não eram imortais e certamente não eram indiferentes a danos. Ele estancara muitas feridas e tratara de incontáveis ferimentos. Abruptamente, começou a voltar para a ravina.

— Não me deixe!

As palavras dela o levaram rapidamente para seu lado. Ele acariciou-lhe a face com os dedos.

— Nunca, meu coração. — A preocupação com a sensação pegajosa da pele dela fez o termo carinhoso escapar de seus pensamentos em palavras. — Mas preciso comprimir sua ferida e parar o sangramento. É só isso. Não vou longe. — Ele apontou para a ravina. — Há musgo perto do riacho.

Em silêncio, Elphame assentiu e depois se encolheu com a dor que o movimento causou.

Lochlan podia sentir os olhos dela acompanhando-o quando correu até a beira da ravina e pulou, planando rapidamente até o riacho, onde recuperou a espada e depois cortou um pedaço de musgo verde do barranco. Com a visão aprimorada que herdara do pai fomoriano pôde ver claramente que ela o esperava, de olhos arregalados, e também seu ar de alívio quando ele subiu novamente a beira da ravina. Lochlan ajoelhou-se ao lado dela outra vez.

— Eu faria qualquer coisa para não machucá-la, mas não posso deixar que continue sangrando. Preciso comprimir o ferimento no seu flanco. Compreende? — Ele olhou com atenção nos olhos dela. Será que os pensamentos dela estavam claros? Será que a ferida na cabeça era grave?

— Compreendo que vai doer o bastante para que você já lamente — disse ela com um fraco sorriso.

O sorriso e as palavras inteligentes o aliviaram além da conta. Ela soava como a Elphame que ele conhecia tão bem dos sonhos.

— Então não há nada de errado com seu entendimento.

— Estou pronta — disse ela, fechando bem os olhos outra vez. — Hoje descobri que não gosto da visão do meu próprio sangue.

A visão do sangue dela... O cheiro... A sensação... Ele também não gostava de como o sangue dela o provocava. Trabalhando rápido, Lochlan mediu e cortou uma tira de musgo do comprimento da ferida. Melhor acabar com isso, disse a si mesmo. Com cuidado, comprimiu o musgo no talho aberto, tentando ignorar o som da dor que infligia a ela.

— Acabou — disse ele numa voz que tremeu só um pouquinho.

Lágrimas tinham escorrido dos olhos fechados de Elphame, que ao abri-los precisou piscar várias vezes antes de conseguir focalizá-lo.

— Está tão frio — disse ela.

Lochlan se amaldiçoou em silêncio por ser tão tolo. Quando sentiu a dor dela, todos os outros pensamentos fugiram-lhe da mente. Deixara seu fardo contendo água, facas e a preciosa pederneira para produzir fogo ao lado do corpo do cervo. Os trovões continuavam a roncar ameaçadoramente, e Lochlan olhava inquieto para o céu que parecia coberto de contusões. Ela não podia caminhar até seu abrigo, e não gostava da ideia de carregá-la, com frio e quase desmaiada, por uma tempestade. Elphame precisava se aquecer antes que o choque se assentasse e ameaçasse sua recuperação. Precisaria abrigá-la ali, da única maneira que conhecia.

— Posso aquecê-la, Elphame, mas precisa confiar em mim.

Ela o fitou. A cabeça doía com um latejar nauseante que fragmentava seus pensamentos e corroía sua capacidade de raciocínio. Quem era ele? Lochlan — o nome lhe veio à mente. As asas lhe atraíram o olhar outra vez. Mas o que era ele? Será que já tinha lhe contado? Teria esquecido?

— Elphame, dou minha palavra de que não quero que nenhum mal lhe aconteça.

A voz chamou os olhos dela aos dele. Havia algo naquela voz, algo familiar. Ela tentou se concentrar, mas a martelada na cabeça não permitia. Tudo do que tinha certeza naquele momento era que Lochlan, fosse quem fosse, acabara de lhe salvar a vida.

— Confiarei em você — disse ela.

Seu sorriso com presas era desconcertante, mas Elphame tinha pouco tempo para sentir qualquer coisa senão surpresa porque Lochlan de repente estava se deitando ao seu lado. Ele apoiou-se num cotovelo e a fitou nos olhos.

— Não fique assustada.

Então uma asa colossal se abriu de onde estava dobrada às costas do corpo dele. Como um cobertor vivo, a asa se moveu por cima dela e depois desceu, até sua beirada recortada encontrar o chão da floresta. Ela estava completamente confinada por ele.

O calor dele a envolveu. Elphame ficou bem parada — até seu tremor cessou. A asa estava a menos de uma das mãos de distância acima dela. De tão perto ela podia ver que o lado interno estava coberto com pelos pequenos e finos que pareciam tão macios quanto penugem. O perfume dele então chegou a ela. Ele cheirava a pinho, suor e algo bolorento e selvagem que Elphame não conseguia definir, mas que era surpreendentemente agradável aos seus sentidos. Ela virou a cabeça, mexendo-se lenta e cuidadosamente. O rosto dele estava bem próximo ao seu. Ele a observava com silenciosa intensidade.

— O que é você? — sussurrou ela.

Os olhos dele nunca abandonavam os dela e, sem pensar, Lochlan respondeu com o coração: — Sou o homem que a conheceu por toda a vida.

O que ele estava dizendo não fazia sentido para seus pensamentos confusos.

— Mas você não é um homem e não me conhece.

— Eu a conheço desde seu nascimento, Elphame. Eu a observei através de meus sonhos.

Sonhos... Os olhos dela se arregalaram. Tinha sonhado com asas a envolvê-la e acariciá-la. A voz dele! Era a voz dele que tinha ouvido na noite anterior chamando por ela dentro da neblina.

— E uma parte minha é bastante humana — disse Lochlan.

— E a outra parte? — perguntou Elphame sem fôlego.

Lochlan continuou a fitar-lhe os olhos, mas, ao falar, sua voz estava repleta de grande tristeza: — Minha mãe era humana. Meu pai era fomoriano. Eu carrego o sangue de ambas as raças em minhas veias.

Os pensamentos de Elphame estavam espiralando erratically, e ela de repente sentiu frio novamente.

— Mas isso não é possível. — Mesmo enquanto falava, Elphame buscou com o olhar a asa que lhe cobria o corpo, e estremeceu. Uma imagem do nobre MacCallan rodeado por um círculo de demônios alados sanguínários lampejou em sua mente. Como Lochlan poderia ser um fomoriano? Mesmo que não tivesse testemunhado o assassinato d'O MacCallan, tinha lido bastante sobre os fomorianos na biblioteca de sua mãe para saber que aquela raça fora venenosa para Partholon. Eles chegaram perigosamente perto de escravizar o mundo inteiro. Os olhos dela buscaram os dele. — Os fomorianos foram exilados de

Partholon há mais de um século.

Lochlan queria explicar a ela, tentar acalmar o temor e a confusão que lia em seus olhos, mas sua audição ultrasensível capturara um som súbito. Ele ergueu a cabeça e virou uma orelha para o vento. Em meio ao ruído da tempestade iminente, podia ouvir cascos ecoando. Devia ser Cuchulainn.

— Elphame, me escute — disse ele com urgência. — Sua gente está vindo. Não posso ficar. Eles só me veriam como fomoriano, não como homem.

Elphame piscou. Em meio à dor que martelava seu corpo contundido, ela se forçou a se concentrar no rosto dele. Enxergava mesmo um homem — um homem belo e heróico.

— Escute e lembre-se. Não estou realmente deixando você. Sempre estarei por perto, esperando seu chamado. Compreende?

— Eu... — Elphame começou a dizer, mas o som da voz do irmão gritando-lhe o nome cortou com clareza a noite. — Vá! — pediu a Lochlan.

A asa se afastou dela. O frio do ar noturno a atingiu, fazendo com que se sentisse exposta e vulnerável. Antes de se levantar, Lochlan lhe acariciou a face com a ponta dos dedos.

— Me chame, meu coração. Eu atenderei.

Então ele planou silenciosamente floresta adentro, desaparecendo rapidamente de vista.

Catorze

— CUCHULAINN! AQUI! — A voz de Brighid ecoou acima do lamento do vento. A caçadora galopou até o ponto onde Elphame estava deitada e parou, deslizando, Cuchulainn bem atrás dela. Ele pulou do cavalo antes que o animal parasse e caiu de joelhos ao lado da irmã. Então Elphame foi circundada em luz de tochas flamejantes enquanto a noite explodia com cavalos, cavaleiros e centauros.

— Ei! Ah, não! Por favor, não! — Cuchulainn tomou a mão dela nas suas. Estava fria, como mármore esculpido. Sangue — ela parecia estar coberta de sangue. O rosto dela estava fantasmagoricamente branco, e, se não tivesse piscado e sussurrado seu nome, teria acreditado que ela estava morta.

Elphame achou que ele soava muito jovem e quis tranquilizá-lo, mas estava com muito frio novamente. Parecia que, junto com Lochlan, toda sua força fugira também. Falar exigia um esforço muito grande.

— Cuchulainn, afaste-se. — A voz de Brenna era calma, firme e não guardava nada da tímida hesitação com que ela geralmente falava com ele.

Ele ergueu os olhos inexpressivamente.

— Cuchulainn, agora! Preciso ver sua irmã. — O tom de comando de Brenna foi tão impetuoso que o guerreiro em Cuchulainn obedeceu sem pensar.

Brenna se ajoelhou ao lado de Elphame.

— Traga aquela tocha para cá — ordenou ela. — E traga alguma coisa para cobri-la.

A luz fez Elphame piscar dolorosamente, mas foi um alívio sentir o peso camuflador de várias capas que foram apressadamente jogadas sobre sua quase nudez. Estranho que não tivesse pensado no quão pouco estava vestindo quando Lochlan estivera ali.

— Elphame, quem sou eu? — perguntou a curandeira, curvando-se bem perto e usando a luz de uma tocha para observar-lhe os olhos com cuidado.

— Brenna — murmurou ela.

— E onde você está?

— Floresta... — conseguiu dizer. — A ravina, eu cáí. — Ela tentou apontar, mas a dor no ombro a

fez conter um gemido.

Brighid acompanhou o meio-gesto de Elphame. Segurando alto a própria tocha, a caçadora desapareceu nas bandas da ravina.

As mãos seguras e gentis de Brenna viajaram rapidamente pelo ombro machucado de Elphame, subindo a cabeça e finalmente descendo para a ferida coberta de musgo no flanco do corpo.

— Fez bem em comprimir isso. Você perdeu sangue demais pelo visto.

— Eu não... — Elphame começou a falar, mas a curandeira a impediu: — Não fale. Você precisa guardar sua força para a viagem de volta. Beba isto. — Gentilmente, a curandeira ajudou Elphame a erguer a cabeça enquanto pressionava um odre nos lábios dela.

Elphame cuspiu, depois bebeu sofregamente. O vinho temperado era doce e frio, e quando sua energia a preencheu, ela se sentiu reanimada o bastante para sorrir de leve para o irmão.

— Estou bem, Cuchulainn — disse ela, desejando que a voz não soasse tão fraca.

— Não — disse Brenna com severidade. — Não está bem, não ainda. Cuchulainn, preciso de uma tira de pano para amarrar o ombro e outra para enfaixar a ferida do flanco.

Aliviado por receber algo construtivo a fazer, Cuchulainn puxou a camisa e começou a rasgar o linho fino em tiras longas.

— Ele só quer exhibir o peito. — A voz de Elphame tremeu, mas ela conseguiu se fazer ouvir. Os homens e centauros que a cercavam gargalharam, assim como Brenna. Cuchulainn tentou fazer cara feia, mas só conseguiu parecer ridiculamente feliz, e El por um momento temeu que ele pudesse chorar de verdade.

— Você acaba de aliviar muito a minha mente quanto à severidade da ferida na cabeça — disse a curandeira.

O sorriso do irmão se alargou.

— Há um javali morto no fundo da ravina. — Brighid tinha se reunido ao círculo ao redor de Elphame. — Acredito que seja sua. — Ela entregou a adaga de arremesso a Cuchulainn, mas seus olhos estavam estudando Elphame com uma expressão curiosamente cautelosa.

— Pela Deusa, El! Um javali? — O rosto de Cuchulainn, que recuperara um pouco da cor, empalideceu outra vez.

Brenna começou a prender com cuidado as tiras de linho ao redor da cintura dela, salvando Elphame de responder ao irmão. Ela fechou os olhos e trincou os dentes de dor — e tentou se concentrar. Lochlan. Ele não fora uma aparição; ela o tinha visto matar o javali, o mesmo javali que Brighid encontrara. Ele a carregara ravina acima, cuidara de sua ferida e a cobrira com seu calor. Não deveria contar a eles que ele a salvara?

Ele disse que o pai era um fomoriano.

Eles só me veriam como fomoriano, não como homem.

As palavras de Lochlan ecoaram por sua mente confusa. Não poderia ser possível. Os fomorianos foram derrotados e expulsos de Partholon há mais de um século. As diferentes raças de Partholon tinha se unido para garantir que a horda demoníaca fosse extinta — para que nunca ameaçasse as pessoas de Partholon, em particular as mulheres partholonianas, novamente. Sua mente turvada pela dor esquivou-se das lembranças do registro histórico de estupro e destruição. O ser que acabara de salvar sua vida não podia ser um fomoriano. Não fazia sentido.

Porém, ela vira suas asas. Elas a envolveram com seu calor. Claramente, o impossível acontecera.

Encontrará seu destino no Castelo MacCallan... Esse destino está ligado ao seu consorte... As palavras

farfálham pela cabeça latejante de Elphame. Ela tentou envolver a mente naquele pensamento, mas era simplesmente bizarro demais. Sua concentração se fragmentou. Não conseguia pensar nisso com clareza agora, e não falaria sobre isso até ter tempo para ordenar a mente.

— Pronto — disse Brenna, dando um nó na tipoia improvisada que prendia o braço de Elphame com firmeza ao peito. Quando terminou, os primeiros pingos de chuva salpicaram através da copa dos pinheiros. — Isto é tudo que posso fazer aqui. Devemos voltar para o castelo.

— El.

Ela abriu os olhos para ver o irmão agachado ao seu lado. O cabelo já estava molhado. Ele enrolara uma dobra do *kilt* sobre o peito nu. Elphame pensou que ele parecia muito vistoso, como o antigo guerreiro de quem recebera o nome. Ela lhe sorriu, querendo amainar a preocupação nos olhos dele.

— El — repetiu ele, abrindo as mãos sobre a cabeça dela numa tentativa de abrigá-la um pouco da chuva. — Sei que será difícil para você, mas vamos cavalgar de volta ao castelo.

Brighid veio para o lado de Cuchulainn.

— Eu a carrego.

— Ela não pode cavalgar sozinha — disse Cuchulainn. — Ela terá que cavalgar comigo.

— Então carrego você também. De qualquer forma, estará muito ocupado segurando-a para que guie esse seu capão desmiolado — disse Brighid. — E pode ter certeza de que não pisarei em falso ou causarei a ela qualquer dor desnecessária.

Cuchulainn ergueu o olhar para a caçadora.

— Carregaria nós dois?

— Facilmente.

O céu ribombou e o tamborilar da chuva caiu com mais insistência através das árvores.

— Eu a quero fora daqui. Agora — Brenna avisou a Cuchulainn. — E ela não deve dormir. Converse com ela, Cuchulainn.

Ele assentiu sucintamente em resposta à curandeira, depois começou a gritar ordens: — Angus, Brendan, ergam-na para mim. — Ele se levantou e saltou sobre o lombo da caçadora. — Com cuidado! — berrou quando a irmã gemeu de dor conforme os dois homens começaram a erguê-la.

Elphame tentou ajudar os homens, mas sua visão escureceu novamente e, cada vez que se mexia, sua ferida no flanco ardia de maneira quase insuportável. Sentiu os braços fortes de Cuchulainn ao seu redor quando escarranchou o lombo macio da caçadora.

— Pronto? — Brighid olhou por cima do ombro para Cuchulainn.

— Sim. — Cuchulainn apertou a irmã e a caçadora se moveu com facilidade num meio-galope suave e acelerado.

Em algum canto da mente, Elphame reconheceu que teria gostado de aproveitar a novidade de pegar carona num centauro. Em vez disso, estava mergulhada num pesadelo implacável. Cada passo que a centaura dava sacudia seu corpo. A cabeça pulsava e o estômago se revirava. Podia sentir uma umidade morna escorrendo pelo flanco e soube que a ferida estava sangrando pelo musgo. Logo não conseguiria se manter ereta, e quando saíram da floresta para refazer seu caminho ao longo da margem rochosa do penhasco, ela desabou sobre o irmão, dependendo completamente dele para não cair.

— Não vai demorar muito... Estou segurando você... — Cuchulainn mantinha uma litania de encorajamento ao ouvido da irmã: — Converse comigo, El. Fale sobre como o Castelo MacCallan ficará bonito quando finalmente estiver restaurado.

As respostas da irmã ao seu questionamento constante eram confusas — às vezes ela descrevia

cômodos que ele reconhecia muito bem como ambientes nos quais eles tinham crescido, e às vezes o que ela dizia não fazia sentido nenhum, como quando descreveu uma cama de agulhas de pinheiro coberta por asas —, mas ele a manteve falando, mesmo percebendo que ela ficava mais fraca e se apoiava com mais peso sobre ele. Então o céu se abriu e a chuva caiu sobre eles em gotas pesadas. As tochas que os cavaleiros seguravam chiaram e apagaram. Cuchulainn estava quase grato pelos lampejos brilhantes dos relâmpagos que ajudavam a iluminar o caminho. A decisão de Brighid em carregá-los fora prudente. Se ele estivesse cavalgando seu capão, não seria capaz de conduzir o cavalo pela escuridão da tempestade e sustentar a irmã, também.

A caçadora logo se distanciou do resto do grupo — até dos centauros que se voluntariaram na busca. A determinação e o vigor dela eram impressionantes. Tinha julgado Brighid mal, Cuchulainn admitiu a si mesmo. Quando anunciou que sairia em busca da irmã, ela e a pequena curandeira foram as primeiras a se juntarem a ele. Sem a ajuda dela, nunca teria rastreado e encontrado Elphame tão rápido.

Se ao menos tivesse reagido tão rápido quando teve a primeira premonição de que algo estava errado com El! Em vez disso, ignorara o crescente pressentimento só porque vinha do reino espiritual — aquela área de sua vida que tentava ao máximo reprimir e ignorar. Saber disso deixava um gosto ácido em sua boca que ele reconhecia como sendo parte autodepreciação, parte medo.

Cuchulainn apertou a irmã com mais força em seus braços. Agora sabia o que o incomodava desde que começaram a jornada ao Castelo MacCallan. A ameaça desconhecida que sentia pairando sobre a irmã não era um amante nocivo ou uma maldição ancestral. Era algo totalmente mundano: um acidente. E ele estivera muito ocupado imaginando fantasmas anônimos para prever tanto.

Fantasmas anônimos? Se não estivesse tão molhado e miserável, teria rido alto em autozombaria. Aparentemente, alguns deles tinham nome, além de voz e atitudes.

Brighid diminuiu o passo, e Cuchulainn ficou aliviado por ver os muros escuros do castelo se materializarem diante deles.

— Leve-a para a cozinha. É onde fizeram a maior parte do trabalho — gritou Cuchulainn acima da tempestade.

Brighid assentiu e trotou pelo buraco nos muros externos, depois entrou no pátio interno. A chuva entornava pelo telhado vazio e, quando passaram pela fonte, relâmpagos rasgaram o céu, subitamente delineando a garota de pedra como um fantasma na noite. Cuchulainn encarou a estátua com inquietação — olhando com suspeita para a área ao redor dela.

Os cascos de Brighid patearam adentro do Grande Salão, onde ela enfim parou. A caçadora girou a cintura e disse rapidamente: — A cozinha deve estar escura como uma tumba. Você e Elphame esperam aqui onde há um pouco de luz. Vou arranjar uma pederneira e tochas nas carroças.

Brighid o ajudou a içar o corpo inerte de Elphame do lombo ao chão, onde Cuchulainn sentou-se recostado à parede aninhando com cuidado a cabeça da irmã no colo.

— Não demoro — disse Brighid, dando uma última olhada preocupada em Elphame antes de sair apressada do cômodo.

— É bom ficar parada — disse Elphame com fraqueza para a escuridão.

— Brenna logo estará aqui — garantiu-lhe Cuchulainn.

Querida cuidar da irmã, fazer algo que a fizesse se sentir melhor. Sentia-se impotente e inútil. Desenrolou a dobra do *kilt* que jogara sobre o ombro e usou a ponta para secar com delicadeza um pouco da chuva no rosto e nos braços dela. Conversar... Tinha que mantê-la conversando, mas antes que pudesse fazer outra pergunta boba sobre a decoração do castelo, ela o surpreendeu com uma pergunta

própria: — Como soube que devia me procurar, Cuchulainn?

Ele baixou os olhos para a irmã. Na escuridão, só o esboço do rosto dela era visível. Lampejos ocasionais de luz adentravam o Grande Salão vindos do pátio aberto, e Cuchulainn podia ver o reflexo brilhante dos olhos dela ao encararem-no.

— Estava preocupado com você.

Elphame sorriu com fraqueza.

— Anda preocupado comigo desde que chegamos aqui. O que o fez me procurar?

— Não pretendia; disse a mim mesmo que estava imaginando coisas. Depois a tempestade começou a chegar. Eu estava agitado, então pensei em vir aqui e ficar de olho em você. — Ele fez uma pausa e afastou uma mecha molhada do rosto dela. — Pensei em desafiá-la numa corrida com meu capão até Loth Tor, e como você já tinha saído para uma longa corrida, talvez ele tivesse uma chance de vencê-la.

Ele viu os dentes dela brilhando, então sorriu de volta.

— Assim, eu estava esperando na entrada principal quando ouvi um ruído vindo de dentro do castelo. Diferentemente de minha agitada inquietação quanto a você, o ruído era impossível de ignorar.

— Por quê? — perguntou Elphame.

— Porque era o som de alguém chamando meu nome. — Cuchulainn meneou a cabeça, lembrando da voz grandiosa entoando seu nome de dentro do castelo vazio e da sensação terrível causada por ouvir um espírito bem real exigindo sua atenção. A voz de Cuchulainn estava apertada de ansiedade: — El, preciso contar que os rumores sobre o castelo eram em parte verdadeiros. Pode não ser amaldiçoado, mas posso garantir que é assombrado.

O lampejo seguinte de relâmpago iluminou os olhos arregalados da irmã.

— O MacCallan conversou com você também? — perguntou ela num rompante, com muito mais animação do que demonstrava desde que fora encontrada na ravina.

Cuchulainn franziu o cenho.

— Está dizendo que ele apareceu para você e não me contou nada? — perguntou com incredulidade.

— Bem, Cuchulainn... — Ela hesitou, de repente quase contente por estar machucada. Ao menos ele não poderia ficar muito zangado com ela. — Sei o quanto você não gosta do reino espiritual.

— Não gostar! — gritou ele. Quando a irmã se encolheu em reação, ele fechou os olhos e respirou fundo. — El — disse lentamente —, não é uma simples questão de não gostar do reino espiritual. Pense no que aconteceu desde que chegamos aqui. Você nunca sentiu o menor toque de magia da Deusa, e de repente é como se você se tornasse um canal vivo com Epona. Há forças que não compreendemos agindo aqui, El.

Elphame fez um gesto fraco com a mão e tentou sacudir a cabeça, mas o movimento terminou em careta.

— Shhh. — O irmão imediatamente ficou na defensiva. — Não pretendia angustiá-la. Não estou zangado com você.

— Eu sei, Cuchulainn — disse ela, piscando com força para clarear a visão e ordenar os pensamentos. — Mas deve se lembrar de que é diferente comigo. Não tenho medo do reino espiritual. E não pode crer que O MacCallan ou Epona me desejarium qualquer mal.

— Claro que não — disse Cuchulainn, limpando mais água sangrenta do rosto dela. — Mas quero que se lembre de que assim como existe o bem, também existe o mal. E o mal no reino espiritual não pode ser derrotado com a força de armas.

— Não — murmurou ela. — Deve ser derrotado com honra, verdade e força de vontade.

Cuchulainn estudou a irmã na parca luz. Percebeu que ela estava mudando. Não queria admitir, mas aquela constatação o deixou inquieto. Um relâmpago lampejou novamente e ele pôde ver que Elphame lhe sorria. O coração dele se apertou. Ela era sua melhor amiga desde quando conseguia se lembrar. Não a amava o bastante para permitir que se tornasse a senhora do próprio destino, mesmo que parte desse destino lhe parecesse estranho e incompreensível?

— Só me prometa que me contará sobre qualquer outra visita espiritual. Especialmente se for com um de nossos ancestrais.

— Eu prometo — disse ela, parecendo aliviada. — A propósito, notou a semelhança entre você e O MacCallan?

Cuchulainn bufou:

— Por favor! Não sou nada parecido com aquele cáustico fantasma velho.

— O que ele lhe disse?

— Deixe-me ver se lembro direito... Sim, foi algo como: *Cuchulainn, você não passa de um brutamontes cabeça-oca? Vá atrás de sua irmã, a menina precisa de você!* — Ele resmungou numa excelente imitação do velho espírito rude.

Elphame ainda estava se alternando entre risadinhas e caretas da dor quando Brighid e o resto do grupo adentraram ruidosamente o Grande Salão. Brenna saltou de maneira desajeitada do cavalo e foi para junto de Elphame, franzindo a testa com severidade para Cuchulainn.

— Mandei mantê-la conversando, não que a deixasse histérica.

Lochlan seguiu os três, observando através da chuva incessante para ter certeza de que Elphame chegara em segurança ao castelo. Eles desapareceram lá dentro e logo foram acompanhados pelo resto do grupo que a centaura deixou para trás com tanta facilidade. Continuou observando tudo ao longo da noite macabra, e só se permitiu retornar ao abrigo para dormir quando Elphame surgiu do castelo na manhã seguinte apoiando-se no irmão para caminhar com rigidez até a tenda que os trabalhadores rapidamente ergueram assim que o sol começou a iluminar o céu.

Lochlan sorriu. Sabia que Elphame não ficaria contente em se retirar para a aldeia e ser paparicada e cuidada como se fosse uma flor delicada. Ficou um pouco surpreso por vê-la deixar os muros do castelo, mas isso era provavelmente um acordo que fizera com o irmão. Seus olhos sagazes se focaram na expressão severa de Cuchulainn. Sim, o guerreiro preferiria que ela se recuperasse na aldeia. Será que ele não entendia que ela extraía sua força das próprias pedras do castelo?

Não deveria julgar o irmão duramente, repreendeu-se Lochlan. Cuchulainn a amava muito e só desejava salvar a irmã de qualquer mal, assim como ele. Se ao menos os dois pudessem ser aliados...

Bem longe ao norte, Keir ergueu sua cabeça pálida como se cheirando o ar, mas na verdade o gesto era desnecessário. Não detectara um rastro físico, mas um cordão espiritual, do qual um fio jazia desatado aos seus pés.

— Sim. — Sua voz era um sibilar de triunfo. — Lochlan partiu por aqui.

Ao lado dele, as asas de Fallon agitaram-se de animação enquanto ela olhava a trilha pequena e parcialmente escondida que guiava bem para dentro das montanhas.

— Tem certeza? — perguntou ela, mal ousando acreditar. — Já vasculhamos essa área antes e não descobrimos nada dele.

— Ele está fora há muito tempo e ficou descuidado. Já disse muitas vezes que essa obsessão o torna

fraco, e essa é a prova. Ele relaxou seus pensamentos, e eu o sinto novamente. Se você se concentrasse, saberia disto — disse ele, a voz tinha uma grave censura.

Com esforço, Fallon não se encolheu. Isso só o deixaria mais zangado, e a raiva de Keir pairava perto demais da superfície sem chamariz. Fallon podia pressentir a verdadeira loucura em Keir. Podia sentir como a insanidade esperava que seu companheiro desistisse — que se cansasse de lutar por sua humanidade e abraçasse a sombria herança do sangue demoníaco de seus pais. Podia vê-la espreitando como uma mancha oleosa dentro dos olhos dele. Quanto mais tempo Lochlan ficava afastado, mas selvagem Keir se tornava. Era como se Lochlan tivesse levado consigo um pedaço da humanidade de seu companheiro. Mais uma razão para que encontrassem Lochlan e a deusa ungulada de seus sonhos...

Fallon fechou os olhos ignorando a dor insistente que fustigava sua mente enquanto continha sua instintiva explosão de raiva. Lochlan devia ter deixado que o acompanhassem. Sua missão era muito importante. Um desliz — um erro — e todos estariam condenados à loucura que vivia no sangue deles. Talvez Keir estivesse certo; Lochlan devia ter se tornado obcecado demais com seu sonho para ser completamente confiável. Com um esforço enorme, ela deixou de lado seus pensamentos rodopiantes e se concentrou nos olhos cinzentos que cintilavam com humor e paciente compreensão — então ela sentiu. Um pequeno puxão a chamava em frente. Ela abriu os olhos e sorriu para o companheiro.

— Eu o sinto!

A cara feia de Keir se suavizou e a escuridão em seu olhar clareou. Ele assentiu, satisfeito com a resposta dela.

— Vamos contar aos outros.

Quinze

O SOL ACABAVA de irromper sobre os altos pinheiros da floresta quando Brenna anunciou que Elphame poderia dormir.

— Beba isto. — A curandeira levou uma caneca aos lábios de Elphame.

O chá era quente, espesso e possuía vago sabor de mel e menta. Quase imediatamente Elphame sentiu as pálpebras ficarem anormalmente pesadas.

— Não precisava me drogar. Já estou cansada — falou em tom ininteligível.

Cuchulainn afastou uma grossa mecha de cabelo do rosto pálido da irmã.

— Apenas durma. Brenna sabe das coisas.

El tentou, sem sucesso, focar no irmão. Ele ainda parecia tão preocupado. Sombras escuras marcavam a área abaixo dos olhos.

— Você precisa dormir também — disse ela fracamente.

— Logo, El.

Elphame suspirou e fechou os olhos, deixando que o sono finalmente a chamasse.

Cuchulainn desabou na cadeira próxima à cama da irmã. Esfregou as têmporas e rodou o pescoço, tentando se livrar da rigidez.

— Ela estava certa, você precisa dormir também — disse a curandeira sem olhar para ele enquanto endireitava os lençóis ao redor da figura adormecida de Elphame.

Cuchulainn notou que a voz de Brenna se suavizara novamente e que ela lhe dava as costas ao falar. Na verdade, ela mal soava a mesma mulher que há pouco tempo disparava ordens como um guerreiro. Observou Brenna arrumar as pilhinhas de ervas que usara no chá da irmã. A crescente amizade da curandeira com Elphame já tinha deixado Cuchulainn predisposto a pensar bem dela, mas a experiência que demonstrara no trato do acidente da irmã solidificou seu respeito. E, admitia para si mesmo, ela o fascinava. Num momento Brenna o fazia sentir-se como se devesse protegê-la, como faria com a irmã, e no momento seguinte ela estava gritando ordens e mostrando uma confiança que era evocativa à atitude prática de sua mãe. Ela era uma mistura de mulheres, e diferente de qualquer uma que tivesse

conhecido.

A luz na tenda era fraca — só uma única vela tremeluzia na pequena mesinha de cabeceira. Como sempre, o corpete de seu traje era modesto e cobria completamente os seios, terminando bem sob a linha da garganta. Ele estava acostumado a ver seios; tradicionalmente, as mulheres em Partholon se sentiam livres para exibir quanto do atraente decote desejassem. Até a irmã, que por hábito cobria a parte inferior do corpo de olhos curiosos, vestia pedaços transparentes de seda que geralmente deixavam pouco à imaginação. Assim como sua personalidade se destacava como diferente, o vestido conservador de Brenna se destacava como incomum, especialmente numa mulher tão jovem. Cuchulainn compreendeu que ela devia estar cobrindo mais cicatrizes, mas o pensamento entrou e saiu rapidamente de sua mente. O que permaneceu foi seu desejo de ver por baixo do tecido ocultador — e não porque estivesse curioso com o ferimento. Queria vê-la de verdade, conhecer a mulher por trás das cicatrizes. Seus olhos se demoraram na pele marmórea dos braços delicadamente arredondados.

Brenna sentiu o olhar. Sabia quando um homem estava olhando para ela; tinha uma década de experiência com homens e seus olhares venenosos. Sentiu o estômago apertar. Durante uma emergência costumavam se esquecer de sua aparência, mas quando a doença, acidente ou nascimento estava terminado, a curandeira mais uma vez se tornava a Mulher Desfigurada. Não que os olhares fossem assim tão terríveis. Era que, apesar de tantas olhadas, eles nunca a enxergavam de verdade, especialmente os bonitos como Cuchulainn; só enxergavam a ruína que o fogo deixara. Sim, ele era gentil com ela, mas Brenna sabia que era a devoção à irmã que lhe estimulava a compaixão. A dura verdade seria fácil de ser lida quando erguesse a cabeça da pilha de ervas e lhe encontrasse o olhar. Ela tinha afastado o cabelo antes de mudar as ataduras dos ferimentos de Elphame, e mesmo que o longo hábito a fizesse automaticamente manter a metade desfigurada do rosto o mais escondida possível, ele estava sentado perto demais. Suas cicatrizes lhe seriam bem visíveis. Ele a estaria fitando com o ar de fascinação e asco misturados que ela tão bem conhecia. Brenna suspirou e ergueu o queixo para encará-lo.

Cuchulainn sentiu as faces arderem. Ela o encarava diretamente, e ele estivera a lhe fitar o corpo como um garoto bobo. Esfregou as mãos pelo rosto antes de se pôr de pé.

— Dormir, hã, sim. Eu deveria dormir — disse ele, sentindo-se um verdadeiro idiota.

O cândido olhar de Brenna nem piscava, e ele se descobriu incapaz de ignorar aqueles gentis olhos castanhos.

— Ficarei com ela. Caso acorde, eu lhe darei mais chá. Dormir é o que ela mais precisa agora — disse Brenna.

— Mas você... O quê... Você não está cansada também? — Ele se atrapalhou com as palavras e enfim cuspiu a pergunta. O que acontecera com seus renomados charme e provocação inteligente e impressionante? Mesmo aos seus ouvidos, Cuchulainn soava nervoso e inexperiente. Se continuasse assim, acabaria se revertendo à gagueira e palmas suadas.

— É meu dom. Eu cuido daqueles que estão feridos.

— Oh, certo. Sim.

Brenna inclinou a cabeça de lado e lhe deu uma olhada peculiar. O que havia de errado com o guerreiro?

— Pode acreditar que cuidarei de sua irmã, Cuchulainn — disse ela.

Era óbvio que o ar de surpresa de Cuchulainn não era fingimento.

— Não tenho dúvidas disso. — Pigarreou. — Irei agora. Mas não vou me demorar muito. — Ele se virou e se atrapalhou com a aba da tenda, mas antes de sair olhou por cima do ombro e apanhou o olhar

indagador da curandeira. — Creio que não agradeço pelo cuidado que teve com minha irmã. Obrigado, Brenna. — Sorriu nervosamente e mergulhou para fora da tenda.

Brenna sacudiu a cabeça. Estava óbvio que o acidente de Elphame tinha afetado imensamente o guerreiro; ele não parecia consigo mesmo. E o que fora aquela expressão estranha no rosto dele quando ela estava fitando? E depois ele tinha ficado corado. Brenna sentiu as próprias faces arderem com a lembrança. Não, ela devia estar enganada. Por que Cuchulainn desejaria olhar o corpo *dela*? Talvez tivesse apanhado um resfriado por cavalgar molhado. Isso explicaria o brilho de seus olhos e o rubor do rosto. Brenna fez uma anotação mental para verificar a saúde do guerreiro enquanto se encolhia confortavelmente na cadeira que ainda estava quente do corpo dele.

Inclinou-se à frente e apanhou a alça de sua sacola de curandeira da beira da mesa. Vasculhando-a, encontrou o maço de papel limpo e içou um lápis de carvão. Seria um longo dia. Desenhar a manteria acordada e ajudaria as horas a passarem. Também acalmaria seus nervos, pois se sentia súbita, inexplicavelmente inquieta e mal-humorada. O lápis se moveu pela superfície do papel em traços suaves e seguros enquanto sua mente vagava. Sem pensamento consciente, suas mãos esboçaram a imagem que se assentara em seu subconsciente e, conforme o dia se arrastava, as linhas fortes do rosto bonito de Cuchulainn tomaram forma sob seus dedos incansáveis.

No sonho, Elphame estava sendo acalentada por um calor macio que não teve problema para reconhecer. Asas, sua mente sonolenta pensou, as asas de Lochlan. Um delicioso tremor zuniu dentro de seu corpo e, no sonho, ela podia sentir o toque gentil novamente, só que dessa vez ele não estava cuidando de suas feridas, estava acariciando seu corpo. Seu desejo aumentava à medida que se entregava a ele...

... E a voz de sua mãe estilhaçou o sonho erótico, lançando a água fria da culpa em sua crescente necessidade.

Mas ela se feriu! Preciso ir até ela.

Não pode. Ela deve aprender a crescer sem você.

Confusa, Elphame tentou abrir os olhos, mas seu corpo drogado resistiu. Ela estava no reino nebuloso dos sonhos, cercada por nuvens que giravam ao seu redor como pensamentos semiformados, e ecoando de dentro das nuvens ela podia ouvir a voz da mãe, assim como a de outra mulher: *Ela é minha filha; claro que preciso ir até ela.*

Mas ela não é mais criança, Amada.

Isso não a torna menos minha filha.

Elphame achou que a mãe parecia atipicamente petulante. Era quase como se fosse uma criança discutindo com um adulto.

Ela sempre será sua filha, mas deve se tornar senhora de si para que possa abraçar seu próprio futuro, algo que não poderá fazer se protegê-la das dificuldades da vida.

Mas ela — sua mãe começou a falar, mas a outra mulher interrompeu: *Confia nela, Amada?*

Elphame sentiu como se estivesse prendendo o fôlego enquanto aguardava ouvir a resposta da mãe.

Sim, confio nela.

Então deve deixá-la livre para reclamar o próprio destino, assim como é parte do seu destino confiar nela, Amada, e confiar em mim para que a proteja por você.

Elphame sentiu um choque de surpresa ao perceber quem a outra mulher devia ser. Epona! Estava realmente escutando uma conversa entre sua mãe e a Deusa ou era simplesmente um sonho? Fascinada,

Elphame ouviu a mãe dar um longo e trêmulo suspiro: *Ser mãe era mais fácil quando ela era um bebê.*

A risada da Deusa fez um brilho prateado cintilar em meio às nuvens cor de neve.

Posso ao menos enviar a ela uma remessa especial de vinhos e lençóis? A maneira como ela está vivendo é simplesmente selvagem.

Claro, Amada...

Conforme as vozes desvaneciam e as nuvens redemoinhantes escureciam, os lábios sonolentos de Elphame se esticaram numa sugestão de sorriso. Era tão típico da mãe acreditar que bom vinho e lençóis caros curariam qualquer ferida.

Em seu sono, Lochlan a sentiu tocar seus sonhos. Sem despertar, ele respondeu, buscando por ela. Não conseguia vê-la, mas conseguia sentir sua pele macia sob suas mãos e, no sonho, ele a envolveu com suas asas.

Então ela começou a se dissipar para longe.

Ele se remexeu inquieto, tentando sem sucesso recuperar o sonho, mas a exaustão do dia anterior cobrou o preço sobre sua concentração e a imagem dela escapou-lhe como areia por um cesto mal trançado. Lochlan despertou. Fitou a escuridão da caverna. Seu desejo por ela era uma coisa tangível — uma força que vinha crescendo há um quarto de século. Ele respirou fundo. O cheiro do sangue dela permanecia em seu corpo. Quando suas asas começaram a estremecer com sua excitação, ele não tentou detê-las — não lutou contra a escuridão e fez a dor correspondente invadir sua mente. Em vez disso, relaxou o rígido controle sob o qual mantinha as emoções mais fortes. Seu corpo enrijeceu. Fechou os olhos e se afagou, imaginando Elphame, não como estava na noite anterior, ferida e assustada, mas como ela lhe parecera na manhã em que reclamara o Castelo MacCallan como seu. Ela tinha resplandecido de poder.

A força do clímax disparou por ele, puxando Lochlan num vórtice de paixão quente e pulsante. Quando recobrou os sentidos e abriu os olhos, seu primeiro pensamento foi de que ele cheirava a sangue fresco, que imediatamente reconheceu como seu. Os dedos de uma das mãos latejavam. Ele virou a cabeça para ver que tinha raspado as unhas na lateral da caverna com tamanha força que deixaram uma trilha longa e sangrenta além de arranhões de aparência maligna na rocha. Seu corpo exaurido tombou em desespero enquanto ele afagava a mão. Como poderia ser capaz de amá-la? Nem tinha percebido que cortara a parede. E se ela estivesse ali? Teria retalhado a pele macia do corpo dela sem ser capaz de se conter?

As palavras da Profecia zombavam dele. Elphame era a encarnação de uma deusa, ele não podia negar isso. E a Profecia de seu povo, transmitida pelos lábios de sua mãe, era que apenas o sangue de uma deusa agonizante poderia salvá-los da loucura que era o legado de sua sombria herança.

Estava predeterminado que ele a mataria.

Lochlan cerrou o maxilar. Não! Precisava existir outra maneira.

Por favor, Epona, não me deixa machucá-la. Eu preferiria morrer primeiro.

Lochlan se enroscou de lado tentando enterrar o medo e a solidão na recordação da gentileza que vislumbrara nos olhos de Elphame. Ela não o olhou como se fosse uma criatura do mal — ela o vira como homem, não como fomoriano.

Estava sozinho há tempo demais. Fechou os olhos. A solidão o consumia. Como estava seu povo? Era começo de primavera. Eles deviam estar plantando a comida que ajudaria a sustentá-los durante o longo inverno. Os caçadores começariam as primeiras de muitas jornadas até o mar para que peixe fosse

apanhado e defumado. A neve logo estaria derretida o bastante para que as cabras montanhesas selvagens fossem capturadas a fim de reabastecer o rebanho domesticado deles. Tanto a fazer para sobreviver nos Ermos... Será que as crianças estavam bem? Será que a loucura estava avançando rápido? Ele sabia que Keir teria tomado sua posição de líder. Keir ambicionava a posição de Lochlan e o poder inerente ao posto. Só podia esperar que a influência de Fallon o estivesse ajudando a liderar com sabedoria, e mantendo sob controle o lado sombrio de Keir, que sempre parecera perto demais da superfície.

Os olhos de Lochlan se abriram de súbito. O que estava fazendo? Como água sobre chama, ele extinguiu todos os pensamentos sobre o lar. Sabia o quanto era perigoso sua mente lidar com seu povo. O laço psíquico que unia seu sangue ao deles era naturalmente forte. Pensar neles só o reforçaria — e a última coisa que ele precisava era que eles descobrissem a passagem escondida pelas traiçoeiras Montanhas Trier até Partholon e o rastreassem até ali. Para o povo do Castelo MacCallan, um grupo de fomorianos híbridos seria encarado apenas de uma maneira — como um exército invasor. E eles seriam um exército, admitiu a si mesmo, um exército com apenas uma resolução e propósito — capturar Elphame e cumprir a Profecia.

Procure pensar nela, ordenou a si mesmo. Pense na beleza e na força dela. Devia haver uma maneira de conseguir as duas coisas, salvar seu povo e ficar com Elphame.

Dezesseis

— FAZ CINCO DIAS. Ficarei louca se não me deixar sair daqui — Elphame explodiu com o irmão. Depois estreitou os olhos e o cortou antes que pudesse responder: — Não! Não quero ouvir falar no quanto me machuquei. Sei exatamente o quanto me machuquei. Minhas costelas ardem como se eu tivesse sido mordida por formigas-de-fogo. Meu ombro dói. E estou no meu quinto dia de dor de cabeça. Mas estou dizendo que preciso sair dessa tenda, e estou falando de mais longe do que apenas sentada na frente do toldo.

A aba da tenda se abriu e Brenna adentrou carregando uma bandeja que continha bandagens novas e uma caneca de chá fumegante.

— Oh, não! Não vou mais tomar sua poção para dormir. Estou cansada de dormir. Estou cansada de ficar na cama. Estou cansada dessa tenda. E estou especialmente cansada do meu cheiro.

Brenna relanceou Cuchulainn, que parecia estressado. Ele ergueu as mãos e deu as costas para a irmã desgrenhada e frustrada.

— Você é a curandeira. Lide com ela — disse um tanto apressado, começando a se esgueirar em direção à saída.

As duas mulheres lhe fizeram cara feia.

— E pensar que as donzelas ficam extasiadas com sua bravura — disse Elphame com indignação.

— As ditas donzelas extasiadas não são minha irmã. Você é totalmente diferente. Brenna, admito que ela é uma paciente terrível, então a deixo em suas mãos capazes com minhas humildes desculpas. — Ele conseguiu exibir um rápido sorriso, curvou-se para Brenna e, com um floreio, retirou-se da tenda.

Brenna teve que se obrigar a parar de sorrir para a entrada vazia.

— Estúpido superprotetor! — exclamou Elphame, fazendo uma careta enquanto afastava uma longa mecha de cabelo oleoso do rosto. — Estou deplorável. Cheirando mal. — Esfregou distraidamente a bandagem que cobria a ferida no flanco do corpo. — Mas ele está certo. Sou uma paciente terrível.

Brenna sorriu.

— Você não é uma paciente terrível. Só está aborrecida e se recuperando. Se não estivesse ficando

um pouco enlouquecida, ficaria preocupada com você.

— De certa forma isso não serve muito de consolo. — Elphame coçou a cabeça.

— Um banho ajudaria.

— Oh, doce Deusa, sim! — Elphame virou as pernas sobre a beira da cama e levantou-se um pouco rápido demais. Ela trincou os dentes enquanto o mundo girava em torno dela.

— Calma. Você deve ir devagar. — A mão firme de Brenna agarrou El pelo cotovelo, firmando-a com o toque entendido de uma curandeira experiente.

Elphame respirou fundo e lentamente até a tontura passar.

— Melhor? — perguntou Brenna.

— Foi tolice minha. — El deu uma olhada torta na amiga. — Ainda tenho permissão para tomar banho?

— Mais tarde, à noitinha.

— Mas...

Brenna ergueu a mão para detê-la.

— É uma surpresa. Não discuta com sua curandeira.

— Por mim está bem. — El olhou para a bandeja que Brenna colocara na mesa. — Até beberei sua poção horrível se apressar o momento da minha limpeza.

Brenna riu.

— Agora está soando tão dramática quanto seu irmão. E, sim, quero que beba o chá, mas não precisa se afogar. Não há nada mais forte nele do que casca de salgueiro para ajudar a aliviar a dor de cabeça.

Aliviada, Elphame sentou-se na beirada da cama e bebericou o chá de gosto surpreendentemente inofensivo.

— E quando terminar seu chá, gostaria de dar uma pequena caminhada? — perguntou Brenna, embora soubesse muito bem qual seria a resposta de Elphame.

— Quer dizer lá fora?

— Definitivamente lá fora.

Elphame deu um grande gole no chá.

— Você é maravilhosa.

— Quer dizer que não sou uma horrorosa carcereira preparadora de poções? — perguntou Brenna com fingida inocência.

Elphame se encolheu.

— Você ouviu aquilo?

— Sei que só falou isso na melhor das intenções, minha senhora. — Os olhos de Brenna cintilaram ao fazer uma mesura para Elphame.

— Tenho sido uma paciente terrível.

— Sim. — Brenna riu. — Tem mesmo.

Elphame engoliu o resto do chá e ficou de pé, devagar e cuidadosamente. Brenna pendurou sua sacola de curandeira num ombro e passou o outro braço com firmeza pelo da paciente.

— Vai me manter sob controle?

Com um brilho travesso nos olhos, Brenna assentiu para sua encarregada e depois puxou de leve o braço de Elphame. As duas mulheres estavam sorrindo quando saíram da tenda. Brenna só deu alguns passos antes de parar, deixando que os olhos de Elphame se ajustassem à luz brilhante da tarde. Depois começou a guiá-la lentamente para a esquerda, na direção que levava para longe do castelo e para a

margem da floresta que flanqueava as terras mais ao sul.

Elphame pigarreou.

— Sabe que eu detesto reclamar...

As sobranças de Brenna se ergueram em silencioso sarcasmo.

— ... Mas estava esperando que pudéssemos dar nosso pequeno passeio no castelo. Não vejo o interior há cinco dias e estou um bocadinho curiosa sobre o progresso das renovações.

— Verá o interior do castelo. Essa noite.

— Agora não?

— Agora não — replicou Brenna enigmaticamente.

— Hrumph — disse Elphame, tomando emprestado uma das expressões favoritas de Cuchulainn.

— Pensei que gostasse da floresta.

— Eu gosto! — Elphame garantiu a ela. A floresta... A batida de seu coração acelerou. *Ele* estava na floresta.

— Bom. Encontrei um grupo de rochedos lisos um pouco ao sul daqui, margeando a floresta. De lá você terá uma vista adorável do mar e do castelo. Pareceu-me um bom lugar para um passeio. Uma vez lá, poderei trabalhar naqueles esboços para as tapeçarias do castelo enquanto você relaxa e ameniza sua frustração.

— Parece ótimo — disse Elphame, sorrindo distraidamente para Brenna, mas seus pensamentos estavam vagando.

Elas estariam perto da floresta. Lochlan aguardava em algum lugar dentro dela. Ou não? Pelo que parecia ser a milésima vez, amaldiçoou sua memória incompleta. Ele era real; a prova física era inegável. Lochlan matara o javali, a carregara da ravina, comprimira sua ferida e a envolvera com seu calor, mas a experiência inteira estava envolta numa neblina de dor e confusão. Quando tentava se lembrar de coisas específicas que lhe dissera, ela só conseguia reconstruir fragmentos da conversa.

Ele dissera que a conhecia dos sonhos.

Ele dissera que estaria aguardando por ela.

Ele admitira que seu pai era um fomoriano.

Uma recordação visual subitamente lampejou por sua mente, e ela viu Lochlan com clareza, asas abertas, o belo rosto contorcido num rosnado selvagem enquanto arremetia a foice no javali. Apesar do calor da tarde, Elphame estremeceu.

Os olhos experimentados de Brenna se fixaram nela.

— Estou bem — assegurou Elphame. — Eu... Eu só estava pensando no acidente.

O olhar da curandeira se suavizou em simpatia.

— Brigid disse que nunca viu um javali tão enorme. A batalha deve ter sido horrível. Odeio pensar na dor que sofreu.

— Posso dizer com honestidade que nunca senti tanto medo. — Será que uma omissão era mentir?

— Graças a Epona você sobreviveu.

Elphame fez um ruído vago de concordância, desejando que Brenna mudasse de assunto.

— Não quis mencionar isso na frente de seu irmão — principiou Brenna devagar —, mas notei que seu sono tem sido inquieto. Acho que deve saber que é normal que seus sonhos sejam turbulentos depois de uma experiência traumática.

Elphame encontrou o olhar compassivo de Brenna, depois logo olhou para longe. Não eram pesadelos que faziam seu sono ser inquieto. Sentiu um fluxo de calor colorir seu rosto.

— Não há razão para sentir vergonha, Elphame — disse Brenna, apertando-lhe a mão com gentileza. — Mas se os sonhos a perturbam, posso lhe dar uma poção para dormir mais forte, embora essa não seja minha preferência.

— Não! — exclamou Elphame, sentindo-se cada vez mais culpada com a honesta preocupação na voz da amiga. — Os sonhos não são ruins. — Bem, ao menos isso não era mentira. Os sonhos que experimentara nas últimas cinco noites foram deliciosos, nada perturbadores. — Acho que estou inquieta porque não estou acostumada à inatividade. Ficarei bem quando voltar à minha rotina normal.

— Será logo. Suas feridas estão sarando com velocidade quase milagrosa.

Elphame revirou os olhos.

— Oh, por favor, não conte a ninguém.

— Nunca divulgo os segredos de uma curandeira.

— Isso é um alívio. Não quero que as pessoas voltem a me tratar como a uma deusa num pedestal.

— É difícil ser diferenciada pelos outros. — A voz suave de Brenna era introspectiva.

Dessa vez Elphame não teve problemas para encontrar-lhe os olhos.

— Sim. É difícil.

Elas caminharam em silêncio, ambas perdidas nos próprios pensamentos. Era uma tarde espetacular. Chovera no começo da manhã e a floresta estava ainda mais brilhante do que o normal, como se tivesse sido recém-lavada pela Deusa. Estavam viajando pelas terras gramadas que faziam fronteira com o lado sul do castelo, e Elphame estava impressionada com quanto trabalho os homens tinham efetuado. As moitas e árvores que ofereciam esconderijo tinham sido removidas, deixando nenhuma outra vegetação senão grama meticulosamente aparada por várias centenas de passos a partir dos muros externos do castelo. Depois do que Cuchulainn devia ter decretado como uma distância apropriada, umas poucas alamedas bem aparadas de cornisos ainda em flor foram poupadas. Alinhavam a estrada que levava à floresta com um halo de flores rosadas. Elphame sorriu quando notou que Cuchulainn também deixara uma dúzia e tanto de moitas de arbustos espinhosos de amoreira, que parecia insano em suas vinhas aleatoriamente entrelaçadas se comparado à ordem recém-estabelecida ao redor. As terras pareciam adoravelmente cuidadas, o que agradou Elphame. Teria que se lembrar de elogiar Cuchulainn e os homens pelo trabalho benfeito.

Brenna angulou a caminhada para uma direção que levava ao penhasco onde a floresta beijava suavemente a margem rochosa e escarpada.

— Aqui está o nosso lugar. — Ela apontou para o grupo de rochedos lisos que se empoleiravam próximo à encosta bem à sombra dos altos pinheiros. As rochas variavam em tamanho, desde montes que se sobrepunham à cabeça de Elphame até pequenos amontoados que não passavam da altura da cintura. — Você senta aqui... — Brenna mostrou uma rocha de tamanho médio que se apoiava num dos imensos rochedos — ... Pode descansar confortavelmente e ter uma excelente vista do seu castelo.

El sentou-se com cuidado. Tomando cautela com a ferida ainda sensível no flanco, ela deslizou lentamente até poder se recostar no rochedo, que formava um apoio surpreendentemente confortável. Brenna ergueu a saia e com uma agilidade que a Elphame lembrava um ratinho fujão, escalou a lateral de uma das rochas maiores. El viu que o rochedo da amiga tinha uma beirada conveniente que se projetava em sulcos serrilhados de modo que ela podia apoiar seu caderno nas ranhuras quase como se estivesse num cavalete. Depois de se acomodar, Brenna vasculhou sua sacola sem fundo até encontrar lápis de carvão. Depois refletiu por um momento antes de voltar a afundar ainda mais a mão. Com um ligeiro sorriso, exibiu um odre maleável, que atirou para perto de Elphame.

— Acho que está bem o bastante para desfrutar de um pouco de vinho.

— É uma grande mudança dos seus intermináveis chás — murmurou El depois de tomar um longo gole do saboroso vinho tinto.

— O chá é bom para você. Pare de reclamar e desfrute a vista. Vou mostrar o esboço no qual andei trabalhando quando terminar de corrigir o detalhe da torre.

— Farei exatamente o que diz. — Elphame sorriu feliz. Gostava com sinceridade de Brenna lhe dando ordens. Significava que Brenna se sentia confortável com ela; também significava que a tratava como uma paciente normal. Também começava a compreender que isso significava que Brenna se importava profundamente com ela. Elphame tomou outro grande gole de vinho e respirou fundo o ar revigorante de primavera, contente por naquela manhã seu flanco ter parado de doer cada vez que respirava fundo.

Água salgada e pinho lhe preencheram os sentidos, e ela sorveu daqueles aromas pungentes enquanto admirava seu castelo. Parecia uma colmeia coberta com abelhas operárias atarefadas. O telhado pontudo de uma das quatro torres de vigia estava completo, e duas outras estavam tomando forma, assim como o gigantesco telhado que por fim cobriria a área central do castelo. Nos últimos dias ela tinha, claro, assistido inquieta à construção da *chaise-longue* na qual Brenna permitira que se reclinasse à aba da tenda, mas Elphame não tinha como compreender a extensão da construção em andamento enquanto estava tão perto dos muros do castelo. De seu novo ponto privilegiado podia ver seu lar literalmente ganhando vida diante de seus olhos. Sentiu-se subitamente inundada de emoção com o que sua gente tinha realizado enquanto ela estava se recuperando.

— É mesmo lindo, não é? — disse ela com reverência.

— Sim — balbuciou Brenna, a língua presa no canto da boca em concentração enquanto seu lápis de carvão voava pela página. Quando ela parou, soprou a superfície do esboço e estreitou os olhos criticamente mesmo quando com relutância deixou o lápis de lado. — Está terminado. Acho que a quarta torre está na posição certa agora. — Ela se curvou e jogou com delicadeza o bloco aberto de papel grosso e bruto para Elphame.

O Castelo MacCallan parecia saltar da página cor de linho. Brenna desenhara os poderosos muros externos, completos com o portão de ferro fundido restaurado, embora na realidade ainda precisasse ser instalado. Bandeiras que atualmente estavam sendo costuradas esvoaçavam orgulhosas em cada uma das quatro torres de guarda — Brenna até pensara em esboçar uma égua impetuosa em cada estandarte tremulante. Não existia qualquer madeira nua ou queimada pelo fogo ou brechas de pedras desmoronadas nas ameias. O castelo parecia jovem, vibrante e muito cheio de vida.

— Oh, Brenna! Está perfeito. É como se você tivesse entrando na minha mente e visto o que vi.

Brenna corou.

— Você que é boa em descrever o que lhe vai em mente.

— Não, você é mesmo uma artista maravilhosa. — Antes que Brenna pudesse impedi-la, Elphame começou a folhear o bloco. Havia desenhos preliminares de partes do castelo e alguns modelos de *closets* de mãos e pés. E depois havia Cuchulainn — páginas e páginas de Cuchulainn. Elphame sentiu um pequeno sobressalto. Bem, pensou ela, *assim* estavam as coisas. Os desenhos de seu irmão eram cuidadosamente traçados e capturavam vários de seus diferentes estados de espírito. Demorou-se em uma em que ele estava triste e cansado, no qual parecia ser uma década mais velho que a verdadeira idade.

— Era assim que ele estava no dia do meu acidente — disse Elphame.

— Ele é... Ele é... Eu só quis... — Brenna se calou, engoliu em seco nervosamente e recomeçou: — Seu irmão é um modelo interessante. Ele possui todos esses traços orgulhosos, perfeitos no rosto, e tantas emoções divergentes.

Elphame não conseguia desviar o olhar do desenho realista do irmão que tanto demonstrava amor e preocupação por ela.

— Você o capturou perfeitamente. — Por fim ergueu os olhos para Brenna, que logo desviou o olhar. — Posso ficar com este?

Os olhos de Brenna dispararam ao encontro dos da amiga. Ela encarou Elphame atentamente. Não viu qualquer pena na expressão aberta, nem viu qualquer reprovação.

— Claro. Pode ficar com quantos quiser.

— Só este. Os outros são seus. — Ela buscou o olhar tímido de Brenna e sorriu calorosamente, pensando no quanto sua mãe aprovaria a moça.

O som de cascos batendo surpreendeu as duas, e, como se pensar nele o tivesse conjurado à presença delas, Cuchulainn surgiu intempestivamente. Brenna imediatamente leu sua expressão.

— Um acidente? — perguntou ela, já descendo de seu poleiro.

— Angus estava cortando uma nova seção de toras e a serra escorregou. Creio que a ferida é bem feia. — Cuchulainn se inclinou para oferecer a mão a Brenna. Sem qualquer hesitação, ela pôs a mãozinha na de Cuchulainn, que a ergueu às costas. Ele lançou um olhar severo à irmã.

— Não vá a lugar nenhum. Volto logo para buscá-la.

— Não precisa se apressar. É bom ficar fora do cativeiro. — Elphame o enxotou com um gesto impaciente.

Cuchulainn lhe fez cara feia antes de escoicear o capão de modo que corressem de volta para o castelo. El observou os braços de Brenna apertarem a cintura do irmão e Cuchulainn esticar um braço, possessivo, às costas para firmá-la e segurá-la com mais firmeza contra ele.

Sim, assim estavam as coisas — Cuchulainn e Brenna —, seus instintos estavam corretos. Imaginou se algum deles já tinha se dado conta. Provavelmente não. Apesar de toda a experiência com as mulheres, Cuchulainn devia estar tão despreparado para o amor quanto a irmã.

— Despreparo — sussurrou Elphame. Aquilo certamente a descrevia. Mas como poderia estar preparada para Lochlan? Será que ele tinha sido uma alucinação? Não, não era possível. Existiam evidências tangíveis de que ele estivera lá: o javali estava morto, sua ferida fora comprimida com musgo. Mas será que ele possuía mesmo as asas de um fomoriano? Ela estremeceu e seu olhar trocou o castelo pela floresta. Não tinha sentido medo dele, disso lembrava bem. Por que não?

Porque a presença dele parecia certa. Ela já sabia a resposta — pensara repetidas vezes nisso durante os últimos cinco dias. Mas estaria sendo uma idiota, dependendo de uma habilidade que surgira recentemente dentro dela?

— Lochlan — disse, incapaz de deixar de pronunciar o nome dele em voz alta. Uma brisa inesperada capturou o nome e Elphame sentiu a pele dos antebraços arrepiar. Por um momento o nome de Lochlan pareceu pairar, congelado e quase visível, antes que o vento brincalhão o espalhasse e salpicasse na floresta expectante.

Ela meneou a cabeça, envergonhada de sua imaginação superativa. O nome de um amante não se tornava visível quando falado em voz alta. E Lochlan nem era seu amante.

— Aquela pancada na cabeça está fazendo com que eu imagine coisas — disse, levando o odre aos lábios franzidos.

— O que é que está imaginando, meu coração?

Elphame cuspiu de surpresa, engasgando com o vinho semiengolido. De olhos arregalados, ela espiou a floresta.

Como um pássaro enorme, o homem alado saiu do esconderijo em meio aos galhos de um pinheiro, a meio metro de onde Elphame estava sentada. Ele permaneceu nas sombras da floresta enquanto as asas se dobravam perfeitamente ao longo das costas. Seu sorriso era hesitante.

— Não pretendia assustá-la.

— Pela Deusa, você é real! — exclamou Elphame, que imediatamente se sentiu idiota.

— Duvidou mesmo disso?

Elphame assentiu vigorosamente:

— Constantemente.

Lochlan riu, um som tão verdadeiramente alegre que Elphame sorriu e sentiu parte do nervosismo desaparecer.

— Compreendo sua confusão. Minha mente estava clara e sã, porém nesses cinco dias que se passaram a lembrança de nosso encontro parece ter se tornado uma coisa que pertence a um reino diferente.

— Como um sonho — disse Elphame.

Lochlan meneou a cabeça.

— Não, meu coração, nossos sonhos são algo único, algo distinto de qualquer coisa.

Elphame sentiu-se corar, mas não tinha vontade de desviar os olhos de seu olhar penetrante. Lochlan saiu do limite do bosque. Mesmo com suas asas bem dobradas contra o corpo, ele se movia com uma graça selvagem que a hipnotizava; por um momento tudo o que conseguia ver, sentir ou ouvir era Lochlan. E então sua mente começou a funcionar novamente e uma constatação a invadiu. E se alguém o visse? Ela ergueu uma das mãos, fazendo-o parar sua aproximação imediatamente.

— Quero que me explique tudo. Quero saber quem você é e o que está acontecendo entre nós. — Elphame olhava nervosa ao redor. — Mas você não pode ser visto. Não contei a Cuchulainn sobre você.

O desapontamento escureceu a expressão de Lochlan, mas ele assentiu constricto e refez os passos até ficar novamente na semiescuridão opaca da borda da floresta.

Elphame sentiu uma precipitação de vergonha, seguida por uma inundação de irritação. Dias de tédio e frustração deixaram seus nervos à flor da pele e de repente ela queria gritar que acabara de conhecê-lo, que ele não passava de um estranho intrigante. Mas as falsas palavras não saíram. Elphame fitou seus olhos cor de tempestade e soube com uma certeza quase aterradora que estava vendo seu futuro.

Com mente clara, lembrou do que Cuchulainn previra com suas próprias palavras: *Sei que encontrará seu destino no Castelo MacCallan. Sei que seu destino está ligado ao seu consorte...*

Lochlan era esse consorte.

Então, intruso, o resto do que Cuchulainn dissera brincou em sua mente... *Mas quando eu tento me concentrar nos detalhes sobre o homem, só consigo névoa e confusão.*

Ao menos agora, ela sabia por que a visão do irmão fora incompleta, e ela não podia deixar de pensar que a Deusa fora sábia em esconder Lochlan da visão de Cuchulainn. Se ele soubesse que seu consorte era o filho de um demônio fomoriano... Elphame nem queria terminar o pensamento.

— Isso será muito difícil — disse ela aflita.

As palavras dela fizeram Lochlan sorrir.

— Minha mãe diria então que deve ser algo que vale a pena fazer.

O calor na voz dele ao mencionar a mãe a comoveu, evaporando sua irritação.

— Você a amava demais — disse ela.

— Ela me presenteou com a humanidade, e depois me ensinou o que este presente significava. Ela nunca viu o monstro, só via seu filho.

— Você não é um monstro — disse Elphame enfaticamente.

O sorriso de Lochlan era amargo.

— Não, não sou um monstro, mas tenho o sangue de uma raça de demônios dentro do meu corpo, e isso é algo que nenhum de nós jamais poderá esquecer.

— Devo ter medo de você?

— Não posso responder essa pergunta para você. — Uma das mãos dele se ergueu como se para tocá-la. — Só posso dizer que preferiria morrer a machucá-la.

A intensidade do presságio formou um bolo na garganta dela. Sua mente e seu coração pareciam um reino em guerra civil. Deveria exigir que ele se fosse. Deveria lhe oferecer uma vantagem honrada antes de informar a Cuchulainn que uma criatura de descendência fomoriana entrara em Partholon. Precisava parar de pensar como uma tola romântica. Ele não era nada mais do que um sonho perigoso.

— Partirei se for o que realmente deseja — disse Lochlan solenemente.

— Precisa ler minha mente? — explodiu ela.

— Não posso fazer isso, só consigo ler seu rosto e seus olhos. Sonho com você desde quando nasceu. Foi bastante tempo para aprender as expressões do seu rosto e compreender seu humor.

Os olhos de Elphame encontraram os dele, tentando ignorar a tristeza que viu ali. Podia fazer isso — podia mandá-lo embora. Era seu destino ser chefe do clã, A MacCallan, e ela fora tocada pelo poder da Deusa. Ela era um ser diferenciado.

Assim como Lochlan, sua mente sussurrou.

Ela o fitou, obrigando-se a enxergar a verdade da criatura parada diante dela. O corpo era bem humano. Ele era alto, musculoso e bem constituído. Mas homens não possuíam asas que se dobravam contra o corpo, nem pele que parecia brilhar delicadamente como se iluminada por dentro por uma luz pálida. Não conseguia se lembrar de ver qualquer homem que tivesse olhos que se exibiam numa tempestuosa tonalidade de cinza. Seu olhar reflexivo desceu lentamente pelo corpo dele. Os pés — estavam descalços e pareciam estranhos. Com um pequeno sobressalto, lembrou que pensara a mesma coisa quando ele estava de pé no riacho depois da batalha com o javali.

— Garras — disse Lochlan, acompanhando o caminho de seus olhos. Ele ergueu um pé do chão verde da floresta e encolheu os ombros. — Tenho garras. Você tem cascos. Se eu tivesse escolha, acho que preferiria qualquer um dos dois aos pés de um homem normal. Não consigo me imaginar gostando de calçar sapatos.

Inesperadamente, Elphame riu.

— É a primeira vez que admito isso em voz alta, mas sempre pensei a mesma coisa. Não acreditaria nas coisas pequenas e torturantes nas quais minha mãe enfia os pés. Quando eu era menina, ela ficava triste por eu não poder vestir meiazinhas enfeitadas e sapatos bobos e esquisitos, então costumava pintar e polir meus cascos até brilharem. Tentei explicar a ela que não tinha importância, que eu gostava dos meus cascos, mas ela nunca pareceu compreender.

Ele lhe sorriu.

— Minha mãe simplesmente me disse para manter minhas garras aparadas porque estava cansada de remendar as roupas de cama.

Era fácil conversar com ele. Quando parou de lhe dissecar a humanidade e simplesmente reagiu como uma mulher a um homem, descobriu que já era fácil esquecer que ele era tão diferente. Pela Deusa! *Ela* era diferente. O coração lhe dizia que ele não podia ser um monstro, mas poderia confiar no coração?

Confia nela, Amada?, perguntara Epona.

Sim, confio nela, a mãe respondera com calma certeza.

Elphame tinha confiado em si mesma quanto à restauração do Castelo MacCallan — e aquela fora a escolha certa. Como isso seria diferente? Lochlan era apenas outra escolha com consequência por toda a vida que precisava enfrentar. Talvez fosse hora de crescer e começar realmente a confiar em si mesma.

Aguardando nas sombras dos pinheiros, Lochlan não externou qualquer sinal de sua agitação enquanto a observava lutar silenciosamente com suas emoções conflitantes. O que poderia dizer a ela? Não podia pedir para aceitá-lo. Como seria possível? E se pudesse encontrar outra maneira que não fosse através do sangue dela para cumprir a Profecia? Devia deixá-la — agora. Devia girar e fugir, e nunca vê-la novamente, mesmo que ao fazer isso estivesse condenando todo seu povo à loucura eterna.

Podia sentir o constante impulso do demônio que se agitava em suas veias. Roube-a, o fluxo de seu sangue sombrio murmurava eroticamente, leve-a e faça com ela o que quiser.

Não! Lochlan recebeu a dor que sempre era a resposta quando reprimia o demônio em seu sangue, a dor que estava fazendo seu povo perder a humanidade e lentamente abraçar a loucura e o interminável desejo por sangue que estava no âmago da raça fomoriana. A dor era o preço que pagavam por se empenharem para serem mais do que seus pais demoníacos. Tinham nascido diferentes, únicos. No ventre da mãe cada um fora alterado de alguma forma. Em vez de serem gerados segundo a raça dos fomorianos, evoluíram para algo quase humano. Mas o chamado da herança sombria era uma atração constante contra a qual lutavam. Uma atração preenchida com sonhos de morte ensopada no enlouquecedor cheiro de sangue.

Como a morte de Elphame salvaria seu povo da violência que os estava destruindo? Como a Deusa poderia pedir isso dele? Não fazia sentido. Devia haver outra maneira para que a Profecia fosse cumprida.

Ela estava tão perto. Não era mais a mulher imaterial de seus sonhos; ela vivia, respirava e estava a poucos metros dele. Não podia deixá-la, ainda não. Passara um século lutando contra a escuridão; não fugiria agora.

Lentamente, Elphame ergueu os olhos para encontrar os dele, e Lochlan leu a confusão e as perguntas ali, que espelhavam o tumulto dentro de sua própria alma.

— Não tenho todas as respostas que você precisa. Há muita coisa acontecendo aqui que eu também não entendo, mas juro a você que meu coração, talvez até minha própria alma, está ligado ao seu. Se você não estiver ao meu lado, ansiarei por você até deixar de respirar — disse Lochlan.

Ele ansiava por ela. Elphame só estava começando a conhecer esse maravilhoso e terrível sentimento. De repente queria tocá-lo; queria a segurança de lhe sentir os batimentos do coração e a carne quente e viva sob as mãos. Ele sonhara com ela por toda sua vida. Ela só sonhara com ele por uma fração desse tempo, mas já sabia que queria mais do que sonhos etéreos e esperanças semirrealizadas.

Sem se permitir pensar duas vezes, ela escorregou de seu assento rochoso. Estudou o castelo. Os trabalhadores distantes estavam ocupados, ninguém nem estava olhando em sua direção — e definitivamente não havia sinal de Cuchulainn instigando seu capão. E de qualquer forma, disse a si mesma, se alguém a estivesse observando, o fato de ter entrado na floresta para um momento de privacidade não pareceria nada incomum.

Ela se voltou para Lochlan. Ele a observava com uma expressão que de repente a fez querer chorar. Ele irradiava um poder selvagem e masculino, porém, no momento, parecia vulnerável de partir o coração.

— Elphame... — sua voz parecia embargada — ... Eu não deveria ficar.

Elphame sentiu as palavras dele vibrarem em seu estômago. Sua pulsação lhe martelava os ouvidos e o corpo se movia na direção dele como se puxado por um fio invisível. Ela parou a pouco menos de um braço de distância diante dele.

Mexia as pernas com nervosismo e os cascos produziam um som líquido na grama alta.

— Sei que não deveria ficar, mas não quero que vá — disse num rompante. Depois tentou sorrir, mexendo a cabeça. — Mas talvez a pancada na minha cabeça esteja afetando meu juízo.

Os lábios de Lochlan se contorceram.

— Então parece que sua ferida se espalhou para mim. — Ele ergueu o queixo e espiou a lateral da cabeça dela. — E parece que você melhorou bastante. Você sara rápido. — Ele olhou-lhe o ombro, contente por terem algo menos emocionalmente carregado sobre o que conversar. — E vejo que sua curandeira a dispensou de usar a tipoia.

— Brenna — disse ela. A proximidade dele era intoxicante, e Elphame tentou diluir o efeito que ele lhe provocava com uma conversa simples e normal: — O nome da curandeira é Brenna. Ela é muito talentosa, e também é minha amiga.

Ele acenou pensativamente com a cabeça, depois apontou para o flanco do corpo dela.

— Gostaria de ver como ela tratou essa ferida.

Elphame ergueu a mão protetoramente sobre a bandagem que estava aninhada debaixo de sua roupa de linho.

— Acho que terá que acreditar na minha palavra de que está sarando bem também.

Os lábios de Lochlan se contorceram num sorriso torto que o fazia parecer um garoto travesso.

— Já vi seu flanco despido.

Oh, Deusa... Seu estômago se revirava, e ela desejava desesperadamente ter o dom do irmão para uma conversa leve e paqueradora.

E Lochlan não era nenhuma donzela ingênua.

— Bem, isso foi sob pressão. Não há nenhum javali se preparando para me atacar agora — disse, sentindo-se ridícula. Queria que ele a tocasse, mas achava que se ele realmente o fizesse talvez disparasse de volta para o castelo. — E de qualquer forma — prosseguiu. Seus pensamentos eram como vagalumes, esvoaçando ao redor de sua cabeça, deixando-a incapaz de parar de tagarelar. — Não sou uma visão muito bonita no momento, estando nua ou não. Não tomo um banho desde o acidente. — Mandou a boca ficar calada e, nervosa, passou a mão pelo cabelo longo. Parecia irremediavelmente sujo e sem vida. Ela até deu um passinho para trás, temendo que pudesse estar mesmo cheirando tão mal quanto achava.

Mas Lochlan não a deixaria se afastar. Sem se aproximar, estendeu a mão e esbarrou no punho dela quando a ergueu para lhe acariciar o cabelo. A mão dele parecia cálida e forte. Ele a puxou com delicadeza, e ela se aproximou um passo dele.

— Como posso fazer com que entenda o que vejo quando olho para você? — perguntou Lochlan. — Minha mãe me criou com suas crenças. Ela me ensinou os modos do seu povo, o povo de Partholon. E me transmitiu o amor de sua Deusa, Epona. Não consigo contar quantas vezes eu a ouvi suplicar pela proteção e pelo auxílio de Epona — e pedir bênçãos especiais para mim e os outros como eu. Ela tinha

uma ligação com sua Deusa que ficou mais forte durante sua vida. — Ele se calou, a garganta subitamente apertada com a recordação. — Minha mãe era uma mulher de grande fé. Morreu acreditando que suas orações seriam atendidas. — Lochlan puxou a mão de Elphame com insistência, atraindo-a para mais perto. Dessa vez ela acompanhou as batidas do coração e foi até ele. — Então entenda, para mim você saiu das orações de minha mãe para meu coração. Quando olho para você, vejo o amor do meu passado unido à realização dos meus mais profundos desejos.

Gentilmente, como se temesse melindrá-la, ele tocou-lhe a face apenas com a ponta dos dedos. Lentamente, traçou a linha macia de seu queixo e deixou a mão descer, acariciando-lhe o pescoço e finalmente deixando a mão repousar de leve sobre o ombro machucado.

— Ainda causa dor?

— O quê? — Ela estava tão perto dele que podia lhe sentir o calor do corpo.

— Seu ombro. — O toque dele a abalara, Lochlan podia notar... Os lábios se entreabriram e os olhos pareciam úmidos e confusos. A ideia de que seu toque pudesse afetá-la tanto o fez sorrir, expondo incisivos muito brancos, muito pontudos.

Elphame logo desviou o olhar, mas Lochlan levou um dedo ao queixo dela e virou-lhe a cabeça para que o fitasse nos olhos.

— São apenas dentes.

— Pare de ler minha mente! — Ela encobriu a inquietação com irritação.

— Já disse que não posso ler sua mente.

— Então pare de ler meu rosto.

— Não consigo evitar. É um rosto adorável e expressivo.

Quando sorriu novamente, ela não desviou o olhar.

Os dentes dele eram definitivamente diferentes — afiados e perigosos. Fragmentos de informação da história dos livros da biblioteca da mãe perturbaram seu cérebro. Fomorianos eram demônios... Eram impregnados por uma incontrolável sede de sangue... Especialmente durante o acasalamento... Alimentavam-se do sangue de criaturas vivas para sobreviver... Caçavam humanos...

— Você pode... — começou ela abruptamente e depois se calou, reagrupando os pensamentos e refazendo a pergunta: — Você se alimenta do sangue dos outros?

Lochlan piscou uma vez, claramente surpreso.

— Não, não me alimento do sangue dos outros. Prefiro refeições cozidas. — Os cantos dos olhos de Lochlan se enrugaram, mas ele não sorriu. — E mortas.

— Então por quê? — Ela olhou resoluta dos olhos dele para a boca, e depois de volta para os olhos.

— Por que meus dentes são assim? — ele completou por ela.

Ela assentiu, observando-o com atenção.

— É parte da minha herança, Elphame. Sou humano o bastante para não precisar me alimentar do sangue dos vivos para sobreviver, mas sou suficientemente fomoriano para carregar comigo os vestígios daquela sede de sangue.

Ela respirou profunda e tremulamente.

— Eu li que os fomorianos bebem o sangue um do outro.

Ele suspirou.

— Seus livros estão corretos. Um fomoriano cobiça o sangue da parceira, assim como ela, por sua vez, deseja o dele. A troca de sangue é parte da ligação que formam juntos. — O sorriso dele era triste. — Parece uma coisa terrível para você?

Ela olhou para a boca de Lochlan — os lábios —, o contorno forte do queixo.

— Não sei — sussurrou. Depois seu olhar viajou até os olhos cinzentos. Como seria beijá-lo?

Pergunte a ele. A ideia lhe varreu a mente como folhas dançantes de outono. *Pergunte a ele*, a ideia ecoou por seu sangue.

E para sua surpresa, ouviu sua própria voz perguntar: — Se me beijar, seus dentes cortariam meus lábios?

— Não. Eu não cortaria você — disse ele baixinho.

Lochlan a hipnotizava. Ela ouvia o martelar do sangue nos ouvidos.

— Você disse que ainda carrega a sede de sangue dentro de você. Quer provar o meu sangue?

Pelas mãos unidas, ela pôde sentir o tremor que passou pelo corpo dele como uma resposta imediata à pergunta, mas os olhos dele permaneceram firmes, fixos nos dela.

— Há muitas coisas que quero de você, Elphame, e muitas que desejo. Mas não tomarei nada que não queira oferecer.

— Eu... Eu não sei o que quero. Nunca fui beijada antes — revelou ela.

— Sei que não. — Os olhos de Lochlan se transformaram de ardósia em trovão.

— Acho que estive esperando por você.

Elphame falou tão baixinho que ele mais sentiu as palavras do que as ouviu.

— Assim como estive esperando por você — murmurou ele em resposta.

Seja gentil... Não a apresse... A parte racional de sua mente ordenava. Ela é jovem... Inexperiente... Facilmente amedrontável.

Mas precisava prová-la.

Lentamente, dando-lhe a chance de se afastar, ele se inclinou e levou os lábios ao encontro dos dela.

Era tão diferente do que ela tinha imaginado. Pensou que beijar seria estranho, principalmente na primeira vez. Tinha sido muito ingênua. Os lábios de Lochlan eram quentes e firmes ao encontro de sua maciez, mas também eram convidativos. As bocas se encaixavam perfeitamente, e quando as línguas se encontraram, a mente dela parou de pensar e ela deixou o corpo assumir. Elphame fechou os olhos e sorveu de Lochlan. Ele era a floresta — selvagem, belo e indomado. E ele a chamava. Aprofundou o beijo. Enterrou uma das mãos nos cabelos dela, e com a outra a puxou ao encontro do seu corpo. Elphame foi por livre vontade, pressionando-se na extensão dele. Automaticamente, seus braços se estenderam para enroscarem o pescoço dele.

Mesmo perdida no beijo, ela estava ciente de algo roçando a parte externa de seus antebraços, e a estranheza da sensação fez os olhos dela se abrirem e a boca se afastar da dele.

As asas. Eram o que ela sentiu em seus braços quando começaram a se desdobrar e se abrirem sobre ele. Os olhos dela dardejaram das asas eretas para o rosto de Lochlan. A respiração dele tinha se aprofundado junto com a dela e os olhos cinza estavam escuros de desejo.

— Elas refletem minha paixão. — Sua voz estava grossa. — Não posso contê-las. Não quando estamos tão próximos, e eu a desejo tanto.

— Você fala como se não fossem parte de você.

— São de uma parte sombria de mim, uma parte contra a qual resisto.

Os olhos dela voltaram às asas. Estavam abertas sobre ela, como se ele estivesse preparado para arrebatá-la. Achou que a penugem da parte interna era da exata cor de uma lua de colheita.

— Elas são lindas — murmurou ela.

Lochlan afastou a cabeça para trás como se tivesse recebido um tapa dela.

— Não diga uma coisa dessas nem brincando.

— Por que eu estaria brincando? — Odiando a mágoa que via nos olhos de Lochlan, desvencilhou uma das mãos do pescoço dele. — Posso tocá-las?

Ele não conseguia falar, só pôde acenar lentamente com a cabeça, como se estivesse se mexendo em águas profundas.

Sem hesitação, a mão de Elphame se ergueu para tocar a parte de uma das asas que estava aberta sobre seu ombro esquerdo.

— Oh — ela suspirou. — São *macias*. Pensei que fossem. — Ela abriu a mão para poder esfregar a palma com delicadeza pela penugem cremosa. As asas estremeceram sob seu toque e depois pareceram se encher e expandir quando a respiração de Lochlan explodiu de seus pulmões num arrebatado gemido.

Imediatamente, Elphame afastou a mão.

— Eu o machuquei?

Os olhos dele estavam bem apertados e uma fina camada de suor surgira pelo rosto.

— Não! — Ele meio riu, meio soluçou a palavra. — Não pare. Não pare de me tocar.

O rude desejo na voz dele a intrigou quase tanto quanto seu corpo exótico. Não queria parar de tocá-lo — jamais. Elphame levou novamente a mão à sedutora maciez de sua asa, mas antes que pudesse afagá-lo outra vez, ele a deteve segurando-lhe a mão.

Surpresa, ela ergueu a cabeça e o viu olhando por cima do ombro dela, olhos estreitos.

— Alguém se aproxima. — Ele inclinou a cabeça para o lado e logo acrescentou: — É a caçadora centauro.

— Você precisa ir! Ela não pode vê-lo. — O temor por ele a sacudiu.

— Preciso estar com você novamente. Em breve. — A voz dele era uma afiada lâmina de frustração.

— Encontrarei uma maneira. Agora vá, por favor. A caçadora pensaria que você está me atacando. — Seus olhos suplicavam que ele compreendesse.

— Chame por mim, meu coração. Nunca estarei longe de você.

Lochlan se inclinou e a beijou mais uma vez, pressionando os lábios nos dela com um desespero que ameaçava transbordar em violência. Mas Elphame não se encolheu nem o empurrou para longe. Correspondeu à paixão dele com sua própria força inumana.

Ele se forçou a separar-se dela e com um baixo grito de desespero virou-se e deixou a floresta engoli-lo. Lochlan não olhou para trás para vê-la — não poderia.

Dezessete

ELPHAME PASSOU A mão trêmula pelos lábios enquanto corria da margem da floresta de volta para o grupo de rochedos. Só teve tempo de se erguer sobre a rocha e respirar longa e profundamente por duas vezes antes de Brighid aparecer trotando ao longo do caminho de árvores, gritando-lhe um cumprimento. Elphame acenou com a mão em resposta e obrigou-se a sorrir. Ninguém saberia só de olhar para ela que tinha acabado de ser beijada, lembrou a si mesma — nem mesmo a caçadora. Uma caçadora não conseguia ler rostos, só conseguia ler rastros...

... A mente de Elphame se sacudiu como um potro assustado. Oh, Deusa! Brighid podia ler os rastros de Lochlan. A alegre expressão de saudação da caçadora se transformou num franzir preocupado quando notou como o rosto de Elphame estava pálido.

— Cuchulainn disse que eu deveria levá-la de volta ao castelo, que já estava afastada por tempo suficiente para exigir demais de suas forças. Pela sua cara, ele estava certo.

— Odeio quando ele está certo. — Elphame tentou mostrar indiferença, sempre tendo o cuidado de impedir que os olhos averiguassem obsessivamente a floresta em busca do menor sinal denunciador de Lochlan.

— Todos nós odiamos quando ele está certo. Venha, ajudo você a descer. — Brighid a firmou enquanto El deslizava do rochedo. Depois ergueu uma sobancelha para a jovem descabelada e ofegante. — Precisa de uma carona de volta ao castelo?

— Não, estou bem.

— Tem certeza? Sabe que não me importo — disse Brighid.

— Sim, eu sei. — Ela sorriu do olhar sério da caçadora. — Obrigada, Brighid, aprecio a oferta, mas acho que só estou dura de ficar tanto tempo sentada.

Elphame estava emocionada com a oferta de auxílio de Brighid, assim como não esqueceria a noite em que Brighid carregara a ela — e Cuchulainn — da floresta até o castelo. Nos últimos cinco dias, Brighid a visitara sempre que possível, mesmo que sua programação de caça fosse apertada. Brenna e Brighid fizeram todo o possível para tornar seu cativeiro forçado suportável. E Elphame sentia-se uma

traidora enquanto rezava para Epona para que Brighid não notasse os rastros incomuns de Lochlan.

Relaxe e converse com ela, Elphame ordenou-se. Deixe de parecer tão culpada.

— Estou contente que tenha vindo me apanhar. Senti falta de sua companhia nos últimos dias — disse Elphame.

— Ontem mais cinco homens, todos com as jovens esposas, se juntaram a nós.

— Eu não sabia. — Os olhos de Elphame se estreitaram. — Cuchulainn... — Ela pronunciou o nome do irmão como se fosse uma maldição. — Aquele estúpido superprotetor! Ele não me contou que mais pessoas tinham se juntado a nós. Ele está me tratando como uma maldita inválida.

— Seu irmão é realmente inoportuno — disse Brighid, mas não conseguiu deixar de sorrir para Elphame. Ao menos ele não era chato, ou, apesar de todos os defeitos irritantes, esquisito de se ter por perto. Exceto por Elphame, Brenna e alguns outros, ela geralmente achava difícil interagir facilmente com os humanos. Eles não eram, claro, tão poderosos fisicamente como os centauros, mas lhe parecia que as limitadas habilidades físicas deles geralmente definiam suas personalidades também. Tinha passado pouco tempo com humanos até recentemente, mas mesmo nesse curto período notara que humanos costumavam agir anormalmente perto daqueles de sua raça. Ou os humanos exageravam — a ponto do embaraço — em demonstrações exuberantes de aceitação e fraternidade, ou pareciam precisar bufar, enfeitar-se ou tentar parecer superiores. Brighid meneou a cabeça mentalmente. Não concordava com as visões da manada Dhianna sobre a separação das espécies, mas eles estavam certos quanto a uma coisa: a maioria dos humanos era difícil de compreender.

Ela relanceou Elphame, que nem era humana nem centaura, e sorriu de sua expressão chateada. Embora não gostasse de ser diferenciada, Elphame nunca tentava fingir ser nada senão o que era: uma líder natural que fora tocada por Epona. Brighid a respeitara por isso, antes mesmo de começar a gostar dela.

— Se está se sentindo bem o bastante para brigar com Cuchulainn, deve estar se recuperando. Isso certamente deixará Brenna contente — disse Brighid.

— Mas não Cuchulainn — disse Elphame com um sorrisinho satisfeito.

Elas caminhavam devagar de volta ao castelo, com a caçadora encurtando suas longas passadas para não incomodar os ferimentos de Elphame. Quando Brighid começou a angular mais na direção da floresta do que do mar, Elphame sentiu sinos de alerta dispararem em sua cabeça e logo apontou para o imponente penhasco.

— Vamos caminhar ao longo da borda. Gosto de olhar para o mar.

Brighid mudou de direção, mas ela meneou a cabeça enquanto seguiam lentamente ao longo da borda traiçoeira.

— Não sei por que gosta daqui. Esse lugar me deixa nervosa.

Elphame lhe deu uma olhada surpresa.

— Não sabia que alguma coisa a deixava nervosa.

A caçadora bufou:

— Cair me deixa.... Muito nervosa. — Ela deu em Elphame uma cutucada gentil com o cotovelo. — Isso deve ser algo que você entende.

Elphame estremeceu num horror não tão zombeteiro.

— Está certa sobre isso. Não é uma experiência que eu queira repetir.

Brighid ficou em silêncio por mais várias passadas. Precisava conversar com Elphame sobre o acidente ou, mais especificamente, sobre a desconcertante evidência que descobrira. Elphame parecia mais

relaxada do que antes. Estava caminhando confortavelmente ao lado dela, deixando as mãos arrastarem pelos tufos de capim que cresciam em moita perto do penhasco. Agora parecia uma hora tão boa quanto qualquer outra. Brighid pigarreou e a olhou de esguelha.

— Sempre quis perguntar uma coisa sobre aquela noite, mas pensei que deveria esperar até você estar recuperada — ou ao menos pensando com mais clareza.

— Pela Deusa! Não poderia estar mais cansada de ter meu juízo questionado. Garanto que estou pensando claramente. Quer que eu recite alguns poemas épicos como prova?

Brighid ergueu as mãos como se defendendo-se de um ataque.

— Acredito em sua palavra, deusa.

Elphame fez-lhe cara feia.

— Você me transportou nas costas. Deveria saber que não deve me chamar de deusa.

— Está certa. Uma deusa decente não seria tão pesada — disse Brighid sem pensar.

Com a expressão horrorizada no rosto da caçadora, Elphame explodiu numa gargalhada, segurando o flanco do corpo com a dor inesperada.

— Oh, pare! Não me faça rir. — Ela se apoiou em Brighid, tentando recuperar o fôlego, mas sempre que olhava para a caçadora recomeçava a rir.

— Pode parar de rir agora. Não foi tão engraçado. — Brighid franziu a testa. — Ou está histérica?

Elphame sacudiu a cabeça, buscando ar.

— Não, é que o que você disse é verdade. Não sou exatamente miúda.

Brighid bufou:

— Alguém a chamou de miúda?

— Não. — El se controlou e seguiu mancando um pouco, segurando o flanco dolorido. — Até chegar ao Castelo MacCallan, ninguém, exceto minha família, me chamava por qualquer coisa normal. Sempre fui Aquela Tocada por Epona, A Especial. É uma bela mudança ser importunada e ouvir que meu traseiro é muito grande.

— Eu não importuno e não disse nada sobre suas ancas — Brighid bufou.

— Não diretamente, mas é bom que se sinta à vontade para me provocar um pouco. E você não é chata, essa é Brenna.

— Ela é mesmo — disse Brighid. — Sabia que ela anda insistindo para que eu beba um de seus preparados herbais? Disse que ajudará a aumentar minha força para que a caçada não me deixe muito fatigada.

— O gosto é horrível? — perguntou Elphame com simpatia.

— Sim. — Brighid fez uma careta.

— Funciona?

— Claro.

As duas compartilharam um olhar de sofrimento.

— Talvez devêssemos dizer que Cuchulainn anda muito cansado ultimamente — disse Elphame com ar travesso.

— Excelente ideia. — Brighid riu. — E você está certa, não há nada de errado com seu juízo.

— Bem, faça-me um favor e passe a notícia adiante. Estou cansada das pessoas me tratando como se a queda tivesse desabilitado permanentemente minha capacidade de raciocínio.

— Seria um grande prazer.

— E agora que esclarecemos que posso lhe dar uma resposta coerente, o que é que queria me

perguntar?

Brighid ficou calada e juntou os pensamentos antes de falar. Quando o fez, sua voz perdeu seu tom provocador: — Naquela noite, quando matou o javali, havia alguma outra criatura com você na ravina?

— Outra criatura? O que quer dizer? — Elphame teve que lutar para manter a expressão franca e neutra.

— Não tenho certeza — falou Brighid devagar, como se tentasse solucionar uma charada em voz alta. — Encontrei o javali com a garganta cortada, morto, no meio do riacho. E pude ver com clareza onde você caiu. Mas vi outras coisas também. Rastros que não reconheci perto de você.

— Outros rastros? Não compreendo — disse Elphame, sentindo o peito constricto. Não gostava de mentir. Até o acidente não tinha prática nisso, e lhe doía enganar as amigas.

— Também não compreendo. Admito, estava escuro e a chuva já tinha começado a lavar os rastros, mas tenho certeza de que o que vi era incomum. Eram os rastros de um animal que nunca encontrei antes. — Brighid olhou para Elphame, a preocupação transparecendo em seus olhos. — E eu vi rastros similares desde então na floresta que cerca o Castelo MacCallan.

Elphame lutou contra o pânico que ameaçava lhe bloquear a garganta. Na voz mais indiferente que conseguiu assumir, perguntou: — Poderia ser um urso grande? Você sabe que a caça ficou abandonada nesses bosques por grande parte do último século. Não há como dizer se animais selvagens poderiam vicejar e vagar livremente.

Brighid suspirou:

— Pode ser, mas os rastros não são de urso. É uma criatura de duas pernas. Sei que parece absurdo, mas me pergunto se os dragões não retornaram a Partholon.

Elphame não precisou fingir surpresa. Dragões foram assunto de histórias de ninar e baladas por séculos. Se existiram, não eram vistos há centenas de anos.

— Acha que estou imaginando coisas — disse Brighid.

— Não! Não duvido de sua palavra. Talvez existam dragões nessa floresta. — Elphame encarou Brighid e exibiu um sorriso travesso. — Só não conte a Cuchulainn. Ele insistirá em arranjar um arpão e um grupo de caça ao dragão.

Brighid riu.

— Brighid, eu ficaria tranquila se me promettesse uma coisa.

A caçadora ergueu as sobrancelhas para a amiga.

— Seja que criatura for, não vá atrás dela. Deixe como está — ao menos até estarmos mais acomodados aqui e você puder chamar mais caçadoras para ajudá-la. — Elphame sentiu suas palavras dissimuladas marcarem-na como a pior das traidoras, tanto com Lochlan quanto com a amiga, mas não sabia mais o que dizer — ou fazer.

Brighid deu de ombros.

— Como quiser, Elphame. Estou bem ocupada fornecendo a carne diária para sua crescente horda.

Elas caminharam em silêncio, ambas pensando nos rastros de garras na floresta.

Dezoito

— EL! AQUI. — CUCHULAINN ergueu a mão chamando a irmã e a caçadora para se juntarem a ele perto da entrada do castelo.

Decepcionada por perceber o quão cansada a relativamente pequena caminhada a deixara, Elphame forçou um sorriso firme no rosto e endireitou os ombros. Conteve uma careta quando o ombro direito a lembrou que ainda estava longe de estar recuperada. Enquanto ela e Brighid se aproximavam do irmão, Brenna surgiu do interior do castelo, limpando as mãos em seu avental salpicado de sangue. Viu Elphame e Brighid e gritou um cumprimento entusiasmado, mas imediatamente se transformou de amiga em curandeira preocupada quando chegaram perto o bastante para que desse uma boa olhada na paciente.

— Como está a mão do trabalhador? Espero que o ferimento não seja muito severo — perguntou Elphame a Brenna.

— Ele vai se recuperar, mas acredito que pensará duas vezes diante do impulso de piscar para uma moça atraente quando estiver cortando troncos. — Ela estreitou os olhos para Elphame, percebendo o rosto pálido e tenso. — Posso ver que a surpresa que planejamos para você vem em boa hora — bufou. Ignorando os protestos dela, ergueu o corpete de Elphame e verificou o curativo do ferimento.

— Ela está bem? Devo mandar que tragam uma *chaise*? — perguntou Cuchulainn, espiando por cima do ombro de Brenna.

— Não, *ela* não precisa de uma *chaise*! — retrucou Elphame, baixando a camisa e endereçando a Brenna e ao irmão olhares gêmeos de aborrecimento. — *Ela* precisa de um banho, algo além de sopa para comer e um pouco de privacidade.

Os lábios de Brenna se inclinaram em seu encantador sorriso torto.

— Então sua surpresa será muito bem-vinda.

— De que surpresa estão falando? — perguntou Elphame, tentando não ranger os dentes. Sinceramente! Os três a deixariam louca. Só queria tomar banho e jantar — e ficar algum tempo sozinha para analisar suas turbulentas emoções.

— Venha conosco, minha irmã — disse Cuchulainn misteriosamente. Enroscou um braço no dela e a conduziu ao castelo.

— Elphame! Que bom que está de pé novamente, minha senhora!

El ergueu a cabeça para a voz que vinha do caminho de ronda recém-reconstruído dentro dos muros principais do castelo. Ela acenou para o homem e vasculhou a memória em procura do nome dele.

— Obrigado, Brendan — gritou.

Depois a voz dele foi acompanhada por muitas outras, às quais ela respondeu da mesma maneira enquanto caminhava lentamente pelo buraco no muro interno para o centro do castelo, onde parou maravilhada com a mudança que cinco dias acarretara.

O grande coração do castelo parecia nascido há pouco. A fonte gorgolejava alegremente. Alguém trouxera grandes samambaias do chão da floresta, que foram plantadas em imensos vasilhames de barro e dispostas num padrão curvado ao redor da garota de mármore. Candeeiros novos presos às paredes e colunas sustinham tochas que queimavam brilhantes, levando luz, calor e uma pulsação cor de fogo ao castelo. O chão estava imaculado, liso e macio, e agora que fora limpo, a pedra parecia como se o desgaste de mais de um século simplesmente tivesse servido para acentuar sua beleza.

— Oh, Cuchulainn! As colunas!

Ela apertou-lhe a mão carinhosamente antes de correr até a gigante coluna central. Firmava-se como um sentinela recém-admitido, vigilante e orgulhoso. Fora lindamente restaurada. A dançante luz das tochas acariciava os intrincados entalhes de nós entrelaçados e os adoráveis desenhos que formavam pássaros e éguas empinadas.

E a pedra sussurrou, com uma voz musical e reverberante que parecia ecoar por sua alma.

Automaticamente, Elphame se aproximou do pilar, ansiosa por uma comunicação mais íntima com a pedra. Depois sentiu dezenas de olhos observando-a e lembrou-se de que não estava sozinha. Elphame cerrou os punhos ao lado do corpo. O que estava pensando? Não pretendia fazer uma exibição na frente do castelo inteiro.

Os cascos do centauro ressoaram solidamente no chão de pedra quando Danann destacou-se do grupo de trabalhadores que tinham se congregado perto da fonte.

— A pedra a chama. É um dom único, um dom que não deve hesitar em atender. — O velho centauro não ergueu a voz, mas ela se espalhou pelo ambiente cada vez mais lotado.

Elphame olhou nervosa de Danann para tudo ao redor.

— Não — disse ele, juntando-se a ela ao lado da coluna e baixando a voz apenas para os ouvidos dela: — Não fragmente sua atenção. Você só tem uma linha de ação. Quando a pedra fala, você atende. — Ele suavizou a repreensão de suas palavras com um sorriso gentil. — Você está destinada a ser A MacCallan. Seu castelo a chamou de uma grande distância e através do abismo do tempo. Agora você deve responder com sua alma, assim como com seu corpo.

Elphame lambeu os lábios e engoliu um nó na segura da garganta. As palavras dele faziam sentido. Ela estava conectada àquele castelo — aos muros, pisos e colunas, e aos espíritos do passado. Queria aquela ligação, sua própria alma ansiava por ela.

Ela deu mais uma olhada em Danann. Ele assentiu em encorajamento.

Elphame limpou a mente e pressionou as palmas na coluna central. A antiga pedra se tornou fluida sob suas mãos quando o calor começou. O calor aumentou rápido, subindo por seus braços e tomando seu corpo — e uma torrente de sentimento encheu sua mente com um único grito de júbilo: *Fé e Fidelidade!*

Seu coração pulou em reconhecimento ao lema do clã MacCallan que as pedras do castelo — seu

castelo — gritaram numa única e vitoriosa voz. Elphame arfou com a doce intensidade da alegria. De uma parte distante da mente, notou que Cuchulainn se aproximava dela, e que Danann o deteve pousando sua mão nodosa no braço do guerreiro.

— Sua irmã está segura. Ela tira sua força dessas pedras.

Elphame ouviu a voz do artífice como se viesse de uma grande distância, mas as palavras dele se gravaram fundo em sua consciência.

Ela podia tirar força das pedras? Que ideia incrível, mas como isso seria possível?

No instante em que pensou, o calor que a preenchia se transformou, mudou e reagiu a uma pergunta velada. O calor sob suas mãos aumentou e Elphame se sentiu afundar um pouquinho na pedra temporariamente maleável.

Energia agitou-se em seu corpo. Como um mergulhador vindo à tona após uma busca submersa insuportavelmente longa, Elphame absorveu força da pedra. A dor no ombro e no flanco foi abrandada, e a dor de cabeça que a perseguia há cinco dias evaporou-se.

Elphame fechou os olhos e respirou fundo, purificadoramente, centrando-se como Danann lhe ensinara dias atrás. Depois ela se concentrou em sua conexão com a pedra viva. *Obrigada. Não sei por que estão me oferecendo esse presente mágico, mas obrigada.*

O espírito da coluna central do castelo lhe respondeu — dessa vez em mais do que fragmentos de sentimentos e ondas de emoções: *Há muito aguardamos o retorno de MacCallan e do pulso da vida dentro de nossos muros. Nós exultamos por ter vindo reclamar seu direito de nascer. Contemple o que é seu, deusa!*

Com uma força que quase a assustou, Elphame sentiu seus sentidos se ampliarem conforme seu espírito se unia aos espíritos das pedras. Houve um momento de confusão e rodopiante vertigem enquanto se acostumava à sua nova consciência. Então mais poder a preencheu e, com uma explosão de energia, ela subitamente era um só com o castelo. As paredes se tornaram sua pele, seus membros eram torres e aposentos reconstruídos, e a espinha era a própria coluna central em si. Podia sentir cada esconderijo e alcova do castelo. Eram tecido e sangue, assim como ela podia sentir que sublime prazer era seu “corpo” estar vivo e sendo cuidado. *Este é meu lar.* A adorável carícia de seus pensamentos fluiu pela fundação do Castelo MacCallan. O lar de seu clã ancestral vivia mais uma vez.

Cuchulainn observou o reino espiritual envolver sua irmã. A mão firme de Danann permanecia uma pressão constante sobre seu braço, como se o velho centauro soubesse o quanto lhe era difícil liberar a irmã para um reino que ele rejeitara tão completamente. Mas até ele tinha que admitir que era impressionante. Apenas momentos antes Elphame parecia cansada e esgotada. Agora, diante de seus olhos, ele a observava mudar. Ela brilhava com o poder do antigo coração do castelo. Suas faces coraram e o cabelo esvoaçava com a incorporação do espírito do castelo.

Pela primeira vez na vida, Cuchulainn viu a Deusa dentro de sua irmã ganhar vida por completo, e por um instante era como se estivesse observando uma espantosa estranha tomar o lugar dela. Sabia que era o que ela sempre desejara, essa conexão com o reino espiritual, e sabia que devia se sentir feliz por ela — finalmente estava vivendo seu destino, mas isso o entristecia quase tanto quanto o assombrava.

Ele tirou os olhos de Elphame para estudar as pessoas e centauros que os cercavam. Muitos deles estavam com as mãos unidas. Duas mulheres tinham caído de joelhos. Em todos os rostos, Cuchulainn viu refletido o assombro e o amor que sentiam por sua irmã tocada pela Deusa. Eles a seguiriam a qualquer lugar. *Nós, consertou ele, nós a seguiríamos a qualquer lugar.*

Naquele momento Elphame jogou a cabeça para trás e numa voz amplificada pelo poder dos espíritos do castelo gritou as palavras que a preenchiam até quase transbordar: — Fé e Fidelidade!

— Fé e Fidelidade! — Automaticamente, a voz de Cuchulainn se uniu à da irmã no antigo grito de batalha do clã, e logo todas as vozes do Castelo MacCallan se misturaram num grito que ecoou das paredes de pedra viva até a floresta ouvinte: — Fé e Fidelidade!

Dezenove

ELPHAME OLHOU AO redor enquanto esfregava as mãos que formigavam. Ainda cheia de energia pela comunhão com os espíritos das pedras, descobriu ser quase impossível ficar de pé. Estava cheia de força, esperança e júbilo, mas seus olhos inquietos vasculhavam as pessoas que se juntaram ao redor dela. Ela se abraçou à espera da reação ao que tinham acabado de testemunhar. Sim, eles responderam ao seu grito e foram capturados na magia do momento. Mas a que custo? Será que a veriam como a chefe do clã e a aceitariam como tal, ou começariam a se afastar dela? Ou, pior, será que tentariam venerá-la?

A miúda governanta Meara foi a primeira a falar. Seu rosto rechonchudo fez covinhas adoráveis quando ela fez uma rápida medida e sorriu para Elphame.

— Eu supervisionei a limpeza dessas colunas — começou a dizer numa voz suave e hesitante, mas conforme continuava a falar, o nervosismo se acalmava. — Eu mesma restaurei a coluna central. — O olhar de Meara tocou a magnífica coluna com um olhar amoroso de orgulho e realização. — Não posso me comunicar com os espíritos das pedras como você, mas juro que pude senti-los — a força e, acima de tudo, as boas-vindas. — Num impulso, ela se aproximou e apertou a mão de Elphame. — Você está certa. Este é nosso lar. As próprias pedras nos dão boas-vindas.

Em meio a uma explosão de emoção, Elphame lutou para encontrar a voz.

Um jovem veio parar ao lado de Meara. Ele se curvou para Elphame, que pensou reconhecê-lo como um dos homens que ajudaram a erguê-la no lombo de Brighid na noite do acidente. Mas antes que Elphame pudesse cumprimentá-lo, ele caiu dramaticamente de joelhos. Fixando os olhos nos dela, falou numa voz cheia da paixão da juventude: — Nunca tive um lar para chamar de meu. Sou o mais novo de dez filhos e por toda a vida me senti deslocado, temporário. Acho que muitos de nós já se sentiram assim. — Ele se calou e olhou ao redor pelo grupo misto de humanos e centauros. Várias cabeças assentiram e Elphame ouviu sons genéricos de concordância. — Mas não mais. Não nasci no clã MacCallan, mas quando trabalhei para reconstruir essas paredes também senti o chamado das pedras. Eu me encaixo aqui, como nunca antes. Este castelo pôs suas fundações em mim, e se A MacCallan me aceitar, juro aliança a você e carregarei orgulhosamente o nome do clã até minha morte e depois, se

Epona permitir.

— Assim como eu! — gritou uma voz à direita de Elphame, e outro homem se pôs de joelhos.

— E eu!

— Eu também!

Impressionada, Elphame observou cada pessoa no grande aposento central do castelo, homens, mulheres e centauros igualmente, inclusive a orgulhosa caçadora Dhianna, ficarem de joelhos, até apenas Cuchulainn e Danann permanecerem de pé. Então Cuchulainn foi para o lado da irmã.

— Eu, claro, já pertenço ao clã MacCallan, mas neste dia me junto a todos que estão aqui jurando aliança a você, minha irmã e minha chefe. — Cuchulainn se ajoelhou diante dela.

— Há décadas jurei aliança ao Templo de Epona, e esse é um vínculo que não posso quebrar — disse Danann devagar. — Mas por meio disso reconheço que você é a herdeira de direito do clã MacCallan, e me coloco como testemunha dos juramentos feitos a você neste dia. — Ele se curvou galantemente para Elphame.

— Obrigada, Danann. Então seja testemunha de que como A MacCallan aceito o juramento de cada humano e centauro presente hoje. — Suas palavras foram claras e repletas com a força do castelo, mesmo quando lágrimas de alegria ameaçaram brotar de seus olhos brilhantes. — E selo esta aliança à moda antiga. — Elphame ergueu as mãos e invocou as palavras imortais de vinculação ao clã: “Pela profunda paz do ar corrente, eu vos vinculo a mim.

Pela profunda paz do fogo crepitante, eu vos vinculo a mim.

Pela profunda paz da onda fluida, eu vos vinculo a mim.

Pela profunda paz da terra serena, eu vos vinculo a mim.

Pelos quatro elementos, vós estais vinculados a mim, A MacCallan, e pelo espírito de nosso clã o vínculo está selado. Assim foi dito, assim seja feito.

Erga-se, clã MacCallan!”

Com um grito, o lugar irrompeu em vivas enquanto o recém-formado clã se colocava de pé. Elphame secou lágrimas de felicidade do rosto enquanto observava seu clã se congratular entre si. Odes subitamente apareceram e foram passados com entusiasmo enquanto brindes à saúde d’A MacCallan eram proclamados.

— Bom trabalho, minha irmã — disse Cuchulainn ao seu ouvido enquanto a abraçava com força.

— É como viver um sonho, Cuchulainn. — Um sonho... A palavra ecoou pela mente dela, evocando imagens que súbita e inesperadamente a fizeram desejar que Lochlan estivesse ao seu lado. Será que ele lhe teria jurado aliança? Caso jurasse, será que faria diferença para Cuchulainn? Aquilo tornaria Lochlan um deles? Será que Cuchulainn conseguiria enxergar que Lochlan era algo mais do que um antigo inimigo? Ou só seria visto como uma ameaça, algo que poderia criar um racha entre ela e seu clã?

— Eles são meus — disse com ferocidade.

— Eles são... Nós somos. — O guerreiro sorriu para sua chefe.

Eles lhe pertenciam, e através deles ela também encontrara seu lugar.

Um dos homens apareceu com uma flauta e começou a tocar uma melodia leve e animada, que logo foi acompanhada por outra flauta e o som distintivamente líquido de uma lira. Elphame sorriu. Queria dançar, cantar e exultar pela noite inteira, mas antes que pudesse agarrar a mão de Cuchulainn e fazê-lo dançar com ela Elphame sentiu uma mão refrescante em seu braço. Ergueu a cabeça para deparar com os olhos sábios de Danann.

— É apenas temporário — disse calmamente. — A força que tomou emprestada da pedra logo desaparecerá.

Imediatamente atento, Cuchulainn uniu o braço ao da irmã e vasculhou a multidão até encontrar a cabecinha morena de Brenna parada quieta por trás da caçadora, a cabeça abaixada para que o espesso cabelo escondesse a metade desfigurada do rosto. Como se sentisse seu olhar, ela ergueu a cabeça e leu o familiar ar de preocupação no rosto bonito de Cuchulainn. Ela assentiu, falou com Brighid e as duas começaram a abrir caminho até Elphame.

Satisfeito, Cuchulainn se virou para a irmã.

— Reconheço esse ar em seus olhos, minha irmã, mas a menos que queira ficar pálida e desmaiar na frente de todos, acho que deve reconsiderar a dança para a qual pretendia me arrastar.

Elphame crispou os lábios e teria gritado uma rápida réplica lembrando Cuchulainn de que ela não tinha desmaiado se sua dor de cabeça não tivesse escolhido aquele instante para voltar a martelar com uma vingança nauseante.

— Seu rosto acaba de perder a cor — disse Brenna quando se aproximou de Elphame. — É a cabeça?

— Se eu disser que sim, terei que tomar mais do seu chá?

Brenna tentou esconder o sorriso.

— Claro.

— Então minha cabeça está ótima. — Elphame sorriu, depois se encolheu quando uma pontada de dor martelou por sua têmpora em compasso com as batidas do coração.

— Você mente mal.

— Eu diria que é a hora perfeita para a surpresa dela — disse Danann.

Cuchulainn, Brenna e Brighid sorriram em concordância.

— Clã MacCallan! — A voz de Cuchulainn irrompeu pelos ruídos de celebração e a sala se aquietou. — Sua chefe vai se retirar aos seus aposentos para descansar e se refrescar antes do banquete da noite.

A testa de Elphame se enrugou em confusão. Seus aposentos? Ele não queria dizer tenda?

Os olhares brilhantes da multidão e os gritos de “Descanse bem, MacCallan!” diziam que eles estavam a par do que era também — talvez Cuchulainn tivesse criado para ela uma área improvisada dentro do terreno do castelo. Admitiu consigo mesma que a ideia era atraente, não importava o quão rudimentar fosse o abrigo temporário. Então Elphame simplesmente sorriu e acenou enquanto Cuchulainn, acompanhado por Brenna e Brighid, a levava do salão principal por uma passagem que se curvava para a direita, bem iluminada por candeeiros que ardiam brilhantes nas paredes. Ela olhou ao redor com curiosidade. Não tinha passado muito tempo naquele lado do castelo. Sabia que abrigava os quartos particulares dos MacCallan, mas estivera mais preocupada com a renovação da cozinha e dos cômodos de reunião pública — e, claro, estivera tão fascinada com a fonte e o coração do castelo que pouco pensara nos quartos particulares.

— Para onde está me levando?

Cuchulainn apenas sorriu enigmaticamente. Elphame suspirou. Conhecia aquele olhar; não arrancaria nada dele.

— Teimoso — disse El. — Você sempre foi tão teimoso.

Atrás deles, Brighid bufou e murmurou: — Tal irmão, tal irmã.

Brenna deu uma risadinha.

Elphame olhou por cima do ombro para as duas amigas.

— Sou a mais velha. Então, se for assim, é mais tal *irmã*, tal *irmão*.

A caçadora ergueu uma sobranceira perfeitamente arqueada.

— Aceito a correção.

Foi a vez de Cuchulainn bufar.

Do corredor se ramificava uma passagem à esquerda, na qual Cuchulainn virou. Elphame piscou de surpresa por ela terminar diante de uma grossa porta de madeira na qual estava esculpida a égua empinada da insígnia MacCallan. Candeeiros gêmeos queimavam a cada lado da porta, de modo que a novidade da madeira de pinho polida resplandecia sob a luz do fogo com um rico lustre. Elphame traçou com os dedos o contorno da égua.

— Isto é lindo. Dificilmente teria sobrevivido ao fogo — disse.

— Não sobreviveu. Vários dos homens a cortaram de uma das árvores de sua floresta, e Danann a entalhou. Ele disse que era adequado a Insígnia MacCallan adornar a porta do aposento da chefe — explicou Cuchulainn.

— O aposento da chefe? — repetiu Elphame. As palavras carregavam magia interminável.

— É um presente do seu clã. — Ele abriu a porta.

A primeira coisa que ela notou no quarto foi que estava cheio de luz. Candeeiros ardiam iluminando as paredes — altos candelabros de metal sustinham velas acesas e numa das paredes o fogo em uma imensa lareira crepitava alegremente. Janelas altas e estreitas se espaçavam ao longo de duas das quatro paredes deixando entrar a luz fraca do fim de tarde. O quarto imenso era mobiliado apenas com um jogo simples de mesa e cadeiras, uma pequena penteadeira sobre a qual estava suspenso um espelho ornado e um *chaise* dourado que estava disposto próximo a uma cama grande coberta com pesados lençóis e mantas, que cintilavam com um brilhante brilho dourado conforme as luzes das velas bruxuleantes capturavam as formas bordadas de nós entrelaçados.

Elphame caminhou até a cama e passou a mão sobre a manta mais próxima.

— Mamãe. — Ela sorriu para o irmão. — Mamãe mandou isso.

— Sim, chegou essa manhã, junto com vários barris de vinho excelente e mais duas coisas. — Ele apontou para o *chaise* dourado e o espelho vistoso.

Elphame sentiu uma risada borbulhar no peito.

— Mamãe enviou o essencial. — E numa torrente ela se lembrou do sonho e da voz da mãe perguntando a Epona: *Posso ao menos enviar uma remessa especial de vinhos e lençóis? A maneira como ela está vivendo é simplesmente selvagem.* Era verdade! Por algum capricho da Deusa, ela ouvira a conversa da mãe. Sua mãe confiava nela, e Epona estava cuidando dela.

Como poderia duvidar disso, Amada?

A voz que encheu sua cabeça era quase tão familiar quanto a da mãe, mesmo que só a tivesse ouvido uma vez. Epona! Ela pertencia à Deusa — não à maneira de sua mãe, mas de uma maneira que era unicamente sua, assim como seu corpo era unicamente seu. E finalmente Elphame sentiu um impulso dentro dela, uma aceitação de si mesma que demorara muito tempo. Com uma mão trêmula, acariciou a manta macia novamente e fez um agradecimento silencioso à Deusa.

— Eu disse que ela ficaria sem fala — disse Cuchulainn, sorrindo como um menino desobediente.

— Claro que está sem fala — disse Brenna, sorrindo em meio a lágrimas. — Vamos mostrar a ela o resto.

— Tem mais? — perguntou Elphame.

Três cabeças assentiram. Elphame pensou que eles pareciam crianças alegres. Brenna lhe tomou a mão e a guiou até uma pequena passagem de pedra que arqueava onde as duas paredes externas se

encontravam. Abria-se para uma torre redonda dentro da qual degraus de pedra curvavam-se cada vez mais alto, espiralando de encontro à grossa parede de pedra. Elphame inclinou a cabeça para trás. Podia ver que os degraus levavam a algum tipo de plataforma.

— Lembra-se da torre que acabei de desenhar hoje? A única que os trabalhadores completaram? — perguntou Brenna.

Elphame assentiu:

— É esta. Sua torre está restaurada.

— Todos nós quisemos que a Torre do Chefe fosse restaurada primeiro — disse Cuchulainn.

— Todos concordamos que seria o certo — acrescentou Brighid.

— Está bem vazia agora, mas um dia você a encherá com todos os seus livros e afins. Você a tornará sua — disse o irmão.

— Eu... — El teve que parar e pigarrear. — Mal posso esperar para ver.

Brenna lhe segurou o punho, mudando de amiga para curandeira outra vez.

— Acho que não seria boa ideia. Sei que acabei de lhe jurar aliança, mas no que diz respeito à sua saúde, eu ainda a domino. E agora seu corpo precisa de descanso e comida, não do exercício de subir todos aqueles degraus.

Antes que ela pudesse discutir, Cuchulainn disse: — A torre esteve aí por mais de cem anos. Pode esperar mais uma noite.

— Pensei que quisesse um banho — disse Brenna.

Os olhos de Elphame se iluminaram.

— Se puder arrastar uma banheira até aqui para que eu possa tomar banho, prometo esquecer a torre — ao menos até de manhã.

— Arrastar uma banheira? — Brighid riu e os outros dois a imitaram. — Acho que podemos fazer melhor do que isso para A MacCallan. — A caçadora apontou com a cabeça para a parede na qual a lareira fora construída. — Essa é a minha parte favorita. Acompanhe-me, senhora. — Ela sorriu, farfalhando a cauda loira enquanto levava Elphame para um buraco despercebido na parede situada perto do ponto mais distante da lareira. Parecia como se parte da parede tivesse se aberto pela mão de um gigante.

Intrigada, Elphame observou a caçadora desaparecer no vão escuro. Sua voz ressoou misteriosa e abafada pelas grossas paredes de pedra.

— Tenha cuidado. Há bastante espaço, mas é um pouco úmido e costuma ser escorregadio para cascos.

Elphame adentrou a parede seccionada e piscou de surpresa. Não era outro cômodo. Degraus amplos se abriram diante de seus pés. Estavam iluminados por tochas nas paredes e ela observou o lombo de Brighid desaparecer conforme a escadaria afundava e virava gentilmente à esquerda.

— Vá em frente, vai adorar isso — persuadiu Cuchulainn quando ela hesitou.

Elphame desceu com cuidado pelos degraus, acompanhou a curva para a esquerda e seguiu vários passos mais até terminar num cômodo pequeno semelhante a uma caverna. A caçadora estava junto a uma piscina funda da qual ondas de vapor se suspendiam no ar espesso e quente. Elphame podia ver que a piscina era alimentada por uma queda-d'água que caía preguiçosamente de uma parede acima dela e escorria pela outra ponta por um canal escavado no chão de pedra. Braseiros abertos guardavam pedras lisas e redondas que Elphame sabia que substituiriam as pedras quentes, que já deviam ter sido colocadas na piscina para aquecer a água normalmente fria.

— Os óleos e sabonetes são das mulheres — disse Brighid, apontando para uma impressionante coleção de garrafinhas e jarros dispostos ao lado da piscina. — Cada uma trouxe seus favoritos. — Ela se inclinou e deu um tapinha num jarro grande de vidro com o dedo. — Minha oferta é pedra-sabão.

Brenna apontou para uma garrafa redonda.

— Eu escolhi um óleo com essência de camomila do qual particularmente gosto muito. Sempre o considere tranquilizante. Não deixe de esfregar um pouco dele no flanco. — A curandeira olhou atentamente para Elphame. — E não quero você se banhando por muito tempo.

— Prometo — disse Elphame, erguendo as mãos em rendição.

— Não trouxe óleo nem perfume — disse o irmão. — Mas consegui convencer o estalajadeiro a doar essas toalhas.

— É perfeito — suspirou Elphame.

— Não — disse Brighid, recuando em direção à escada. — Será perfeito quando a deixarmos sozinha para que se banhe sem uma audiência verificando seu pulso e sua respiração.

Brenna franziu a testa, mas não discutiu quando Brighid lhe segurou os ombros e a empurrou em direção à saída. Depois ela pôs o olhar em Cuchulainn.

— Sua irmã pode se banhar sozinha.

— Hrumph — resmungou ele, e saiu do cômodo.

— Obrigada, Brighid — disse Elphame. — Você é uma boa amiga.

— Qualquer coisa pela MacCallan. — A caçadora deu uma piscadela alegre. Começou a subir os degraus, depois parou e torceu a cintura para que pudesse buscar os olhos de Elphame. — Quase esqueci... Estamos planejando um jantar especial esta noite em honra à sua recuperação. É uma coisinha que cacei especialmente com você em mente. Mas não precisa se apressar, Wynne prometeu manter um prato aquecido para você.

— Você caçou apenas para mim? O que é?

— Javali.

Ignorando a dor entorpecedora na têmpora, Elphame jogou a cabeça para trás e riu.

Vinte

ELPHAME APERTOUBA mão sobre o flanco e respirou fundo, tentando recuperar o fôlego. Brenna estava, claro, certa; a íngreme escada espiralada provavelmente era demais para ela ter tentado naquela noite, mas não fora capaz de resistir à atração da famosa Torre do Chefe — sua torre. A verdade era que, exceto pela respiração curta e pelas dores indistintas em seu corpo, sentia-se maravilhosa. O longo banho — durante o qual lavou e enxaguou o cabelo três vezes — fora exatamente o que precisava, assim como a excelente refeição de javali assado. Pensar nisso ainda fazia Elphame sorrir. Eles se sentaram às mesas recém-produzidas, fabricadas longas e compridas para acomodar tanto centauros quanto humanos, e festejaram. Não havia vidro nas janelas que se alinhavam no Grande Salão e as paredes ainda estavam enegrecidas pelo fogo, além de adornadas por tapeçarias que ainda estavam sendo tecidas, mas a sensação de companheirismo era palpável. Com Brighid e Brenna num de seus lados, Cuchulainn e Danann no outro e seu clã bradando ruidosamente entre si, as dores no corpo pareceram fáceis de esquecer... Diferentemente de Lochlan.

Se ocasionalmente olhava ao longe e perdia o fio da conversa à sua volta, ninguém estranhava aquilo. A MacCallan estava forte e em recuperação, mas sofrera um ferimento terrível. Nunca poderiam imaginar para onde seus pensamentos eram levados.

Teria ficado lá a noite inteira, cercada por seu clã e imersa em pensamentos esparsos, se Brenna não tivesse insistido para se retirar e ter uma boa noite de descanso — ameaçando preparar um novo lote de chá medicinal caso Elphame insistisse em ficar.

Ela se retirara em meio a calorosos desejos de boa noite, e apesar de seu aposento ser particular e maravilhosamente confortável e seu corpo estar definitivamente cansado, sua mente não ficaria quieta o bastante para que descansasse.

Ela tinha seu lar e tinha seu clã; agora tudo o que faltava era seu companheiro...

Seu consorte. Mas seria mesmo ele? Enquanto subia a escada espiralada até a Torre do Chefe, sua mente se encheu de dúvidas. Na floresta, ao olhar nos olhos dele, tudo fora tão claro. Sentira que seu futuro estava refletido ali, mas agora — sob a luz da realidade — ela só tinha perguntas. Queria vê-lo

outra vez. Precisava estar com ele, conversar com ele e passar algum tempo conhecendo-o melhor. Ele parecia conhecê-la tão bem; podia ler seu humor como se tivessem passado toda uma vida juntos. Mas ele lhe era um estranho — um estranho misterioso e alado. E *como* ela poderia ficar com ele? Seu clã não entenderia — nem ela entendia. Será que poderiam aceitá-lo, qualquer um deles?

Antes que a escadaria terminasse, a intermitente brisa noturna rodopiou ao redor dela, mergulhando-a no aroma da madeira recém-cortada para o telhado. Cheirava a floresta — a floresta na qual seu amante a observava e esperava. Ela respirou fundo, automaticamente saboreando o aroma que já lhe recordava Lochlan.

Subiu pelo pavimento. A Torre do Chefe era maior do que vista de baixo. A sala era perfeitamente redonda; as janelas eram fendas que subiam do chão ao teto uniformemente espaçadas ao redor da circunferência. As paredes sustinham tochas e uma ampla lareira, nenhuma delas acesa. Uma meia-lua lançava uma luz tímida e pálida dentro da torre escura, e Elphame girou lentamente num círculo, deixando os olhos se acostumarem à noite. Uma janela fendida era obviamente maior que as outras, então ela se aproximou lentamente dela, saboreando a felicidade do pertencimento.

Quando alcançou a abertura, percebeu que não era nada de janela, mas uma saída que conduzia a um pequeno balcão. Sorrindo, ela saiu para o céu noturno. Elphame aspirou a vista. O balcão da torre dava para a frente do castelo, voltada para o leste da floresta. De seu ângulo privilegiado ela fitou um interminável mar de pinheiros. Galhos se moviam incansavelmente ao vento. Sombras se agitavam e esvoaçavam diante de sua vista. Elphame apertou os olhos. Aquilo era o contorno de uma asa farfalhando em compasso com árvores escuras?

Impossível.

Suspirou e deixou o olhar descer para o castelo que se aninhava abaixo dela. Música e luz se infiltravam pelas brechas no telhado inacabado. Podia ver que algumas pessoas do clã tinham começado a dispersar. Esporadicamente, grupos de pessoas e centauros, geralmente em pares, saíam do castelo e rumavam para o conjunto de tendas que enchiam as terras. Cuchulainn dissera que dentro de mais duas passagens da lua cheia haveria quartos renovados suficientes para que a maioria do clã pudesse ser abrigada dentro dos muros do castelo. A ideia a agradava; queria sua gente dentro de seus muros. Ela descansou o braço na balaustrada e sentiu uma leve pitada de calor na pele quando o espírito do castelo reconheceu sua presença. O Castelo MacCallan espelhava seus sentimentos — ansiava viver novamente.

Um movimento no canto inferior de sua visão lhe chamou a atenção, então Elphame viu uma figura delgada surgir do castelo. Embora não pudesse ver o rosto da mulher, as tochas suspensas de cada lado da entrada desdentada iluminaram bem o suficiente a figura para que Elphame reconhecesse Brenna. A pequena curandeira ficou muito imóvel, como se precisasse recuperar o fôlego, e depois desabou de encontro à grossa parede. Suas costas se curvaram, depois ela escondeu o rosto entre as mãos. Mesmo de longe, Elphame podia ver que os ombros dela tremiam com soluços.

Linhas de preocupação enrugaram a testa de Elphame. O que havia de errado com Brenna?

A ideia mal se formulara em sua mente quando a parte do braço repousando sobre a balaustrada se aqueceu, e de repente Elphame sentiu sua mente ligada à pedra, tanto quanto se ligara antes à coluna central. *O que havia de errado com Brenna...?* Aquilo avançou pelo esqueleto do castelo numa torrente poderosa. Elphame ofegou. Podia ver um fantasmagórico fio dourado se esticar de seu corpo, passar pela rocha condutora e descer diretamente ao lugar onde a pequena curandeira se apoiava ao muro externo.

Desespero... Solidão... Anseio... Fragmentos de emoções desconsoladas explodiram de volta pelo fio e bombardearam Elphame. Instintivamente, ela começou a quebrar o contato com a pedra — para

terminar a ligação com emoções tão sofridas, mas quase imediatamente lamentou sua covardia. Aquelas eram as emoções de Brenna. Alguém a ferira, e em vez de fugir da dor que descobrira dentro da amiga, Elphame deveria querer ajudá-la — assim como Brenna faria por ela.

Elphame rangeu os dentes e respirou fundo, centrando-se. Observou os ombros de Brenna sacudirem com os soluços e sentiu a aflição da amiga. Isso a deixou zangada. Quando Elphame deixara o Grande Salão, Brighid estava tagarelando alegremente com uma sorridente Brenna. O que acontecera? Quem magoara tanto Brenna e num período tão curto de tempo? Pela Deusa! E onde estava seu irmão enquanto alguém estava causando sofrimento a Brenna?

Uma raiva justiceira ferveu pelo sangue de Elphame, esquentando seu corpo e despejando-se como chumbo derretido sobre a pedra, tornando escarlate o fino fio dourado.

A cabeça de Brenna se ergueu. Seus ombros pararam de sacudir e Elphame a observou secar o rosto com as costas da mão. Então a espinha da curandeira se endireitou lentamente e ela se afastou resoluta do muro. Por um momento, Brenna se voltou para o interior do castelo e o olhou como se estivesse considerando voltar. Mas preferiu recuar, finalmente desaparecendo nas sombras que cercavam as tendas.

Justamente quando ela desapareceu de vista, um homem saiu correndo do castelo. Elphame não precisou da luz das tochas para reconhecê-lo; sua forma lhe era tão familiar quanto a dela mesma. Cuchulainn parou, espiando as sombras escuras que rodeavam o castelo. Mesmo de longe, Elphame pôde ouvir o eco das pragas do irmão quando as sombras revelaram apenas a noite vazia. Cuchulainn praguejou novamente e saiu em largas passadas em direção às tendas.

— *Não podemos escolher quando amar. Seria mais fácil se pudéssemos, mas não podemos.*

A voz spectral surgiu ao lado dela, forte e brusca com seu sotaque fluido. Elphame deu dois passos agitados para trás, segurando o flanco do corpo por causa da dor que o súbito movimento provocou.

— *Tenha cuidado com seu ferimento, menina. Ainda não curou por completo.*

— Meu ferimento! — Elphame sentiu o coração galopando no peito. — Você quase me matou de susto. Sorte que não caí da torre.

Ele deu uma risada.

— *Não queria assustá-la, mas aquele garoto lá me distraiu.* — O espírito ergueu o queixo na direção que Cuchulainn havia tomado. — *Com aquela cabeça dura, o rapaz está para quebrar a cara.*

Ele encolheu os ombros largos num gesto que lembrou tanto seu irmão que Elphame sentiu a respiração prender na garganta.

— *Mas não há nada a se fazer. O amor faz a nós todos de bobos. Porém me preocupo com a pequenina curandeira. Se ela não souber confiar, não saberá amar.* — De repente seu olhar sagaz trocou as tendas por Elphame. — *O que acha, menina?*

Elphame piscou, desconcertada com a pergunta.

— *Não sabe responder? Não me diga que é tão cabeça-dura quanto seu irmão.*

— Cuchulainn não é cabeça-dura — disse ela, imediatamente aborrecida. — Ele é obstinado e leal. E se me lembro bem de minha história, esses são dois traços que ele compartilha com você.

O MacCallan riu animado.

— *Sim, menina, você se lembra bem de sua história.*

Elphame se sentiu relaxar enquanto a risada dele fluía pelas faces amigáveis. Ele se inclinou sobre a balaustrada.

— *Mas não me respondeu a pergunta.*

— Sei disso. Lembre-se, está falando com uma chefe de clã, e não apreciamos perguntas arrogantes.

— Ela cruzou os braços e enfrentou-lhe o olhar.

O velho espírito sacudiu a cabeça com apreciação.

— *Faz bem em me lembrar, menina. Sua boa e forte determinação é uma das coisas de que mais gosto em você.*

Deixe-me refazer a pergunta. Como chefe desse clã, aprova uma união entre seu irmão e a pequenina curandeira?

— Sim, acho que eles fazem um bom par.

O MacCallan assentiu:

— *É o que acho também. Mas isso não foi tudo que queria perguntar.*

— O que mais quer saber?

— *Quero saber se acredita que o amor pode realmente viver sem confiança. E antes que fique irritada, saiba que esta não é uma pergunta banal, menina. É uma pergunta na qual todos os chefes devem pensar.*

Elphame lhe retribuiu o olhar firme. Quanto o espírito conseguia ver? Seria seu reino limitado ao castelo ou ele observava as terras circundantes também? Poderia saber sobre Lochlan? Ela sentiu um tremor de preocupação. Mas o que poderia fazer se ele soubesse? Já estava escondendo isso do irmão e do clã; não podia esconder do reino espiritual também.

— Tenho pouca experiência com o amor, mas me conheço bem. Acho que não poderia amar alguém se não confiasse nele.

— *Você parece sábia, menina. E me lembra sua tataravó. Apegue-se a essa sabedoria. Disponha de seu amor tão cuidadosamente quanto de sua confiança e será uma chefe forte, além de uma companheira leal.*

— Mas como ter certeza? — A pergunta escapou antes que ela pudesse impedir. — Como saber se é prudente confiar quando o amor, e o desejo... — ela podia sentir as faces arderem, então seguiu apressada — ... estão misturados? Quero dizer, sou boa juíza de caráter, mas meu coração nunca se envolveu num julgamento. Será que o coração não distorce tudo?

— *Sim, ele faz isso, menina.* — Ele entrelaçou os dedos e inclinou a cabeça, contemplando-a. — *Como soube que devia vir para cá restaurar o Castelo MacCallan?*

— Senti que era a coisa certa a ser feita. — Ela hesitou, olhando para o castelo adormecido abaixo deles. — Não, foi mais do que isso. A ideia não me deixava em paz. Desde que me lembro, as histórias do Castelo MacCallan me intrigam. Era como se ele me chamasse até eu não encontrar paz em qualquer outro lugar.

O MacCallan balançou afirmativamente a cabeça.

— *O amor é parecido com isso. Quando não conseguir encontrar paz em lugar nenhum que não seja ao lado dele, saberá.*

— Então está dizendo para confiar no meu coração?

— *Não no seu coração, menina!* — A voz grave marcou as palavras. — *Não seja boba. Seu coração não a levou a ser A MacCallan. Foi seu sangue, sua alma. Escute a eles, não a algo tão inconstante como seu coração.*

Elphame suspirou. Alguém poderia pensar que conversar com o fantasma de um ancestral seria uma experiência iluminadora. Essa pessoa estaria enganada. Deveria dar ouvidos ao sangue e à alma? Ela não sabia o que ele queria dizer.

— *Agrada-me que esteja usando meu presente.* — Com um dedo transparente, ele apontou para o broche que mantinha presa a dobra de tecido cor de açafrão que lhe envolvia o peito.

Ela tocou de leve o broche.

— *É muito importante para mim que o tenha dado a mim.* — A lembrança da morte dele cruzou seu rosto. — Mas preferiria não ter assistido à sua morte. Foi... Foi... — Ela pigarreou. Só tinha falado com ele uma vez, mas já se sentia ligada ao velho espírito. *Pelo sangue que compartilhavam...* A ideia lhe veio de

repente e Elphame constatou que era verdade. Sentia-se ligava a ele pelo sangue, tanto quanto se sentia ligada à fundação do castelo. — Foi terrível. Sei que está morto. — Ela sorriu envergonhada quando ele bufou: — Mas observar sua morte foi muito penoso.

O MacCallan a fitou nos olhos.

— *Se não for penoso, não vale a pena ser feito.*

Elphame sentiu um sobressalto com as palavras dele. Como palavras ditas pelo espírito de seu ancestral podiam lembrar tanto aquelas ditas por uma criatura que era metade fomoriana? Criatura... Seu coração se rebelou quando a mente o rotulou assim.

— *Você parece cansada, menina. Vou deixá-la descansar. E não pense que estou espiando e olhando você. O castelo e o clã agora lhe pertencem.*

— Mas não se vai para sempre, vai? — perguntou ela quando a forma dele começou a tremular e sumir.

— *Não, menina. Estarei aqui quando for necessário...*

Lenta e cuidadosamente, Elphame voltou descendo pela escada espiralada. O MacCallan estava certo; ela estava exausta. Felizmente, o esforço exigido para subir e descer a Torre do Chefe funcionou nela como uma das infames infusões de Brenna. Quando ela desabou na cama recém-construída, o sono veio com facilidade e ela entrou gentilmente na inconsciência.

Ela sonhou que estava caminhando pelo Castelo MacCallan. Estava completamente restaurado e glorioso. Tapeçarias coloridas cobriam as paredes. Vidros chanfrados refletiam a luz de centenas de candelabros suspensos do teto perfeitamente intacto. Elphame entrou no coração do castelo, o pátio principal, onde as colunas gigantescas mantinham-se como protetores silenciosos. Sorrindo, ela se aproximou da fonte gotejante, mas uma visão inesperada a fez parar quase tropeçando. A estátua não era mais a versão infantil de sua ancestral, Rhiannon. Fora substituída por uma réplica em tamanho real de Elphame. Sua imagem estava em pé no meio da bacia. Água tingida de escarlate se derramava das fendas abertas de feridas que lhe cobriam o corpo. Figuras aladas iridescentes se atulhavam ao redor da bacia, silenciosamente afundando as mãos na água sangrenta e depois bebendo-a, mas no sonho Elphame mal notava as criaturas aladas ou o sangue caindo de seu corpo de mármore. Sua atenção estava fixa no rosto da estátua — seu rosto. Em meio ao caos e ao sangue, o rosto da estátua era radiante e sereno. Elphame sentiu-se impelida por aquele rosto e começou a seguir adiante novamente até uma única palavra estilhaçar o sonho.

— *Não!* — berrou a voz de Lochlan.

Com o sono interrompido, Elphame se remexeu intermitentemente até a exaustão reclamá-la e ela cair num sono sem sonhos.

Vinte e Um

CUCHULAINN NÃO FAZIA ideia de como acontecera. Tudo andava muito bem. Havia vezes em que Brenna parecia quase relaxada perto dele tanto quanto perto da irmã. E ele se esforçara muito para conseguir isso. Esfregou a rigidez no pescoço e tomou outro gole longo do odre meio vazio. Depois remexeu com inquietação os potinhos de ervas e folhas de chá dispostos na escrivaninha. Brenna os deixara ali. Devia ter se esquecido deles na pressa com que mudaram as coisas de Elphame da tenda para seus novos aposentos dentro dos muros do castelo. Cuchulainn tentara convencer Brenna a ficar com a tenda para si, mas ela insistira que ele a usasse.

— Ela gosta da própria tenda — resmungou ele. — Ela gosta dela porque está à margem das outras — bem longe de todos. Sozinha.

Em sua opinião, ela passava tempo demais à margem da vida. A menos que alguém estivesse doente ou ferido, claro. Então ela entrava no meio do combate, metamorfoseando-se da donzela tímida e insegura em alguém que poderia comandar um exército com um único olhar.

Ou ao menos o coração de um guerreiro.

Cuchulainn suspirou de frustração numa explosão ruidosa de ar. Isso nunca fora difícil antes. Se queria uma mulher, ela vinha até ele. Só precisava sorrir, flertar, talvez até provocar e bajular. Elas vinham por vontade própria. Mas não Brenna. Ele sabia que seria diferente com ela. Em primeiro lugar, ela era muito inexperiente. Geralmente não preferia virgens, a não ser durante o festival da Deusa, quando o espírito de Epona caminhava livremente, desinibindo as donzelas, guiando seus corpos e amenizando seus nervos. Mas com Brenna era diferente. Sua inocência o cativava. Pensava nela sem cessar.

Tomou outro longo gole do odre.

Então teve cuidado com ela, persuadindo-a gentilmente como se fosse um pássaro tímido que estivesse tentando atrair para sua mão. A reação dela era confusa e frustrante. Quanto mais atenção gastava com ela, para mais longe dele fugia, mas quando não estava tentando encantá-la — como quando estavam trabalhando juntos na preparação do aposento de Elphame, ou quando precisava buscá-la por causa de um acidente com um trabalhador —, ela falava tranquilamente com ele. Era como se nesses

momentos ela se esquecesse de quem ele era, o que parecia ser a única maneira de conseguir relaxar perto dele.

A ideia não era lisonjeadora.

Ele tentou compreendê-la. Sabia que a reticência dela perto dos outros, principalmente de homens, era causada pela lesão. Como Elphame dissera, suas cicatrizes eram extensas e feriram sua alma, além do corpo. Mas ele estava achando incrivelmente difícil lembrar-se disso.

— Parei de enxergar as malditas cicatrizes. — Suas palavras eram insultantes, mas ele não se importou. Estava sozinho. Assim como ela estava sozinha. — Como posso dizer a ela se ela não me deixa chegar perto? — Como poderia dizer a ela que seu rosto era apenas uma parte dela? Que as cicatrizes eram como seus olhos, seus cabelos e o resto do corpo. Que eram *ela*.

Não deixou de perceber a ironia da situação. As palavras geralmente lhe vinham com facilidade. Ele sempre pensou que sua habilidade de conversar com as mulheres as encantava mais do que seu corpo e seu rosto. Sabia que o caminho mais fácil para o corpo de uma mulher era lhe seduzir primeiro a mente. As mulheres queriam atenção indivisível, queriam ser tratadas com respeito, o que se traduzia num homem que pudesse se concentrar e realmente ouvir suas necessidades individuais e desejos. Ele se tornara um mestre naquele jogo. Agora se encontrava obcecado por uma mulher que fugia de suas palavras e só ficava à vontade em sua presença quando a atenção dele não estava nela e não estavam conversando.

— Pela Deusa! Não sei o que fazer.

Ele queria se levantar e andar, mas o chão da tenda inesperadamente se tornara um pouco instável, então se contentou em tamborilar os dedos sobre o tampo da mesa.

Aquela noite fora um perfeito exemplo de sua inaptidão. Pensou que tudo estava bem. Brenna o surpreendera ao concordar em sentar à mesa principal com o resto deles, então pensou que isso era um claro movimento na direção certa. O retrospecto lhe dizia que ela só concordara numa localização pública para que pudesse ficar de olho na proeminente paciente, e que isso nada tinha a ver com ele, mas o juramento de Elphame com seu novo clã e a animação daquela noite o encheram com uma sensação de cego otimismo.

Também o enchera, admitia com segurança a si mesmo, com vinho em demasia.

Depois que a irmã se retirou, como instruída pela atenta curandeira, a música começou. Um dos trabalhadores apareceu com um tambor, e quando ele se uniu aos outros músicos, o clã urrou em aprovação. Empurraram as mesas para o canto e começaram a fazer pares e se mover em compasso com a batida da música. Cuchulainn se sentira corado e entusiasmado — só conseguia pensar no quanto queria dançar com Brenna. Ela estava rindo animadamente com algo que a caçadora acabara de dizer quando ele se aproximou e com uma reverência galante lhe pediu a indulgência de conceder uma dança.

Ele viu quando toda a cor sumiu do lado imaculado do rosto dela, deixando o outro ainda mais lívido em comparação. Num gesto que Cuchulainn estava aprendendo a odiar, ela baixou a cabeça e se escondeu por trás da parede de seu cabelo preto.

— Não, não sei dançar.

A voz tinha reassumido o sussurro trêmulo com o qual ela costumava se dirigir a ele. Por alguma razão, ouvi-lo novamente o fez sentir-se subitamente muito zangado.

— Não sabe dançar? A mulher que pode costurar um ferimento, consertar um braço quebrado e trazer um bebê ao mundo não sabe dançar?

Ele não pretendia que a voz soasse sarcástica — realmente não queria.

Os olhos escuros de Brenna se ergueram, e através do véu de cabelos ele pensou ter visto um lampejo de raiva dentro deles. Lembrou-se de ter ficado feliz, pensando que qualquer emoção era melhor que o recolhimento dela.

— Os talentos que mencionou foram os que tive a oportunidade de aprender. Não tive oportunidade de aprender a dançar.

— Agora tem.

Cuchulainn se encolheu, lembrando da maneira arrogante com que estendera a mão, certo de que ela a aceitaria. Tão certo que não notou que as pessoas mais próximas estavam em silêncio, observando a discussão. Os olhos de Brenna dardejaram ao redor como um pequeno pássaro procurando por uma fuga, e ele apertou os dentes só de lembrar. Sua arrogância a tornara o centro das atenções.

— Não. Eu... Não — disse ela.

— É só uma dança, Brenna. Não estou pedindo que seja minha companheira. — Ele deu uma risada, odiando a si mesmo enquanto ouvia as palavras petulantes escaparem de sua boca.

— Eu não... Nunca pensaria...

— Sei qual é o problema — interrompeu Brighid, cobrindo as palavras baixas e tropeçantes de Brenna. — Cuchulainn nunca ouviu a palavra “não” proferida da boca de uma mulher. É óbvio que desconhece o significado dela.

Risadas se espalharam pelo grupo ouvinte. Cuchulainn só teve tempo de perceber um lampejo de cor pelo canto dos olhos, e então Wynne se destacou vistosamente do círculo que os rodeava. Caminhou com um passo ondulante e provocador que era um óbvio convite, balançou os cabelos flamejantes e pôs a mão firme sobre aquela que ele ainda estendia para Brenna.

— A curandeira está certa, Cuchulainn. Talvez devesse escolher uma garota que tenha aprendido os talentos que você exige e que não lhe diga não. — Ela pronunciou as palavras sedutoramente.

A multidão irrompeu em gritos ruidosos de encorajamento enquanto ela puxava Cuchulainn para a pista de dança improvisada e começava a se mover ao redor dele num círculo lento e sedutor. Cuchulainn logo pegou o ritmo, espelhando os movimentos dela com a mesma graça sensual e natural que levava ao campo de batalha. Wynne provocou e prometeu, tudo em compasso com a batida do tambor. Esfregou o corpo luxuriante no de Cuchulainn, que em meio ao nevoeiro do vinho sentiu seu perfume. Ela cheirava a pão fresco, tempero e mulher, mas em vez de atirá-lo como deveria, seu perfume só o lembrou do que faltava a ela. Ela não cheirava a grama recém-aparada e chuva de primavera. Ela não era Brenna.

Ainda dançando, virou e olhou para a mesa. Brighid ainda estava lá, e por um momento seus olhos se encontraram. Depois os dela se afastaram dos dele com nojo, e ela lhe deu as costas. O assento perto dela estava vazio.

Foi quando aquela sensação nauseante no estômago começou. Desculpou-se apressadamente com uma desapontada Wynne e deixou os dançarinos. Precisava encontrar Brenna — disso ele sabia. Só não sabia o que diria a ela. Brenna não estava no Grande Salão, nem no pátio principal. Ele interrompeu um casal que se abraçava na sombra da coluna central, e eles lhe disseram um tanto asperamente que a curandeira tinha saído correndo do castelo ainda há pouco.

Ele tentou alcançá-la antes que fosse para sua tenda solitária, mas estava atrasado. Lembrou-se de ter ficado parado do lado de fora da tenda dela, observando sua pequena sombra passar diante da única vela que acendera. Se fosse qualquer outra mulher, teria entrado na tenda, implorado perdão e se chamado de idiota bêbado de vinho e desejo. Depois teria feito amor com ela.

Mas Brenna não era qualquer outra mulher.

Em vez disso, retirou-se cambaleando para a própria tenda para se embebedar quieta e completamente até o esquecimento.

— Eu estava certo quanto a uma coisa. Sou um bêbado idiota.

Seu último pensamento antes que a abençoada inconsciência o reclamasse era que no dia seguinte teria que endireitar-se com Brenna, e que não tinha ideia de como faria isso.

Antes de dormir, Brenna sempre conversava com Epona. Não chamava isso de rezar, não fazia pedidos à Deusa, em vez disso só falava com Ela como se fosse uma velha amiga. E, na verdade, Brenna conversava com Ela há tanto tempo que era o que pensava da Deusa. Suas conversas com Epona começaram logo após o acidente. Soubera que não havia nada a ser feito quanto aos seus ferimentos — de fato, a Brenna de dez anos de idade acreditava com absoluta e indiscutível certeza que estava morrendo. A dor fora tão intensa por tanto tempo que não pensou em pedir a Epona que a salvasse; não queria salvação, simplesmente queria alívio. Em vez de dirigir preces implorando que a Deusa a salvasse, Brenna passara longas horas conversando com a Deusa com quem acreditava que se encontraria em breve no reino espiritual. Mesmo depois de surpreender a todos, inclusive a si mesma, por não morrer, não conseguiu abandonar as conversas com Epona. Tornou-se o hábito de toda uma vida que lhe acalmava a mente e confortava o corpo.

Naquela noite precisava ser acalmada e confortada.

Sua mão tremia com os resquícios da raiva reprimida ao acender o pequeno feixe de ervas secas e aspirar o familiar perfume enfumaçado de lavanda. Ela se sentou diante do pequeno altar improvisado e tocou cada item, tentando limpar a mente e preparar-se para falar com Epona. Mas naquela noite não encontrou nenhum consolo nos itens amorosamente escolhidos — a turquesa que tinha a cor da espuma do mar, a pequena imagem da cabeça de uma égua que ela esculpira meticulosamente em madeira mole, a única e solitária pérola em forma de gota, e a pena, que reluzia no mesmo verde-azulado que sua pedra...

... A mesma cor dos olhos dele.

Brenna fechou seus próprios olhos com desgosto. Pare de pensar nisso, ordenou-se. Mas seus pensamentos, que geralmente eram bem disciplinados e lógicos, fracassaram em obedecê-la.

A raiva explodiu novamente em Brenna, que saboreou a frieza da emoção; era tão mais fácil de carregar do que o desespero e a solidão.

Como pôde ter sido tão ingênua? Pensava ter encontrado paz consigo mesma, pensava que anos antes tinha aceitado sua vida. Era uma curandeira. Nunca conheceria a alegria de ter um marido e filhos, mas sua vida — a vida que deveria ter terminado uma década atrás — possuía significado. Ela tinha se dedicado a lutar contra dois velhos conhecidos: dor e sofrimento.

O que lhe acontecera recentemente? Como seu plácido íntimo se tornara um oceano turbulento?

Distraída, Brenna tocou a face direita, sentindo a superfície escorregadia e irregular das cicatrizes. Quando foi a última vez em que pensara em amor? Tinha sido anos atrás, logo depois que seu fluxo mensal começara. Durante a transição para mulher adulta, pensara em como sua vida teria sido se estivesse apenas um passo mais longe da lareira — ou se sua mãe soubesse que o balde continha óleo, em vez de água — ou se sua mãe tivesse esperado para ver se ela sobreviveria — ou se seu pai tivesse sido capaz de prosseguir com sua vida...

Fazia mais de uma década, mas nessa noite as recordações pareciam repentinamente recentes. Fazia

muito tempo que não se permitia lidar com “ous”. Geralmente era mais lógica do que isso, e não havia lógica em ansiar pelo impossível ou em desejar que o feito fosse desfeito.

Então, por que agora? Por que os desejos, que foram incinerados em outra vida, renasciam dentro de olhos turquesa e um sorriso maroto?

Brenna quis tocar a pedra, mas suas mãos ainda tremiam, então ela as juntou sobre o colo. Tirou os olhos do altar. Naquela noite não via a Deusa refletida ali, só via penumbras e sombras de Cuchulainn.

Aspirou o incenso de lavanda e obrigou seus pensamentos a focarem Epona. Felizmente, sua mente se limpou e a tensão nos ombros cessou. Ela aspirou profundamente o incenso mais uma vez. Como era seu costume, não rezou, simplesmente conversou com a Deusa, embora naquela noite sua voz tivesse uma dureza incomum.

— Me pareceu tão certo hoje prestar o juramento de me tornar parte de um clã que sempre esteve tão perto de você. A sensação de integração é... — Ela se calou e apertou tanto as mãos que os nós dos dedos ficaram brancos. — É algo que desconheci por tantos anos que me esqueci da alegria disto. Obrigada por isso, por me permitir esse novo lar.

Pronunciadas em voz alta, suas palavras se tornaram os pedaços perdidos de um enigma preocupante. Seus olhos se arregalaram em súbita compreensão, então ela sentiu parte da raiva dentro dela começar a ceder.

— Talvez o encanto de pertencer a um lugar tenha provocado meus pensamentos errantes. — Seu sorriso era amargo. — Como uma criança, deixei que lindas fantasias dominassem meu bom-senso. Lindas fantasias centradas em torno de um rosto bonito. — Brenna suspirou. Não podia mais evitar o assunto, não quando conversava com a Deusa que a conhecia tão bem. Deliberadamente, separou as mãos e acariciou com o dedo a lateral da pena cor de turquesa.

— Não foi só o rosto, Epona. Foi a gentileza que vi nos olhos dele. Me fez esquecer de que tudo que ele pode sentir por mim é pena, e não carinho verdadeiro. — Ela sacudiu de leve a cabeça e a voz endureceu novamente. — Eles pensam que pena é carinho. Não é verdade. A pena é um confeito asqueroso — algo feito para esconder o que é melhor se mantido escondido. Mas a vida às vezes elimina camadas, expondo até a verdade escondida. — Ela se enrijeceu antes de continuar falando seus pensamentos mais secretos. — A verdade foi exposta esta noite. Ele pensou que podia se apiedar da curandeira desfigurada e dançar com ela. Como sempre, homens bonitos... — Brenna bufou entre os lábios crispados — ... Pensam em pouca coisa além dos próprios desejos. Eu devia saber. Nunca devia ter acreditado...

Sua voz cedeu. Como pôde acreditar que ele estava começando a se importar com ela? Mas já sabia a resposta para sua pergunta silenciosa. Foram os olhos — aqueles olhos magníficos, que possuíam a mesma cor da turquesa e de pássaros exóticos. Ele tinha olhado para ela com...

— Não! — A palavra lhe irrompeu da boca. — Já cansei de desejos vãos que só abrem velhas feridas. Brenna saudou o retorno da raiva que de repente cessara o lamento daquela noite. Com um definido senso de decisão, ela se ajoelhou para que o corpo ficasse posicionado sobre a lavanda que queimava. Resoluta, agitou as mãos pela fumaça doce, banhando o corpo na essência da erva. Repetiu o gesto ritualístico três vezes. Depois pegou a cabeça esculpida de égua, fechou a mão sobre ela e posicionou o punho cerrado sobre o peito.

— Grande Deusa Epona, pela primeira vez em nossos anos juntas desejo lhe suplicar com minha própria oração. Peço que me ajude a encontrar meu calmo centro outra vez para que a paz possa retornar ao meu coração e à minha alma. Selo minha prece invocando os quatro elementos. Ar, que

guarda o sopro da vida. Fogo, que arde com a pureza da lealdade. Água, que lava e restaura. E Terra, que conforta e nutre.

As palavras de Brenna não causaram nenhuma agitação mágica no ar ao redor, mas ela pensou detectar um novo calor na lisa figura de madeira que apertava, e com aquele calor a persistente frieza da raiva que a florara dentro dela derreteu e cessou. Brenna fechou os olhos e suspirou com tristeza. A raiva não era o caminho — só um bálsamo temporário que apenas cuidava dos sintomas e não do problema em si.

Encontraria a paz dentro de si mesma novamente. Evitaria Cuchulainn, o que não devia ser difícil. Brenna tinha ficado no Grande Salão por tempo suficiente para ver o corpo dele reagir à sedução de Wynne. A bela cozinheira o manteria bem ocupado.

Enquanto se entregava ao sono, ignorou a dor que lhe causava pensar em Cuchulainn com outra mulher.

Vinte e Dois

ERA UM VERDADEIRO prazer acordar no próprio aposento ao som abafado de trabalhadores já ocupados com a atividade de restauração do dia. Elphame se espreguiçou lentamente, testando a dor no flanco e no ombro. Satisfeita, esfregou a cicatriz saliente que cortava sua cintura. A dor aguda se fora, substituída por uma dormência formigante. Seria muita indulgência começar o dia com uma longa imersão no seu banho particular? Ela quase saltou da cama e se apressou até a entrada para o quarto de banho, reduzindo o passo apenas quando começou a íngreme descida pela escada. Nem queria imaginar o que Cuchlainn diria se tropeçasse e sofresse outra queda. Para se equilibrar, deixou as mãos deslizarem pela superfície áspera da parede de pedra. A conexão instantânea com o espírito do castelo vibrou por sua palma.

Em casa, disse-lhe. A MacCallan está em casa.

O castelo a encheu com uma sensação de pertencimento. Será que era feliz antes? Achava que não — não realmente. Antes de chegar ao Castelo MacCallan, sua felicidade era uma criança comparada ao adulto no qual seu júbilo se tornara. Agora, se ao menos pudesse completar seu lar...

Lochlan... O nome dele sussurrou por seu sangue.

Precisava encontrar uma maneira de encontrá-lo secretamente. Passar algum tempo com ele era a única maneira de descobrir com certeza se... Como O MacCallan dissera? Descobrir se só ao lado dele poderia encontrar paz. E depois o quê? Sua testa se enrugou. Teria que lidar com esse problema quando chegasse o momento. Primeiro precisava se concentrar nos pequenos passos, executar uma coisa após a outra.

Talvez agora que estava firmemente instalada no próprio aposento fosse mais fácil. Definitivamente tinha mais privacidade. Conseguiria escapar do castelo à noite para encontrá-lo?

De repente, as pedras sob sua mão esquentaram e a sensação de formigamento nos dedos se intensificou. Com uma sensação de crescente deslumbramento, Elphame desceu para o quarto de banho. Propositalmente, virou-se de frente para a parede de pedra. Pressionou ambas as mãos sobre a pedra áspera do castelo e tentou repetir seu último pensamento em voz alta: — Há alguma maneira de escapar

do castelo e encontrá-lo?

Assim como acontecera na noite anterior, Elphame observou com assombro um fio dourado enrodilhar dentro da pedra debaixo de suas mãos. Correu com a rapidez do lampejo de um relâmpago, cintilando pela parede, serpeando pelo cômodo até se deter num disquinho de ouro incandescente que reluzia numa área da parede do outro lado da câmara. Mantendo a conexão com a pedra pela ponta dos dedos, ela caminhou pela circunferência do cômodo, seguindo o fio pulsante.

O disco cintilante estava situado ao nível dos olhos de Elphame no canto distante do quarto de banho. Nenhuma tocha iluminava aquela área e a esfera de brilho parecia surpreendentemente com um olho aberto. Traçando o fim do fio, ela deslizou os dedos para cima até a palma da mão encontrá-lo. Seus olhos se estreitaram conforme estudava a pedra debaixo de sua palma. Como o resto das pedras, esta esquentava ao toque, mas apesar da temperatura, parecia decididamente diferente do restante das pedras que formavam as grossas paredes do castelo. Em vez de ser áspera e texturizada, a área do tamanho de sua palma era perfeitamente lisa. Assim de perto, Elphame podia ver que não se nivelava com a parede, mas que era ligeiramente como um botão gigante feito de pedra. Testando, ela deslizou os dedos ao redor dele. Não fora montado na parede. De fato, se encaixava na parede em si. Não como um botão, concluiu, como uma chave.

E ela piscou surpresa. Uma chave?

Elphame pressionou o disco. Com o som do exalar de um sopro, uma porção da parede do tamanho de uma porta deslizou diante dela. Sem acreditar, ela espiou os escuros recessos de um túnel cheirando a mofo.

— Elphame! — A voz de Brenna ecoou pela escada do quarto acima. — Está aí embaixo?

Frenética, Elphame empurrou a imóvel laje de pedra, tentando fechá-la.

— Sim! Já estou subindo! — gritou ela por cima do ombro.

Sua mão encontrou o disco liso novamente e, dessa vez, ao pressioná-lo, ficou aliviada por ver que a porta escondida deslizou silenciosamente de volta ao lugar.

— Incrível... — murmurou antes de se apressar escada acima para cumprimentar a curandeira. Mais tarde, Elphame prometeu a si mesma, mais tarde, quando estivesse sozinha e tivesse certeza de que não seria interrompida, poderia explorar sua nova descoberta.

— Bom dia! — disse Brenna quando Elphame surgiu da câmara inferior.

Elphame notou que o tom animado contrastava distintamente com as manchas escuras ao redor dos olhos.

— Bom dia. Você parece cansada. Não dormiu bem na noite passada? — perguntou Elphame.

A curandeira começou a remexer na bandeja que acabara de pôr sobre a mesa.

— Estou bem — disse ela, ignorando a pergunta de sua paciente. — É com seu sono que deveria se preocupar afinal, especialmente depois do dia agitado que teve ontem. — Brenna gesticulou para que Elphame se sentasse e lhe tomou o pulso, verificando o pulso com uma das mãos enquanto estudava os olhos e verificava cuidadosamente a cabeça e o ombro com a outra. — Você parece bem esta manhã. Me deixe ver aquele ferimento no flanco.

Obedientemente, Elphame ergueu a camisola. Observou a amiga com atenção quando esta assentiu, obviamente satisfeita com o progresso do ferimento, e esfregou com delicadeza uma pomada perfumada e tranquilizante sobre a cicatriz. Brenna parecia cansada — cansada e triste. Elphame precisava descobrir o que tinha acontecido com ela.

— Detestei partir na noite passada — começou a dizer, observando Brenna de perto. — Foi uma

celebração maravilhosa. Todos pareciam estar se divertindo.

Brenna fez um som indistinto de concordância. Elphame pensou ter detectado um enrijecimento ao redor dos lábios da amiga.

— Aconteceu alguma coisa especial depois que eu me retirei? — insistiu ela.

— Não. Só música e dança. Não fiquei por muito tempo.

Elphame arqueou as sobrancelhas em surpresa.

— Verdade? Isso me surpreende. Você parecia estar se divertindo quando saí.

— Não. Sim. Digo, eu estava me divertindo. Mas estava tarde. Estava cansada. Então fui dormir.

Elphame achou que a indiferença de Brenna soava forçada. A amiga não a olhava nos olhos. O rosto estava incomumente pálido e os olhos pareciam assombrados. Por um momento, passou-lhe pela mente o pensamento ridículo de desejar que Brenna fosse de pedra para que pudesse simplesmente tocá-la e compreender seus pensamentos. Elphame quase riu alto da ideia, mas ao observar Brenna, subitamente percebeu que a pequena curandeira realmente tinha muito em comum com a pedra do castelo. Elphame considerou o que tinha testemunhado na noite passada da Torre do Chefe. Por fora Brenna parecia plácida, até estoica, mas por dentro devia estar tão cheia de emoções ricas e variadas quanto o Castelo MacCallan.

Como poderia fazer Brenna confiar nela?

Confiança e amor... Uma andava lado a lado com o outro. Para que existisse confiança, deveria existir verdade. Devia simplesmente contar a verdade a Brenna e mostrar-lhe que podia ser confiável.

— Subi à Torre do Chefe na noite passada — disse Elphame calmamente.

Brenna tirou os olhos do trato com o ferimento, um leve vinco enrugando sua testa.

— Não deveria ter feito isso. Sei que está se sentindo muito melhor, mas deve ter cuidado para não exagerar.

Elphame assentiu com impaciência:

— Eu sei, eu sei. Serei cuidadosa.

— Bem, ao menos não causou dano. — Brenna baixou a camisola. — Mas não recomendaria uma imersão na sua piscina esta manhã. — Ela sorriu torto para a cara feia de Elphame. — À noite. Pode se banhar à noite. Só tome cuidado de reaplicar a pomada depois de secar a ferida. Agora — disse rapidamente, limpando as mãos no avental e virando-se para a mesa —, trouxe para você um bom e forte chá de ervas e o desjejum. É importante que comece o dia bem abastecida.

— Tomo essa sua infusão desprezível — disse Elphame, apontando enfaticamente para a cadeira do outro lado da mesa. — Caso se sente e coma comigo.

— Muito bem. — Brenna parecia agradavelmente surpresa. — Ficaria contente em fazer o desjejum com você. — Então ela deu a Elphame um olhar provocador. — E creio que vai achar minha “infusão desprezível” mais do que palatável. Nessa manhã acrescentei rosa selvagem e mel.

— Está me mimando — disse Elphame, olhando a chaleira com dúvida.

— Qualquer coisa para A MacCallan. — Brenna executou uma pequena mesura, sorrindo para a chefe.

Elphame sentiu os ombros relaxarem. Talvez fosse mais fácil convencer Brenna a conversar com ela do que pensava. As longas horas juntas desde seu acidente cimentaram a amizade delas. Brenna inspecionava seu corpo como se tratar de uma mulher parte humana, parte centauro fosse completamente normal. E ela já não escondia mais o rosto de Elphame. Havia uma sensação de tranquilidade entre as duas que, até chegar ao Castelo MacCallan, Elphame apenas sentira na presença da

família.

E, Elphame lembrou a si mesma, certamente existia um relacionamento se desenvolvendo entre Brenna e Cuchulainn, mesmo que os dois ainda não estivessem completamente cientes disso. Então ela devia isso a seu irmão também: descobrir quem magoara Brenna.

Esperou até que Brenna tivesse servido chá para as duas e começou a mordiscar os pãezinhos frios recheados com carne e queijo duro amarelo antes de começar a falar.

— A vista da Torre do Chefe é incrível.

— Sim, eu sei — disse Brenna entre mordidas. — A escada é muito estreita para que Brighid passe, então ela insistiu que eu fosse lá em cima e lhe relatasse cada detalhe.

Elphame assentiu, tentando não ser impaciente e revelar o que queria dizer.

— Notou como de lá se pode ver bem quem entra e sai pela frente do castelo?

— Sim, essa provavelmente era a intenção original do construtor... Dar ao MacCallan uma maneira de observar sem ser facilmente notado.

— Também acho isso. — Elphame pigarreou. — Na verdade, foi exatamente o que aconteceu na noite passada.

— Verdade? — A expressão de Brenna era franca e curiosa. — Viu algo interessante?

Elphame não respondeu. Em vez disso, sustentou o olhar de Brenna até ver compreensão, seguida imediatamente por embaraço, lampejar nos olhos dela.

— Vi você deixar o castelo — disse Elphame gentilmente. — Estava muito angustiada.

— Eu... Eu só estava cansada — gaguejou Brenna.

— Não. Era mais do que isso. Alguém a magoou. E muito. — Lutando contra toda uma vida de lições que a ensinaram a não tocar nos outros, Elphame estendeu a mão. Cobriu a de Brenna com a sua própria. — Não confia bastante em mim para me contar o que aconteceu?

Os olhos de Brenna brilhavam com uma ameaça de lágrimas.

— Claro que confio em você, Elphame. Você é minha amiga. — Ela hesitou, depois exibiu um sorriso triste, deformado. — É que me sinto muito idiota.

Elphame apertou-lhe a mão.

— Ao menos não caiu numa ravina e rachou a cabeça.

Brenna suspirou:

— Na verdade, de certa forma cáí...

Suas palavras seguintes foram interrompidas quando a porta para o aposento de Elphame foi aberta e Cuchulainn irrompeu quarto adentro.

— Acorde, minha irmã! Não pode passar o dia...

As palavras de Cuchulainn cessaram quando ele viu Brenna. Elphame observou a expressão da amiga mudar quando seu olhar surpreso se fixou em Cuchulainn. Ela puxou a mão da de Elphame, antes de curvar a cabeça e mirar a mesa. Não havia engano quanto ao lampejo de dor, brutal e feroz, que lhe contorceu o rosto antes que ela limpasse todas as emoções e se escondesse atrás de um véu de cabelos.

— Não sabia que estava aqui, Brenna. Se soubesse, não teria entrado sem me anunciar. Não queria interromper.

Elphame olhou por cima do ombro para o irmão. Sua expressão, assim como a voz, era a de um garoto arrependido. Estava fitando Brenna pateticamente. Ela se voltou para Brenna. A curandeira estava resoluta encarando a mesa, ignorando-o.

Era Cuchulainn, Elphame percebeu com um sobressalto. Cuchulainn de alguma forma magoara

Brenna na noite anterior. Teria uma séria conversa com o irmãozinho. Como O MacCallan o chamara? *Cabeça-dura*. Precisava admitir que o velho espírito tinha razão.

— Cuchulainn, deve aprender a bater. Mas agora que está aqui, sente-se. Brenna trouxe bastante comida, e mesmo que tenha os modos de um bárbaro, é bem-vindo a se juntar a nós.

Brenna se levantou tão rápido que sua cadeira tombou.

— Devo ir. Ainda não verifiquei o trabalhador com o ferimento na mão esta manhã. O curativo precisará ser trocado — disse ela enquanto passava correndo por Cuchulainn sem olhar para ele.

— Espere, Brenna. É claro que tem tempo para o desjejum — disse Elphame.

— Não. Eu... Eu devo ir. — Parou antes de deixar o quarto. — Encontro você aqui depois da refeição da noite para inspecionar seu ferimento novamente. Tente não exagerar hoje, Elphame. — Ela correu pela porta como se não pudesse esperar para fugir.

Enraizado no lugar, Cuchulainn ficou em silêncio olhando-a sair.

Elphame fez cara feia e meneou a cabeça.

— Bom, por que está parado aí como uma estátua idiota? Vá atrás dela! Chegou atrasado na noite passada, tente fazer melhor agora de manhã.

O corpo de Cuchulainn pulou de surpresa.

— Como soube?

— Mais tarde. Agora vá.

Ele assentiu e sorriu com amargura. Antes de abrir a porta, olhou de volta para a irmã e soprou um beijo.

— Obrigado, minha irmã.

— Apenas conserte o que fez de errado — murmurou ela para a porta que se fechava.

Vinte e Três

— BRENNNA, ESPERE! — CUCHULAINN corria pelo corredor atrás dela.

Brenna olhou para ele sobre o ombro e por um instante pensou em sair correndo. Estava quase no fim do corredor; caso se apressasse, provavelmente poderia chegar a áreas mais públicas do castelo antes que ele a alcançasse. E então o quê? Estar em público tornaria a confrontação pior. Ao menos ali não havia ninguém para testemunhar o que se passava entre eles. Brenna foi parando lentamente e virou-se para encarar Cuchulainn. Começou a baixar a cabeça para esconder o rosto quando, inesperadamente, a raiva que sentira tão intensamente na noite anterior reluziu. Não, enfrentaria a pena dele cara a cara.

— Devo desculpas pelo meu comportamento de ontem à noite.

— Não me deve desculpas, Cuchulainn. — Brenna estendeu a mão para impedi-lo de falar. Para sua surpresa, ele tomou a mão dela e, antes que pudesse protestar, levou-a aos lábios.

— Claro que devo. Bebi vinho demais. Fui rude e grosseiro. Por favor, me perdoe. — Ainda segurando-lhe a mão, o polegar traçava círculos preguiçosos na pele delicada que acabara de beijar.

Brenna ficou paralisada. Ser beijada na mão... Era uma coisa tão simples. Homens e mulheres trocavam cumprimentos assim todos os dias. Porém, até aquele momento, ninguém jamais lhe beijara a mão. Nem por cumprimento, nem por desejo. Brenna de repente teve que lutar contra a vontade de chorar.

— Por favor, não me toque assim.

— Por que, Brenna? — A voz de Cuchulainn era baixa e gentil.

O que poderia dizer a ele? Que não devia tocá-la porque ela queria isso desesperadamente ou que não devia tocá-la porque ele era um dano do qual ela não imaginava ser capaz de se recuperar?

Não podia dizer nenhuma dessas coisas a ele. Se dissesse, achava que se despedaçaria em tantos pedaços que não poderia encontrar o jeito de se recompor por inteiro novamente. Em vez disso, buscou pelo fio de raiva dentro de si e o encontrou ao se lembrar da visão do corpo dele contra o de Wynne enquanto os movimentos da dança sensual imitavam o ato amoroso.

— Porque Wynne não gostaria disso, mas acima de tudo... Eu não gosto disso. — Com desdém

deliberado, puxou a mão da dele. — Aceito suas desculpas. Sei que não tinha intenção de ser cruel, mas não precisa fazer essa encenação toda comigo hoje. É degradante.

Ela se virou para ir embora, mas ele agarrou-lhe o punho.

— Espere, eu...

Brenna baixou o olhar para onde os dedos dele enroscavam-se no seu punho, que Cuchulainn imediatamente soltou.

— Não a tocarei. Só não se vá ainda. Deixe-me explicar.

— Cuchulainn, não há nada que precise explicar.

— Sim! — A palavra explodiu da boca de Cuchulainn, que correu os dedos pelos cabelos, tentando colocar a frustração sob controle. Apenas fale com ela!, sua mente gritou. — Sim, há — continuou, num tom mais civilizado. — Primeiro quero explicar que não estou interessado em Wynne.

— Isso não é assunto meu — disse Brenna apressadamente.

— Brenna! Pode me deixar continuar?

Brenna deu de ombros, fingindo uma indiferença que não sentia.

— Fui um beberrão imbecil na noite passada. Minha única defesa, por mais patética que seja, é dizer que geralmente tenho mais bom-senso — ao menos no que se refere a vinho. Deixei que a celebração da noite interferisse no meu bom-senso. — Cuchulainn respirou fundo e olhou firme nos olhos escuros de Brenna. — Quando a música começou, o único pensamento na minha mente estragada pelo vinho era o quanto eu queria dançar com você. Quando me rejeitou, fiquei surpreso e confuso. Pensei que gostasse de mim, e por mais que me doa admitir, a caçadora estava certa. Não estou acostumado a ouvir um não de uma mulher que tenha capturado meu interesse. Reagi como um garoto mimado. — Seus olhos expressivos cintilaram com travessura. — Quando disse que não sabia dançar, eu deveria ter sentado ao seu lado, murmurado passos de dança ao seu ouvido e contado o quanto adoraria ensiná-la a dançar... A sós.

Brenna se lembrou de respirar.

— Eu a segui. Quando vi que tinha ido embora, tentei encontrá-la. Brenna, não quero Wynne. Quero você.

Brenna sentiu o rosto desfigurado corar de calor e a respiração escapular enquanto a raiva se aafiava.

— Como pode ser tão cruel?

— Cruel? Como pode ser cruel dizer que eu a desejo?

— Porque é uma mentira, ou um jogo, ou uma fantasia doentia e passageira.

— Agora está me insultando.

— *Eu* insulto *você*? — Ela praticamente berrou. — Como sempre, você acredita que tudo é sobre você. *Você* bebeu demais... *Você* pensou só no que *você* queria... *Você* deveria ter feito isso ou aquilo. Você nunca considera os sentimentos dos outros?

— Sim, eu...

— Escute a si mesmo! — Ela achava que o coração fosse explodir. — Sim, *eu*. E quanto a mim? Alguma vez pensou que eu talvez não quisesse ser brinquedo para o grande Cuchulainn? Alguma vez pensou que *eu* talvez não deseje *você*? Cuchulainn... — falou ela entre os dentes — ... Você é meu amigo e irmão da chefe, e é um guerreiro cuja habilidade é muito admirada. Eu o tratarei com o respeito que merece por isso. E como qualquer outro membro do nosso clã, se for ferido, darei pontos. Se ficar doente, farei o melhor para curá-lo. Mas não serei usada como forragem para sua diversão pessoal.

Dessa vez, quando lhe deu as costas e saiu apressada pelo corredor, ele não fez qualquer movimento

para detê-la.

— Cuchulainn — a voz de Elphame se projetou facilmente pelo corredor. Seu irmão se virou devagar e olhou para ela com uma expressão estranha, vazia no rosto. — Venha aqui, vamos conversar.

Ele assentiu e caminhou de volta para o aposento dela. Elphame nunca o vira se mover tão desajeitado. Seu andar arrogante se fora. Seus ombros largos tombaram. Era como se ele estivesse arrastando um peso terrível consigo. Enquanto o observava, as palavras d'O MacCallan ecoaram por sua memória: *Com aquela cabeça dura, o rapaz está para quebrar a cara.* O velho espírito astuto certamente tinha razão.

— Sente. — Ela apontou para a cadeira que Brenna tinha derrubado e fechou a porta após ele passar. Depois serviu-lhe um pouco de chá fresco. — Beba. Brenna disse que está gostoso e forte.

O arremedo de risada estava totalmente destituído de humor. Cuchulainn endireitou a cadeira e sentou.

— Se ela soubesse que eu o beberia, teria feito o chá gostoso, forte e venenoso.

— Não seja ridículo. Ela disse que o curaria se caísse doente. Se soubesse que você o beberia, só o teria deixado com um gosto horrível.

— Ela me odeia, El.

— Não acredito que odeie. Na verdade, sei que não, mas este não é o assunto aqui. — Ela pigarreou. — Cuchulainn, como chefe do clã de Brenna é meu dever perguntar sobre suas intenções.

— Minhas intenções? — Ele ficou piscando.

Elphame começou a andar de lá para cá diante da mesa.

— Não banque o estúpido, Cuchulainn. Sabe muito bem que estou perguntando sobre suas intenções quanto a Brenna. Sabe, acho que ela tinha razão, ao menos em parte do que disse. Claro que o conheço melhor, então não creio que tenha mentido quando disse que a deseja, mas não posso deixar de pensar que talvez esteja a persegui-la como num jogo — afinal, você geralmente não ouve “não” das mulheres.

Os olhos de Cuchulainn se estreitaram perigosamente.

— Não estou fazendo um jogo com Brenna.

— Fico contente por ouvir. Então quer porque não consegue deixar de provocar excitação na moça desfigurada? Ou porque só quer dar uma espiada no resto dela para ver até onde as cicatrizes realmente vão?

O punho do irmão socou a mesa com tanta força que as xícaras pularam.

— Se não fosse minha irmã, esmurraria essas palavras de volta na sua boca!

Elphame parou de andar, plantando as mãos nos quadris e sorrindo desafiadoramente para o irmão.

— Eu sabia, você está apaixonado por ela.

A cabeça de Cuchulainn recuou como se ela o tivesse estapeado.

— Apaixonado? Não, eu...

— Ela é feia demais para o grande Cuchulainn admitir que a ama?

— Elphame. — A voz dele baixou ameaçadoramente: — Se não parar de falar assim dela, juro que...

A risada dela o interrompeu.

— Então está dizendo que não a acha feia.

Cuchulainn a encarou com fúria.

— Claro que não. Brenna é linda.

— E as cicatrizes?

— As cicatrizes? São apenas uma parte dela. Pela Deusa! Não acredito que está dizendo essas coisas.

Pensei que fosse amiga dela.

O sorriso provocador de Elphame se aqueceu.

— Ela é, razão pela qual queria ter certeza sobre você, Cuchulainn. Não acho que vá brincar com ela, mas você precisava dizer em voz alta para que nós acreditássemos.

Cuchulainn olhou ao redor do quarto.

— Mas não tem ninguém aqui além de mim e você, Elphame.

— Exatamente. — Ela ergueu os olhos para o céu. — Você tinha razão. Ele é cabeça-dura.

O irmão lhe fez cara feia.

— Andou falando com aquele maldito fantasma velho de novo?

— Sim, mas este também não é o assunto. Tente manter o foco, meu irmão. Você está apaixonado por Brenna.

Cuchulainn curvou os ombros, assentiu com a cabeça e fitou a xícara de chá.

— E ela estava um pouquinho aborrecida com você.

— Hrumph! — resmungou ele.

— Certo, talvez “um pouquinho aborrecida” seja uma atenuação — consertou Elphame.

— Acho que ela me odeia, El.

— Bobagem. Ouça... — Ela puxou a cadeira para perto do irmão e sentou. — Na noite passada, subi à Torre do Chefe.

— El, não devia ter feito isso. Sabe que Brenna mandou você ter cuidado.

— Sim, sim, sim, ela já me repreendeu — disse Elphame com impaciência. — Esqueça isso e preste atenção no que eu vi lá de cima. Eu observei Brenna deixar o castelo. Ela estava chorando, Cuchulainn, com tanto desespero que teve de se apoiar na parede do castelo.

— Foi por minha causa. Eu a embarcei. Isso não significa que ela me ama, El. Só significa que sou tão egoísta e insensível quando ela pensa.

Elphame meneou a cabeça.

— Não, Cuchulainn, não é isso. Brenna se encostou à parede do castelo enquanto eu estava com o braço apoiado na balaustrada da torre. É difícil explicar, mas de alguma forma o espírito do castelo me conectou com ela e por um momento senti de verdade o que ela sentia — desespero, dor, solidão. O que quer que tenha acontecido não a deixou só envergonhada ou aborrecida, mas partiu-lhe o coração.

Cuchulainn pôs as mãos no rosto e gemeu.

— Cuchulainn. — Elphame apertou-lhe o ombro. — Você pode consertar isso. Só o que tem a fazer é mostrar a ela seu amor e fazê-la acreditar que pode confiar em você.

O irmão a olhou por entre os dedos.

— Como eu faço isso?

Ela sorriu.

— Não faço ideia.

Vinte e Quatro

ELPHAME SE ALONGOU com cautela e girou o ombro dolorido, tendo o cuidado de não deixar sua expressão revelar nem o menor desconforto. Estava sentada na terra recém-cavada entre duas fileiras do que um dia seriam viçosas hortelãs — ao menos era o que Wynne lhe garantira. Elphame não entendia muito de ervas ou jardinagem, então a velha horta situada atrás da cozinha mais lhe parecia uma disposição confusa de plantas postas de pé e montes de terra erguidos ao acaso do que um lote de ervas sendo meticulosamente restaurado, mas as militantes cozinheiras assistentes de Wynne pareciam saber o que estavam fazendo enquanto arrancavam ervas daninhas, transplantavam e tagarelavam sobre essa e aquela planta. Na verdade, Elphame preferiria estar esfregando as paredes de pedra do Grande Salão, mas Brenna colocara um fim naquilo antes mesmo que ela se lançasse ao trabalho. Elphame fez cara feia enquanto apertava a terra ao redor de uma pequena muda de hortelã. A curandeira se negara a deixar que El fizesse qualquer coisa mais extenuante que ficar confortável e calmamente sentada transplantando mudinhas.

Elphame suspirou. Não devia reclamar, ao menos escapara do confinamento daquela *chaise-longue* horrorosa. O dia estava quente e claro, com apenas uma brisa trazendo o perfume das flores brotando e do mar para dentro dos muros do castelo. O sol parecia maravilhoso sobre seu rosto, e os ruídos movimentados do clã a cercavam com um sentimento de paz. E, ela admitiu para si mesma, estava descobrindo que gostava de colocar as mãos na rica terra de MacCallan. Alongou-se novamente e girou a cabeça, aliviando a rigidez perto do pescoço. Olhando para cima, observou os homens no árduo trabalho de reparar a ruína da caserna dos guerreiros, cuja entrada estava localizada perto dos fundos da cozinha. Elphame pensou que a localização fazia perfeito sentido. Guerreiros, ao que parecia, sempre estavam famintos. Ao menos Cuchulainn estava sempre faminto.

Uma familiar figura de *kilt* se juntou aos trabalhadores, dando ordens e conferindo o progresso dos telhadeiros. El o observou com atenção. A voz de Cuchulainn estava definitivamente mais irritada que o normal. Ela conteve um riso. Mas Cuchulainn não era bobo, e ela sabia o quanto ele podia ser obstinado quando realmente desejava algo. Brenna não fazia ideia do escopo da batalha que estava sendo preparada

contra suas defesas. Elphame esperava fervorosamente que a campanha de Cuchulainn — fosse qual fosse — funcionasse. Os dois combinavam bem. Pensou brevemente em colocar sua mãe na briga. Etain seria uma aliada formidável quando descobrisse que o precioso coração de seu filho estava perdido, e que o vislumbre de futuros netos brilhava diante dela.

Não, Elphame logo decidiu-se contra chamar a mãe. Que Cuchulainn trabalhasse para conquistar Brenna. O MacCallan não tinha certeza de que a curandeira poderia aprender a confiar o bastante para amar, mas Elphame tinha muito mais fé na amiga — e na habilidade do irmão em cortejar e conquistar uma amante.

Distraída, Elphame escolheu outra muda e começou a preparar o local perto de outro broto de hortelã. E quanto à questão de seu próprio amante? Um pequeno estremecimento de prazer correu por Elphame ao se lembrar de como ele reagira ao seu toque. Suas asas...

— Você parece corada. Talvez seja hora de descansar.

Elphame deu um pulo de culpa. Olhou para cima, protegendo os olhos do sol, silhuetando Brenna e Brighid.

— Não estou corada. Estou ótima. — Ela ficou de pé com o que esperava ser ágil graça para satisfazer sua amiga curandeira.

— Ela me parece bem descansada — disse Brighid.

Elphame poderia ter beijado a caçadora.

Brenna estreitou os olhos.

— Não está...

— Não! — Elphame interrompeu a amiga. — Não estou exagerando. Só estou plantando esses bebezinhos.

— Está transplantando mudas de hortelã. Elas não são criancinhas — disse Wynne alegremente ao adentrar a horta. A cozinheira inspecionou a pequena fileira que Elphame tinha completado. — E está fazendo um ótimo trabalho.

Elphame sorriu.

— Viu? Estou ótima.

O rosto de Brenna relaxou só um pouquinho.

— Bom, tente ir devagar. E se o ombro começar a doer, não insista. — Sorriu de má vontade para a paciente hiperativa. Teria que ficar de olho em Elphame. A amiga estava se curando bem, mas exigia demais de si mesma. Estava muito acostumada a depender das habilidades extraordinárias de seu corpo. Elphame não parecia compreender que até sua força tinha limites.

Brenna deu uma rápida olhada em Wynne enquanto esta discutia as refeições do castelo com Elphame e Brighid. A cozinheira era voluptuosa e bonita. Não era possível que Cuchulainn não desejasse Wynne. Assim como não era possível que o guerreiro realmente desejasse Brenna. Conforme o dia passava, a raiva com ele se abrandara, deixando-a com uma confusa irritação. Por que ele insistira em dizer que a queria? Brenna mordeu o lábio, lembrando das palavras ríspidas que lhe dissera. Não achava realmente que ele fosse egoísta e cruel — só estava completamente transtornada com a declaração dele. E com seu toque. E sua proximidade.

— Boa tarde, senhoras. — A voz profunda de Cuchulainn soava forçadamente animada. Ficara inquieto e irritado o dia inteiro, e sabia que estava mais prejudicando do que fazendo bem ao repreender os telhadeiros. Por impulso, decidira procurar a irmã. Ela era uma donzela. Certamente saberia de algo que pudesse dizer a Brenna para reparar o dano que tinha feito inconscientemente. Uma das mulheres

lhe disse que Elphame estava na horta da cozinha, e ele foi depressa para lá com um obstinado senso de propósito que bloqueava qualquer outra coisa. Até entrar na pequena horta e ver Brenna. Falou espontaneamente com as mulheres, que lhe acenaram calorosamente conforme ele andava a largas passadas até a irmã — e Brenna. Cuchulainn ergueu os ombros. Não teria chance de conversar com a irmã a sós e lhe pedir um conselho antes. Teria apenas que contar com o coração — com a coragem — ou ambos.

Elphame sorriu para ele, arrancando-lhe a atenção da silenciosa curandeira.

— Aposto que não sabia que eu entendo de jardinagem, Cuchulainn.

Ele não pôde deixar de sorrir para a irmã e limpar uma mancha de sujeira do rosto dela.

— Você não entende.

— Ficaré surpreso, guerreiro — ronronou Wynne. — Nossa chefe tem muitos talentos escondidos.

Cuchulainn mal olhou para a bonita cozinheira. Em vez disso, seus olhos buscaram e encontraram os de Brenna. Seu sorriso era lento e sedutor, cujo calor iluminava o rosto.

— Acho que tem razão, Wynne. Há muitas coisas sobre nossa chefe — e sobre outras pessoas — que fiquei surpreso em descobrir. E também estou percebendo que gostaria de descobrir mais.

Brenna ficou atônita com o guerreiro. Ele estava olhando para ela daquele *jeito*, bem na frente de todos! A mensagem de Cuchulainn era clara. Estava anunciando a todos que estava interessado. Nela. Brenna ficou ali, paralisada, sem saber se desejava poder desaparecer ou se desejava que ele continuasse olhando daquele jeito para ela — e que fosse realmente sério.

Ele continuou olhando daquele jeito para ela.

— Hã, Cuchulainn... Precisa de alguma coisa? — perguntou Elphame.

Os olhos turquesa de Cuchulainn não abandonavam os de Brenna.

— Preciso de uma coisa, mas acho que já a encontrei, minha irmã.

A respiração de Brenna deixou o corpo num sopro surpreso e ela sentiu o lado esquerdo do rosto se incendiar.

— Se me dá licença, Elphame, tenho coisas que devo... Preciso... — Ela desviou bruscamente os olhos do olhar ardente de Cuchulainn e reordenou os pensamentos. — Preciso ir — terminou de supetão, fez uma mesura para Elphame e saiu apressada da horta.

— Então é assim? — perguntou Wynne baixinho.

Ainda com o olhar em Brenna, Cuchulainn assentiu vagarosamente com a cabeça.

— É assim.

Wynne deu uma olhada apreciativa no guerreiro, jogou para trás os cabelos ruivos e saiu passeando da horta.

— Essa pode não ter sido a coisa mais inteligente a ser feita, Cuchulainn — disse Elphame, limpando as mãos nas coxas. — Sabe como Brenna é tímida. Acho que deve tê-la deixado mais assustada que seduzida.

— Quero que ela saiba que é sério.

Brigid bufou.

— O que tem a dizer sobre isso? — Cuchulainn se virou para ela.

A caçadora encolheu os ombros torneados.

— Nada além de que você parece um touro na época do cio. Seu próximo passo será urinar no chão ao redor dela para demarcar território.

Elphame viu o irmão começar a inchar e logo se colocou entre os dois.

— Já chega. Levem isso para fora dos muros do castelo.

A caçadora e o guerreiro piscaram para a chefe sem entender. Ela sacudiu a cabeça com desgosto para os dois.

— Vão caçar. Os dois. Brighid, tente não antagonizar com meu irmão a cada segundo. Cuchulainn, tente liberar um pouco dessa... — ela apontou para a postura rígida dos ombros — ... Tensão. Certamente não está ajudando você com Brenna.

A caçadora bufou novamente.

Elphame ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços.

Brighid suspirou e olhou contrafeita para Cuchulainn.

— Vamos, guerreiro. Vamos ver se consegue abater um cervo.

Cuchulainn fez cara feia para a caçadora. Não tinha qualquer intenção de sair do castelo. Deveria ir atrás de Brenna imediatamente e...

— Obrigada, Brighid, parece uma ideia maravilhosa. Que bom que pensou nisso. — Elphame empurrou o ombro dos dois na direção da saída da horta. — Wynne estava mesmo dizendo que nunca tem carne de cervo suficiente. Vejo vocês dois na hora do jantar. — Ignorou placidamente a olhada zangada que o irmão lhe deu enquanto seguia a caçadora pátio afora.

Com um suspiro, ela voltou a sentar em meio às hortelãs, contemplando os benefícios de se golpear Cuchulainn na cabeça para que Brenna fosse forçada a tratá-lo.

— Ele provavelmente seria um paciente pior do que eu, e ela terminaria envenenando o chá — não que alguém fosse culpá-la — murmurou.

Cuchulainn tinha que admitir, a ideia de Elphame era boa. Ele precisava se afastar do castelo e clarear as ideias. Sua mira certamente estava péssima — ficaria surpreso se pudesse atingir a lateral da grossa muralha externa de MacCallan, mas seus músculos estavam quentes e a tensão tinha se dissipado. Também precisava admitir que Brighid era uma excelente caçadora. Ele passara anos ao lado do pai, então a graça e a força de um centauro não eram nenhuma novidade para ele, mas Brighid se movia com uma furtividade quase sobrenatural.

— Por aqui. — A voz era sussurrada, e ele seguiu-lhe o olhar até um riachinho que corria pela campina. O cervo estava justamente baixando a cabeça para beber.

Cuchulainn assentiu e desceu silenciosamente do capão. Ajustando uma flecha, esgueirou-se adiante para conseguir um disparo certo. Uma árvore meio tombada estava no caminho, então ele se moveu lentamente ao redor do tronco despedaçado. A brisa se agitou e ele se paralisou, mesmo com o vento soprando para longe do cervo. Um odor então veio até Cuchulainn, que inconscientemente curvou os lábios com o cheiro fétido. Morte e podridão — bem perto. Ele contornou a ponta do tronco caído, e com um ruído enjoado e contraído pisou com a bota bem no meio do corpo em decomposição.

Antes que pudesse se conter, Cuchulainn pulou com o corpo para trás. Com as narinas dilatando, o cervo disparou para longe.

— Cuchulainn, o que... — começou a dizer Brighid, mas seu olhar de irritação mudou para um de surpresa ao se aproximar dele do outro lado da árvore.

— Lobo morto — disse ele, limpando a bota no chão musgoso. — Lamento ter assustado o cervo. Foi apenas... — ele fez uma careta para o corpo — ... Inesperado. Especialmente assim.

Brighid estava estudando o corpo pensativamente.

— Empalado — disse ela.

— Estranho, não é? Ele deve ter corrido direto contra o tronco despedaçado.

— Ela — Brighid corrigiu-o.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O lobo é fêmea. — A caçadora apontou para a parte de baixo do corpo inchado. — E ela tem filhotes. Olhe as tetas.

Cuchulainn estava intrigado o bastante para ignorar o cheiro e chegar mais perto da loba morta.

— Já vi esse tipo de morte algumas vezes, e sempre com fêmeas solitárias que deram cria recentemente. Ficam desesperadas por comida. Só posso imaginar o frenesi que as induz a correr atrás da presa com cegueira tão intensa para que percam o senso de tudo o mais ao redor. Ela provavelmente pulou o tronco e, com a velocidade que corria, o fragmento da madeira fincou nela como uma lança.

Cuchulainn se abaixou. A loba tinha se empalado no peito. Ele meneou a cabeça.

— Mas por que estava caçando sozinha? Lobos vivem em alcateias.

— A maioria sim, mas olhe para o tamanho dela. É claramente subdesenvolvida. Nunca deveria ter procriado. Meu palpite é de que a fêmea-alfa a tenha expulsado da alcateia. Não gostaria de ter que compartilhar o macho-alfa, e a alcateia raramente deixa membros precários procriarem. — A caçadora espiou a loba, lendo a história que o corpo ainda contava. — Olhe para o corpo dela, especialmente ao redor da cabeça e do pescoço. Está cheia de cicatrizes — provavelmente devia ter morrido. É impressionante que tenha se recuperado e vivido tanto tempo assim.

Cheia de cicatrizes... Devia ter morrido... O maxilar de Cuchulainn se apertou. Abruptamente, levantou-se e encarou a caçadora.

— Diria que está morta há quanto tempo?

Brighid encolheu os ombros.

— Talvez dois dias.

— Não faz muito tempo — murmurou como se pensasse em voz alta.

— Muito tempo para quê?

— Alguns deles ainda devem estar vivos. Vamos encontrá-los. — Cuchulainn encaminhou-se a largas passadas para o capão.

— Cuchulainn, em nome da Deusa, do que você está falando?

Ele montou no cavalo.

— Prove para mim que é a grande caçadora que pensa que é.

Surpresa, ela ergueu o queixo.

— E como sugere que eu faça isso?

Ele sorriu para ela de maneira inflexível.

— Quero que encontre os filhotes dela.

Vinte e Cinco

A REFEIÇÃO DA noite fora deliciosa e, mesmo que Elphame estivesse começando a se indagar sobre a prolongada ausência do irmão e da caçadora, bebericou seu vinho e tagarelou com Danann. Não era ama-seca. Cuchulainn podia se cuidar sozinho — assim como Brighid.

Mas, por outro lado, havia Lochlan. Quando ela mandara Brighid levar Cuchulainn para caçar, só estava pensando em Brenna e no irmão. E se a caçadora tivesse deparado com mais daqueles rastros “incomuns”? Ou, pior, e se Cuchulainn tivesse?

Tentou sorrir e dar educada atenção enquanto assentia para algo que o velho artífice estava dizendo, e depois se voltou para Brenna, mais uma vez tentando atraí-la para a conversa. A curandeira não se deixava convencer. Estava silenciosa, olhando resoluta para o prato, só erguendo nervosamente o olhar ao som de alguém entrando no aposento.

Talvez não tivesse sido boa ideia mandar Cuchulainn para longe. Talvez devesse tê-lo deixado cometendo asneiras com Brenna. Elphame suspirou e se serviu de mais vinho quando o tropel de cascos anunciou o retorno de Brighid. A caçadora entrou na câmara com um meio-sorriso estranho nos lábios. Capturou o olhar de Elphame e piscou antes que Cuchulainn irrompesse na sala.

— Brenna! — gritou. — Preciso de você.

Elphame viu o corpo da curandeira pular, mas quando Brenna registrou a expressão de Cuchulainn, a moça tímida desapareceu. Imediatamente estava de pé se aproximando dele.

— Onde está ferido? — perguntou na voz calma e clara de uma curandeira experiente.

O estômago de Elphame revirou, a piscadela de Brighid esquecida. O irmão estava machucado? Ela se afastou da mesa e correu atrás de Brenna. A sala ficou abruptamente silenciosa, fazendo as ordens que a curandeira disparava para Cuchulainn parecerem amplificadas.

— Sente aqui. — Ela expulsou dois trabalhadores do banco mais próximo e empurrou o ombro de Cuchulainn para baixo para que ele fosse obrigado a tomar o lugar dos trabalhadores. — Não vejo sangue. Você caiu do cavalo? — Ela deu uma olhada em Brighid. — O que aconteceu com ele?

— Brenna. — Ele capturou a mão que estava tentando sentir a pulsação disparada em seu pulso. —

Não sou eu. É ela. — O guerreiro abriu a frente da túnica e puxou uma trouxinha desgrenhada de pelo cinza.

Brenna tentou recuar um passo, mas ele aumentou a pressão na mão dela e se recusou a deixá-la se retirar.

— Que brincadeira é essa, Cuchulainn? — Sua voz era fria e zangada.

Elphame espiou por cima do ombro da amiga a suja felpa cinza.

— Está viva?

— Por pouco — disse ele à irmã. Depois se voltou para Brenna. — E não estou fazendo nenhuma brincadeira. Preciso que me ajude a salvar o filhote.

— Onde está a mãe? — Brenna conseguiu se livrar da mão dele, mas dessa vez não recuou. Aproximou-se e começou a examinar o filhotinho.

— Morta na floresta. Assim como os quatro irmãos.

— Você a matou? — perguntou Brenna com severidade.

Brighid bufou uma risada.

— Cuchulainn não foi ameaça para nenhuma fera hoje. O guerreiro errava tudo em que mirava. — Ela ignorou a cara feia de Cuchulainn. — Encontramos a mãe morta. Ele me fez rastrear seu caminho de volta até a toca.

Elphame veio para o lado do irmão e tocou com hesitação o pelo emaranhado da pequena criatura. A filhote de lobo era nova; ainda não era muito maior que a mão de Cuchulainn. Os olhos estavam fechados e cobertos de sujeira, assim como o resto da pelagem. O focinho da filhote estava pálido e seco. Se não tivesse dado um fraco resmungo, El não teria acreditado que estava viva.

— Está muito fraca e desidratada — provavelmente ficou uns dois dias sem alimentação nenhuma. — Brenna pôs o dedo na boca da filhote, que o sugou com fraqueza. — É bom sinal que ainda queira mamar, mas ela precisa de leite — muito leite, e com regularidade. E talvez não viva, não importa o que você faça.

— O que eu faça? — disse Cuchulainn depressa. — Mas pensei que você...

O estreitar de olhos de Brenna o interrompeu.

Elphame riu da expressão do irmão.

— Parece que arranjou um cachorrinho, meu irmão.

— Filhote de lobo — resmungou Cuchulainn. — Ela não é um cachorrinho, é uma filhote de lobo.

— Leve sua filhote de lobo para a cozinha. Wynne deve ter tecido de algodão. Posso mostrar como fazer uma teta. — Toda séria, Brenna rumou para a entrada da cozinha. Cuchulainn escondeu a filhotinha dentro da túnica e, junto com as risadinhas que varreram a sala, acompanhou-a.

— Uma filhote de lobo, hein? — Elphame sorriu para Brighid.

— Em teoria, era uma excelente ideia. Levar uma criaturinha que precise de cuidados para a curandeira que ele está tentando cortejar. Isso teria derretido o coração da maioria das moças.

— Brenna não é como a maioria das moças.

— Exatamente.

— Ela está mamando!

O alívio inundou a voz de Cuchulainn. Ele estava sentado na cadeira que ficava ao lado da pequena escrivaninha na tenda que agora era sua em vez de ser da irmã. Parte de seu plano definitivamente funcionara. Brenna estava sozinha com ele em sua tenda. Wynne os expulsara da cozinha dizendo que os

únicos animais que permitia ali estavam mortos e prontos para a panela. Ele tinha desenrolado um cobertor e ajeitado a filhote no colo, a teta improvisada cheia de leite pronta para reviver a criatura. Mas ela se negava a sugar. Choramingando e ganindo, o animal parecia prestes a morrer.

— Com cuidado e aos poucos, ela não é uma batalha a ser ganha — instruíra Brenna. — Ela sofreu muito. Deve fazer com que se sinta segura o bastante para mamar.

Então Cuchulainn a bajulou e persuadiu até, enfim, a filhotinha morder o pano com leite. Ele abriu um largo sorriso para Brenna.

— É bom, não é! Veja como ela estava mamando bem.

Brenna rejeitou o sorriso que pairava logo abaixo da superfície do rosto. O viril e jovem guerreiro nunca parecera tão atraente como naquele momento, desgrehado, sujo de leite e fedendo a estrume de lobo.

— Não fique muito esperançoso. Ela não está fora de perigo.

Cuchulainn franziu a testa e deixou um dedo correr pela nuca emaranhada da filhote, o que fez a criaturinha resmungar baixinho e sugar ainda mais.

— Viu? — O sorriso de Cuchulainn era ardoroso. — Ela tem o coração de um guerreiro. Não morreu com os outros. Não vai morrer agora.

Os lábios de Brenna se ergueram só um pouquinho.

— Talvez tenha razão. Bom — disse, toda séria novamente —, você tem uma longa noite pela frente. Há bastante leite aqui, e também tecido de algodão limpo. Acho que deve dormir com ela enroscada perto da sua pele. Ficará aquecida assim e acordará quando precisar ser alimentada mais uma vez. — Ela assentiu para Cuchulainn, que a observava com olhos arregalados e incrédulos. — Você vai se sair bem. Venho vê-lo pela manhã.

— Espere... — Ele a teria agarrado para mantê-la ali, mas não tinha mãos livres. — Não pode simplesmente ir embora.

— Não acha que vou passar a noite com você, acha, Cuchulainn? — Ela não baixou a cabeça e nem se escondeu, mas a voz ficara mais suave e soava muito mais jovem do que a da curandeira.

— Não comigo — garantiu ele depressa. — *Conosco*.

— Está dizendo que devo tratar essa situação como se ela fosse minha paciente humana? — perguntou, mudando imediatamente de donzela para curandeira.

Cuchulainn assentiu, parecendo aliviado.

— Então minha opinião como curandeira é de que minha paciente está nas mãos muito capazes do... Hã... Pai adotivo, e não precisa de mim até de manhã. Boa noite, Cuchulainn. — Abrindo a aba da tenda, ela hesitou. — Duas últimas coisas. Primeiro, mesmo que ela cheire como o estrume de um ninho de cães selvagens, não dê banho nela esta noite. Seria demais para o pequeno organismo dela. Pode dar banho amanhã — caso sobreviva. Segundo, não esqueça de arrumar um pano úmido para ajudá-la a limpar a urina e as fezes, como a mãe dela faria. — Com essas palavras, ela realmente sorriu antes de se virar e sair da tenda.

Cuchulainn fechou a boca.

A filhote resmungou e empurrou a mão dele, procurando mais leite no pano de algodão vazio.

— Tudo bem, medrosa. Atenderei ao seu pedido. — Ele deixou a filhote sobre o colo e preparou mais leite. — Mas viu como ela sorriu para nós, não viu? É um bom sinal. Não vai demorar para que ela admita que gosta de nós. — Ele manteve uma conversa unilateral com a criaturinha fedorenta. Vocalizar determinação era um passo positivo. Se repetisse bastante, isso se tornaria realidade. Ao menos era isso o

que Cuchulainn esperava fervorosamente.

Elphame estava finalmente sozinha e, graças à nova aquisição de Cuchulainn, estava segura de sua privacidade — embora a princípio ele fosse a razão para Brighid ter insistido em acompanhá-la aos aposentos e até mesmo ficar com sua chefe durante o banho, regalando El com as desventuras do irmão naquele dia. Elphame sorriu em recordação enquanto enrolava o macio tartã azul e verde ao redor do corpo e o mantinha no lugar com o broche MacCallan.

— Obrigada, mamãe — sussurrou ela enquanto a mão se demorava pelo excelente tecido que fora um dos muitos presentes que chegaram no dia anterior do Templo de Epona. Honestamente, ela não se importava muito com os suntuosos lençóis e com as outras frivolidades que sua mãe via como necessidades, mas o tartã do clã — isto era uma joia sem preço.

Vestida, aproximou-se da entrada arqueada que levava ao quarto de banho e à passagem secreta mais além.

Deixou as pontas dos dedos acariciarem as pedras que eram o corpo de seu lar conforme descia resoluta os degraus. Será que sabia o que estava fazendo? Elphame respirou fundo. Sim — sim, ela sabia.

Mostre-me a porta para a passagem.

Instantaneamente o formigamento familiar pinicou seus dedos, acompanhado pelo calor criado pelo fio dourado que cintilou de sua mão e ao redor da parede, para terminar numa esfera cintilante no meio da porta escondida. Ela seguia o fio à medida que as batidas do coração aumentavam. Pegando uma tocha de seu encaixe na parede do quarto de banho, pressionou o ponto liso e saliente. Dessa vez a porta se abriu silenciosamente, como se estivesse esperando ofegantemente por seu toque.

Elphame ergueu a tocha e a manteve à entrada enquanto espiava o túnel escuro. As paredes eram estreitas e cobertas com uma película úmida de teia prateada. Ela estremeceu, pensando nas aranhas assustadas. O teto era baixo e áspero; o ar velho cheirava a podridão úmida. Ela pressionou a mão sobre a parede do túnel. Através da superfície fria e escorregadia, Elphame sentiu a pulsação do castelo e a rocha se aquecendo sob sua palma. Deu um longo suspiro de alívio enquanto observava o fio dourado se estender e serpear rapidamente ao longo da parede. Não podia ver o fim com os olhos, mas podia senti-lo através do próprio sangue que pulsava em suas veias. Sabia que em algum lugar no fim do antigo túnel a pedra encontrava a floresta e se abria para a noite.

Antes que sua determinação falhasse, Elphame entrou no túnel. Ele corria reto e nivelado, e mesmo que estivesse musgoso e frio, as paredes a cercavam com uma sensação muda de força. O eco de seus cascos no chão de pedra era um som familiar, confortável. Enquanto seguia pelo túnel, os pensamentos de Elphame vagaram para os MacCallan que viveram por gerações no castelo. Quantas vezes seus ancestrais pisaram naquela trilha? Quantos encontros aquele túnel possibilitara? Encontros... Seu estômago se agitou de nervosismo.

— Epona, que eu esteja fazendo a coisa certa. — Sua voz ecoou assustadoramente ao redor de Elphame, que considerou chamar O MacCallan — a companhia dele seria definitivamente confortadora. — Hrumph. — El copiou de propósito a expressão favorita do irmão. Ela era A MacCallan agora; precisava agir assim. Devia tomar suas próprias decisões e agir de acordo.

Ela interrompeu o pensamento quando a luz bruxuleante da tocha dançou no fim do túnel. Havia degraus de pedra levando a uma massa intrincada de raízes e moitas. Ela colocou a tocha num suporte convenientemente localizado na beira da parede, liberando suas mãos para empurrar para longe o amontoado de plantas e folhas que obstruíam a saída — e surpreendentemente com pouco esforço, ela

saiu do túnel como uma cortiça subindo à superfície.

Elphame tirou folhas do cabelo enquanto os olhos se acostumavam à escuridão da noite. Estava bem dentro da floresta para não conseguir detectar qualquer sinal de luzes do castelo, mas podia ouvir claramente o bater da arrebentação, então sabia que devia estar perto da beira do penhasco. Ela olhou para a entrada do túnel e sacudiu a cabeça com espanto. Pelo lado de fora, parecia apenas outro buraco escabroso na floresta, onde um pequeno rebordo de terra se projetava e se curvava. Misturava-se tão bem com a paisagem que ela teria que ter cuidado, do contrário teria trabalho para encontrá-lo quando estivesse pronta para retornar.

Ela olhou ao redor tentando ver a floresta escurecida pela noite. Deveria ter esperado mais, até a lua estar bem alta no céu para ser de mais ajuda. E depois o quê? Claro, seria capaz de ver melhor, mas de que ajuda seria se não sabia onde procurar?

Não fazia ideia de onde Lochlan estava.

Ele tinha surgido quando o javali a atacara. Tinha surgido quando ela estava sozinha no dia anterior. Mas como ele sabia? Ela apertou os olhos, pensando. Nem sabia se ele existia na primeira vez, mas no dia anterior apenas dissera o nome em voz alta, e ele simplesmente aparecera.

— *Chame por mim, meu coração. Nunca estarei longe de você.*

A memória repetiu-lhe as palavras na mente. Ela deu de ombros. Não havia realmente nada mais que pudesse fazer. Não podia vasculhar a floresta inteira atrás dele. Sentindo-se um bocado tola, Elphame pigarreou e falou o nome dele com hesitação: — Lochlan. — Saiu um pouco mais alto que um sussurro.

Ela franziu a testa e se repreendeu — como se ele fosse ouvir aquilo.

— Lochlan! — Elphame gritou seu nome. Sua pele formigou com o poder que de repente a cercou. O vento levou o eco do som e soprou pelos galhos dos pinheiros sobre os quais pairou, repetindo *Lochlan... Lochlan... Lochlan...* até se dissipar gentilmente, como neblina beijada pelo sol.

— Magia. — Seus lábios formaram a palavra, mas nenhum som emergiu. Não era a imaginação nem a batida na cabeça, o nome de Lochlan era mágico.

Elphame soube que ele estava ali antes que conseguisse vê-lo. Sentiu-o. Como sentia a pulsação do castelo através da pedra, podia pressentir a presença dele através do sangue.

— Lochlan. — Ela repetiu-lhe o nome, deliciada mais uma vez com a magia criada conforme a palavra voava ao vento e a envolvia.

— Estou aqui, meu coração.

Vinte e Seis

ELE SAIU DAS sombras, as asas bem dobradas às costas. A pele e o cabelo pareciam atrair a luz prateada da lua que se erguia no céu, destacando os sulcos e planos do corpo, silhueta a escuridão aveludada das asas. Aproximou-se dela com as passadas silenciosas e planantes que eram únicas à raça de seu pai. Elphame não se afastou dele, mas ele teve o cuidado de parar a praticamente um braço de distância.

— Senti que estava próxima, mas não quis acreditar.

— Então me ouviu chamar seu nome?

— Sim, veio até mim no vento da noite e eu segui o som até você.

Elphame sentiu-se corada e nervosa. Desejava ter alguma coisa para fazer com as mãos.

— Gostaria de dar um passeio? — falou ela por impulso.

— Seria uma honra. — Lochlan estendeu a mão.

Ela hesitou. Sob o luar, a mão dele parecia fantasmagórica e irreal.

— Já nos tocamos antes, Elphame.

Seu olhar trocou as mãos pelos olhos. Depois, ela entrelaçou os dedos nos dele. A pele era cálida e, onde os punhos se roçavam, ela podia sentir a firme batida da pulsação dele.

— O penhasco é logo depois daquelas árvores. — Ele apontou por cima do ombro dela. — Se caminharmos até lá, a luz será melhor. Será mais fácil para que você enxergue.

Elphame assentiu entorpecidamente. Agora que ele estava ali, sentia-se completamente incerta de si mesma. Parecia nem conseguir mover as pernas — apenas ficou parada, a mão presa à dele, fitando-o em silêncio.

O cintilar branco de seu sorriso bestial combinava com o brilho provocador dos olhos.

— Ou prefere correr?

As palavras dele quebraram o encanto da falta de jeito. Os lábios dela se contorceram.

— Nem de noite, nem pela floresta. — De mãos dadas, começaram a caminhar juntos. — Eu definitivamente aprendi a lição. Outra queda e Cuchulainn nunca me deixaria sair de vista, o que seria

quase tão inconveniente para ele no momento quanto seria para mim.

Lochlan acompanhou o fio da conversa.

— Posso imaginar. Cuchulainn está muito ocupado com a reconstrução do castelo. Seria difícil para ele se achasse que precisa ficar sempre de olho em você.

— Sem mencionar que está apaixonado.

Os olhos de Lochlan se arregalaram de surpresa. Quando falou, o polegar traçava círculos preguiçosos na mão dela.

— Compreendo como o amor pode complicar as coisas.

— Compreende? — Ela se sentia infantilmente tonta.

Eles saíram da floresta. A luz tocava o mar sonolento, matizando-o de prata e branco. O Castelo MacCallan se erguia ao longe, um escuro acompanhante, parcialmente obscurecido pelo limite da floresta.

Lochlan virou-se para encará-la.

— Sim, compreendo.

Ela estava presa na intensidade daquele olhar. Os olhos dele eram repletos de mistério e da sedutora atração do desconhecido. De repente, teve medo de que se o amasse ficaria perdida para si mesma, para sempre mudada, e não sabia se estava pronta para se renunciar por algum homem — especialmente um homem que era tão diferente do que ela jamais imaginara. Elphame puxou a mão da dele. Com Lochlan a segui-la, caminhou agitada até um dos muitos rochedos que pontilhavam o penhasco. Sentou-se nele, tentando ordenar os pensamentos.

— Conte-me. — Em vez de olhar para ele, fitou o mar iluminado pela lua. — Explique como é possível que você exista.

Lochlan sabia que o que contasse a ela estabeleceria o curso do relacionamento. Mantendo o olhar em seu perfil forte e familiar, fez uma oração silenciosa pedindo ajuda a Epona.

— A questão de minha existência é complexa. Na verdade, não sei exatamente por que existo. Você sabe tão bem quanto eu sobre os eventos que levaram à Grande Guerra. Há mais de cem anos algo cataclísmico aconteceu com a raça fomoriana. Suas fêmeas começaram a morrer. Às vezes pensei que fosse vontade de Epona que uma raça tão demoníaca se extinguisse, mas se foi por vontade dela, por que então permitiu que a guerra acontecesse?

Sem olhar para ele, Elphame respondeu com palavras que ecoavam aquelas que ouvira a mãe falar muitas vezes: — Epona permite que seu povo faça as próprias escolhas — não quer que sejamos escravos, quer súditos fortes e de pensamento livre. Com essa liberdade vem a possibilidade de erros — erros que às vezes levam ao mal. Se os guerreiros no Castelo Guardião não tivessem relaxado de seus deveres, os fomorianos não poderiam ter entrado em Partholon e começado a roubar mulheres.

— Mas assim fizeram. Minha mãe explicou isso como sendo a maneira como começaram a repovoar sua raça moribunda. — Ele meneou a cabeça e expirou um sopro distinto, frustrado. — Era de imaginar que a mistura ao sangue humano enfraqueceria os demônios, mas não. A raça prosperou, tanto que logo estavam prontos para invadir Partholon. — Ele se calou, reordenando os pensamentos.

“Até a época de minha mãe, nenhuma mulher humana tinha sobrevivido ao nascimento de uma criança gerada por um fomoriano — continuou, escolhendo as palavras com cuidado. — Ela era jovem e forte, mas sempre declarou que sua força pouco tinha a ver com isso. Ela dizia ter sobrevivido porque sou mais humano que fomoriano. — Ele fez uma pausa e respirou fundo. — Minha mãe foi parte do que era, a princípio, só outro dos grandes grupos de mulheres que foram capturadas, violentadas e

engravidadas pelos fomorianos. Eram mantidas prisioneiras até ser época de os fetos demoníacos nascerem. Ser engravidada por um fomoriano era uma sentença de morte para uma mulher humana; durante o processo de parto, seu corpo era fatalmente dilacerado. — Sua voz assumiu um tom distante conforme repetia a história que a mãe lhe contara inúmeras vezes. — Os fomorianos viam as mulheres humanas como descartáveis, só um estorvo temporário, um meio necessário para atingir o objetivo de repovoar sua espécie. As mulheres híbridas eram especialmente apreciadas na esperança de reconstruir a raça, mas todas as crianças eram necessárias.

“Quando Partholon se uniu e a maré da guerra se voltou contra eles, os fomorianos tentaram escapar pelas Montanhas Tier. Alguns conseguiram. Dividiram as mulheres entre si, planejando enganar o exército de Partholon enquanto mantinham seu meio de procriação. Mas a Deusa tinha outros planos. Os demônios ficaram doentes com a mesma praga que dizimou o núcleo de seu exército. Carregando um filho, minha mãe liderou as mulheres de seu grupo numa revolta. Então ela e as companheiras procuraram por outras nas passagens das montanhas, destruindo os fomorianos que enfraqueciam. Devia ter retornado para sua casa em Partholon, para que, cercada pelo conforto dos familiares, ela e as outras grávidas pudessem aguardar o fim inevitável. Era o que ela e as mulheres pretendiam. Mas então o inesperado aconteceu. Ela sobreviveu ao meu nascimento.

Elphame era incapaz de continuar mantendo o olhar longe dele. Virou o rosto para encará-lo. A expressão de Lochlan estava rígida e contraída de emoção.

— E depois outra mãe sobreviveu ao nascimento do filho mutante, e outra e mais outra.

As palavras dele fizeram seu coração doer.

— Você não é mutante.

— Sou parte demônio, parte humano. O que mais isso faz de mim?

Ela respondeu à pergunta com outra:

— Sou parte centauro, parte humana. Isso faz de mim uma mutante?

— Isso faz de você um milagre.

Ela sustentou-lhe o olhar.

— Exatamente.

Ele continuou a recontar a história de sua vida com o fantasma de um sorriso nos lábios.

— Quase metade das mulheres sobreviveu. Minha mãe não tinha explicação para isso, exceto dizer que era trabalho da mão de Epona. — Suas sobrancelhas se ergueram. — Esta sempre foi a explicação de minha mãe para qualquer pergunta que não conseguia responder. Mas seja qual fosse a razão, de repente havia um grupo de jovens mulheres com bebês alados nos seios. — A expressão de Lochlan se abrandou. — E elas amavam os filhos com resguardo feroz. Sabiam que não poderiam voltar para Partholon com seus bebês, e deixá-los era uma opção que rejeitavam considerar. Então atravessaram as montanhas e adentraram os Ermos. A vida era difícil ali, e nossas mães sentiam falta de Partholon, mas nós sobrevivemos, até prosperamos. E nossas mães nos ensinaram a ser civilizados. A ser humanos.

— Mais de um século atrás... — As palavras dela eram um suspiro. Mesmo com ele de pé ali ao lado dela, alado, vivo e respirando, era difícil aceitar.

— Admito que seja um longo tempo. — Ele fez um gesto descuidado, como se não soubesse o que fazer com a própria longevidade. — Nenhuma de nossas mães tinha muito conhecimento da raça fomoriana, mas logo se tornou aparente em nossas vidas que amadurecemos rápido e que nossos corpos eram extraordinariamente resistentes. Parece que o envelhecimento é outra coisa da qual nosso sangue sombrio nos protege.

Elphame pensou no que tinha lido na extensa biblioteca da mãe.

— Os fomorianos tinham aversão à luz do sol, mas já vi você à luz do dia. Não parece machucar você.

— Não me machuca, mas sou mais forte à noite. Minha visão é melhor, meus sentidos de audição e olfato são mais apurados.

Abrindo os dedos, ele estendeu os braços para longe do corpo. Elphame pensou que ele parecia o espírito alado de um xamã se preparando para evocar a magia de uma deusa.

— O céu da noite me chama.

— Pode voar?

Ele sorriu, largando as mãos nas laterais do corpo.

— Não penso nisso como voar; penso nisso como cavalgar o vento. Talvez eu mostre a você um dia.

Deslizar no ar nos braços dele... A ideia a deixou sem fôlego.

— Isso não parece real. Você não parece real — disse ela.

Lochlan se aproximou mais. Ergueu uma grossa mecha de cabelo que caíra sobre o ombro dela e a deixou escorregar como água entre os dedos.

— Numa noite tive um sonho. Mesmo que eu viva uma eternidade, nunca me esquecerei dele. No meu sonho vi o nascimento de uma criança. Ela era nascida de uma fêmea humana e um macho centauro. Quando o centauro a ergueu e a proclamou uma deusa, soube que aquela criança espantosa de alguma forma alteraria de maneira irrevogável o meu futuro. Você sempre foi real para mim, Elphame. É o resto da minha vida que é só um sonho. Você é o meu destino.

Elphame deixou escapar um longo suspiro.

— Não sei o que fazer a seu respeito.

— Não pode simplesmente fazer como minha mãe? Apenas se permitir me amar?

Tudo dentro dela — o coração, a alma e o sangue que enchia suas veias — gritou *Sim! Sim, ela pode!*, mas a lógica e os anos de hostilidade a avisaram para que fosse cautelosa.

— Não posso. Não sou apenas uma jovem donzela. Fui nomeada A MacCallan. Meu povo me fez um juramento de lealdade. Minha primeira responsabilidade não é mais comigo mesma, mas com meu clã.

O rosto de Lochlan explodiu num sorriso jubiloso.

— Me pergunte o nome da minha mãe.

— Qual o nome da sua mãe? — perguntou ela, surpresa com a súbita pergunta.

— Ela se chamava Morrigan, batizada por um pai zeloso com o nome da lendária Rainha Fantasma. Ela estava morando no ancestral castelo de seu clã, onde seu irmão mais velho presidia como chefe. Tinha acabado de completar sua educação no Templo da Musa e estava desfrutando de sua estadia junto ao mar enquanto esperava pelo dia de seu casamento — um casamento que nunca aconteceu...

— ... Porque o Castelo MacCallan foi atacado e ela foi levada prisioneira. O irmão dela era O MacCallan. — Elphame terminou por ele, sentindo um formigamento sobrenatural pela pele.

Com um farfalhar de asas, Lochlan se ajoelhou diante dela. Puxou a pequena espada da bainha presa à cintura e a colocou aos pés dela.

— O sangue do clã MacCallan corre grosso em minhas veias. Invoco o direito a este sangue, e por meio disso ofereço meu juramento e prometo minha lealdade desse momento em diante, mesmo em face da morte e, se Epona permitir, além dela.

Elphame o encarava. A lua ascendera ao céu e se assentava sobre seu ombro, resplandecendo Lochlan em sua luz fria. Ele a observava com olhos que cintilavam o reflexo brilhante do que ela subitamente

aceitou como seu futuro.

Ele lhe parecia certo. Não poderia explicar racionalmente, mas ela tinha mudado desde que o conheceu.

O velho espírito tinha razão. Ela encontrara sua paz ao lado de Lochlan. Elphame escorregou de seu poleiro rochoso para que ela também ficasse de joelhos encarando Lochlan. Primeiro, tomou a espada e a ofereceu de volta a ele.

— Fique com isto. Pode precisar dela para defender sua chefe.

— Então me aceita?

Reverentemente, ela tocou-lhe a face.

— Eu aceito você, Lochlan, no clã MacCallan — como é seu direito de nascença.

A tensão sumiu dos ombros de Lochlan, que curvou a cabeça.

— Obrigado, Epona — sussurrou ele.

Quando ele falou o nome da Deusa, Elphame experimentou uma torrente de premonição sobrenatural. Num lampejo ofuscante, ela o viu de joelhos, como estava agora, mas, na visão que estava sobreposta ao tecido da realidade, Lochlan estava acorrentado, coberto de sangue... Aprisionado... Morrendo...

Sua mente gritou, rejeitando a visão. Não deixaria que ele fosse destruído. A visão tomou a decisão por ela, que soube o que devia fazer. Caso o aceitasse, caso se permitisse amá-lo, isso alteraria o futuro dele — o feitiço de morte seria rompido. Como o amor da mãe dele conquistara a escuridão em seu sangue, o amor dela derrotaria o ódio inapropriado de todo um mundo.

— Você diz que sou seu destino — disse ela.

Não era uma pergunta, mas Lochlan assentiu e falou com uma certeza que encerrava a brecha de tempo e sangue: — Eu te amo, Elphame.

— Então faça um pacto de casamento comigo.

O distinto inspirar de Lochlan foi o único sinal aparente de choque. Um pacto de casamento era uma união jurada para durar exatamente um ano. Ao fim de um ano, o casal podia decidir se continuavam casados ou, se não desejassem mais ficar juntos, o casamento era dissolvido sem atribuição de culpa a nenhuma das partes. Mas era um contrato de vínculo — selado por duas pessoas — testemunhado por Epona. Era um laço sagrado que não podia ser rompido pelo período de um ano.

— Sim! — Ele apertou-lhe as mãos. — Sim, eu faço. — *E que a Profecia sangrenta e o mundo se danem*, pensou ele com ferocidade. Antes que Elphame mudasse de ideia ou hesitasse, ele começou a pronunciar as palavras imemoriais de união que lhe foram ensinadas pela mãe, que aprendera com a própria mãe, que aprendera antes com a mãe dela.

— Eu, Lochlan, filho de Morrigan MacCallan, aceito você, Elphame, filha de Etain, em casamento neste dia. Admito protegê-la do fogo mesmo que o sol desabe, da água mesmo que o mar se enfureça, e da terra mesmo que estremeça em desordem. E honrarei seu nome como se fosse o meu.

Enquanto ele pronunciava as palavras, ela soube que estava escolhendo o caminho certo — o caminho que vislumbrara nos olhos de Lochlan — o caminho que seu próprio irmão tinha previsto.

— Eu, Elphame, chefe do Clã MacCallan, aceito você, Lochlan, em casamento neste dia. Admito que nem fogo ou chama nos afastará, nem lago ou mar nos afogará, e que nenhuma montanha nos separará. E honrarei seu nome como se fosse o meu.

— E assim foi dito — disse Lochlan.

— E assim será feito. — Ela completou o ritual.

Eles se aproximaram num beijo que começou como uma terna consumação do pacto. Elphame se encostou a ele, cujos braços a envolveram. Os lábios dele eram macios — muito mais macios que o resto do corpo. Seu perfume a envolvia. Mais uma vez Lochlan era a floresta viva, selvagem e masculino. Ela bebeu dele. Era seu oásis numa vida que sempre imaginou estéril do amor de um consorte.

E agora ele pertencia a ela, e ela, a ele.

O ronronar das asas se flexionando e se abrindo era uma música sedutora aos seus sentidos já atiçados. Ela se afastou dele apenas o bastante para ter uma clara visão delas.

— Suas asas — sussurrou Elphame — são como veludo vivo. Quero que me enrole nelas e me leve para os céus.

Ela estendeu a mão e tocou a penugem cor de manteiga da parte interna. A respiração de Lochlan explodiu. Ele estremeceu e fechou os olhos. Ela retirou a mão e tocou-lhe o rosto. Lentamente, ele abriu os olhos.

— Você me observou a vida inteira, então já deve saber o que vou contar. Sou completamente inexperiente no amor. Então, quando você se fecha para mim, não sei o porquê. Precisa me contar, me guiar. Quando toco suas asas, você age como se estivesse com dor, mas ontem me implorou para que não parasse de tocá-lo. Não entendo, mas gostaria de entender — preciso entender. Me ajude a entender, marido.

O termo carinhoso o abalou até a alma. Ele era seu marido. Ela era sua esposa. Uma sensação de integração se assentou sobre ele. Ao ganhá-la, tinha encontrado seu lugar no mundo e nenhuma força jamais os separaria realmente.

— Minhas asas são uma extensão das minhas emoções mais profundas. Elas resultam do sangue de meu pai, então reagem com uma ferocidade elementar que nem sempre é fácil de controlar. Quando você as toca, toca o que há de mais vil em mim.

— Acha que seu desejo por mim é vil?

— Não! Claro que não. Mas às vezes a profundidade disso me sobrepuja. Quando você desperta minha vontade por você, a luxúria sombria que pulsa através do demônio em meu sangue se agita também. Pode ser brutal e perigoso.

Ela pensou na sede de sangue dos fomorianos e na admissão de Lochlan de que o desejo de beber seu sangue se escondia dentro dele. Elphame olhou com firmeza dentro de seus olhos assombrados; não viu nenhum demônio ali, só o homem que fora criado para ser seu consorte.

— Acredito que seu amor por mim é mais forte do que o demônio em você.

Ele vestia uma simples camisa de algodão cru. Os olhos de Elphame permaneceram nos dele enquanto desamarrava a camisa, que ele arrancou rudemente do peito. A respiração dela ficou presa na garganta diante de sua beleza esguia.

Lentamente, ela desprendeu o broche do chefe que mantinha o tartã no lugar e desenrolou o tecido macio do corpo. Puxou a blusa de linho puro pela cabeça. O vento frio da noite tocou a pele nua, disparando por ela um delicioso tremor.

Exceto pelas asas, Lochlan permanecia imóvel.

Pressionando o bico dos seios no calor do peito dele, Elphame estendeu a mão sobre seu ombro para lhe tocar a asa, deixando os dedos acariciarem a maciez que a fazia pensar em veludo e creme. Lochlan estremeceu e a tomou nos braços. Ela se moldou nele, aceitando o beijo feroz. Os braços o envolveram, e ela encontrou o lugar onde as asas se uniam ao corpo dele e deixou os dedos brincarem ali num jogo

provocador, acariciando, massageando e até deixando que as unhas corresse pelas costas dele.

Com um súbito movimento, Lochlan a ergueu e depois a deitou na cama macia de grama e tartã MacCallan. Agachou-se ao lado dela, asas estendidas, enquanto tentava recobrar o controle de suas emoções tempestuosas. Ela buscou por ele, querendo sentir-lhe o corpo junto ao seu.

Lochlan interceptou a mão dela, rindo ofegante.

— Devagar, meu coração. Me deixe explorá-la. Quero descobrir seu corpo maravilhoso.

Elphame gemeu quando a palma da mão dele descobriu seu mamilo firme.

— Sim... — a voz dele estava grossa de desejo — ... Você é meu chamado da sereia, e eu a seguiria mesmo que isso me levasse à morte. — Ao falar a palavra *morte*, seus dedos delinearam o talho que lhe enrugava a pele macia da cintura. — Mas nunca deixarei nada machucá-la. Fiz aquela jura com minha vida e a defenderei até a última gota do meu sangue.

Não chegará a tanto, pensou Elphame com ferocidade. Não agora. Os dois ficariam bem. Seu clã tinha que aceitá-lo. Então todos os pensamentos, exceto pelo calor das carícias dele, escaparam de sua mente quando a mão desceu pela curva de sua cintura para encontrar a pelagem que cobria sua metade inferior.

— Você é de uma maciez indescritível — sussurrou ele roucamente enquanto acariciava-lhe a coxa —, misturada com força insinuante. Perguntei-me durante todos esses anos como seria tocá-la, e como seria ser tocado por você, sem nunca realmente acreditar que teria a chance de saber. — Lochlan afagou a parte de dentro da coxa de pelagem castanho-avermelhada. — Foi por isso que enfim descobri meu caminho até você. Não podia mais suportar a ideia de ficar sem você.

Ele deslizou a mão até encontrar o âmago de seu calor úmido. Elphame gemeu e mexeu os quadris com inquietação. As asas dele pulsaram com vida e o sangue sombrio de seu pai se agitou com calor e força por seu corpo. Por um instante, ele se viu tomando-a violentamente, esmagando-a no chão enquanto se alimentava em seu pescoço em compasso com os gritos dela, que ecoavam na noite.

Não! A mente racional de Lochlan se rebelou contra a imagem, então ele se afastou abruptamente do corpo dela. Respirando em arfadas irregulares, sentou do lado dela, tremendo, a cabeça enterrada nas mãos conforme a dor cascadeava por sua mente.

Dessa vez foi ela quem se ajoelhou ao lado dele. Elphame acariciou-lhe os cabelos e murmurou sons indistintos de conforto. Quando as asas dele começaram a se fechar, ela afastou-lhe delicadamente as mãos do rosto.

— Do que tem medo? Por que se afasta de mim?

Ele olhou dentro de seus olhos claros e sinceros. O que ela faria se soubesse que tinha seguido não só o coração para chegar até ela, mas também uma sombria profecia que exigia seu sangue? Importaria para ela que tivesse decidido trair seu povo e rejeitar a Profecia?

— Fale comigo, Lochlan. Está arrependido de ter feito o pacto?

— Não! — gritou ele. — Jamais! É você quem deveria estar arrependida. Sou um demônio, mal capaz de controlar meus impulsos. Não posso fazer amor com você sem ver violência e sangue. E isso abastece minha luxúria, Elphame. Não compreende? Mesmo que a ame e deseje acima de todas as coisas, minha herança sombria só ambiciona rasgar, provar e devastá-la.

Elphame controlou cuidadosamente a ponta de medo que aquelas palavras lhe causaram. Sua reação agora selaria o futuro de ambos. Não poderia amá-lo sem confiar nele. Lochlan era sua escolha. Se ele não fosse digno dela, digno de sua confiança, estaria em tamanha agonia agora? Elphame achava que não. Se fosse realmente um demônio, não haveria nenhuma luta para reter sua humanidade — ele abdicaria

sua alma para a escuridão. Ela acreditava nele; precisava acreditar.

— Quando faz amor comigo, tem pensamentos sombrios e violentos? — perguntou Elphame.

— Sim. — A voz dele fálhou. — Não consigo detê-los.

Elphame se pôs de pé, e Lochlan soube com uma sensação sufocante de pesar que ela o abandonaria.

— Então basta que *eu* faça amor com *voce*.

Em vez de se afastar, ela entreabriu a pernas dele e se sentou com uma graça branda e sensual no colo de Lochlan. Elphame o puxou para si com infinita gentileza, beijou-lhe os lábios e acariciou a parte interna das asas, que pulsaram, imediatamente recomeçando a inflar de desejo.

— Elphame, você não sabe...

— Shhh. — Ela pressionou um dedo nos lábios dele, detendo suas palavras enquanto desatava o nó da calça e deixava sua ereção livre.

Ele parou de respirar enquanto ela explorava sua rigidez, mas quando Elphame se ergueu para alojar sua extremidade pulsante em sua umidade, ele só conseguiu cravar as mãos na terra gramada e lutar contra a urgência de afundar os dedos em sua cintura macia e empalá-la.

— Abra os olhos, marido. Olhe para mim.

Ele abriu os olhos para deparar com seu olhar luminoso ao receber sua rigidez dentro de si. E tudo que enxergou foi ela, sua esposa, seu coração — as visões sedentas de sangue se acalmaram quando o calor macio o envolveu e Elphame começou a se mover para cima e para baixo com uma lentidão excruciante.

Ela precisou se estender para recebê-lo, mas depois do choque inicial de senti-lo adentrar seu corpo o desejo que fervia lentamente em seus sonhos e fantasias se inflamou. Aconchegou-se a ele, sentindo a tensão aumentar. Quando Lochlan investiu de encontro a ela, Elphame jogou a cabeça para trás e aumentou o ritmo do corpo. Acima deles, viu que as asas de Lochlan se estendiam completamente eretas. Tapavam o céu e a floresta, fazendo de Lochlan todo o seu mundo. Quando ele gritou seu nome ao deixar sua semente quente dentro dela, Elphame se jogou nele e o abraçou apertado enquanto o próprio corpo explodia num espasmo de alívio.

Ficaram em silêncio enquanto refaziam o caminho até a entrada do túnel. O céu já começava a clarear. Elphame mal podia acreditar que se passara tanto da noite. Parecia que só ficara por um breve momento nos braços dele. Apertou-lhe a mão com mais força. Lochlan sorriu e levou-lhe a palma aos lábios.

— Tem certeza de que não a machuquei? — perguntou ele outra vez.

— Bastante certeza. Agora pare de me perguntar. Não sou uma donzela delicada e melindrosa. — Ela retorceu os lábios. — Aliás, nem sou mais donzela.

— Isso para mim é um verdadeiro milagre. Eu nunca pensei que conseguiria controlar... — Ele se calou, cerrando o maxilar ao lembrar os torrões de grama e terra que arrancara do chão durante o orgasmo. E se suas mãos não estivessem paradas no chão? E se estivessem na curva da cintura, ou no contorno do seio, ou no arco delicado do pescoço?

— Lochlan. — Ela falou o nome dele com nitidez, deliberadamente interrompendo a autoabominação que estava escrita no rosto dele. — Nada de mau aconteceu. — Tocou-lhe a face. — Não pode apenas desfrutar do prazer que compartilhamos?

Ele a puxou para os braços, pousando a testa na dela.

— Perdoe-me, meu coração. É que os demônios estão dentro de mim, então é difícil não estar em

constante batalha contra eles. A verdade é que você me deu grande felicidade esta noite, e eu não deveria permitir que nada manche isso.

— Você não manchou. Nada poderia manchar esta noite.

Lochlan se inclinou para beijá-la, esperando que as palavras dela fossem verdadeiras. Caminharam pela floresta até chegarem ao reboco de terra que disfarçava a entrada do túnel. Os dois amantes pararam diante dela.

— Deixe-me ir com você — pediu Lochlan de repente, emoldurando-lhe o rosto com as mãos. — Estamos unidos, e fiz meu juramento a você. Com certeza poderemos fazer com que vejam que meu amor por você é mais forte que o sangue do meu pai.

Elphame cobriu-lhe as mãos com as suas.

— Então eu simplesmente atiro esse casamento sobre minha família como se não fossem importantes para mim, como se eu não respeitasse o direito de saberem antes que os estranhos? Lochlan, me magoaria terrivelmente se Cuchulainn de repente anunciasse que escolheu uma companheira sem primeiro me revelar o segredo. Compreende que não posso fazer isso?

— Você ama muito sua família. Eu compreendo.

— Não diz respeito apenas a amor. É sobre confiança, respeito e lealdade. E não é nada menos do que jurei oferecer a você.

— Eu sei disso, meu coração. É que só não sei como suportarei ficar afastado de você.

— Chamarei meus pais. Então nós todos pensaremos em como nos explicar para o resto de Partholon.

— A voz de Elphame expressava mais confiança do que ela sentia.

— Quanto tempo?

— Soltarei o pombo-mensageiro hoje. Assim que receber a mensagem, minha mãe com certeza não perderá tempo em vir. Ela ficará animada com meu pedido de que venham para o Castelo MacCallan

— provavelmente anda ressentida por não estar envolvida na decoração, então virá trazendo carroças carregadas de coisas bonitas e brilhantes. — O sorriso de Elphame refletia o amor que sentia pela mãe.

— Serão apenas sete dias, talvez um pouquinho mais. — Ela vasculhou os olhos dele procurando compreensão.

— Esperei anos por você — mais alguns dias é coisa pequena a se pedir.

Elphame o abraçou.

— Tentarei vir todas as noites. Estará aqui, não é?

— Sempre, meu coração — disse ele de encontro aos seus cabelos —, sempre.

Relutantemente, Elphame deixou os braços dele. Não olhou para trás enquanto descia pelo túnel, mas o sentia atrás dela, observando-a deixá-lo. A tocha faiscou e lançou uma débil luz que refletia a tristeza de Elphame. Cansada, ela entrou na câmara e fechou a porta secreta. Ao se enroscar no grosso cobertor, ainda podia sentir o cheiro do marido prolongando-se sobre sua pele como uma efêmera carícia.

Antes que o sono a tomasse, Elphame fez uma sincera oração à Deusa. *Por favor, Epona, ajude-os a ver o homem e não o demônio.*

Vinte e Sete

BRENNA DISSE FIRMEMENTE a si mesma que era perfeitamente natural querer verificar sua nova e incomum paciente tão cedo. Não importava que o cinza que precede o amanhecer só estivesse começando a clarear e que a névoa da noite ainda permeasse o chão do castelo como uma cortina cor de ardósia. A filhote de lobo era jovem e tinha passado por uma experiência terrível. Na verdade, não deveria ter deixado a criaturinha sozinha com Cuchulainn. O que o guerreiro sabia sobre cuidar de algo tão frágil? Por isso seu sono fora tão conturbado. Estava preocupada com a filhote. Não era porque Cuchulainn assombrava sua mente.

A tenda dele estava silenciosa, mas ela podia ver as sombras bruxuleantes estampadas nas laterais de lona por uma vela acesa.

— Cuchulainn? — Brenna hesitou, a mão na aba da tenda.

Nenhuma resposta.

— Olá? Cuchulainn? — chamou um pouco mais alto e pensou ouvir um som abafado em resposta. Ela afastou a aba e entrou na tenda.

Brenna torceu o nariz. A forma volumosa sobre a cama estreita se mexeu, atraindo os olhos de Brenna. Cuchulainn estava deitado de costas, dormindo profundamente com um cobertor jogado ao acaso sobre a parte inferior do corpo. A túnica estava aberta, então a luz da vela captava o escuro pelo castanho-avermelhado que cintilava sobre o peito. A visão intrigou Brenna, o que ela considerou ridículo. Tinha visto o peito nu de homens antes — muitas vezes. Claro que nenhum desses homens era Cuchulainn, e nenhum deles sequer tinha olhado para ela como ele, proclamando abertamente que era na curandeira desfigurada que estava interessado, e não na bela e receptiva cozinheira. O estômago de Brenna se agitou com a lembrança. Então um movimento atraiu seu olhar. A filhote deu um ganido infantil. Estava enrolada no pescoço do guerreiro como se fosse um cachecol imundo. Uma das mãos de Cuchulainn pendia da lateral da cama, a outra repousava sobre o corpo da filhote.

Brenna tentou não sorrir da visão, e fracassou miseravelmente.

Andou na ponta dos pés até a mesa, fazendo cara feia para a bagunça. Panos estavam largados sobre

poças de leite. Ela apanhou um trapo de linho e o cheirou com suspeita, fazendo careta por causa do odor de urina. Teria que voltar mais tarde com escova e balde. Como um homem e uma lobinha conseguiam fazer tamanha bagunça? Brenna pôs as mãos nos quadris, meneou a cabeça e se perguntou se o leite tinha acabado porque ele o dera à filhote ou porque o derramara pela tenda inteira. Relanceou o homem adormecido. Pela tenda inteira e sobre si mesmo, corrigiu mentalmente.

A filhote se remexeu e Brenna suspirou. Pegaria mais leite na cozinha — e mandaria trazerem outro jarro de água com panos limpos. A filhote estava para acordar seu pai adotivo em breve e, como era óbvio que ainda estava bem viva, estaria com fome. Brenna sorriu. O pai adotivo, sem dúvida, estaria com fome também. Ela recolheu alguns dos trapos imundos. Trazer algo para ele comer não seria diferente de trazer leite para a filhote. Ela estava simplesmente cuidando de suas responsabilidades como curandeira do clã. Era apenas lógico que a saúde do irmão da chefe lhe fosse importante. Como se tivessem vontade própria, seus olhos procuraram a cama.

Cuchulainn estava acordado e a observava com um meio-sorriso maroto.

— Bom dia — murmurou ele.

Ela limpou nervosamente as mãos no avental e marchou de propósito até ele, ignorando seu estado sonolento de roupas desgrenhadas, ignorando a singularidade da cor turquesa de seus olhos, ignorando como seu sorriso a fazia ficar tonta e desequilibrada.

— Bom. Agora que está acordado, posso examinar a filhote e...

Segurando-lhe o pulso, ele interrompeu suas palavras: — Deixe Fand dormir — disse baixinho.

Brenna baixou a voz para se equiparar à dele: — Você a batizou de Fand? — Como se respondendo por ele, a filhote enfiou o nariz no pescoço de Cuchulainn e resmungou antes de voltar a dormir.

— Sim, afinal, ela foi a fada esposa de meu lendário homônimo. — Seus olhos se iluminaram. — Depois da noite íntima que ela e eu passamos juntos, achei adequado.

Brenna teve que sorrir para ele. Os dedos de Cuchulainn escorregaram por seu pulso de modo a lhe segurarem a mão.

— Estava sonhando com você — disse Cuchulainn.

— Pare...

Ele continuou tagarelado como se ela não estivesse tentando falar: — Estávamos velhos. Seu cabelo estava todo branco e eu estava curvado e manco. — Ele sorriu. — Você envelhecerá melhor do que eu. Mas isso pouco importa. Estávamos cercados pelos nossos filhos e pelos filhos dos nossos filhos. E brincando entre eles estavam dúzias de filhotes de lobo. — Ele conteve a risada quando Fand rosou. — Fand é uma garota ciumenta — murmurou ele, piscando para Brenna.

— Cuchulainn, por favor, pare de brincar...

Dessa vez, quando a interrompeu, os olhos dele faiscaram e todo o humor zombeteiro tinha sumido de seu rosto expressivo.

— Não diga que estou brincando com você!

Largou a mão dela e gentilmente removeu a filhote adormecida do peito, aninhando-a no travesseiro que ainda estava quente de seu corpo. Quando ficou de pé, recuperou a mão de Brenna e a puxou para fora da tenda. A manhã nevoenta estava escura e quieta, e Cuchulainn manteve a voz baixa para não despertar os trabalhadores que ainda dormiam nas tendas ao redor: — O que fiz para levá-la a acreditar que sou o tipo de homem que tem tão pouca honra para fazer uma donzela de brinquedinho?

— N-na outra noite. A dança... — gaguejou ela.

— Eu me desculpei por isso — disse ele entre dentes trincados de frustração. — Meu comportamento

foi estúpido e insensível, mas *não* é meu comportamento típico. Sou um guerreiro cuja reputação é conhecida por toda Partholon. Quando disseram que não tenho honra?

— Não disseram — afirmou ela depressa. — Sua honra nunca foi questionada.

— Não foi? — explodiu ele. Cuchulainn ergueu as mãos no ar. — Você diz que estou brincando com seus sentimentos, usando você, fingindo que a quero. Como isso não seria questionar minha honra? — Com esforço, ele pôs a voz sob controle: — Não queria gritar com você. Não quero afastá-la de mim. Pela Deusa! No que diz respeito a você, parece que perdi a capacidade de conversa ou pensamento racional. — Ele pôs as mãos sobre os ombros dela e apertou, efetivamente ancorando-a diante dele. — Brenna, eu gostaria de cortejá-la. Oficialmente. Se me disser como entrar em contato com seu pai, pedirei formalmente a permissão dele.

— Meu pai está morto — disse Brenna através de lábios dormentes.

O rosto de Cuchulainn se suavizou.

— A sua mãe, então. Pedirei a ela.

— Ela está morta também. Não tenho família.

Cuchulainn baixou a cabeça quando uma maré de sentimento o engolfou. Que dor terrível devia preencher o passado dela. Não mais, prometeu a si mesmo. Não deixaria nada magoá-la novamente. Quando ele ergueu a cabeça, seus olhos brilhavam com a profundidade de suas emoções.

— Então sua família é nosso clã. A MacCallan e eu já discutimos minhas intenções, e, apesar de acreditar que ela não me ache merecedor de você, estou certo de que me concederá permissão para cortejá-la.

— Elphame sabe? Falou sobre mim com ela?

— Claro. Ela é minha irmã.

— Não! Isso não pode ser... Isso não é possível. — Brenna piscou rapidamente, como se estivesse com problemas para manter o foco.

Cuchulainn podia sentir o corpo dela tremendo sob suas mãos, e de repente teve uma sensação terrível, nauseante por dentro. E se a relutância não fosse por causa das cicatrizes ou da timidez? E se na verdade ela não o quisesse?

— Brenna, eu nunca forçaria meu amor, não se não me desejasse também. Se não me deseja, tudo o que precisa fazer é me falar e eu darei minha palavra, embora isso vá me doer, de que a deixarei em paz.

Ela o encarou.

— Amor? Olhe para mim, Cuchulainn! Estou arruinada. E não termina no meu rosto. — Ela passou a mão pelo pescoço marcado, sobre o seio, e desceu até a cintura, claramente mostrando a ele o amplo caminho de suas cicatrizes.

Movendo-se com cuidado, ele ergueu uma das mãos do ombro dela. Com uma carícia leve como pena, traçou o caminho que a mão dela acabara de fazer. Lentamente, tocou as cicatrizes enrugadas que lhe cobriam o lado direito do rosto. Como ela não fez qualquer movimento para detê-lo, Cuchulainn deixou as pontas dos dedos descerem por seu pescoço, deslizando suavemente pelo tecido que cobria o seio e, finalmente, parar na curva de seu quadril.

— Como pode pensar que não é desejável? Quando olho para você, vejo a primeira mulher que já fez amizade com minha irmã. Vejo a curandeira, que tem o coração de um guerreiro. E vejo a delicada beleza de uma donzela que preenche meus devaneios com desejo e meus sonhos com visões de nosso futuro.

— Cuchulainn, já houve tantas perdas na minha vida. Não sei se posso arriscar mais.

— É por isso? — O alívio inundou Cuchulainn. — Não é porque não me quer?

— Eu quero você.

A voz não era o de uma donzela tímida. Mais uma vez, ela era a curandeira. Suas palavras eram fortes e seguras. Cuchulainn sorriu e começou a puxá-la para seus braços, mas sua ordem o deteve imediatamente: — Não, não terminei. Admito que o quero, mas não sei se estou disposta a deixar que você entre no meu coração. Se eu deixar, e depois perdê-lo, temo que seria uma ferida da qual talvez nunca vá me recuperar.

A mente dele trabalhava em pânico. O que podia dizer? O que podia fazer para tranquilizá-la? Respirando fundo, ele manteve as mãos abertas.

— Só posso prometer minha palavra. Se não confiar que será suficiente, então nada do que eu fizer ou disser seria bastante para garanti-la do meu amor. Você deve escolher acreditar em mim, Brenna.

Ela estudou o guerreiro. Era sua escolha — será que era forte o bastante para fazê-la? Seus olhos se arregalaram. Aquela era realmente a resposta; a única coisa na qual sem dúvida sabia poder confiar era em sua força. Ela tinha sido testada pelo fogo e tinha triunfado.

— Escolho acreditar em você, Cuchulainn — disse lenta e distintamente. E depois sorriu seu sorriso torto diante de seu ar espantado.

Cuchulainn berrou e a ergueu nos braços.

— Garantirei que nunca me perca.

Ele a pôs de pé, mas manteve os braços em volta dela. Era tão indescritivelmente bom ficar ali, segurando o corpo dela no seu. Nenhuma mulher jamais parecera tão certa em seus braços. Nem a tinha beijado ainda, mas Brenna já tinha lhe oferecido mais do que qualquer outra das belas mulheres com quem esbanjara tanto do seu tempo.

Quando sentiu os ombros dela tremendo, pensou que seu coração fosse se partir. Será que ela não acreditava nele? Não podia ver que ele nunca a magoaria?

— O que foi, amor? — Ele se afastou apenas o bastante para poder ver o rosto dela, e ficou surpreso por ver seus olhos brilhando com a risada que silenciosamente lhe sacudia o corpo.

— Ah, Cuchulainn — disse ela em meio a risadinhas. — Você cheira a urina de cachorro e leite velho.

Cuchulainn fez cara feia, com fingida severidade.

— Fand não é cachorro. É uma loba.

Como se para apoiar suas palavras, de lá de dentro da tenda veio um choramingo que quase instantaneamente se transformou numa versão infantil do uivo desolado de um lobo.

— Mencionei que terá que me dividir com Fand? — disse Cuchulainn.

O uivo lastimável aumentou em volume.

— Vou pegar mais leite. — Brenna já estava se afastando, mas Cuchulainn não estava pronto para largar os ombros dela.

— Vai voltar?

Ela olhou dentro dos olhos que eternamente lhe recordariam o altar de Epona e a magia das segundas chances.

— Sim, Cuchulainn. Vou voltar.

Ele tirou as mãos dos ombros para que ela pudesse ir, mas Brenna sentiu que ele a observava enquanto desaparecia na neblina do começo de manhã.

— Volte logo! — gritou ele, a urgência em sua voz pontuada pelos uivos lamentáveis ecoando da

tenda.

O castelo estava quieto, mas quando Brenna atravessou apressada o Grande Salão até a entrada para a cozinha, foi rapidamente cercada pelos sons e aromas de um castelo despertando. A cozinha era um centro de atividade e cheirava deliciosamente a pão fresquinho. Tentando ficar fora do caminho, a própria Brenna pegou um jarro do armário bem arrumado e o afundou num barril de leite fresco.

— Bom dia, curandeira — disse Wynne. Várias das suas assistentes assentiram cumprimentos amigáveis.

— Bom... Bom dia — disse Brenna um pouco ofegante. Não tinha se esquecido da beleza de Wynne, mas ao vê-la ali, com o cabelo ardente puxado numa massa de cachos que se derramavam ao redor do rosto perfeito, o coração de Brenna vacilou.

Como Cuchulainn podia preferi-la a essa mulher vivaz?

— Está pegando leite para a ferinha do guerreiro?

— Sim. — Brenna disse a palavra com brusquidão. Não pretendia falar de maneira tão agressiva, mas a lembrança do corpo de Wynne pressionado ao de Cuchulainn enquanto se moviam juntos ao ritmo do tambor subitamente a deixou enjoada e incerta. E, pior, podia sentir o olhar sagaz da cozinheira estudando-a intencionalmente.

— Há pão fresco e um bom pedaço de queijo se os dois quiserem fazer o desjejum depois de alimentar a criaturinha.

— Obrigada, colocarei na bandeja — disse Brenna às pressas, querendo apenas sair da cozinha. As assistentes de Wynne, as mesmas mulheres que estavam na horta no dia anterior, tinham parado seu serviço para observar a conversa das duas.

— Ajudo você — disse Wynne, subitamente aparecendo ao lado de Brenna. Com movimentos precisos e diligentes, a cozinheira encheu uma cesta com um pão ainda quente, um pedaço de aromático queijo amarelo e várias fatias de carne fria. Colocou tudo isso sobre a bandeja de Brenna depois de vasculhar a despensa e acrescentar um odre à refeição.

Surpresa, Brenna ergueu a cabeça e olhou diretamente para a bela cozinheira, que a observava com grandes olhos esmeralda.

— Desejo-lhe felicidades, Brenna. O guerreiro escolheu bem.

Brenna corou com prazer inesperado. Abobalhada, não conseguiu mais do que sorrir e murmurar “Obrigada”.

Wynne piscou para ela.

— As mulheres devem cuidar umas das outras. Da próxima vez em que eu tiver febre, estarei esperando que uma das suas lendárias poções repulsivas me coloque inteira novamente. Agora, vá e coma bastante porque, Brenna, menina, você vai precisar de suas forças.

Sorrindo e corando, Brenna carregou sua bandeja abarrotada da cozinha, apanhando alguns panos limpos de uma cesta perto da porta enquanto as mulheres riam e gritavam alguns encorajamentos desbocados.

Nunca na vida pensaria que isso fosse possível. Elas a aceitavam. Elas a incluíam. E Cuchulainn a desejava. A alegria que comovia seu peito era a de um passarinho recém-emplumado começando a abrir as asas e voar do lugar secreto em seu coração.

Cuchulainn deu-lhe um sorriso cansado quando ela entrou na tenda.

— Fand está com fome — disse ele, fazendo careta enquanto a filhote sugava seu dedo e resmungava descontente por não receber nada por seus esforços.

— Se está bem o bastante para se zangar com você, acho que posso dizer com segurança que ela vai sobreviver.

Brenna encheu a teta enquanto Cuchulainn lutava com a esquiva bola de pelo. Quando a filhote atacou a bola de tecido cheia de leite, Brenna de repente desejou ter uma ferida para cuidar ou um braço para consertar.

— Não quer sentar comigo, Brenna? — Cuchulainn apontou com a cabeça para um espaço ao lado dele na cama estreita.

Brenna se sentou, apertando as mãos para esconder o tremor. Por algum tempo o único som na tenda era Fand, mamando ruidosamente e dando pequenos resmungos infantis. Brenna observou a filhote, notando a maneira gentil como a mão de Cuchulainn a segurava. De vez em quando ele acariciava a filhote e murmurava palavras de encorajamento.

— Sou apenas eu, sabia? — disse Cuchulainn, usando com Brenna o mesmo tom de voz tranquilizador que usava com a lobinha.

— Apenas você? — ela repetiu, sentindo-se incrivelmente estúpida.

— Sim. O mesmo a quem deu ordens na noite em que El se machucou. O mesmo cujo rosto você consegue ler no instante em que algo dá errado com alguém do nosso clã. O mesmo que trabalhou lado a lado com você para deixar nosso lar vivo novamente. — Ele sorriu e girou o corpo, de modo que seus ombros e as laterais das pernas se tocassem. — Vou contar um segredo. Apesar dos meus modos libertinos, você, minha doce curandeira, quase me deixa sem fala de medo.

Sem acreditar, Brenna meneou a cabeça.

— Isso não faz sentido.

— Contei-lhe um segredo — de fato, um bem embaraçoso. Agora é a sua vez.

Ela o fitou. Sua mente lógica berrava para que se protegesse — para que não se abrisse para ele — não dissesse nada. Mas os olhos dele estavam fixos nos dela, cálidos e ansiosos, e a esperança que se guarneecera de penas dentro de seu peito se agitou novamente, afastando o medo.

— Seus olhos são da mesma cor de dois presentes que Epona me deu. — Sua voz soava macia e um pouquinho insegura, mas ela susteve o olhar dele e não encobriu o rosto com o cabelo.

— Presentes de Epona? Que presentes?

— Uma turquesa e a pena da asa de um pássaro. — Falar em voz alta subitamente fez isso parecer trivial e ela pôde sentir o rosto esquentar de vergonha, mas Cuchulainn nem riu nem a provocou.

— Você me mostra um dia?

Brenna assentiu. Como uma simples pergunta podia deixá-la tão feliz?

A filhote finalmente deixou de mamar tão ferozmente. Cuchulainn olhou para ela.

— Por favor, me diga que é seguro lavar esta fera agora.

Brenna olhou para Fand. Estava enroscada em Cuchulainn, a barriga bem distendida, leite gotejando do canto da boca. Então seu olhar buscou Cuchulainn. Seus cabelos estavam uma bagunça emaranhada e havia sono no canto de seus olhos. A camisa de linho estava desatada e mostrava que uma grande extensão do peito estava manchada e encrustada de leite e sujeira da filhote, assim como o *kilt* enrolado precariamente ao redor dele. Guerreiro e filhote precisavam desesperadamente de um banho.

— Como sua curandeira, posso dizer com grande certeza que pode dar banho em Fand. — Ela torceu o nariz para os dois.

Cuchulainn ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo que eu às vezes pareça um idiota atrapalhado em sua presença, até eu posso dizer que

minha intenção declarada de cortejá-la teria mais chance de sucesso se eu não fodesse a urina de lobo. Você concorda?

O estômago de Brenna deu uma pequena reviravolta.

— Sim.

— Ótimo! — disse ele, ficando de pé tão de repente que Fand deu um ganido irritado. Cuchulainn silenciou a filhote enfiando-a aconchegantemente dentro da camisa. — Trouxe comida? — Ele viu a cesta e o vinho. — Excelente. — Então se virou e vasculhou o baú junto ao pé da cama, do qual logo tirou um *kilt* limpo e camisa. Satisfeito, pegou a cesta de comida e jogou os panos limpos sobre ela. Depois estendeu a mão livre para Brenna, que apenas observava.

— Bom, você precisa vir conosco — disse ele. — É cedo demais para perturbar minha irmã. Por mais que eu goste de atormentá-la, nada deixa El mais mal-humorada do que interromper seu sono. E quero que ela esteja de bom humor mais tarde, quando pedir formalmente permissão para cortejá-la — então usar o quarto de banho está fora de questão. Fand e eu poderíamos tomar banho numa bacia. — Ele espiou a filhote imunda aninhada contra sua pele. — Mas na verdade acho que não seria suficiente. — Distraído, coçou a cabeça e murmurou: — Espero que a fera não tenha me dado pulgas. — Então o rosto dele se abriu num sorriso maroto. — Então simplesmente terá que me mostrar o caminho para a piscina que você, Brighid e El usaram.

Brenna o encarou, sem saber o que dizer. Apesar de toda sua manifesta força, podia sentir o medo de aproveitar essa chance maravilhosa, surpreendente, brigando com seu desejo pelo guerreiro.

Cuchulainn cobriu o curto espaço entre eles e tomou-lhe a mão, colocando-a de pé.

— Prefere não ficar sozinha comigo, Brenna?

Brenna engoliu em seco e ouviu-se dizendo a verdade: — Estou com medo.

Ele levou a mão dela ao rosto e a manteve contra a face enquanto olhava firmemente nos olhos dela.

— Eu também, amor.

A honestidade da resposta tornou a decisão dela infinitamente mais fácil. Brenna deixou a respiração escapar num sopro.

— Então vamos sentir medo juntos.

Vinte e Oito

A NÉVOA AINDA estava grossa e Brenna estava preocupada em não ser capaz de encontrar a piscina, mas quando a estrada se curvou tão perto do pinheiro de forma estranha soube instantaneamente que aquele era o lugar em que ela e as amigas tinham entrado na floresta. E, para confirmar, a apenas alguns passos ela pôde ouvir o som musical da água caindo na queda de três faixas feita de rochas alisadas pelo tempo.

O nevoeiro estava mais grosso ao redor da piscina, e parecia a Brenna que Epona tinha convenientemente os velado de olhos curiosos do mundo.

— Parece frio — disse Cuchulainn.

Fand tinha se contorcido até a cabeça sair da abertura da camisa do guerreiro e olhava ao redor com olhos brilhantes, farejando o ar e dando ganidos infantis.

— Lembro que foi refrescante. — Brenna sorriu para ele. Às vezes Cuchulainn soava exatamente como a irmã.

— Hrumph — resmungou ele. Resoluto, deixou a cesta cheia de comida numa rocha próxima e depois tirou a filhote da camisa. — Bom, quanto antes eu terminar isso, mais cedo poderei comer. — Entregou Fand para a surpresa Brenna, que segurou a filhote que esperneava e rosnava com um pouco de incerteza.

— Cuchulainn, acho mesmo que seria melhor você dar banho nela. Ela se sente mais confortável com você.

Cuchulainn assentiu enquanto desenrolava o *kilt*.

— Apenas a segure para mim enquanto tiro a roupa.

Tirar a roupa... A frase ecoou pela mente de Brenna fazendo seus pensamentos se agitarem como pássaros em disparada. *Bom, o que você pensava, Brenna?*, disse a parte racional de seu cérebro. *Que ele fosse tomar banho completamente vestido?* Sinceramente, ela não tinha pensado nisso até o momento. Até ele desenrolar o *kilt*, tirar os sapatos de couro e...

... Parar, antes de tirar a camisa que o cobria até as coxas — a única coisa que ainda o cobria. Ele a

observava com um meio-sorrisinho provocador nos lábios.

— Se minha nudez a deixa desconfortável, pode fechar os olhos. Pego Fand e depois aviso quando estiver na água para que seja seguro que abra os olhos.

— Me deixa desconfortável — admitiu Brenna. — Mas não quero fechar meus olhos.

O sorriso de resposta de Cuchulainn estava impregnado do charme libertino pelo qual o guerreiro era tão bem conhecido. Ainda estava sorrindo quando puxou a camisa pela cabeça e, nu, recuperou a filhote e mergulhou com respingos ruidosos e pragas na piscina.

Ela ficou lá parada e o observou, pensando que a visão das costas largas e nuas e das nádegas firmes talvez ficasse marcada para sempre em seus olhos.

— Brenna! — chamou ele, sobrepondo-se aos protestos choramingados de Fand por ser submersa em água fria. — Pode esmagar um pouco dessa pedra-sabão? Só água — não importa quão fria — não vai lavar toda essa imundície.

Brenna assentiu e ficou ocupada procurando uma rocha do tamanho de um punho que pudesse usar para quebrar a pedra mole que se espalhava pela margem da piscina. Claro que quase esmagou vários dedos junto com a pedra-sabão porque não conseguia evitar que seus olhos vagassem para a piscina.

— Está pronto — disse ela, tentando soar indiferente quanto a esmagar sabão para um guerreiro nu que tinha acabado de declarar sua intenção de cortejá-la para ser sua amante.

Ele veio chapinhando até ela, expondo cada vez mais do corpo a cada passada. Brenna acomodou a pedra-sabão na concha que as mãos unidas faziam e tentou não deixar os olhos vagarem baixo pelo corpo emergente — sem sucesso. Sorrindo, Cuchulainn ficou parado diante dela. A água só o cobria até os joelhos. Ele abarcava a filhote ensopada nos braços, tremendo e parecendo um pouco azulado ao redor dos lábios, mas seu sorriso era caloroso, travesso e enternecedor. Ele se inclinou na direção dela.

— Minhas mãos estão cheias. Pode me ajudar, amor? — perguntou, olhos brilhando.

Sentindo como se estivesse se movendo num sonho deliciosamente malicioso, Brenna salpicou uma boa quantidade de pedra-sabão na filhote reclamona. Cuchulainn começou a transformar o pó em bolhas, mas os olhos de Brenna não conseguiam ficar na filhote. Continuavam retornando ao corpo nu do guerreiro que estava tão perto dela. Antes que a parte lógica da mente, que ditara seu comportamento tão racional e responsável pela última década, pudesse interferir, Brenna estendeu a mão e pulverizou pedra-sabão sobre o peito e os ombros dele. Com movimentos suaves e hesitantes, se concentrou em esfregar o sabão pelo peito, contornando a filhote esperneante. Cuchulainn não se moveu, exceto para ajeitar Fand em seus braços para que Brenna tivesse acesso melhor ao seu corpo.

Brenna, enfim, buscou os olhos dele.

— Poderia se juntar a mim, amor. Não seria tão frio, com a água cobrindo nós dois e o calor da sua pele nua junto à minha.

Ela queria, queria muito. Mas quando pensou em expor seu corpo danificado perto do dele — aquela expansão de músculos que era coberta pela perfeita pele dourada — seu coração subiu à garganta, deixando o sabor do medo denso em sua boca.

— Não posso — murmurou ela, rezando para que Cuchulainn não lhe desse as costas e a rejeitasse como covarde.

— Em outra hora então, amor. Em outra hora. E teremos muito tempo — disse ele com uma certeza gentil. — Até lá é melhor ensaboar meu cabelo também. Pulgas são desconfortáveis para casais fazendo a corte. — Ele ficou de joelhos para que Brenna pudesse juntar mais pedra-sabão e esfregá-la nos cabelos espessos.

Lavou-lhe o cabelo, enquanto ele esfregava, reprovava e persuadia a filhote que choramingava e esperneava, ralhando de sua falta de modos e gratidão. Brenna ria da brincadeira deles e tentava manter as bolhas granulosas longe dos olhos de Cuchulainn, ao mesmo tempo que tentava se manter seca.

Não conseguia se lembrar de já ter sentido tanta felicidade.

— Hora de enxaguar, minha menina — disse Cuchulainn à filhote, e, prendendo a loba rosnante ao peito nu, ele ficou de pé, piscou para Brenna em meio às bolhas de sabão e com um grito mergulhou no meio da piscina fria.

Brenna balançava a cabeça à medida que eles submergiam, fazendo estardalhaço, depois saíam e começavam a se secar. Tudo que o guerreiro fazia era extremamente significativo. Uma aura acompanhava Cuchulainn — uma aura cheia de poder e da promessa da capacidade de alcançar o impossível. E Brenna estava começando a acreditar nisso, que o impossível tinha acontecido. Seu desejo mais profundo e secreto fora atendido. Cuchulainn a escolhera.

— Estou faminto — disse ele, arrumando um dos panos secos sobre o chão da floresta. Pegando a cesta, acenou para que Brenna se juntasse a ele.

— Fique com sua loba do reino das fadas. Eu me encarrego da comida. — Ela devolveu a filhote a Cuchulainn, que fez careta, mas a enfiou — com toalha úmida e tudo — dentro da túnica limpa.

Brenna o olhou de esguelha, observando-o tentar posicionar a filhote confortavelmente enquanto ela descarregava a comida. Em sua melhor voz de curandeira, disse: — Agora sabe um pouquinho como uma mulher se sente quando está carregando um filho dentro do corpo por todas as longas fases da lua.

Cuchulainn tombou deitado de lado, finalmente conseguindo ajeitar a filhote para que parasse de espernear inquieta e se acomodasse sonolenta junto a ele. Depois voltou toda a sua atenção a Brenna.

— Um filho, hã? Quer falar de ter filhos tão cedo? — Ele coçou o queixo como se considerasse a ideia. — Mamãe certamente ficará satisfeita.

Brenna parou no meio do ato de lhe passar um pedaço de pão e um corte de queijo. Sentiu o rosto inflamar de calor e soube que o rubor do lado perfeito do rosto só atraía mais atenção para suas feias cicatrizes. Por hábito, baixou a cabeça, deixando o cabelo encobrir a vergonha.

— Não, Brenna! — Cuchulainn inclinou-se à frente, pôs um dedo sob o queixo dela e gentilmente ergueu seu rosto. — Não se esconda de mim.

— Não foi o que eu quis dizer. Eu... Eu só estava... — As palavras sumiram ao encontrarem o firme olhar dele. Ela respirou fundo e preferiu novamente contar-lhe a verdade: — Sou feia quando ruborizo. Não queria que me visse.

E então Cuchulainn fez algo totalmente inesperado. Não falou banalidades para tentar encobrir a estranheza do momento ou repudiar seus sentimentos. Simplesmente se inclinou e roçou os lábios nos dela. O beijo foi gentil, mas Cuchulainn deslizou a mão do queixo dela até a nuca e manteve-lhe a boca presa para poder aprofundar lentamente o beijo. Brenna não pensou no fato de a mão dele estar pousada em seu lado desfigurado do pescoço; não pensou no quão furiosamente ruborizada deveria estar; não pensou no desejo dele por ela ser impossível. Apenas fechou os olhos e apoiou-se nele. Quando finalmente se separaram, ambos um pouquinho sem fôlego, Cuchulainn a fitava com olhos cheios de luxúria.

— Gosto do seu rubor. — Sua voz estava rouca. — Me lembra que não sou o único aqui que está nervoso.

— Não é — disse ela, engolindo uma frívola vontade de rir.

— Me promete uma coisa, Brenna?

Ela assentiu, pensando que havia pouca coisa que pudesse negar àquele homem.

— Prometa que não vai me dar as costas, nem se esconder de mim de novo. Prometa que confiará que não a magoarei.

Brenna olhou fundo naqueles olhos mágicos. Seus próprios olhos se arregalaram com surpresa ao compreender o que vislumbrou ali — vulnerabilidade. *Ela* podia magoá-lo com sua resposta. Cuchulainn nunca tinha desnudado o coração para nenhuma mulher antes como estava se desnudando para ela agora.

— Não vai ser fácil, mas prometo que não darei as costas ou me esconderei de você novamente.

— Obrigado, Brenna, pelo presente de sua confiança. Não farei mau uso disso. — Ele beijou a face desfigurada enquanto ela permanecia bem parada. E depois, como se beijá-la fosse algo que fizesse todo dia, Cuchulainn sorriu e pegou o pão e o queijo de sua mão passiva. — Preciso comer. Tenho que enfrentar minha irmã logo. Melhor fazer isso de estômago cheio.

Brenna pegou carne fatiada da cesta e a dispôs sobre outro pedaço de pão e queijo.

— Ah — acrescentou ele com um pouco de timidez. — Para que você saiba logo. Chamarei meus pais para que venham conhecê-la também. Talvez seja melhor passar logo por isso. — Ele jogou a cabeça sobre o ombro na direção da piscina de água fria. — Não vai ser muito pior que mergulhar ali.

O coração de Brenna disparou.

— Conheci seu pai. Ele é um grande xamã.

— Isso ele é — disse Cuchulainn em meio a grandes mordidas.

— Mas nunca conheci a Amada de Epona. Ouvi falar que ela é muito bonita.

— É quase tão bonita quanto a jovem curandeira com quem pretendo me casar.

— Ooh! — O ar saiu dos pulmões de Brenna, que teve uma estonteante sensação de deleite misturada a um nauseante aperto no estômago.

Cuchulainn sorriu.

— Não se preocupe, amor. Minha mãe está tentando me ver casado há anos. Ela vai te amar. — Depois, preocupado com o quanto Brenna tinha ficado pálida de repente, ficou sério e se inclinou para sussurrar de encontro aos seus lábios: — E essa é minha promessa para você.

A névoa da manhã não mostrava nenhum sinal de se dissipar conforme Cuchulainn e Brenna seguiam a estrada de volta para o castelo. Caminhavam lentamente, de mãos dadas e deixando os braços roçarem intimamente um no outro. Brenna pensou que o cinza do dia era mágico. Parecia que o portão para o reino espiritual fora deixado entreaberto para ela, que mudara facilmente de um mundo para outro, levando Cuchulainn consigo. Em vez de achar isso assustador, a ideia de que o reino espiritual a abraçava era de alguma forma confortadora. Ela estava tão contente que não notou quando Cuchulainn estreitou os olhos e começou a espiar com suspeita a floresta encoberta pelo nevoeiro.

Uma vaga e desconhecida sensação de inquietação incomodava a mente de Cuchulainn, e ele odiava isso. Será que o maldito fardo sobrenatural não o deixaria em paz? Elphame estava a salvo no castelo. Brenna caminhava alegremente a seu lado. A floresta não guardava nada mais maligno que um ocasional javali mal-humorado. Porém, de repente ele teve uma arrepiante sensação de premonição — e o pressentimento emanava da floresta, muito semelhante à premonição que tivera antes do acidente de Elphame. Talvez a irmã estivesse contemplando outra corrida. Se fosse o caso, simplesmente a manteria longe disso. Ela podia ser chamada à razão — ocasionalmente — e o acidente ainda era recente demais para que ela se metesse em exercícios exaustivos.

Um pensamento lhe passou pela mente, tão breve que sua mente mal reconheceu. Sussurrou um lembrete do que acontecia quando os humanos rejeitavam dons ofertados pelos deuses.

Brenna riu quando fizeram a curva na estrada e assustaram um esquilo, que pulou e depois ralhou ruidosamente.

— Oh, coisinha tola! Não machucaremos você — disse Brenna.

Era isso o que ele estava sendo, pensou Cuchulainn com desgosto, um esquilo permitindo que medos sem sentido o governassem. Obrigou os ombros a relaxarem e voltou a concentrar sua atenção na mulher adorável que caminhava tão feliz ao seu lado. Ela era seu futuro, não um pressentimento sem nome ou rosto. Ele escolhera viver com os pés plantados firmemente na realidade — deixaria a magia e o reino dos espíritos para a irmã.

Vinte e Nove

ELPHAME CRUZOU O pátio principal, dando bom dia em resposta aos trabalhadores que a cumprimentavam. Parou junto à fonte que ressoava alegremente. Precisaria lembrar-se de encarregar Danann de esculpir um banco de pedra para que pudesse se sentar e desfrutar da beleza bem ali, no coração do castelo. A manhã cinzenta lançava uma luz relutante através do telhado inacabado, mas não podia turvar o brilho que cintilava dentro dela. O sorriso refletia sua alegria secreta, e nem notou que vários homens que estavam a caminho do salão principal para o desjejum perderam o fio da conversa para fitar, boquiabertos, sua beleza radiante. Elphame traçou os dedos pela água da fonte, lembrando no tanto de tempo que precisou ficar imersa em sua piscina naquela manhã para se livrar do desconforto que persistia da noite de amor.

Lochlan... Queria gritar alto o nome dele e contar a toda Partholon que ela amava e era amada também. Que tinha realmente acontecido — Epona lhe criara um consorte; não teria que viver a vida como uma criatura solitária, preenchendo os dias com o reflexo do amor das outras pessoas.

O clã MacCallan tinha que aceitá-lo como seu companheiro. E se não aceitassem? Estaria disposta a desistir de sua posição como chefe e retornar aos Ermos com seu amante? A ideia provocou um calafrio em seu sangue. Com um suspiro, sentou-se na beira da bacia da fonte e fitou a garota de mármore com quem se parecia tanto.

— O que faria se estivesse dividida entre dois mundos? — sussurrou.

— Minha irmã!

A voz retumbante de Cuchulainn assustou El, mas a cara feia que dirigiu ao irmão logo se transformou num grande sorriso ao ver que Brenna caminhava ao lado dele, a mão na dele. O cabelo de Cuchulainn parecia úmido e havia um calombo do tamanho de um filhote dentro de sua túnica.

— Bom dia, Elphame — disse Brenna.

El podia dizer pelo rubor que escurecia o lado limpo do rosto da curandeira que suas emoções corriam soltas — podia bem imaginar como lhe devia ser assustador. Muito a exemplo de Elphame, Brenna nunca esperara encontrar amor, e quando o encontrou, ele veio do lugar mais incomum. Era —

para dizer o mínimo — uma reviravolta à qual se levava tempo para acostumar.

— Bom dia, Brenna — disse calorosamente. Então seus olhos cintilaram de humor. — É bom vê-la, mesmo que tenha passado seu tempo com indivíduos questionáveis e animais selvagens.

— Fale sério, El — disse Cuchulainn. — Ela vai pensar que está falando a verdade.

Elphame sorriu para Brenna.

— Estou falando a verdade.

Brenna sorriu de volta, e o rosto perdeu um pouco da cor nervosa.

Cuchulainn pigarreou e depois, para surpresa da irmã, largou a mão de Brenna e cobriu rapidamente o espaço entre eles para ficar num dos joelhos diante dela. Elphame ergueu uma das sobrancelhas, mas, notando sua expressão séria, não disse nada, esperando a próxima atitude.

— Elphame, venho pedir formalmente sua permissão como chefe do clã MacCallan para cortejar sua curandeira, Brenna. Deve saber que faço isso com a honrada intenção de casamento.

Elphame queria gritar de júbilo e abraçar o irmão, mas não desonraria a solenidade do pedido, nem demonstraria desrespeito à amiga parada aguardando muito silenciosa pela resposta que provaria se seria aceita ou rejeitada, de uma vez por todas. O olhar de Elphame buscou o de Brenna.

— Não tem mãe ou pai vivos a quem Cuchulainn possa fazer seu pedido?

— Não. Eu era a filha única de meus pais. Eles estão mortos há uma década.

— Então é adequado que como A MacCallan eu assumo o lugar deles. Brenna, está disposta a aceitar o pedido de Cuchulainn? E, antes que responda, saiba que a apoiarei, não importa a sua escolha. — Não precisava olhar para o irmão para sentir sua cara feia.

Os olhos de corça de Brenna trocaram a chefe pelo guerreiro ajoelhado diante dela. Cuchulainn não se virou para fitá-la, apenas manteve os olhos fixos na irmã. Podia ver a tensão nos ombros largos e percebeu que a tensão era porque estava realmente preocupado com sua resposta. O conhecimento de que ele não a admitia como certa encheu seu coração, e Brenna teve que piscar às pressas para impedir que as lágrimas caíssem. Cuchulainn a escolhera acima de todas as mulheres, e agora estava esperando ouvir se ela o aceitaria.

— Sim — disse ela numa voz clara e forte. — Aceito o pedido de Cuchulainn, de todo o coração.

— Então, como sua chefe, concedo a você, Cuchulainn, permissão para cortejar Brenna. E como sua irmã, quero que saiba que sua escolha me deixou muito feliz. — Por impulso, Elphame ergueu as mãos e inclinou o rosto para a luz da manhã brumosa que gotejava acima deles. — Peço a bênção de Epona para essa união.

No momento em que invocou o nome da Deusa, ela sentiu o calor do poder formigar por seu corpo e o céu da manhã nebulosa de repente ficou borrado. Pelo espaço de tempo necessário para se inspirar, tudo pareceu suspenso. Naquele momento congelado, Elphame sentiu uma grande torrente de tristeza e ouviu o som de choro.

Ela piscou e a ilusão se foi, deixando apenas uma sensação de perda e um arrepio no sangue. Cuchulainn a observava com uma expressão estranha, e Elphame logo encobriu seu desconforto dando tapinhas no ombro do irmão.

— Levante-se, Cuchulainn, fez boa escolha.

Os membros do clã que tinham parado para observar irromperam em vivas espontâneos. Logo os três estavam cercados por uma multidão de congratulantes, e Elphame achou fácil se livrar da sensação misteriosa que a visão fugaz lhe deixara.

— El, sabe o que significa? — Cuchulainn pôs um braço ao redor de Brenna e prendeu o outro ao da

irmã. — Podíamos muito bem chamar mamãe. Se ela souber por outros meios, nunca nos deixará em paz.

Elphame sorriu da ironia das palavras do irmão.

— Sim, vamos chamar mamãe. Eu estava mesmo pensando que já era hora de ela vir nos visitar.

Elphame estava sozinha na Torre do Chefe. Dessa vez não olhou pelo balcão que dava para a floresta, preferindo se encostar ao batente de uma das longas e estreitas janelas que davam para o mar de B'an. O dia não tinha clareado; só tinha limpado o bastante para permitir que o céu servisse de pano de fundo brilhante para iluminar a tempestade que estava avançando do oeste. Imensas e onduladas nuvens grávidas de chuva estavam sendo sopradas para cada vez mais perto da costa. Elphame e Cuchulainn tinham ordenado ao clã que reconferissem a ancoragem das tendas e até tinham transferido várias delas para dentro dos muros do castelo. O trabalho de restauração parou enquanto eles se preparavam para a tempestade de primavera.

Relâmpagos cruzaram o céu, depois desceram para cortar a água distante. Isso lembrou Elphame de outra noite cheia de chuva, trovão e dor — assim como do milagre de seu primeiro encontro com Lochlan. Sabia que devia amaldiçoar a tempestade por retardar o trabalho no castelo, mas não podia negar a animação que parecia aumentar dentro dela a cada estrondo de trovão e lampejo de relâmpago. Iria até ele, e só teria que esperar o céu se abrir numa chuva acobertadora para isso. Não fora difícil assegurar privacidade, embora sentisse uma pontada de culpa por ter dito a Brenna que a dor de cabeça retornara. A curandeira assegurara que era a mudança de tempo irritando o ferimento recém-curado e gentilmente preparara um chá para ajudá-la a dormir profundamente ao longo da noite. Elphame, claro, não tocara no chá. Brenna não a verificaria até a manhã, o olhar ardente e as palavras sussurradas de Cuchulainn deixaram claro que os dois novos amantes estariam muito ocupados ao longo da noite.

Não mais do que sete dias, lembrou a si mesma. Só teria que manter a farsa por mais alguns poucos dias. Então revelaria seu segredo e confiaria que a família o aceitaria, como a aceitaram por toda a vida.

— *Não acha que a torre é um bom lugar para pensar, menina?*

Dessa vez o sobressalto de surpresa com a aparição do velho espírito só durou um momento, e Elphame percebeu que devia estar esperando pela companhia dele.

— Sim, acho que sim. Vinha aqui com frequência?

Ele assentiu e ergueu uma sobrançelha semitransparente.

— *Sim, sempre vim. Especialmente quando eu tinha um problema que não me deixava em paz.*

— Sempre quis ser O MacCallan?

As duas sobrançelhas se ergueram enquanto ele a estudava, considerando a pergunta.

— *Sim, sempre quis.*

— Você... — Ela fez uma pausa, e virou-se da vista do mar turbulento para fitá-lo nos olhos. — Você alguma vez sentiu vontade de fugir?

— *Sim, menina.* — Seu sorriso estava cheio de compreensão.

— Mas não fugiu.

Os olhos dele cintilaram.

— *E nem você fugirá. Ser A MacCallan está no seu sangue. Não pode rejeitar seu destino, tanto quanto eu não pude escapar do meu.* — Ele se aproximou dela e pôs uma mão gelada com gentileza sobre seu ombro. — *Seria bom que se lembrasse disso, menina. O destino pode ser uma dama cruel. Traz grande tristeza e também grande alegria.*

A breve visão que experimentara mais cedo de repente veio à tona de sua memória, e Elphame sentiu o calafrio no sangue retornar.

— Hoje Cuchulainn declarou sua intenção de cortejar e casar com Brenna, e ela o aceitou.

O velho espírito assentiu pensativamente, mas continuou em silêncio.

Elphame respirou fundo, tentando decidir se realmente queria saber mais alguma coisa. Estava apaixonada; Cuchulainn estava apaixonado. Não seria mais fácil se apenas se deixasse levar pela maré de felicidade mútua, ao menos por mais alguns dias? Deixou escapar o ar que tinha inspirado. Já sabia a resposta da pergunta — ela ressoava por seu sangue. Elphame não podia escolher a ignorância, mesmo que fosse enganadoramente jubilosa.

— Invoquei a bênção de Epona para a união deles, e quando o fiz, experimentei uma ilusão estranha.

— *Estranha?*

Ela engoliu em seco.

— Estranha e perturbadora. Ouvi choro e fui tomada por grande tristeza. Então tudo desapareceu tão rápido quanto surgiu.

O espírito tirou a mão do ombro dela e transferiu o olhar de modo a fitar o mar de B'an.

— *Mais ninguém viu o sinal?*

Entorpecida, Elphame meneou a cabeça.

— Ninguém pareceu notar nada. As pessoas ao nosso redor festejavam. Cuchulainn não disse nada sobre isso, e tudo que Brenna fez foi arder de felicidade.

O velho fantasma se voltou para encará-la.

— Epona enviou o sinal só para mim. — Ela falou seus pensamentos mais aterrorizantes em voz alta para o espírito silencioso. — É uma previsão do que está por vir. A Deusa está me preparando.

— *É responsabilidade d'A MacCallan apenas. E a sua força é que será necessária quando o momento chegar.* — Sua voz ecoante soava triste e cansada.

— Eu poderia impedi-los! — Ela se sentia fria e nauseada. — Como A MacCallan, poderia proibir a união.

— *A que preço, menina? Não se pode enganar o destino, mas se pode provocar muita infelicidade ao se tentar isso. Entendo sua dor. Eu tive uma irmã, uma moça bonita que me era tão querida quanto meu próprio coração. Queria ter poupado Morrigan da dor.*

O coração de Elphame palpitou. A irmã dele — a mãe de Lochlan. Será que ele sabia? O que estava realmente tentando dizer a ela?

O olhar do velho espírito vagou novamente para o mar.

— *Prepare-se para a tempestade, está chegando...*

Antes que pudesse questioná-lo mais, a forma do espírito desbotou e sumiu no chão da torre, deixando Elphame sozinha com sua tristeza silenciosa. Um trovão ribombou e o céu finalmente se abriu, despejando chuva no castelo. Elphame deixou a janela e refez lentamente seu caminho pela escada de caracol. Seus ombros tombaram; sentia-se fria e vazia. Não se sentia forte nem a chefe do clã — sentia-se uma irmã assustada.

E a sua força é que será necessária quando o momento chegar.

As palavras do fantasma sussurravam sem cessar por sua mente preocupada. Queria se livrar delas...

Só haveria um lugar onde certamente encontraria paz naquela noite.

Trinta

A CHUVA PROVOCAVA um tamborilar confortador de encontro à tenda enquanto Brenna observava Cuchulainn cobrir a filhote abastecida de leite na cama confortável que ela fizera para a criaturinha. Era tão estranho ter um homem em sua tenda — não um estranho ruim, apenas diferente... Desconcertante... Perturbadoramente íntimo. Porém ele estava ali a seu convite, em sua tenda, assim como em sua vida. Fand choramingou, então Cuchulainn a acariciou atrás das orelhas, sussurrando melodicamente o que Brenna ficou surpresa por reconhecer como uma canção de ninar. Ela sorriu. O guerreiro tinha uma capacidade tão incrível para a gentileza — essa era uma das coisas que o distinguiam de outros homens. Possuía uma profundidade de emoções dentro de si que não combinava com o exterior embrutecido de um guerreiro. A habilidade de amar a filhote, e de amá-la, era evidência da diferença dentro dele, e Brenna fez uma prece silenciosa de agradecimento a Epona por criá-lo.

Cuchulainn se levantou devagarinho e com furtividade exagerada foi se juntar a Brenna, que estava sentada recatadamente na beira da cama. Ele tomou-lhe a mão e a levou aos lábios.

— Obrigada por fazer a cama para ela. Foi uma confusão ficar com uma filhote de lobo dormindo a noite inteira no meu peito. — A voz era pouco mais que um sussurro. Ele olhou ao redor, assimilando a organização da pequena tenda. A cama era idêntica à dele, só que a de Brenna estava bem arrumada e exibía um travesseiro recheado com ervas perfumadas. Ela possuía dois baús, um estava ao pé da cama, o outro fora colocado perto da escrivaninha. Estava aberto, e Cuchulainn podia ver que estava cheio de potes e garrafas, tiras de linho e um sortimento ferino de faquinhas. Ele ergueu as sobrancelhas. — É daqui que se originam seus chás lendários?

— Sim, além dos emplastos, unguentos e muitas outras coisas que curam.

— Tem sangue de dragão ou língua de sapo?

— Provavelmente, se eu procurar bem. Quer que eu veja? Eu poderia preparar alguma coisa com eles — declarou, fingindo inocência.

— Não! — disse ele, depois baixou a voz novamente quando Fand se remexeu: — Mas eu gostaria muito de ver os presentes que Epona lhe deu que a fazem se lembrar dos meus olhos.

A respiração de Brenna ficou presa. Não devia ficar surpresa por ele ter lembrado; não devia ficar surpresa com nada que ele dissesse ou fizesse. Mas o amor dele era tão inesperado que não podia deixar de se sentir vivendo um sonho, e que logo acordaria e descobriria que não tinha sido nada mais do que uma ilusão.

— Brenna? Não precisa me mostrar, não se isso a deixa desconfortável.

— Não me deixa desconfortável. Quero dividi-los com você. — Ela se levantou e pegou-lhe a mão para guiá-lo ao redor da cama até o canto da tenda que era coberto em sombras. Ela se ajoelhou, gesticulando para que Cuchulainn se ajoelhasse ao seu lado. Então acendeu as quatro velinhas, uma para cada uma das direções, e o altar ganhou vida.

Brenna apontou para o primeiro item.

— Entalhei a cabeça dessa égua da recordação de um sonho recorrente que eu costumava ter quando era criança. No sonho sempre havia uma bela mulher cavalgando a égua. Ela tinha cabelo ruivo-dourado com cachos revoltos. — Brenna sorriu timidamente. — Não poderia reproduzir a beleza do rosto da mulher, então me concentrei na égua.

— Posso tocar? — perguntou ele.

Brenna assentiu.

Cuchulainn pegou com reverência a escultura de madeira, estudando-a com atenção.

— Fez um bom trabalho ao recriar a Égua Escolhida. Até reproduziu o arco arrogante do pescoço dela.

— A Escolhida de Epona? Mas não pretendia esculpir a Égua Escolhida.

Cuchulainn sorriu e tocou-lhe o rosto.

— Como não? Você sonhou com ela, assim como sonhou com minha mãe.

— Não... Eu...

— Ainda se lembra bem do sonho?

— Sim.

— Pense nos olhos da mulher.

Brenna se concentrou em recobrar a lembrança do sonho que tivera tantas vezes durante a sofrida infância. Não era difícil. Isso sempre lhe dera prazer. A égua e a mulher eram tão bonitas e sempre pareciam tão felizes, tão livres dos horrores que Brenna andava suportando. Pensou na mulher e a visualizou claramente na mente, concentrando-se nos olhos...

E os próprios olhos de Brenna se arregalaram de surpresa.

— Ela tem seus olhos! — Não eram exatamente da mesma cor, os olhos de Etain eram mais verdes que azuis, mas o formato era definitivamente o mesmo.

— Na verdade, como ela dirá, eu tenho os olhos dela.

Brenna sentiu um pequeno tremor percorrer o corpo. Tinha sonhado com a mãe de Cuchulainn vezes e vezes sem conta.

Cuchulainn recolocou com cuidado a cabeça da égua no altar. Primeiro, passou um dedo pela turquesa, depois tocou delicadamente a brilhante pena azul.

— Tem razão, Brenna, elas carregam a cor dos meus olhos. — Depois sua atenção se voltou para a singular pérola no perfeito formato de lágrima, e o guerreiro começou a rir.

— O que foi? — perguntou Brenna.

— Ah, amor! Estamos destinados a ficar juntos. — Ele tocou-lhe o rosto. — Você sonhou com minha mãe e possui uma escultura da Égua Escolhida em seu altar. Coleciona coisas que têm o tom exato dos

meus olhos, e agora a pérola. — Ele riu novamente. — Meu pai trará consigo um anel com que pretendo presenteá-la. Está na família dele há gerações. É uma aliança de prata, intrincadamente entalhada com folhas de hera entrelaçadas, e engastada no meio está uma única pérola no formato perfeito de uma lágrima. A gêmea exata da que você tem aqui.

— Eu a encontrei — disse ela, quase incapaz de falar em meio à alegria vinda do peito que lhe invadia a garganta. — Foi no ano em que me tornei mulher. Eu estava sozinha e muito infeliz. Estava sentada ao lado de um riacho, e algo chamou minha atenção. Olhei para baixo e lá estava.

Cuchulainn a puxou para os braços e a manteve contra si.

— Nunca mais. Prometo a você, Brenna, nunca mais será infeliz novamente.

Pressionada bem forte junto a ele, compartilhando da força de seu corpo além de seu amor, Brenna sentiu os últimos vestígios da gaiola de gelo que prendia seu coração derreterem e quebrarem. Ela ergueu os olhos para o homem em quem decidira confiar e amar.

— Faria algo por mim, Cuchulainn?

— Qualquer coisa, amor.

Ela respirou fundo.

— Faça amor comigo.

Em vez de responder, ele se levantou, erguendo-a consigo. Com Brenna apertada no círculo de seu braço, Cuchulainn a levou até a cama pequena e bem-arrumada.

— Apague as velas — sussurrou ela.

Ele ergueu-lhe o queixo com o dedo.

— Passaremos o resto de nossas vidas juntos. Eu a verei, Brenna, por inteiro — e com frequência. Sei que isso é difícil para você, mas prefiro começar esta noite com nada além de honestidade entre nós.

A chuva batia na tenda, isolando-os em seu mundinho. Brenna conteve o medo e enfrentou seu olhar firme.

— Apagaria algumas delas?

Ele sorriu e beijou a testa dela antes de rodar pelo espaço para apagar todas, menos a única vela mantida dentro de uma lamparina de vidro. Levou a lamparina até a mesinha ao lado da cama. Por alguns instantes ficaram de pé juntos, cara a cara, apenas olhando um para o outro.

— Estou nervosa. — Brenna sorriu hesitante e ergueu a mão para tocar-lhe o rosto.

Cuchulainn segurou-lhe a mão e a pressionou sobre o coração. Ela podia sentir suas rápidas batidas.

— Estou nervoso também, amor.

— Talvez devesse me beijar. É melhor quando nos tocamos.

Cuchulainn se inclinou para beijá-la, e Brenna se entregou ansiosa aos seus braços. Tinha falado a verdade, quando se tocavam assim, a proximidade e o poder que se irradiava do corpo dele sobrepunha seu medo. Como antes, os lábios dele a fizeram esquecer que era desfigurada. Só conseguia pensar no sabor e no toque dele — e como ele fazia seu corpo cantar em resposta.

Em algum momento em meio ao nevoeiro de beijos, pôde sentir as mãos dele vagando incessantemente por cima da roupa, moldando um seio com o calor da palma, apalpando seu traseiro. Brenna gemeu ao se pressionar mais contra sua crescente rigidez. Logo suas próprias mãos estavam explorando o corpo dele. Encontraram o gancho que mantinha o *kilt* preso no ombro e soltou o tartã. Cuchulainn a ajudou a desenrolá-lo do corpo, depois puxou a camisa de linho do peito e, quase sem compreender conscientemente como, Brenna estava pressionada em seu corpo nu, deixando as mãos viajarem pela extensão dele para se deliciar na força controlada das linhas musculosas e firmes.

Cuchulainn se virou abruptamente, de modo a ficar sentado na cama e ela de pé entre suas pernas. As mãos pararam sobre o laço que mantinha o vestido fechado à garganta.

— Deixe-me vê-la, amor. — Sua voz estava rouca de paixão. — Deixe-me sentir seu corpo nu no meu.

Tentando acalmar o tremor que as palavras dele precipitaram, ela mordeu o lábio e assentiu. Cuchulainn desatou o corpete empertigado, ajudando-a a livrar-se dele antes de desenrolar a saia. Ela ficou parada diante dele com a camisola de gola alta. Lentamente, Brenna ergueu o tecido macio do corpo pela cabeça e o deixou cair no chão ao seu lado. Então ficou diante dele, bem parada, com os olhos bem fechados. Quando sentiu a suave carícia dos dedos dele seguindo o contorno do grosso tecido cicatrizado que vinha do rosto, descendo pelo pescoço, cobrindo desde o seio direito até o topo do braço e se estendendo até quase a cintura, não pôde conter os tremores que sacudiram seu corpo.

— Ah, amor. — A voz dele soava descarnada. — Queria ter estado lá. Teria encontrado uma maneira de impedir isso, ou confortado você de alguma maneira para tentar diminuir sua dor.

Lágrimas escorreram de seus olhos fechados quando Cuchulainn se inclinou para beijar a trilha que seus dedos percorriam. Quando ela enfim abriu os olhos para vê-lo, viu que o rosto de Cuchulainn também estava molhado de lágrimas.

— Você está aqui agora — disse ela.

— E estarei para sempre.

Brenna se deitou na cama com ele, alegrando-se com a sensação de ter seu corpo nu pressionado ao dela — por inteiro. Ele não se afastou dela, nem seu desejo por ela minguou.

Pelo resto da noite, Brenna manteve os olhos abertos.

Lochlan ergueu a cabeça surpreso. Ainda não estava escuro, mas podia senti-la. Através do vento e da chuva, ela chamara seu nome. O poder do chamado dela formigou por seu sangue. Suas asas se agitaram e começaram a se desdobrar antes mesmo que ele saltasse de sua caverna escondida e começasse o voo veloz que o levaria até Elphame. Seu corpo saudou o toque frio da chuva. Ansiava por envolvê-la nos braços, senti-la afagar suas asas e acariciar seu corpo. Dessa vez queria tomá-la por completo; queria saborear seu sangue. Não devia — sabia disso. Era demoníaco, vil, errado. Sua respiração se aprofundou. Com um esforço que lhe fazia a dor nas têmporas latejar com familiaridade, Lochlan se forçou a parar. Tinha que assumir o controle de si mesmo. Não podia ir até ela envolto num nevoeiro de paixão e sede de sangue. Fechou os olhos e curvou a cabeça contra a dor de negar aquilo que seu sangue exigia.

Ele a amava! Forçou seus pensamentos a trocarem o calor fluido do corpo dela pelo sorriso, pela confiança que demonstrava tão claramente em seus olhos. Ela era sua esposa, pactuada com ele perante Epona. Sua respiração se regularizou. Conversariam. Talvez esta noite ele encontrasse uma maneira de contar a ela sobre a Profecia; juntos certamente poderiam descobrir um modo de salvar sua gente sem o sacrifício que ele jurara não cometer.

Retomou sua corrida planante, dessa vez com suas vontades sombrias represadas. Ela o chamava, e ele deveria atendê-la, mas o faria como homem, não como monstro.

Elphame estava parada ao lado da abertura da passagem escondida. A chuva escorria por seu rosto e corpo, e Lochlan pensou que ela parecia coberta por lágrimas. Quando o viu, ela sorriu, mas havia uma grande tristeza dentro dela que formava uma aura quase palpável ao redor. Sem falar, foi até Elphame e a envolveu nos braços. As asas se ergueram sobre ela, abrigando-a do toque frio da chuva, mas o corpo dela ainda tremia.

— Venha comigo para meu abrigo. É uma simples caverna, mas está seca e quente. — Ele beijou-lhe o topo da cabeça e a manteve bem apertada contra si.

Ela ergueu a cabeça, e Lochlan pôde ver que andara chorando. As lágrimas tinham se misturado à chuva, envolvendo o rosto em tristeza.

— Em vez disso, viria comigo para os meus aposentos? — perguntou ela numa voz carregada de emoção. — Esta noite preciso das paredes do meu castelo ao meu redor, e dos seus braços também.

— Quer contar a Cuchulainn esta noite, meu coração?

Ela meneou a cabeça em movimentos curtos e rápidos.

— Não, mandei chamar meus pais. Vamos esperar que eles cheguem. Cuchulainn não nos interromperá esta noite. Está com seu novo amor.

— É por isso que está triste? Cuchulainn escolheu mal?

— Ele escolheu Brenna.

— A pequena curandeira? Pensei que fosse sua amiga.

— Ela é — disse Elphame apressada. — Fiquei incrivelmente feliz quando eles declararam o amor de um pelo outro hoje. Mas tive um pressentimento — um tipo de premonição — de grande tristeza que está por vir. — Elphame voltou a estremecer incontrolavelmente.

— Vamos voltar para seu castelo. Você precisa da força de suas paredes.

— Também preciso de você, Lochlan. Preciso muito de você esta noite.

Ele a abraçou com força.

— Estou aqui para você, meu coração.

Trinta e Um

LOCHLAN ENTROU NOS aposentos do chefe ao lado de Elphame. Manteve a mão dela apertada na sua enquanto uma maré de emoções desabava sobre ele.

— Minha mãe caminhou aqui. — Sua voz era um sussurro áspero. — Antes de conhecer a dor e o banimento autoimposto, ela conheceu amor e felicidade aqui.

— Não faça isso consigo mesmo. Acha que sua mãe por algum instante lamentou seu nascimento?

Lochlan piscou e se focou no rosto de Elphame. Tirou a autodepreciação da mente e respondeu com honestidade: — Não, desde o momento do meu nascimento até o momento de sua morte, ela me amou ardorosa e completamente.

Pelas mãos unidas, Elphame podia sentir a tensão dentro dele relaxando. Lochlan olhou ao redor do aposento e continuou falando, a voz retomando o tom profundo e rico que ela conhecia tão bem: — Sei que é estranho, e seu irmão, além do resto de seu clã, provavelmente nunca entenderá, mas me parece certo estar aqui. Isso de alguma forma completa as coisas. — Ele sorriu para ela, e a tristeza estava longe de seus olhos. — Minha mãe ficaria muito feliz de saber que retornei.

Elphame se aproximou mais dele e se recostou em seu ombro. O braço dele a envolveu junto com a ponta de uma das asas escuras. Lochlan se curvou para beijá-la com uma doce ternura que a deixou sem fôlego. Compreendia o que a mãe dele tinha sentido — ela também o amava ardorosa e completamente.

— Agora, me conte sobre esse pressentimento que tanto a perturbou — pediu ele, levando-a para a *chaise* dourada que ficava adjacente à cama.

Com um farfalhar, as asas de Lochlan se encaixaram perfeitamente às costas para que ele se reclinasse confortavelmente na *chaise*. Ele dobrou os joelhos para que formassem um apoio para as costas de Elphame, que se enroscou apoiada nele, olhando-o de frente.

— Aconteceu quando Cuchulainn veio pedir minha permissão como chefe de Brenna para cortejá-la. Claro que aceitei com satisfação o pedido. — Os olhos de Elphame miravam acima dos olhos de Lochlan, como se ela tentasse reconstruir o passado. — Depois, quase automaticamente, invoquei a bênção de Epona. No momento em que falei o nome da Deusa, fui tomada por uma tristeza terrível e

ouvi o som de choro.

— Talvez sua premonição não tivesse nada a ver com Cuchulainn e Brenna. Epona não poderia ter enviado uma visão do que aconteceria quando anunciasse seu próprio casamento? Não poderia estar tentando prepará-la para a luta que teremos à nossa frente?

Elphame meneou a cabeça.

— Já considere isso. Não, esse pressentimento era definitivamente relacionado a Cuchulainn e Brenna. — Ela respirou fundo. — E depois tem o espírito d'O MacCallan. Ele concordou que era uma visão enviada para me preparar para ser forte.

As sobrancelhas de Lochlan se ergueram.

— Falou com o fantasma d'O MacCallan?

— Mais de uma vez. Na verdade, ele até apareceu para Cuchulainn. Foi como ele soube que devia me procurar na noite do meu acidente. O MacCallan o mandou.

— Meu tio... — Lochlan balançou a cabeça, mal conseguindo acreditar.

— E meu bisavô. — Ela hesitou antes de acrescentar com delicadeza: — Ele mencionou sua mãe na última vez em que nos falamos. Ele a amava muito.

A tristeza nublou os olhos de Lochlan novamente.

— Acha que ele me odiaria?

— Não sei — respondeu ela honestamente. — Mas acho um bom sinal ele não ter aparecido para expulsá-lo do castelo. Não tenho dúvida de que o velho espírito sabe de tudo que acontece dentro dos muros de MacCallan.

— Devo partir? Não quero incomodá-lo.

Elphame lhe tomou a mão.

— Não vá. Quero você aqui. Preciso de você aqui. Lembre-se, você é do clã MacCallan, por juramento e também por sangue.

— Não é o sangue MacCallan que me preocupa. — Ele levou a mão dela aos lábios para um breve beijo. — O que pretende fazer a respeito de sua visão?

Elphame suspirou:

— Acho que não há nada que eu possa fazer. O MacCallan alertou que me preparasse para o que está por vir. — Ela encolheu os ombros, sentindo o grande peso das responsabilidades que os pressionavam. — Só o que posso fazer é tentar ser forte, e esperar.

— Você é forte, meu coração. E esperaremos juntos pelo que está por vir.

As palavras dele a confortaram, mesmo quando percebeu que não deveriam. A visão não dizia respeito a ele, mas Lochlan sem dúvida era parte da iminente tempestade. Ela sabia que o relacionamento deles seria uma coisa amarga para a família e o clã descobrirem, mas não podia rejeitá-lo. Por toda a vida tinha sonhado, desejado e rezado por um consorte, sem jamais acreditar realmente que tal presente lhe seria concedido. E agora que o encontrara, não poderia perdê-lo.

Ela apertou a mão de Lochlan.

— Sim, mesmo uma grande tristeza será mais fácil de suportarmos juntos.

— Chegou a pensar que Epona poderia estar prevendo a rejeição de Brenna ao seu irmão? Se ele realmente a ama, seria uma grande tristeza para ele, mas algo do qual poderia se recuperar.

— Brenna não o rejeitará. Deveria ter visto os dois juntos hoje, Lochlan. Era como se tivessem descoberto um grande segredo.

Trovões ribombavam fora do castelo e relâmpagos chicotearam perigosamente perto. Elphame

estremeceu quando um súbito calafrio percorreu seu sangue.

— A tempestade está chegando — disse, olhando pelas janelas fendidas que cintilavam intermitentemente com relâmpagos.

— Vai passar, meu coração.

Os olhos de Elphame buscaram novamente seu consorte. Lochlan a observava com olhar seguro e firme, o que evocava confiança e de repente a fez querer acreditar nas palavras dele. Imaginou que ele devia ser um grande líder entre seu povo.

Envergonhada, percebeu que, apesar de ele ter mencionado outras mulheres que sobreviveram ao nascimento dos filhos meio-fomorianos, e apesar de compreender que deviam existir mais seres como ele, não perguntou sobre os outros que ele deixara para trás.

— Lochlan, fale-me do seu povo.

Toda a expressão sumiu do rosto de Lochlan, que ficou em silêncio por tanto tempo que Elphame achou que não receberia resposta. Quando ele começou a falar, suas palavras soavam tensas: — Meu povo vive nos Ermos. A vida é difícil, mas, como já sabe, vivemos por muito tempo, poucos de nós morrem. E, apesar de me perguntar sobre a sabedoria disso, muitas crianças nascem a cada ano.

— Crianças?

O sorriso de Lochlan não continha nenhum humor.

— Sim, podemos procriar. Seja qual for a anomalia que fez com que as fêmeas na época de meu pai se tornassem estéreis, ela foi curada conosco. Somos fortes e resilientes. Meu povo prospera quase tanto quanto sofre.

Elphame meneou a cabeça.

— Eles sofrem? Não compreendo.

— Todos aqueles dentre nós que nasceram das mães sobreviventes compartilham certas similaridades — nossa aparência é mais humana que demoníaca, temos a habilidade de caminhar durante o dia sem que o sol nos cause dor, não precisamos nos alimentar de sangue fresco para manter nossas vidas, e todos nós penamos para nos prender à humanidade enquanto combatemos o impulso de nossa herança sombria. Você já compreende mais do que percebe, Elphame. Viu a evidência desse combate em mim. O que não sabe é que sempre que luto contra o demônio dentro de mim, sempre que escolho a humanidade em vez do caminho sombrio, isso me causa dor. A dor que eu e meu povo sentimos como preço por nossa humanidade está deixando muitos de nós insanos. — O maxilar de Lochlan se apertou. — É especialmente difícil para as crianças. Elas também nascem mais humanas que demônios, mas não têm mães humanas que as guiem, e nossas próprias mães morreram há muito tempo.

Elphame ficou devastada com a ideia de um pequeno Lochlan lutando para ser humano sem a ajuda da força e da crença da mãe.

— Então eles devem vir para cá! — Ela apertou as mãos dele, subitamente não se importando por soar jovem e idealista. — Podemos ajudá-los. Minha família vai aceitá-lo — eles têm que aceitar. Quando enxergarem o quanto você é bom, que você luta contra a escuridão a cada dia e a derrota, começarão a confiar em você como eu confio, e através de você seu povo ganhará a confiança deles também.

Lochlan não conseguia deixar de olhar a brilhante fé nos olhos dela. Agora era a hora de contar sobre a Profecia. Agora era a hora de admitir que sua missão era selar sua perdição, mas que tinha abandonado seu povo e a Profecia por amá-la. Mas não conseguia. Ela o envolveu na teia reluzente de seu sonho, do qual Lochlan não queria despertar.

— Se fosse assim tão fácil — disse ele.

— Se fosse fácil, não valeria a pena ser feito. — Ela ecoou as palavras da mãe dele com um sorriso.

— Eu te amo, meu coração. — Ele a puxou para os braços. — Sempre te amarei.

Elphame se apoiou nele, retribuindo o beijo. Quando ouviu as asas começarem a farfalhar de excitação, murmurou junto aos lábios dele: — Leve-me para a cama, marido.

Com força que era mais do que humana, Lochlan se levantou rápido, carregando Elphame nos braços. Seus passos bravios e esvoaçantes cobriram o espaço até a cama numa única batida do coração dela. Logo as roupas, ainda úmidas de chuva, estavam juntas numa pilha descartada aos pés deles. Nua, Elphame deslizou sobre os lençóis luxuriosos. Lochlan deitou sobre ela, as asas desdobradas como uma enorme ave de rapina. Sustentava a maior parte do peso sobre os cotovelos; suas mãos estavam bem fechadas sobre a grossa coberta. Ela sentiu a tensão que tremia pelo corpo dele e, quando tentou aprofundar os beijos, Lochlan se conteve visivelmente, tentando firmar a respiração e manter sob controle sua paixão.

— Lochlan, você é meu marido. Não pode ter medo de me amar.

— Não tenho medo de amá-la! — Sua voz estava grossa de luxúria e frustração. — Tenho medo de machucá-la! — Ele inspirou tremulamente e pressionou a testa na dela. — Minhas mãos se transformam em garras. Meu prazer se transforma em sede de sangue. Não posso amá-la sem temer por você.

Algo no tom das palavras dele agitou um instinto bem no fundo de Elphame, que sentiu a ira de uma deusa ganhar vida num fogo lento e constante. A pele formigou e o sangue pulsou num ritmo quente e sensual.

— Você me insulta.

Lochlan ergueu a cabeça, a surpresa claramente refletida em seu rosto. Ela o empurrou para longe com uma força que arregalou os olhos dele.

Deliberadamente, ela se inclinou e afagou a parte interna da asa de Lochlan, cuja respiração escapou num gemido.

— Eu não fujo do seu toque. Esqueceu que sou mais do que humana? Sou mais rápida, sou mais forte. — Acariciou a asa novamente e, quando ele gemeu, mordeu provocadoramente seu ombro, deixando uma marca vermelha destacada como uma mancha. — Alguns até dizem que sou uma deusa. Não me trate como se eu fosse menos do que isso. — Ela prendeu seu lábio inferior entre os dentes e puxou.

Os olhos de Lochlan lampejaram com uma luz negra que incitou uma reação de luxúria dentro dela. Elphame se lembrou da sede de sangue que ele admitiu. Não pretendia que fosse assim, mas havia algo eroticamente atraente na ideia de Lochlan pressionando os dentes na sua pele — um tipo de invasão sensual, nada diferente de ele entrar em seu corpo. A aura de violência pouco contida que o cercava era palpável, mas isso não a assustava — a atraía para ele. Não via seu companheiro como anomalia ou mutação, mas sentia que finalmente tinha descoberto seu par.

— Me ame, Lochlan — ronronou ela. — Não vou quebrar nem fugir de você.

O beijo de resposta a esmagou contra a cama. Ela correspondeu à paixão dele com igual força, provocando e incitando com as mãos e a boca. Quando Lochlan a penetrou, não foi com nenhuma da contenção que mostrara na noite anterior, e Elphame se arqueou debaixo dele, encorajando-o a continuar. Ele prendeu as mãos dela nas suas, depois as puxou acima da cabeça dela. Sua respiração vinha em arfadas ardentes ao curvar a cabeça sobre Elphame, que mal reconheceu a voz que sussurrava palavras sombrias em seu ouvido: — Não faz ideia do que pede.

— Minha confiança não é algo dado pela metade. — Ela ergueu a cabeça e mordeu o ombro dele novamente, com força, enquanto se movia ritmicamente contra ele.

Lochlan deixou um gemido baixo escapar pela garganta. Pressionou os dentes afiados como adagas na maciez de seu pescoço. Elphame sentiu uma breve ardência e depois uma lâmina de sensação erótica escorrer da garganta por todo o corpo. Foi tomada por ondas de prazer enquanto Lochlan bebia seu sangue, ao mesmo tempo que a preenchia com sua semente.

De repente, com um grito agoniado, Lochlan se distanciou do corpo dela. Sentindo-se desorientada, Elphame se ergueu sobre um cotovelo, piscando em confusão. Ele estava de pé ao lado da cama, encarando-a com olhos arregalados. Havia sangue em seus lábios e um pequeno filete vermelho corria pelo canto da boca até o queixo. A mão de Elphame foi ao pescoço, sentindo duas feridinhas perfuradas e úmidas. Ela lhe sorriu trôpega.

— Estou bem, Lochlan. Não me machucou.

Ele limpou a boca com as costas da mão, depois fitou com horror o sangue impregnado ali.

— Não! — berrou ele numa voz destrocada. — Não pode ser assim! Não deixarei que seja assim!

Lochlan cambaleou para trás, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

Elphame sentou-se imediatamente, sentindo uma onda de tontura.

— Lochlan, o que foi? Olhe para mim... Você não me machucou.

— Não! — repetiu ele. — Não deixarei que seja assim!

Com a incrível velocidade da raça de seu pai, ele planou pela sala e desapareceu pela entrada que levava ao quarto de banho e ao túnel escondido.

— Lochlan! — gritou Elphame ao pular da cama.

— Não me siga. Fique longe... — A voz ecoou assustadoramente da escadaria.

Elphame caiu de joelhos e chorou.

Lochlan irrompeu do túnel e correu. Não importava para onde ia, só sabia que precisava se afastar. A noite estava impiedosamente escura, mas sua visão era aguçada, então ele se manobrava entre as árvores com pouco esforço. A chuva fustigava seu corpo nu, mas Lochlan a recebia com prazer. Não era nada se comparado aos resquícios estilhaçados de seu coração. Ele berrou sua agonia para a noite surda. Ainda podia sentir o gosto do sangue dela, e ainda podia ouvir a história sussurrada que ele lhe revelara.

Ele estava enganado. Todos estavam enganados.

A Profecia era verdadeira: ele e seu povo poderiam ser salvos pela morte de uma deusa. Mas não era o sangue dela que era necessário como sacrifício, e não era sua morte física que era exigida. Agora ele sabia disso. Ao beber de seu sangue, Lochlan foi abastecido do conhecimento infalível de uma deusa. O sangue de Elphame não os salvaria. Só se ela aceitasse *seu* sangue é que seu povo encontraria a salvação, e através dele Elphame absorveria a escuridão do sangue deles e abrigaria dentro do próprio corpo a loucura de uma raça inteira.

Seria pior do que uma morte física. Se ela bebesse seu sangue, ficaria impregnada pelo mal. Elphame viveria. Os pensamentos de Lochlan berravam em sua mente numa cacofonia de agonia... Não era a morte física que a Profecia profetizava. Ela viveria a longa vida de qualquer ser cujo corpo carregasse o sangue da demoníaca raça fomoriana, mas ficaria completamente louca. Ele sabia muito bem no que a transformaria, no que o sangue a distorceria a ser. Não podia sentenciá-la a séculos de agonia. Nem mesmo para salvar seu povo.

Devia ficar afastado dela, e devia garantir que ninguém de seu povo sequer descobrisse a trilha pelas pedregosas Montanhas Tier que levava à luxuriosa floresta de pinheiros de Partholon e ao Castelo MacCallan. Devia manter o castelo de seu clã, o lar de sua amada, em segurança.

Seus braços se movimentavam em compasso com suas pernas poderosas. Seu coração trovejava com a tempestade. Mais longe... Precisava ir longe o bastante para não poder ouvir o som mágico do chamado dela, nem sentir sua presença tão dolorosamente próxima. O terreno se elevava gradualmente, e Lochlan saudou a dor ardente que agitava seus músculos extenuados. Relâmpagos lampejavam e, em meio à chuva que caía sobre seu rosto, ele pensou ver o contorno de silhuetas escuras em cima do cume seguinte. Com uma terrível sensação de presságio, Lochlan retardou a subida, esperando o próximo lampejo de luz para ter certeza. Quando veio, ele parou cambaleando. De pé sobre o cume, silhuetados pela tempestade, estavam quatro figuras aladas.

Trinta e Dois

EM ASAS COR de nuvem de tempestade eles desceram planando do cume. Lochlan se susteve forte e nu, esperando que o alcançassem. Embora não pudessem ler literalmente a mente uns dos outros, seu povo era intuitivamente ligado pela herança de seu sangue sombrio, e Lochlan sabia que não deviam detectar a turbulência de suas emoções. Puxou de dentro de si o manto de liderança que vestia tão naturalmente e encobriu a mente e o coração com silêncio. Conforme se aproximavam, podia ver seus rostos registrando em choque sua nudez. Então eles curvaram a cabeça respeitosamente.

Como era comportamento típico do teimoso meio-fomoriano, Keir foi o primeiro a falar: — O que aconteceu com você, Lochlan?

— Não me oferece nenhum cumprimento, nenhuma explicação de por que estão aqui, mas acredita que tem o direito de começar a me questionar? — Lochlan atirou as palavras através dos dentes trincados.

Os olhos de Keir lampejaram perigosamente, mas ele não conseguiu sustentar o olhar de Lochlan. Baixou a cabeça.

— Está certo em me repreender — disse ele, mas a voz guardava pouco arrependimento. — É bom vê-lo, Lochlan.

Seus três companheiros curvaram a cabeça e ecoaram seu cumprimento.

— Não é nada bom! — exclamou Lochlan. — Não deveriam estar aqui.

Keir inspirou sibilando, mas, antes que pudesse falar, a mulher alada ao seu lado deu um passo à frente, fazendo uma grande mesura diante de Lochlan.

— Ficou muito tempo separado de nós, Lochlan. Estávamos com medo de que algum destino ruim tivesse recaído sobre você.

A voz de Fallon era doce, e por um instante a familiaridade da voz foi um bálsamo para sua mente dolorida.

— Seus instintos não estavam errados, Fallon. O destino não foi gentil.

— Não encontrou a deusa unglada? — perguntou Keir.

O olhar de Lochlan era gélido.

— Eu a encontrei, mas descobri que não é dela que a Profecia fala.

Os seres alados se mexeram inquietos, olhando de Keir para Lochlan.

— Como pode saber disso?

— Sei porque ela não é uma deusa, é simplesmente uma mutação de duas raças. Não é diferente de nós! — resmungou Lochlan.

— Não pode ser — disse Fallon desanimada.

— A esperança não acabou. Tenho um plano. — Lochlan ergueu a voz acima da tempestade.

Relâmpagos cortaram a noite novamente, e a chuva se intensificou.

— Precisamos ficar aqui? Não há nenhum abrigo que possa nos oferecer? — perguntou Fallon.

Lochlan queria gritar que não havia abrigo nenhum e obrigá-los a começar a retroceder pela trilha naquela mesma noite, mas sabia que se os afastasse eles perceberiam a falta de lógica de suas ações — saberiam que ele estava escondendo algo. E não descansariam até descobrir seu segredo.

— Sigam-me, rápido e em silêncio. Eu os levarei ao meu abrigo. — Mas ao se virar, Fallon o deteve com a mão suave sobre seu braço.

— Sente-se bem, Lochlan? Por que o encontramos correndo nu na tempestade?

Lochlan desviou o olhar da gentil Fallon para seu companheiro, e depois para os outros membros do grupo. Eles o observavam com cautela, como se achassem que o tempo afastado talvez o tivesse levado à loucura que permeava em cada um deles. Naquele momento não se importava com o que eles pensavam — só lhe importava que o tecido de seu mundo fora rasgado em pedaços. O sonho estava acabado e ele não sabia se poderia suportar a luz do dia.

— Nenhum de vocês já quis correr na turbulência de uma tempestade? — perguntou, mostrando os dentes ao grupo. Desdobrando as asas, planou para longe deles, estabelecendo um passo que sabia que eles teriam que lutar para acompanhar.

A caverna que ele estava usando como abrigo era apenas larga o bastante para acomodar todos eles. Em silêncio, Lochlan se pôs a acender uma fogueira, algo a que raramente se dava ao luxo, mas com a tempestade e a escuridão da noite havia pouca chance de que a fumaça levasse alguém a descobrir o esconderijo. Ele se vestiu e dividiu suas poucas provisões com seu povo, que ainda o observava com cautela. Devia ter descoberto quando entraram em Partholon; devia ter sentido a presença deles. Era uma prova do quanto se distraíra com Elphame para não perceber que eles se aproximavam. Keir escolhera bem os companheiros, Lochlan admitia consigo mesmo. Fallon, claro, não ficaria longe dele. Os gêmeos, Curran e Nevin, sempre foram completamente leais a uma coisa — o cumprimento da Profecia, a qualquer custo. O próprio Lochlan os teria escolhido para acompanhá-lo na missão que Keir planejava.

E ele sabia acima de qualquer dúvida o que Keir tinha planejado. Keir viera para ter certeza de que Lochlan levaria a deusa unglulada para seu povo como um sacrifício vivo.

— Fale sobre ela, Lochlan — pediu Nevin.

— Como pode ter tanta certeza de que não é ela? — Como sempre, Curran pegou o fio de pensamento do irmão e o completou.

Lochlan falou cuidadosamente, ciente do fato de que suas palavras poderiam salvar ou condenar Elphame.

— Passei muito tempo observando-a. Ela não é uma deusa. É simplesmente uma jovem mulher cujo

corpo, seja lá por qual razão, carrega a marca da mãe humana e também a do pai centauro. Não guia o povo nos ritos de Epona. É apenas uma chefe de clã, não uma deusa. Não carrega o poder da Deusa dentro de si.

— Você não poderia saber disso. — Keir manteve a voz baixa, e não confrontadora, mas seus olhos estavam estreitos e curvados.

— Sei disso sem qualquer dúvida. Eu li no sangue dela.

— Como?

— Por quê?

— Que direito você tinha?

Lochlan ergueu a mão para deter os gritos. Como um animal enjaulado, caminhou de um lado para o outro na boca da estreita caverna.

— Eu a encontrei no fundo de uma ravina. Tinha caído e estava muito ferida. Estava sendo atacada por um javali. Eu matei o javali e depois a carreguei para um lugar seguro. Seu sangue corria livremente naquela noite, e nele eu li a verdade sobre sua humanidade. Ela não é uma deusa — é apenas uma aberração, nada mais do que uma humana mutante.

— Você se revelou a ela? — Fallon o encarou com surpreendente descrença.

— Ela ficou inconsciente e depois começou a delirar. Só se lembra de mim como um sonho que dificilmente seria verdadeiro. — Lochlan quase engasgou com a amarga verdade que suas palavras guardavam.

— Se não é ela quem satisfaz a Profecia, por que você sonhou com ela por todos os anos da vida dela? — As palavras de Keir cortaram o ar.

Mas Lochlan já tinha se preparado para a pergunta, e a resposta veio fácil: — Os sonhos eram visões enviadas por meu sangue sombrio para me atormentar, para me enlouquecer quando eu acompanhasse seu rastro e descobrisse que não passavam de uma tolice que persegui por um quarto de século.

— Você disse que tinha um plano. O que devemos fazer agora? — perguntou Fallon.

Lochlan se aproximou da bela mulher alada que fora sua companheira de brincadeiras na juventude e sua amiga na vida adulta. O cabelo loiro-branco tinha secado e brilhava à luz do fogo, caído até a cintura como uma cortina espessa e reta. Os traços eram delicados e sobrenaturais. Os olhos eram de um azul tão claro que às vezes pareciam sem cor. Ele odiava mentir para ela; odiava mentir para todos eles. Mas não podia trair sua esposa.

— Enquanto eu estava observando a mulher unglada, ouvi muitas coisas. Os humanos falavam com frequência do Templo da Musa.

Curran e Nevin assentiram.

— Nossa mãe foi educada lá.

— Assim como a minha — disse Lochlan. — Assim como muitas de nossas mães. Lembra do que elas nos ensinaram? O Templo da Musa é um lugar de aprendizado superior, onde as professoras são todas Deusas Encarnadas, cada uma representante física viva de uma das nove Musas.

— Acredita que uma delas possa satisfazer a Profecia — disse Keir lentamente.

Lochlan o fitou nos olhos.

— Acredito que qualquer uma delas possa satisfazer a Profecia. Pensem nisso! A resposta é simples. Eu teria percebido anos atrás se não estivesse sendo atormentado por sonhos provocadores há tanto tempo, razão pela qual meu sangue sombrio fazia essas brincadeiras comigo — para impedir que minha mente reconhecesse o óbvio. A Profecia não diz que seremos salvos pelo sangue de uma deusa agonizante

ungulada. Diz que o sangue de uma deusa nos salvará. Qualquer deusa.

— Então nós vamos ao Templo da Musa — disse Nevin.

— E capturamos uma deusa — Curran completou por ele.

Lochlan meneou a cabeça com indignação.

— E como planejam fazer isso? Como acreditam ser possível que todos nós possamos seguir caminho sem sermos descobertos?

— Talvez seja hora de sermos descobertos! — exclamou Keir. — Talvez já tenha passado da hora!

— Você pretende atacar Partholon? — A voz de Lochlan soava severa e perigosa.

— Não atacar! Só quero tomar nosso lugar de direito dentro de Partholon.

— E acha que esse lugar de direito — zombou Lochlan — está na vanguarda de um exército de demônios alados?

— Não somos demônios! — gritou Fallon.

— Se formos a Partholon como uma força invasora e roubarmos uma das deusas para um sacrifício de sangue, como possivelmente nos enxergariam? — disse Lochlan. Como ninguém respondeu, ele meneou a cabeça com repulsa. — Se pensarmos apenas com a raiva do sangue de nossos pais, não seremos melhores do que eles, e apesar de todos os nossos esforços contra nosso legado sombrio, não seremos mais humanos do que eles foram.

— E o que sugere? — perguntou Keir com amargura.

— Voltem para casa. Cuidem do bem-estar do nosso povo. Viajarei sozinho ao Templo da Musa, e quando eu voltar aos Ermos será na presença de uma deusa. Quando o sangue dela lavar a loucura sombria de nosso sangue, entraremos pacificamente em Partholon. Nenhum partholoniano jamais saberá que o preço de nossa salvação foi o sangue de um deles.

— Há... — principiou Curran.

— ... Uma certa lógica nisso — concluiu Nevin.

Lochlan virou as costas para eles e encarou a chuva. Para seu deleite pareciam aceitar suas invenções e meias-verdades, mas não poderia sentir alívio até saber que os quatro tinham retornado aos Ermos — até garantir que Elphame estivesse segura.

Keir franziu o cenho e se acomodou contra a parede dos fundos da caverna. Os olhos de Fallon seguiram o companheiro antes que ela fosse até Lochlan na boca da caverna.

— Ainda a ama, meu amigo? — perguntou ela baixinho.

— Não. — Lochlan saboreou a falsidade amarga da mentira. — Nunca a amei. Era tudo uma ilusão.

— É melhor assim. Agora pode enfim escolher uma companheira de nosso próprio povo.

Lochlan conseguiu assentir de leve.

— Você parece diferente, Lochlan. — Os olhos de Fallon estavam nublados de preocupação.

— Você estava certa. Fiquei tempo demais longe do meu povo. — Ele se forçou a sorrir para ela. — Agora deve descansar. Vocês devem começar a viagem de volta amanhã. O castelo é muito próximo e está cheio de trabalhadores humanos e centauros. Não é seguro para nenhum de vocês permanecer aqui.

— Como quiser, Lochlan. — Fallon inclinou a cabeça respeitosamente antes de voltar para seu companheiro.

Atrás de si, Lochlan podia ouvir os quatro se acomodando para dormir. Seu próprio cansaço o arrastava, mas ele sabia que não dormiria. Se dormisse, sonharia. Sonharia com ela. Não poderia suportar isso essa noite. Em silêncio, esgueirou-se para fora da caverna. Os trovões e relâmpagos tinham passado, mas a chuva ainda caía sem trégua. Ele escalou o cume acima da caverna escondida, sentou-se num

monte rochoso e fitou a terra que começara a acreditar que poderia ser seu lar. A terra dos MacCallan o chamara, mas era um chamado ao qual nunca poderia atender novamente. Não importava o que seu coração e seu sangue dissessem, não importava que Elphame acreditasse que ele a traíra e abandonara, ele deveria deixar esse lugar.

Viajaria até o Templo da Musa. Sabia que era uma viagem fútil. A ideia de que uma Deusa Encarnada tivesse a capacidade de satisfazer a Profecia não lhe era nova. Ele e a mãe a discutiram com frequência. Não parecera correta a nenhum dos dois. Sua mãe sempre fora inflexível de que a chave da Profecia se revelaria quando Epona enviase uma mulher tocada pela Deusa para cumpri-la. Que sua mãe estivesse certa era de pouco consolo agora.

E quanto à inofensiva Deusa Encarnada da Musa? Seria capaz de roubar uma jovem inocente e carregá-la para a morte? Isso não serviria apenas para alimentar a escuridão dentro dele e arrancá-lo ainda mais do domínio da humanidade? Ele cerrou o maxilar. Não importava. Assim faria — se significava salvar Elphame, havia pouca coisa que não fizesse. Poderia até abandoná-la.

Seus ombros tombaram. Mas isso não salvaria Elphame, não permanentemente. Seu povo descobriria que a morte da Deusa Encarnada não cumpriria a Profecia. Por anos eles acreditaram que a deusa ungulada que assombrava seus sonhos era a resposta da sua loucura transgressora. Como num círculo interminável, eles inevitavelmente retomariam aquela crença.

Teria então que batalhar contra seu próprio povo pela vida dela?

Lochlan pôs o rosto entre as mãos e fez algo que não fazia desde a morte da mãe. Chorou.

Fallon se aninhou ao corpo de Keir. Ele a cobriu com suas asas, embrulhando-a em seu calor. Depois pressionou os lábios no ouvido dela.

— Seu amigo mente — sussurrou.

Ela se afastou apenas o suficiente para ler os olhos dele.

— O que quer dizer, Keir?

— Mesmo apesar da chuva e do suor, pude sentir o cheiro dela nele. Estava repleto do sangue e do sexo dela — sibilou Keir.

Fallon olhou fundo nos olhos dele. Não tinha cheirado nada estranho no corpo de Lochlan, mas o senso de olfato de Keir era mais aguçado que o dela; houve momentos notáveis em que ele até superara a incrível capacidade de Lochlan rastrear através do cheiro.

— Tudo o que precisa fazer é pensar no que viu nos olhos dele, e saberá que falo a verdade. A deusa ungulada é a Escolhida, mas Lochlan prefere mantê-la para si.

Fallon fechou os olhos e repousou a cabeça novamente no peito do companheiro. Pensou no que vira refletido nos olhos de Lochlan naquela noite. A resposta veio bem fácil. Ela vira agonia e aflição — todas as coisas que o nobre Lochlan sentiria se tivesse preferido a amante dos seus sonhos à salvação de seu povo.

Keir estava certo. Fallon sentiu a raiva se agitar dentro dela.

Trinta e Três

A LUZ DO sol espreitou pelas altas janelas fendidas do aposento do chefe, e Elphame piscou contra o brilho do começo de manhã. Sentou abruptamente, e o cômodo oscilou. A cabeça parecia pesada e a boca estava muito seca. Era como se tivesse se permitido muito vinho na noite anterior, mesmo que não tivesse tocado na bebida. O que havia de errado com ela? Esfregou o pescoço, que coçava vagamente, e os dedos encontraram as cascas que cobriam os dois furinhos.

Lochlan...

A noite lhe voltou numa torrente.

Ele a deixara. Elphame respirou profunda e uniformemente. Não choraria outra vez, só pensaria. Apenas volte ao que aconteceu, disse a si mesma, deve existir uma razão racional para o comportamento de Lochlan.

Tudo estava bem a princípio. Ele lhe confortara os temores sobre a futura tristeza de Cuchulainn. Prometera que enfrentariam juntos o que quer que o futuro trouxesse. Fizera amor com ela.

E provara seu sangue. Foi quando ele se distanciou dela. O que ele tinha dito?

— *Não pode ser assim! Não deixarei que seja assim!*

O que ele queria dizer? Sim, a sangria a deixou estranhamente eufórica e depois agiu nela como uma potente droga sonífera. Ainda podia sentir seus efeitos. Mas não fora nada terrível. Sua mão encontrou as feridinhas no pescoço novamente ao se lembrar das sensações incrivelmente eróticas que fluíram por seu corpo quando Lochlan bebeu seu sangue.

Sabia que Lochlan passara a vida rejeitando sua herança sombria, e na última noite ele tinha até revelado que aquela luta estava deixando seu povo louco. Ela estremeceu ao recordar a tristeza na voz dele ao falar das crianças. Talvez provar seu sangue tivesse sido, para ele, uma desistência — um tipo de aceitação, uma batalha perdida para o que ele mais odiava em si mesmo. Isso significava que na mente dele agora ela estava atrelada àquela autodepreciação?

Não! Não acreditaria nisso. Lochlan era seu marido, jurado de amá-la perante Epona. Na noite em que se uniram num pacto de matrimônio, escolheu confiar nele. A estrada deles não seria fácil — os dois

já sabiam disso. Ela não vacilaria ao primeiro obstáculo que enfrentavam.

Lochlan a mandou não segui-lo. Então acreditaria nele, e esperaria. Até ele reaparecer, teria que prosseguir com as atividades diárias de restauração do castelo e a liderança do clã. Não podia se dar ao luxo de outras mulheres. Seu clã não precisava de uma chefe que não fazia nada além de sonhar com o amor perdido.

Estaria perdido? A ideia lhe provocou um calafrio, então ela a sacudiu da mente.

Tentando recuperar algum senso de normalidade, foi até o jarro e o copo deixados sobre a penteadeira. Ela terminou com três copos cheios de água antes que as mãos parassem de tremer.

Elphame olhou para a cama. As roupas deles ainda estavam jogadas em montinhos amarrotados ao lado dela. Um tremor de medo sacudiu sua espinha. Ele tinha fugido dela, nu e sozinho. *Por quê?*, gritava sua mente. *Oh, Lochlan, o que há de errado?*

Normalidade. Ela tomaria banho, faria o desjejum e depois se lançaria na restauração do castelo. Fazia muito tempo que não exigia de seu corpo trabalho físico pesado. Hoje usaria a força sobre-humana da qual tanto se orgulhava. Precisava fazer algo fisicamente cansativo. Algo que obrigasse seu corpo a parar de ansiar pelas carícias dele.

Num nevoeiro que era muito como se estivesse andando por um sonho febril, Elphame desceu para o quarto de banho. A porta do túnel ainda estava entreaberta. Esvaziando cuidadosamente a mente, ela a fechou. Depois, rápida e impessoalmente, se banhou, lavando o cheiro persistente de Lochlan.

Voltando ao quarto, escolheu uma simples blusa de linho e depois se enrolou no tartã do clã, prendendo-o bem com o broche d'O MacCallan. Virou-se para encarar a cama. Seu estado amarrotado e as pilhas de roupas descartadas ao lado fizeram seu estômago apertar.

Duas batidas soaram à porta de madeira. Por um momento Elphame sentiu-se como transformada em pedra, mas quando as batidas se repetiram com mais insistência, ela deu uma guinada, chutando o monte de roupas para fora de vista debaixo da cama.

A porta se abriu lentamente.

— Elphame? — a voz suave de Brenna chamou com hesitação.

— Entre, Brenna — disse Elphame, pintando um sorriso de boas-vindas no rosto rígido. — Bom dia.

A pequena curandeira entrou no cômodo, e pareceu a Elphame que todo o esplendor que sumira de seu próprio corpo encontrara nova vida em Brenna. O cabelo, que ela costumava deixar puxado sobre o ombro direito para que pudesse facilmente baixar a cabeça e deixá-lo cair como cortinas sobre suas cicatrizes, se espalhava em confusa profusão pelas costas, deixando o rosto aberto e resplandecente. Seu passo era leve como se ela quase saltitasse pelo cômodo. Elphame até achou que o vestido parecia diferente — então percebeu que a roupa não tinha mudado, simplesmente não estava mais amarrada até o queixo.

— O amor lhe cai bem, Brenna — disse Elphame.

— É Cuchulainn que me cai bem. — As faces de Brenna coraram, mas ela não desviou os olhos do olhar cândido da amiga.

— É bom ver que todas as antigas indiscrições dele tenham finalmente servido de alguma coisa. — Tão logo disse aquelas palavras, a mão dela voou até a boca. Que coisa ridiculamente insensível de se dizer! Será que não conseguia pensar com clareza suficiente para não magoar a amiga? — Perdoe-me, Brenna! Foi uma coisa horrível de se dizer.

A animada gargalhada de Brenna preencheu o cômodo.

— Não é horrível, é verdadeira. Eu não acreditava nem um pouco que Cuchulainn fosse um virgem

inexperiente. — Ela baixou a voz conspiratoriamente: — Foi bom um de nós saber o que fazer na noite passada. — Ela riu como uma menininha. — Foi muito bom. E de qualquer forma, não posso mudar o passado de seu irmão. Por que deveria? A vida dele o fez como é, e eu o amo como é. — Ela pegou a mão de Elphame e confessou: — Ah, estou tão feliz! Nunca me permiti sonhar em ser amada por um homem, qualquer homem, mas ter ganho o amor de um homem como Cuchulainn! Se meu coração parasse de bater agora, neste exato segundo, eu morreria feliz e completa!

Elphame sorriu carinhosamente. A felicidade de Brenna era como um bálsamo para seu coração ferido. Lembrava-lhe que o amor realmente acontecia — que finais felizes eram possíveis.

— Seu coração não pode parar de bater ainda, não até ter me dado pelo menos uma dúzia de sobrinhas e sobrinhos para mimar.

Brenna deu tapinhas no queixo, considerando.

— Uma dúzia no total ou uma dúzia de cada?

— Deixarei minha mãe responder a essa pergunta. E, falando da Deusa Encarnada de Epona, esteja preparada quando ela insistir em conduzir ela mesma seu matrimônio — e em breve —, mesmo que provavelmente chore durante o serviço inteiro.

Um pouco do rosa feliz abandonou as faces de Brenna.

— Cuchulainn disse que ela vai gostar de mim.

— Não se preocupe, Brenna, ela vai adorar você. Onde está esse meu irmão? Ainda na cama?

— Não, ele foi para o Grande Salão. Eu disse a ele que queria ter certeza de que você estava se sentindo bem esta manhã. — Ela estreitou os olhos e estudou Elphame, mudando facilmente de jovem amante eufórica para a curandeira. — Você parece pálida. Dormiu direito?

— Dormi bem. Provavelmente estou pálida porque passei muito tempo reclusa e tempo insuficiente sob céu aberto. Vamos fazer nosso desjejum juntas e depois vou remediar isso. — Ela rumou para a porta, mas a pergunta seguinte de Brenna a fez se deter de pronto.

— O que aconteceu com seu pescoço?

Elphame passou o dedo pelas marquinhas e se obrigou a dar de ombros com indiferença.

— Eu devo ter me arranhado.

— Mais parecem picadas.

— Pode ter sido uma aranhazinha. Imagino que isso prove que nosso lar não é perfeito. — Ela pegou a mão de Brenna e a puxou em direção à porta.

— Lembrarei Meara de verificar os cantos dos seus aposentos à procura de teias.

Elphame fez um som vago de concordância, e depois logo mudou de assunto: — Como está a filhote do meu irmão?

Brenna revirou os olhos.

— Ele contou que a batizou de Fand?

Elphame sentiu uma verdadeira gargalhada borbulhar do peito, e, enquanto ria com a amiga, o nó dentro dela se dissipou. Tagarelando amigavelmente, caminharam através do belo pátio principal e adentraram o Grande Salão, onde o clã estava se reunindo e um aromático desjejum estava sendo servido. Elphame foi cumprimentada calorosamente, e seu coração ficou contente por ver o irmão pegar Brenna nos braços e beijá-la profundamente.

Ela era a chefe desse clã maravilhoso. Se Lochlan tivesse abandonado o amor deles, ela sobreviveria. Não, faria melhor do que sobreviver. Viveria, prosperaria e passaria o resto de seus dias rodeada pelo amor e o respeito de seu povo. E talvez algum dia pudesse contar aos sobrinhos e sobrinhas uma lenda

sobre uma criatura alada e uma deusa que, por um curto período, a amara.

Elphame sorriu para a filhote que saltitava desajeitada ao redor dos pés do irmão enquanto caminhavam em direção ao grupo de trabalhadores que aguardavam do lado de dentro dos muros do castelo. Mal podia acreditar que a enérgica e gorda Fand era a mesma criatura que Cuchulainn tinha resgatado quase morta da toca apenas dois dias antes.

— El, tem certeza de que se sente bem o bastante para isso?

— Não comece, Cuchulainn. Você ouviu Brenna. Ela disse que me curei o bastante para voltar ao trabalho. E esse é exatamente o tipo de trabalho que quero fazer hoje.

Cuchulainn ergueu uma sobrancelha.

— Por que prefere nos ajudar a cortar árvores, limpar o mato da floresta em vez de algo...

— Algo mais fácil? — Elphame o interrompeu com um bufão de aversão. — Nunca fui uma pessoa particularmente interessada no que é *mais fácil*, Cuchulainn. Me diga — o que escolheria fazer se fosse forçado a ficar inativo por tanto tempo quanto eu?

— Você estava seriamente ferida, El — lembrou-lhe.

— O que escolheria? — insistiu ela.

O suspiro dele se transformou em risada.

— Eu escolheria ficar com minhas mãos sujas e meus músculos quentes.

— Assim como eu. — Ela sorriu.

Os trabalhadores os cumprimentaram e ficaram agradavelmente surpresos por ouvir que A MacCallan se juntaria a eles no trabalho. Ergueram machados e lâminas e acompanharam Cuchulainn e Elphame pelos muros dianteiros.

— Minha ideia é a seguinte — disse Cuchulainn, apontando a floresta circundante —, já limpamos os terrenos do castelo, mas ainda gostaria que o limite florestal em si recuasse vários passos. Os telhadeiros pediram mais madeira, então isso beneficiaria as duas partes. — Ele estava para dar instruções específicas quando sentiu um formigamento no lado esquerdo do corpo. Virou a cabeça e suas palavras morreram. A irmã estava à sua esquerda e ondas de calor emanavam dela. Cuchulainn sentiu um tremor familiar, conforme testemunhava, novamente, o poder da Deusa ganhar vida nela.

Elphame olhava acima das árvores. O céu estava de um azul surpreendente que só parecia acontecer em manhãs de primavera que se seguiam a chuvas noturnas. O sol tinha acabado de se elevar sobre o mar de pinheiros e espalhar ondas de calor e luz sobre as paredes vivas do Castelo MacCallan. O corpo de Elphame absorveu os raios de sol como o toque de um pai há muito ausente, e ela sentiu o poder da Deusa preenche-la.

— Epona tocou este dia — a voz de Elphame era reverente. — Vamos agradecer à Deusa por Sua presença e pedir Sua bênção sobre nosso clã.

Quando Elphame ergueu o rosto para o calor do sol da manhã, sentiu os homens se ajoelharem ao seu redor. Ela olhou para o lado, e Cuchulainn também tinha se colocado de joelhos. Ela olhou para seu povo. Estavam ajoelhados respeitosamente, mas as cabeças não estavam abaixadas. Acompanhando sua orientação, tinham erguido o rosto para a luz do sol. Elphame sentiu que isso estava certo, e ao erguer os braços para evocar o nome de Epona, o poder caloroso da Deusa dançou ao longo de sua pele.

“Oh, Grande Deusa Epona, sentimos Sua presença poderosa hoje e pedimos que Seu espírito flua por nosso clã.

Nós estabelecemos um novo caminho aqui, e com Sua ajuda divina continuaremos a soprar vida no Castelo MacCallan, o lar ancestral daqueles cujo sangue Você sempre considerou querido.

Agradecemos a Você e pedimos Sua benção nos ventos leves e sussurrantes que vêm de longe, nas águas frescas dos mares e riachos, e nas terras distantes e lugares selvagens.

Estamos honrados por ter Seu espírito entre nós.

Salve, Epona!”

Aqueles que a cercavam acolheram o grito e, para a alegria de Elphame, as palavras “Salve, Epona!” ecoaram dos muros do castelo, enchendo a manhã com uma sensação de amor e magia que permaneceria entre eles como lembrete daquele dia.

As criaturas aladas observavam da segurança das sombras da floresta. Lochlan tinha mentido para eles; ali estava a prova inegável. A deusa ungulada estava diante dos muros do castelo, cercada por seu povo que se ajoelhava em reconhecimento ao seu poder. Epona a preenchia — ela cintilava com o espírito incorporador da Deusa. E ela evocava a bênção de Epona com palavras simples, como se fosse seu direito por nascença — o que obviamente era. Ela era, de fato, uma deusa viva.

Não deviam deixar Partholon sem ela. O destino de seu povo dependia disso. Pensamentos sombrios agitaram-se na mente das criaturas, que dessa vez não fizeram qualquer tentativa de represá-los. A deusa ungulada precisava ser atraída para a floresta, para longe da proteção dos muros de seu castelo. Lochlan não faria isso, então eles precisariam encontrar outra maneira.

Dentro da escuridão da mente das criaturas, uma ideia se formou, nascida em loucura e banhada em sangue.

Trinta e Quatro

O SOL ESTAVA bem alto e a dor nos músculos de Elphame era uma queimação lenta e satisfatória quando Brenna apareceu, uma cesta de piquenique em mãos. Ela fez careta e riu quando Cuchulainn a puxou para seus braços e lhe deu um beijo suado.

— Ugh! Vocês dois estão pingando de suor. — Então o olhar da curandeira se aguçou ao estudar Elphame.

— Não, não estou exagerando. Sim, estou me sentindo bem — Elphame rapidamente lhe garantiu.

Fand, que estava tirando uma soneca na sombra do pinheiro mais próximo, escolheu aquele momento para acordar e veio galopando desajeitadamente até Brenna, que se ajoelhou para coçar atrás da orelha da filhote.

— Bom, você parece melhor do que de manhã, apesar de todo suor e sujeira, mas já passou da hora de um descanso. — O sorriso se aqueceu e se tornou íntimo quando seus olhos se fixaram nos do amante. — Trouxe a refeição do meio-dia. Gostaria de dividi-la comigo?

Elphame observou Brenna literalmente flertar com seu irmão. Era como se o amor que aceitara de Cuchulainn a tivesse preenchido tão completamente que ela, como o Castelo MacCallan, tivesse renascido.

— Sim, moça, eu adoraria. — Cuchulainn a fitou maliciosamente enquanto ela dava um gritinho e se remexia em seus braços suados. Fand latiu para os dois.

— Não só você, Cuchulainn — disse Brenna sorridente. — Nossa chefe está convidada também.

— Eu adoraria me juntar a vocês, mas Wynne é uma verdadeira mandona. Lembram de quando ela me puxou para um canto hoje de manhã no desjejum? — Cuchulainn e Brenna assentiram. — Prometi que me sentaria com ela para aprovar as seleções de cardápio e conversar sobre a expansão da equipe da cozinha. Na verdade, tenho que ajudá-la a entrevistar assistentes de cozinha. — Elphame deu um suspiro dramático. Na verdade, estava satisfeita por Wynne ter pedido seu conselho na seleção da crescente equipe de assistentes. Também estava satisfeita por isso lhe dar uma desculpa aceitável para se livrar de ficar grudada no irmão e em Brenna durante um de seus primeiros encontros amorosos.

— Então, somos apenas nós dois. — Cuchulainn deu uma piscadinha para Brenna. Fand uivou e o guerreiro a aninhou nos braços. — Quero dizer, nós três — corrigiu-se.

Brenna fez cara feia enquanto ele coçava Fand debaixo do queixo.

— Cuchulainn, se pretende tocar em alguma coisa além desse animal, melhor se lavar.

Cuchulainn inclinou-se e baixou a voz: — Encontro você na nossa piscina, Brenna. — Quando ela sorriu, ele largou a filhote esperneante nos braços dela. — Você e Fand vão na frente. El e eu vamos terminar com essa árvore e depois eu me coloco a caminho. — Sua voz mudou para um sussurro fingido enquanto seus olhos lançavam uma olhada provocadora na irmã. — Não diga à nossa chefe, mas pretendo tirar uma folga essa tarde...

— Ah, você é terrível, Cuchulainn! — Elphame lhe deu um soco.

— Concordo — disse Brenna alegremente, segurando a filhote contra o seio. — Mas esperarei por ele mesmo assim. — E com uma olhada garbosa sobre o ombro, foi caminhando pela estrada.

Cuchulainn a observou partir, sorrindo como bobo. Elphame meneou a cabeça.

— Você não a merece.

A voz de Cuchulainn soava jubilosa:

— Está certa, minha irmã! Mas ela me ama de verdade. Agora, vamos cortar essa árvore para que eu possa passar o resto da tarde nos braços dela.

Eles se voltaram para o tronco do grosso pinheiro que estavam arrancando. Elphame buscou o olhar do irmão.

— Eu disse que ela o amava.

Cuchulainn riu entusiasmado.

— Nesse caso em particular, não poderia estar mais contente por você estar certa, minha irmã.

Rindo, Elphame o encarou. E seu sorriso congelou. Por trás do ombro de Cuchulainn, uma única nuvem negra de repente obscureceu o brilho da luz do sol. Havia algo nisso — algo frio e sinistro — que fez um dedo de pavor descer por sua espinha. Elphame estremeceu.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela piscou e a nuvem sumiu. Será que tinha mesmo estado ali? O calor brilhante do dia irrompeu novamente em sua alma, e o calafrio que a abalara se tornou nada mais do que um truque da luz do sol entre as árvores.

— El?

Ela meneou a cabeça e segurou a árvore com mais força.

— Não é nada, só minha mente vagando. Vamos nos apressar. Você não quer fazer Brenna esperar, e eu concordo com ela. Você realmente precisa de um banho. — Ela riu e torceu o nariz para o irmão suado.

Brenna sentia-se leve, feliz e muito, muito linda. Balançava a cesta que enchera com queijos aromáticos, pão fresco, ovos cozidos de codorna e fatias de carne de porco defumada. Tinha até conseguido um odre do melhor vinho da mãe de Cuchulainn. Ela saiu da estrada e sorriu de como tudo estava ficando verde. Florzinhas roxas tinham brotado durante a noite e plantinhas cor de lima que pareciam cestas viradas de ponta-cabeça formavam bonitas moitas ovais. A floresta parecia ter se vestido apenas para ela — e o pensamento bobo e romântico a fez dar um sorriso largo.

O choramingo de Fand deixou Brenna saber que a filhote ficara para trás. Ela se virou e espiou entre

as árvores. A filhote tinha sentado seu traseiro rechonchudo no meio da estrada e estava encarando Brenna lastimosamente.

— Venha — chamou Brenna. — O pinheiro grande está ali — ela apontou para cima —, o que significa que não estamos longe da piscina.

Fand não se mexeu.

Brenna cacarejou com a filhotinha.

— Venha, docinho. Eu trouxe um pouco de leite e um pano de algodão para você. Vou estender um cobertor e você pode dormir até *ele* se juntar a nós. — Claro que sabia que a filhote não podia realmente compreender o que ela estava dizendo, mas seu tom era suave e persuasivo, então ela deu tapinhas na coxa e bajulou a criatura obstinada a deixar a estrada e segui-la para a floresta. — Boa menina! — exclamou. — Cuchulainn vai ficar orgulhoso de você.

A atenção de Brenna estava focada na filhote, então ela não notou quando a sombra se destacou do pinheiro mais próximo e começou a segui-la.

O som musical da água caindo estava muito próximo quando Fand de repente rosnou.

— Fand? O que foi, bebê? — Sua reação inicial foi rir. Os pelos da nuca se eriçaram quando a filhote exibiu seus dentinhos e recuou lentamente até Brenna. A lobinha parecia adoravelmente nada impressionante. Só era uma bolinha de pelo cinza, simulando pequenos rosnados de lobo. Brenna achou que ela se parecia mais com um ouriço.

A escuridão lampejou como uma sombra no canto de sua visão. Os rosnados de Fand aumentaram. Brenna virou a cabeça e sua respiração fugiu dos pulmões num *uh!* apressado.

A criatura alada era muito linda. Brenna notou a cor única de seus olhos e a força ágil de seu corpo, quase como se estivesse catalogando os sintomas de uma doença recém-descoberta. Brenna não entrou em pânico, nem gritou e lutou. Com uma velocidade selvagem que era mais do que humana, a criatura se aproximou dela. A luz clara do novo dia cintilava perigosamente de suas presas.

— Faça isso porque ele me obrigou. É a única maneira. — A voz da criatura alada era surpreendentemente macia e melódica.

Mesmo que Brenna enxergasse a certeza de sua morte nos olhos da criatura, não conseguiu forçar o corpo a se mexer. Estava paralisada, presa naquele olhar cheio de perdição. Embora o corpo não respondesse, a mente de Brenna permanecia muito clara. Seu primeiro pensamento foi de como aquilo era diferente do acidente. Aquele fora um dia cheio de fogo e dor. Este, a princípio, uma doce invasão. A criatura a segurou bem de perto e a cabeça baixou até o lado não desfigurado do pescoço. Brenna sentiu os dentes pressionarem a maciez de sua pele. Quando eles a furaram, foi tomada por um ímpeto de euforia e não pôde conter um gemido. Depois houve uma sensação quente, dilacerante, e, como se bem ao longe, Brenna ouviu o ruído distinto de carne se rasgando.

Fechou os olhos e pensou em Cuchulainn. *Epona, ajude-o a não lamentar por muito tempo.* Parecia que o tempo estava suspenso enquanto sua mente formava sua oração final: *E obrigada, Deusa, por me permitir conhecer o amor e a aceitação antes de conhecer a morte.* A sensação de dilaceramento em seu pescoço aumentou e Brenna pôde ouvir a própria respiração escapando em altas arfadas. Suas pernas perderam as forças. Ainda bebendo de seu pescoço, a criatura a segurou numa rude paródia do abraço de um amante. O mundo sob as pálpebras fechadas mudou de escarlate para negro, mas antes que a dor, que a morte em si pudesse reclamá-la, Brenna se sentiu sendo tirada para fora do corpo que desmoronava, e sua alma se encheu da indescritível paz dos braços acolhedores de Epona.

— Acho que Kathryn seria a melhor adição à minha equipe — disse Wynne, afastando um cacho fujão do rosto.

Elphame falou depois de outra mordida no excelente cozido de cervo que Wynne preparou para a refeição do meio-dia.

— Ela admite ter pouca experiência como cozinheira, mas é jovem e muito disposta. Concordo com você, ela vai aprender rápido.

— Meara vai ficar zangada. Ela odeia perder suas subordinadas.

Elphame pensou na silhueta agradavelmente arredondada da governanta-chefe. Ela sorriu.

— Cozinhe algo especial para Meara como uma oferenda de paz.

Wynne assentiu pensativa.

— Algo doce.

— Muitas coisas doces.

Um som súbito interrompeu a risada de Elphame, que espiou ao redor de Wynne para tentar ver o que estava causando a comoção quando ouviu o primeiro grito: — Elphame!

Ela reconheceu a voz grave de Danann e já estava saindo apressada do Grande Salão quando o velho centauro adentrou o pátio. A respiração dela ficou presa diante de sua expressão amarga.

— Seu irmão precisa de você.

O centauro girou e correu na direção da entrada do castelo. Elphame o alcançou lá. Fora dos muros do castelo estava um mar de confusão. Homens selavam cavalos freneticamente. Centauros surgiam correndo das margens da floresta. Elphame conseguiu ouvir o nome de Brighid sendo gritado. E em meio a essa peleja Cuchulainn permanecia completamente imóvel enquanto seu cavalo era selado. Nos braços, seu irmão de rosto pálido apertava a filhote de lobo, que estava salpicada de sangue. Elphame disparou até ele.

— É Brenna — disse Cuchulainn.

— O que houve? Onde está ela? — Elphame olhou rapidamente para a filhote. Fand não tinha ferimentos no corpo. Não era o sangue da loba que manchava seu pelo.

— Encontrei Fand na floresta perto da piscina. Ela estava sozinha. Chamei e procurei por Brenna. Vi rastros estranhos. Não os compreendi. — Cuchulainn falava rapidamente em frases curtas, reduzidas, como se formar palavras fosse difícil: — Vim buscar Brighid por causa disso. — Sua mão buscou a *claymore*, agora bem presa às costas.

O dedo apavorante que mais cedo lhe tocara a espinha formou um punho gelado que se fechou sobre o coração de Elphame.

Os cascos de Brighid golpeavam o chão gramado à medida que ela galopava até eles.

— O que aconteceu?

— Alguma coisa atacou Brenna. — Cuchulainn entregou a filhote ao homem que terminara de selar o cavalo. Então pulou sobre o capão. — Perto da piscina onde vocês três tomaram banho. Não consigo ler os rastros.

— Me mostre — disse Brighid.

Cuchulainn direcionou o capão estrada abaixo e, sem qualquer palavra, o grupo disparou atrás dele. Elphame corria ao lado do irmão. Tentava não pensar.

Na base do imenso pinheiro, Cuchulainn saiu da estrada. Desmontou depressa e continuou por mais alguns metros até parar ao lado de uma cesta de piquenique abandonada.

— Aqui. — Ele apontou para uma pequena seção do chão da floresta. As flores silvestres recém-

despertas estavam esmagadas e pingos escarlates escureciam a delicada folhagem verde.

Brighid gesticulou para que o grupo ficasse afastado enquanto ela se inclinava para estudar o chão. Elphame viu o rosto dela ficar tenso e, por um instante, o olhar da caçadora se ergueu e buscou os olhos da chefe antes de voltar seu olhar investigativo para o chão da floresta. Quando falou, o fez sem desviar os olhos da história que os rastros contavam: — Fiquem atrás de mim.

O grupo se moveu numa silenciosa coluna de duas pessoas, Elphame e Cuchulainn liderando os que seguiam Brighid. Ela se afastou depressa da piscina de volta para a estrada, seguindo os rastros que corriam assustadoramente perto dos passos originais de Brenna. A caçadora cruzou a estrada não muito longe de onde o grupo a deixara e mergulhou novamente na floresta. Logo se virou abruptamente para o norte.

Elphame correu até junto dela.

— Algum sinal de Brenna? — perguntou baixinho.

— Ela foi carregada.

Sentindo-se enjoada, Elphame voltou para o lado do irmão. Seguiram a caçadora sem falar. A princípio Brighid se movia com rápida certeza, mas conforme o terreno começou a formar o padrão nortista de saliências rochosas entremeadas por riachos e abismos, o passo da caçadora se reduziu notavelmente, até ela por fim parar. Quando se voltou para encarar Cuchulainn, sua voz estava estridente de frustração: — Eu a perdi. Essa criatura se move como nada que eu tenha rastreado antes. As passadas são impossivelmente distantes — quase como se pudesse voar.

Cuchulainn largou as rédeas do cavalo e cobriu o espaço entre ele e a caçadora de tal modo que seu corpo quase tocava o dela de tão próximo que estavam.

— Não pode tê-la perdido. Ela está com Brenna.

— Sei disso! — gritou Brighid. — Eu daria qualquer coisa para que não fosse assim, mas não posso rastrear uma coisa que se move pelo ar.

Cuchulainn recuou um passo, quase como se ela o tivesse estapeado.

— Se não pode rastreá-la, então como a encontraremos?

— Vamos formar uma linha de caça e vasculhar — falou Elphame de repente. Apontou para um dos homens que vinha atrás. Vá para Loth Tor. Convoque a aldeia. Mande-os trazerem tochas. Vá, homem, rápido! — ordenou quando ele ficou encarando-a estupidamente. Depois Elphame se voltou para a caçadora e o irmão. — Espalhem-se aqui. Comecem a vasculhar. Voltarei ao castelo para convocar o clã. Vamos percorrer essa floresta como gafanhotos. Vamos encontrar Brenna. — Ela abraçou o irmão com força e sentiu o tremor que passou pelo corpo dele quando abrandou o suficiente para devolver o abraço.

Com um aceno de cabeça para Brighid, ela disparou de volta pela floresta. A princípio Elphame se concentrou na velocidade e na viagem pelo terreno bruto e rochoso, mas ao se aproximar do castelo seus pensamentos explodiram pela parede de choque silencioso que os mantiveram acuados.

Os rastros foram feitos por uma criatura de origem fomoriana. Teria as reconhecido mesmo sem o olhar significativo de Brighid. Não podia ser Lochlan. Não podia acreditar. Não era possível. Ou era?

Seus braços se moviam e os músculos ardiavam em compasso com o tumulto dentro de sua mente.

Seus pensamentos circulavam freneticamente, apanhando palavras e imagens e formando com elas um quadro medonho de condenação... Sua lembrança da luz do sol cintilando nas presas de Lochlan se juntou com suas palavras: *Tenho o sangue de uma raça de demônios dentro do meu corpo, e isso é algo que nenhum de nós jamais poderá esquecer.* Os furinhos em seu pescoço pareciam arder.

E se ele tivesse enlouquecido ao provar seu sangue? Será que tinha fugido dela por causa disso — tinha se forçado a partir antes que perdesse o controle? E agora Brenna estava pagando o preço pelo silêncio de Elphame e por sua decisão de confiar numa criatura que era metade demônio.

Não! Seu coração gritou. Ele era seu consorte; sua vinda tinha sido prevista pelo próprio Cuchulainn. Ele não podia ser um monstro insano. Sim, os rastros foram feitos por uma criatura fomoriana, mas Lochlan lhe dissera que existiam outros de sua raça que estavam lutando contra o impulso de loucura do sangue demoníaco. Podia ser que uma dessas criaturas o tivesse seguido e finalmente sucumbido às compulsões sombrias.

Mas ela precisava saber. Precisava ter certeza. Só havia uma maneira.

Elphame parou à beira do limite florestal que rodeava o amado castelo. Ficando na cobertura dos pinheiros, virou-se para o norte — a direção na qual Lochlan entrara em Partholon. Ela ergueu as mãos e falou ao vento: — *Lochlan! Venha até mim...*

O nome do amante cintilou numa neblina mágica diante dela, e depois o vento rodopiou através e ao redor da neblina, apanhou-a e se espalhou na floresta.

Por um momento ela baixou a cabeça, sentindo o peso da decisão pressionando sua alma. Depois se afastou das árvores.

Trinta e Cinco

— FIQUEM A DEZ passos um do outro. Enquanto os outros não se juntarem a nós, não podemos esticar demais nossa linha. O objetivo é encontrar evidências da trilha da criatura, então devemos ter certeza de que direção vasculhar — explicou Brighid, olhando de Cuchulainn para o grupo de homens e centauros que a rodeava. — Vamos seguir em frente unidos numa linha. Vão devagar, ajustem o passo ao meu. Os rastros são incomuns, distintos. Procurem por talhos semelhantes a garras na terra. São grandes, maiores que o casco de um centauro.

Com pouca conversa, os homens se dispersaram. Cuchulainn assumiu posição perto da caçadora.

— Que criatura é essa? — Sua voz sussurrada foi levada facilmente até Brighid no silêncio atípico da floresta.

Ela fitou as árvores, lembrando do olhar que ela e a chefe compartilharam perto da piscina. Elphame sabia que os rastros eram os mesmos sobre os quais conversaram dias antes, porém ela nada admitira. O que Brighid deveria fazer agora: contar a Cuchulainn que tinham conhecimento de uma criatura com garras espreitando na floresta, mas que elas decidiram ignorá-la? Como se para se livrar da confusão, Brighid esfregou as costas da mão sobre a testa e falou ao guerreiro uma verdade parcial: — Não sei, Cuchulainn. Nunca encontrei uma criatura que pudesse fazer tais rastros.

— Ela a matou, não é? — A voz estava destituída de expressão, mas os olhos imploravam para que Brighid discutisse com ele, dissesse que ele estava errado.

— Ela carregou Brenna, disso sabemos, mas não encontramos maiores evidências de sangue, e havia muito pouco sangue no local do rapto. Isso nos diz que ela não sangrou até a morte.

Velado entre eles estava o entendimento de que havia inúmeras maneiras de morrer sem sangrar até a morte. Brighid deixou de lado o olhar torturado de Cuchulainn para verificar a linha de vasculhadores que se esticava a cada lado deles. Ergueu a mão para que concentrassem a atenção nela e acenou com a cabeça com seriedade.

— Vamos começar! — gritou.

Como se fossem um, eles seguiram em frente devagar. Para Cuchulainn, o tempo parecia se curvar

sobre si mesmo. Sua mente lógica sabia que o tempo estava passando normalmente — as sombras da floresta estavam se alongando, dando evidência do esvanecer do dia —, mas era como se apenas o espaço de poucas respirações tivesse passado desde que segurara uma sorridente Brenna em seus braços suados e depois a vira saltitar pela estrada para esperar pelo encontro deles. E ainda mais próximo de sua mente estava o pressentimento que tinha se esgueirado quando ele e Brenna retornaram da piscina na manhã anterior. Tinha sido um alerta; ele tinha sentido a perda de Brenna e a ignorara, assim como ignorara o conhecimento que vinha do reino espiritual por tantas vezes no passado. O que estava acontecendo agora era culpa dele. Se não tivesse rejeitado o reino espiritual, estaria preparado. Não teria deixado Brenna sair de vista. Autoabominação revolvia por sua mente.

E depois o eco de um som distante roçou sua pele, fazendo os pelos de seu braço se arrepiarem. Veio rodopiando às costas dele; não era tanto um som, um toque ou um pressentimento. Era uma magia viva que viajava no sopro do vento.

— Esperem! — gritou ele.

Imediatamente, Brighid ergueu a mão e fez a linha parar.

Concentrando-se em ouvir com mais do que os ouvidos, Cuchulainn estendeu os sentidos sobrenaturais subdesenvolvidos que geralmente rejeitava. O som tangível passou zunindo, subiu a inclinação rochosa que se angulava diante deles e depois, tão de repente quanto o pressentimento tinha surgido, se foi. Ele suspirou pela perda e amaldiçoou a própria incompetência. Quando o assunto era lidar com o reino espiritual, ele era um bebê em meio a anciões. Derrotado, quase acenou para que Brighid mandasse a linha seguir adiante quando sentiu uma percepção de resposta derramar-se do outro lado do declive e transbordar através e além dele num tumulto de sensações.

Cuchulainn ergueu a cabeça e apontou para a inclinação.

— Tem... Alguma coisa ali.

Juntos, guerreiro e caçadora lideraram o trajeto. Pararam no cume, sendo surpreendidos ao se depararem com uma falha na floresta implacável. A área tinha apenas uns 12 passos ou menos de extensão, um mini-oásis de campina gramada rodeada pelo que Cuchulainn reconheceu como antigos carvalhos, em vez dos altos e imponentes pinheiros que proliferavam na maioria da área circundando o Castelo MacCallan. Um movimento na escuridão das árvores do lado oposto da campina atraiu a atenção de Cuchulainn exatamente quando a criatura alada saiu do abrigo das árvores para a ravina. Ele carregava nos braços o corpo frouxo de Brenna.

Fomorianos! Num ímpeto de reconhecimento, sua mente registrou o que o monstro devia ser. Então o tempo se dobrou e mudou novamente, acelerando de forma que os movimentos e sons se tornaram borrados e surreais. A criatura parou e seus olhos se fixaram em Cuchulainn. O satisfatório *twang* do arco de Brighid disparando uma flecha ecoou o som da *claymore* de Cuchulainn sendo puxada da bainha. A criatura arremeteu para o lado, e mesmo quando a flecha se cravou até a pena no ombro dele, Cuchulainn notou que o monstro parecia amparar o corpo de Brenna com cuidado, como se em algum canto doentio da mente ele fingisse mantê-la segura.

— Brenna! — O nome rasgou a garganta de Cuchulainn quando ele cortou a clareira.

A criatura permaneceu em silêncio e não fez qualquer movimento para correr ou se proteger. Só as asas se moveram. Elas farfalharam e se abriram, mas os olhos cinzentos como tempestade da criatura não piscaram. Cuchulainn podia sentir Brighid e o resto do grupo atrás de si conforme se aproximava da criatura. Tentou não olhar para Brenna. Tentou não ver o quanto ela estava pálida e imóvel.

Quando estava à distância de um braço da criatura, ela falou: — Cheguei tarde demais. Ela está

morta.

A voz era profunda e poderosa, e a óbvia tristeza contida nela atingiu Cuchulainn como um soco. O guerreiro apontou a *claymore* para o pescoço da criatura.

— Coloque-a no chão e encontre sua própria ruína.

Lentamente, o ser alado se ajoelhou e com óbvia gentileza pôs o corpo imóvel de Brenna no chão gramado. Quando ficou de pé, os vasculhadores avançaram com uma só ideia, mas a ordem raivosa de Cuchulainn os deteve: — Não! Ele é meu.

Com velocidade ofuscante, Cuchulainn se arremessou na criatura que não oferecia resistência. Mas no instante antes que a lâmina atravessasse o pescoço do monstro, ele falou novamente, e a única palavra que gritou fez o braço de Cuchulainn vacilar, então a investida rasgou a asa da criatura e cortou o mesmo ombro que a flecha tinha penetrado em vez de decepar seu pescoço.

— Elphame!

O nome pareceu se tornar algo vivo. Pairou no ar ao redor deles como uma oração antes de subir ao céu expectante.

Cuchulainn estreitou os olhos e manteve a *claymore* de prontidão, apontando a lâmina perigosa para a garganta da criatura.

— Como ousa falar o nome de minha irmã? — berrou ele.

Lochlan tinha caído sobre um dos joelhos. Sua asa rasgada pendia fraca e frouxa sobre o chão ensanguentado, e a mão dele tentava estancar o sangue que fluía livremente do ombro ferido, mas os olhos cinza que buscaram os de Cuchulainn eram inabaláveis e a voz era forte e segura: — Falo o nome de minha chefe por direito de sangue e juramento, e invoco o direito do clã de que ela ouça meu pedido. Só ela pode decidir meu destino.

— Você não é do clã MacCallan! — rosnou Cuchulainn.

Lochlan lutou para se firmar de pé. Através dos dentes trincados para conter a dor, fez sua proclamação numa voz que ressoou pelos antigos carvalhos: — Minha mãe era Morrigan, irmã mais nova d'O MacCallan que governou essas terras. Hoje reclamo publicamente meu direito. Só a própria MacCallan pode me chamar de mentiroso!

— Leve-o até sua irmã. — A voz cruel de Brighid cortou o ecoante silêncio. — Ela amou Brenna tanto quanto você. Será um grande prazer para ela ver essa fera estripada.

Ouvindo as palavras de Brighid, Cuchulainn fitou a criatura. As asas, garras e dentes diziam inegavelmente que ele era um fomoriano, mas mesmo através da fúria e do pesar Cuchulainn conseguia enxergar a clara marca de humanidade em seus traços.

— Amarrem as mãos dele e o prendam na minha sela. Se não puder andar até A MacCallan, será arrastado até ela.

Enquanto amarravam o inofensivo Lochlan, Cuchulainn se ajoelhou ao lado de Brenna. Ela estava tão pálida. Ele tocou-lhe o rosto. Tão frio — a pele estava tão fria. Brenna parecia em paz, como se estivesse simplesmente dormindo. Exceto pelo pescoço. A criatura tinha arrancado um pedaço de carne do tamanho de um punho de sua pele macia. Cuchulainn sentiu a realidade da morte dela se assentar através das camadas de sua mente e em seu coração e sua alma.

— Tragam uma tira de pano! — gritou sem tirar os olhos de seu doce rosto.

O luzidio da pelagem de Brighid apenas se registrou no canto de sua visão quando a caçadora lhe entregou uma tira de seda rasgada do forro do colete. Cuchulainn a enrolou com cuidado ao redor do pescoço de Brenna, para que ninguém ficasse olhando a obscenidade do estrago terrível feito a ela.

Depois se curvou e beijou seus lábios frios.

— Vou levá-la para casa, amor — murmurou.

Brighid segurou o cavalo enquanto ele montava, depois lhe passou com delicadeza o corpo de Brenna. Segurando sua amante com firmeza nos braços, Cuchulainn escolheu o capão num meio-galope. Sentiu uma satisfação cruel ao ouvir a criatura alada tropeçar, cair e ser arrastada por vários passos antes de recuperar o equilíbrio. — Deixe-o sofrer como Brenna sofreu. — Ele apertou seu corpo inerte, tentando não pensar na realidade do que a morte dela significava — que ela estava perdida para sempre, que jamais conheceria novamente seu toque gentil ou veria refletido em seu sorriso a maravilha com que ela enxergava o novo mundo de amor e acolhimento que estava se desdobrando ao redor dela. Não podia pensar nisso agora. Agora só pensaria em duas coisas. Levaria Brenna para casa e garantiria que seu assassino não respirasse mais.

O clã estava em silêncio, reunido e pronto, esperando apenas que as últimas tochas fossem recolhidas e acesas. Elphame estava um pouco distante de onde eles se reuniram diante dos muros do castelo. Uma brisa fria roçou minuciosamente sua pele, trazendo consigo o eco quase mudo de um chamado por seu nome. Elphame estremeceu. O sol estava começando a se pôr, fazendo seu caminho rumo ao mar numa labareda escarlate e ferrugem. Sua boca estava estranhamente seca. Mesmo o céu estava repleto de sangue.

— Está tudo pronto — avisou-lhe Danann.

Elphame se virou para olhar as pessoas e um movimento no balcão da Torre do Chefe chamou sua atenção. Por um instante o sol poente iluminou a forma etérea do velho espírito, O MacCallan, que ergueu a mão num cumprimento silencioso. Ela piscou e o fantasma sumiu. Seus olhos desceram em direção ao grupo melancólico de humanos e centauros.

— Ainda há luz suficiente para andarmos rápido. Fiquem juntos. Deixei Cuchulainn e o grupo não muito longe daqui. Quando os alcançarmos, Brighid vai reordená-los.

Cabeças assentiram. Satisfeita, Elphame virou-se para começar a guiar o grupo através do lado norte das terras limpas recentemente, mas antes que pudesse começar sua corrida veloz, luzes lampejaram nas sombras escuras da margem da floresta diretamente à frente. Seu coração parou e seus passos falharam quando primeiro Brighid, depois Cuchulainn, deixaram os pinheiros.

Não! Sua mente gritou a palavra, mas os lábios apenas formaram um grito silencioso e agoniado. Elphame não precisou olhar para nada além do rosto do irmão para saber que a amiga estava morta.

E então, em meio à maré de pesar, Elphame viu que Cuchulainn arrastava algo atrás do capão. A pessoa tropeçou e caiu quando o irmão escolheu o cavalo a um galope que logo cobriu a distância entre eles. Cuchulainn freou o cavalo para o lado e parou de repente para que a criatura ensanguentada e lacerada rolasse e depois tombasse a poucos passos de Elphame e do clã MacCallan.

A princípio ela só viu asas e longas pernas respingadas de escarlate. Deixou o coração acreditar por um instante que talvez não fosse ele. Então Lochlan se esforçou para ficar de joelhos e ergueu o rosto.

— Elphame, não a alcancei a tempo — murmurou Lochlan. — Me perdoe por não saber o que fariam até ser tarde demais.

Ela ouviu arfadas e exclamações espantadas atrás de si. A palavra *fomoriano* foi sussurrada pelas terras do castelo como uma maldição terrível demais para ser dita em voz alta. Elphame podia sentir o choque e o horror do clã, mas não tirou os olhos de Lochlan — nem para olhar o irmão e a amiga assassinada, nem para olhar a caçadora cujo olhar sagaz era quase uma pressão tangível sobre sua pele.

— Quem a matou?

Lochlan falou no súbito silêncio que a pergunta de Elphame invocou: — Quatro do meu povo me seguiram. Ordenei que voltassem para os Ermos e esperassem por mim lá. Pensei que tivessem partido. Eles me juraram que sairiam de Partholon. Em vez disso, mataram Brenna.

— Você conhece esta criatura! — rosnou Cuchulainn.

Elphame deixou de olhar Lochlan para olhar fundo nos olhos repletos de dor do irmão.

— Eu o conheço. Ele está jurado a mim. — Os murmúrios se tornaram mais altos e ela ergueu a voz para ser ouvida acima da aflição do clã: — Era direito dele. Sua mãe era Morrigan, a própria irmã d'O MacCallan, raptada durante a guerra fomoriana, violentada e largada à morte nos Ermos. Ela sobreviveu ao parto — e muitas outras como ela.

Lentamente, Cuchulainn escorregou da sela, cuidadoso em sustentar o corpo sem vida de Brenna. Caminhou a largas passadas até a irmã e a encarou, apenas com o corpo da amante a separá-los.

— Como pode dizer essas coisas do monstro que matou Brenna? — Sua voz era rude.

— Ele não é um monstro, Cuchulainn. Nós nos pactuamos em casamento. Ele é o consorte que você previu que eu encontraria aqui.

Gritos de descrença soaram ao redor deles, mas Elphame não deixou de encarar o irmão. Sacudindo a cabeça selvagememente, Cuchulainn cambaleou para trás. Quando Elphame se aproximou dele, o irmão evitou seu toque. Ela afastou a mão como se ele a tivesse queimado.

— Pela Deusa, não pode ser possível. — A voz de Cuchulainn parecia vir de uma tumba.

— Cuchulainn! — Lochlan conseguira se colocar de pé. As mãos atadas e sangrando puxavam com firmeza a corda. — Vá ao norte de onde me encontrou. Lá encontrará os responsáveis por essa atrocidade. Minha gente não deve ter ido longe.

Com olhos crepitando, a cabeça do guerreiro girou.

— E por que estariam lá, criatura? Será que não preparou uma armadilha e eles nos esperam lá para lançá-la sobre nós?

— Eles não podem lutar com você, não podem fugir de você. Rasguei as asas deles. Estão à sua mercê, assim como eu.

Para a mente adormecida de Elphame, as palavras de Lochlan foram um choque sobreposto a outro e outro. Brenna assassinada, Lochlan capturado, o irmão encarando-a com olhos que não pareciam reconhecê-la, e agora Lochlan dizia ter rasgado as asas — aquelas extensões essencialmente sensíveis da alma — de sua própria gente. A única coisa que a impedia de gritar em agonia era o peso do broche d'O MacCallan que sustinha o tartã no lugar.

Então a voz de Cuchulainn adentrou seu choque:

— Se estivesse à minha mercê, criatura, não respiraria novamente.

A reação de Elphame nasceu em seu sangue. A MacCallan ergueu o queixo e empurrou os ombros para trás. Destemida, buscou o olhar flamejante do irmão.

— Está correto, Cuchulainn. — Sua voz era de pedra. — Ele não está à sua mercê, está à minha. Leve um grupo de homens e centauros de sua escolha. — Elphame olhou para a caçadora. — Vá com eles. Rastreie os fomorianos híbridos. — Brigid curvou a cabeça, reconhecendo a ordem da líder. Depois o olhar de Elphame retornou ao irmão. — Traga-os para que sejam julgados. — Endurecendo a si mesma, aproximou-se dele outra vez. Dessa vez Cuchulainn não recuou dela, mas sua expressão não se abrandou. Ela abriu os braços.

— Fico com Brenna. Ela está em casa agora.

Cuchulainn hesitou, e então um tremor passou por seu corpo. Relutantemente, pôs Brenna nos braços da irmã.

Sem tirar os olhos dos dela, Cuchulainn apontou o queixo para Lochlan.

— O que fará com ele? — A voz soava tão morta como seu coração.

— Ele é meu prisioneiro e permanecerá assim até a justiça ser feita.

Ele estreitou os olhos.

— Veja se o mantém bem vigiado.

— Veja se traz os outros vivos — retrucou ela.

Rigidamente, como se vendo uma estranha, Cuchulainn se curvou diante dela antes de começar a gritar ordens. Desamarrou a corda à qual Lochlan estava preso da sela e a atirou para um dos homens parados ali perto.

— Vigie-o bem — disse para o homem carrancudo. Depois, sem olhar outra vez para a irmã, ele e Brighid lideraram o grupo de homens e centauros bem armados para a floresta.

Elphame sabia o que devia fazer, e deu a ordem sem hesitação, mas era como se o coração pesasse chumbo dentro do peito, por isso não conseguia olhar para Lochlan. O lendário Castelo MacCallan não possuía calabouços úmidos ou prisões com barras de ferro. Quando um membro do clã cometia um crime, a justiça era rápida e permanente — de acordo com a vontade do chefe, ou a vida do criminoso era tomada ou ele era banido. O clã cujo grito de batalha era “Fé e Fidelidade” não tolerava quem quebrava um juramento.

— Levem-no para dentro dos muros do castelo e o amarrem a uma das colunas. Ele será tratado como meu prisioneiro enquanto aguardamos o retorno de Cuchulainn.

Então o homem segurando a corda de Lochlan a puxou com crueldade. A resposta de Elphame foi imediata — a voz, uma adaga: — Eu reconheci a reivindicação dele como membro de nosso clã e aceitei seu juramento. Seria prudente lembrar-se de tratá-lo como tal.

O homem logo desviou o olhar. O fogo nos olhos de Elphame dizia que ela era mais do que uma chefe; era tocada pela Deusa. Não se invocava a ira de uma deusa levemente.

Conforme o grupo passava por ela em silêncio e entrava no castelo, Danann se aproximou de Elphame.

— Deixe-me ajudá-la com a pequena curandeira, deusa.

Seus olhos estavam cheios de compaixão e a raiva dentro de Elphame se extinguiu, deixando-a perdida e exausta.

— Ela é tão leve — disse Elphame, hesitante.

— O corpo de Brenna não a definia. Ela tinha uma grande vontade abrigada numa forma pequena — disse Danann.

— Seu coração era sua força — disse Wynne, vindo parar ao lado do centauro. Trilhas de lágrimas manchavam caminhos por suas faces de mármore.

— Assim como sua gentileza — disse Meara ao se juntar a eles. Sua voz tremia de emoção, e ela também chorava abertamente. — Ficaríamos honradas se nos permitissem ajudar a untar o corpo de Brenna.

O olhar de Elphame trocou o velho e sábio centauro pelas duas jovens mulheres. Elas não se afastaram dela nem a acusaram de ser defensora de um monstro. Não retiraram a lealdade por ela; ainda era chefe delas. Elphame lutou contra as próprias lágrimas. Ela era A MacCallan; o clã dependia de sua força. Não choraria.

— Aceito a oferta de ajuda. Venham comigo para a tenda de Brenna, vamos prepará-la lá.

Os quatro fizeram uma triste procissão, caminhando entre as tendas vazias no lado sul das terras do castelo até o lar temporário de Brenna. Sentada perto da entrada estava a pequena filhote de lobo. Elphame tinha se esquecido de Fand e ficou surpresa por ver que alguém a tinha amarrado num dos postes da tenda. A filhote saltou de pé, retorcendo-se num cumprimento, mas quando Elphame e seu fardo se aproximaram, o comportamento da jovem loba mudou drasticamente. Orelhas e cauda tombaram. Choramingando tristemente, ela se encolheu no chão. Elphame entrou na tenda e deitou Brenna na cama benfeita. Começaram a untar seu corpo enquanto o som sombrio dos uivos lamentosos de Fand ecoava pelo fim do dia.

Trinta e Seis

ELPHAME ESTAVA ENCOBERTA nas sombras do lado de fora do pátio principal. A cena diante dela possuía uma sensação macabra, sobrenatural. Tochas ardiam brilhantes e o som confortador de pessoas conversando e terminando a refeição da noite fluía do Grande Salão misturando-se ao familiar chapinhar da água incessante da fonte. Eram os ruídos de seu castelo ao fim de um dia. Tudo estaria normal se não fosse pelo cheiro dos óleos que usara para untar o corpo de Brenna ainda perfumar suas mãos e se os guardas não estivessem posicionados no pátio, mantendo vigilância sobre Lochlan.

Grilhões de ferro presos a pesadas correntes algemavam os punhos e tornozelos de Lochlan. As correntes tinham sido bem presas ao redor da grande coluna central do castelo. Lochlan estava sentado à base da coluna, pesadamente recostado nela. Uma flecha se projetava do ombro esquerdo. Acima da pena, o músculo fora cutilhado e a laceração estava aberta com feia opressão. O sangue cobria a lateral do corpo de Lochlan. Mas o ferimento que chamou a atenção de Elphame e fez seu estômago apertar era o longo rasgo que corria quase o comprimento da asa. A asa intacta estava bem dobrada às costas de Lochlan, mas a outra pendia frouxa e parcialmente aberta, lembrando a Elphame um pássaro moribundo.

Elphame respirou fundo várias vezes, tentando ignorar o cheiro muito adocicado dos óleos funerários. O sangue latejava furiosamente nas têmporas. Ela queria correr até Lochlan e exigir que o soltassem. Se fosse qualquer uma que não A MacCallan, o teria feito. Berraria aos guardas que ele não tinha matado Brenna — que não era um demônio. Mas não podia reagir como uma esposa louca. Deveria oferecer justiça, não histeria e lágrimas. Não podia salvar Lochlan. Ele devia salvar a si mesmo. Devia provar sua inocência da morte de Brenna, ou ela teria que submetê-lo à punição, como faria com qualquer outro membro do clã MacCallan.

Mas como qualquer outro membro do clã, ele estava sob seu cuidado e proteção até o julgamento estar completo. Como tinha visto Brenna fazer muitas vezes, arrumou a sacola de couro até a alça assentar confortavelmente sob os ombros e saiu às luzes bruxuleantes das tochas. Seus cascos estalaram solidamente no mármore liso. Os dois guardas armados curvaram a cabeça.

— Brendan, Duncan. — Ela os cumprimentou com um aceno de cabeça.

Lochlan ergueu o rosto.

— Preciso que um de vocês vá à cozinha. Wynne logo terá preparado um caldo. Tragam para mim, junto com um odre de vinho tinto forte.

Brendan curvou a cabeça novamente antes de sair para obedecer suas ordens. Ela buscou os olhos de Duncan.

— Quero falar com Lochlan em particular.

Duncan hesitou apenas um momento antes de se retirar com relutância pelo pátio. Elphame notou que ele permaneceu longe o bastante para que a conversa não fosse ouvida, mas perto o bastante para que pudesse voltar rápido para junto dela caso achasse que estava em perigo.

— Está muito ferido? — perguntou a Lochlan.

Ele não respondeu a princípio, apenas a encarou enquanto balançava lentamente a cabeça de um lado para o outro, e Elphame imaginou novamente se a loucura não teria começado a reclamá-lo.

— Não matei Brenna. — Ele enunciou as palavras lenta e distintamente.

Em vez de falar, ela se agachou perto dele e abriu a sacola de Brenna à procura do unguento que a amiga usara para curar suas feridas e tiras de linho para amarrar o corte grave no ombro.

As correntes retiniram quando Lochlan agarrou o punho dela. Puxando a *claymore*, Duncan deu um passo na direção deles, mas Elphame o dispensou com um gesto.

— Preciso saber se acredita em mim — disse Lochlan.

Elphame olhou em seus olhos cinza e descobriu que não conseguia responder.

— O espírito das pedras pode dizer, deusa. — A voz desencarnada de Danann veio da entrada do pátio.

Elphame desvencilhou-se de Lochlan e ficou de pé para encarar o centauro. Ele também cheirava a óleos funerários. Ela não sabia que óleos escolher da grande seleção de Brenna; nunca antes supervisionara a preparação de um corpo, mas sabia que o cuidado com que Danann escolhera os óleos e as guiara na preparação de Brenna estava tão indelevelmente impresso em sua memória quanto a sensação frouxa da pele sem vida da amiga. O rosto bem vincado do centauro refletia a tensão das últimas horas, mas os olhos ainda eram gentis e sábios. Ele se aproximou dela e estudou Lochlan com franca e aberta avaliação antes de retornar o olhar para Elphame.

— Pergunte ao espírito da grande coluna. Através dele saberá a verdade.

Os olhos de Elphame se arregalaram. A ideia não tinha lhe passado pela mente, mas ela percebeu que o artífice estava correto. Ela possuía dentro de si a habilidade de dizer infalivelmente se Lochlan tinha qualquer parte na morte de Brenna.

As correntes retiniram quando Lochlan se esforçou para ficar de pé.

— O que o centauro quer dizer? — murmurou ele dolorosamente.

— Ele quer dizer que o espírito dentro da pedra desta coluna e eu somos conectados. Através dela posso ver dentro de você e saber se machucou Brenna ou não.

Lochlan fechou os olhos com cansaço, e por um momento Elphame pensou que ele pudesse ter perdido a consciência, mas eles se abriram. A tristeza que viu neles a inundou com suas palavras: — Não deveria precisar dos espíritos do seu castelo para dizer que eu não seria capaz de ter cometido tal crime.

— Não deveria? — interrompeu Danann, falando com Lochlan como se estivesse repreendendo um estudante vagabundo. — Talvez sua consorte devesse confiar implicitamente em você, mas sua consorte é também A MacCallan. Ela deve ser mais perspicaz. Não subestime a profundidade da responsabilidade que ela carrega no sangue.

Ao ouvir as palavras de Danann, uma transformação aconteceu no rosto de Lochlan. A tristeza sumiu e apenas o cansaço permaneceu.

— Faz bem em me repreender, mestre centauro — disse Lochlan. — Eu sabia quem Elphame era quando fiz meu juramento. Não deveria esperar menos dela. — Ele olhou para sua chefe e esposa. — Pergunte aos espíritos para que a mente d'A MacCallan fique em paz.

Elphame se aproximou dele. Ainda estava pesadamente recostado à coluna. Ela tocou a pedra esculpida ao lado dele. Sua mão formigou com o calor quando o espírito debaixo de sua palma acordou e respondeu ao toque. Ela fixou o olhar ao dele enquanto falava: — Preciso saber se Lochlan é culpado da morte de Brenna.

Ela sentiu a onda de calor e a conexão fundida quando seu espírito se misturou ao da grande coluna. Como o expirar de um fôlego muito contido, parte de sua consciência sumiu por sua mão, enroscou-se e depois despejou-se da pedra em Lochlan.

Ele inspirou acentuadamente de surpresa ao sentir o calor invadir seu corpo surrado, mas os olhos não desviaram de Elphame.

— Eu não matei Brenna — repetiu ele as palavras cuidadosamente.

E de repente Elphame foi abalada por descargas de emoção ao sentir a verdade dentro de Lochlan. *Choque... Raiva... Desespero!* Ele conheceu a devastação dele ao descobrir o que acontecera com Brenna. E depois sentiu a recordação de seu próprio chamado engolfá-lo. *Resignação... Pesar...* E ele atendeu ao chamado mesmo compreendendo que ao fazê-lo provavelmente estaria abraçando sua ruína.

Seu coração estava certo; ele não era culpado pela morte de Brenna. Só era culpado de encontrá-la. Ela queria chorar e festejar. A MacCallan não podia fazer nada disso, mas com seu poder havia uma coisa que podia.

— Perdoe-me por duvidar. — Elphame sussurrou antes de baixar a cabeça e concentrar-se em enviar calor de cura de seu próprio corpo, através do coração do castelo, para o corpo ferido do consorte.

Ela o ouviu arfar conforme sua força se despejava sobre ele, e através da conexão sentiu o eco de seus pensamentos: *Não há nada a ser perdoado, meu coração.*

Uma mão forte lhe agarrou o ombro e a cabeça dela se levantou.

— Basta, deusa — disse Danann. — Poderá precisar de sua força em breve.

Relutantemente, Elphame puxou a palma da pedra viva. Sua cabeça girava estranhamente e os braços pareciam incomumente pesados.

— Traga vinho para sua chefe! — berrou o centauro para Duncan. — E água morna e faixas para que possamos cuidar dos ferimentos de Lochlan. — Quando Duncan hesitou, Danann falou com irritado aborrecimento: — Ele mal consegue se mexer, homem! Posso ser velho, mas certamente posso proteger Elphame de alguém que está semimorto.

— Vá — disse Elphame fracamente.

Fazendo cara feia, Duncan correu rumo à cozinha.

— Sente-se antes que caia — disse-lhe Danann.

Elphame obedeceu e sentou-se no chão de mármore, perto de Lochlan. Ele sorriu com fraqueza e deslizou pela coluna lentamente, juntando-se a ela no chão. Ainda parecia horrível, mas a respiração estava mais fácil e havia um toque de cor em suas faces.

— Ele não matou Brenna — disse ela ao centauro, que estava remexendo na sacola da curandeira.

Danann parou e a encarou.

— Claro que não — disse irritado.

— Não acredita que eu a matei? — perguntou Lochlan.

Danann ergueu uma das sobrelanceiras grisalhas.

— Nossa Elphame não é uma tola para ter escolhido casar com um monstro.

— Então por que me mandou perguntar ao espírito da coluna? — perguntou Elphame.

— Você já sabe a resposta disso, deusa — disse Danann.

Mas foi Lochlan quem falou antes que Elphame pudesse: — Por causa do que está por vir — ela precisava ter certeza, não apenas no coração. Precisava saber a verdade na alma.

— Você sabe que a verdade pode não mudar as coisas. — O velho centauro olhou incisivamente de Lochlan para Elphame.

A força que Lochlan recebera da amante pareceu se esvaír, e ele tombou cansado na coluna.

— Só tenho certeza de uma coisa. Estou cansado de me esconder, e aconteça o que acontecer, Partholon saberá que existimos. O que acontecerá depois está nas mãos de Epona.

— Bom, se vai se impor a Partholon, sugiro que se limpe e cuide de seus ferimentos.

Duncan retornou primeiro, com um odre de vinho jogado no braço e carregando uma pequena bacia, um jarro de água e alguns panos limpos. Danann pegou o jarro e os panos e apontou para que Duncan entregasse a Elphame o vinho antes que o guarda se retirasse para seu lugar ao lado da fonte.

— Beba bastante — aconselhou-lhe Danann.

Ela ficou contente em obedecer; a boca parecia incrivelmente seca. Bebeu o líquido revigorante e sentiu um pouco da fraqueza recuar, junto com a leve tontura na cabeça. Depois acompanhou Danann ao lado de Lochlan.

— Beba bastante. — Elphame ecoou as palavras do velho centauro conforme ajudava Lochlan a levar o odre à boca. Ele bebeu, e Elphame tentou avaliar as feridas.

— A flecha tem que sair — disse Danann, a refletir seus pensamentos. — O ferimento do ombro provavelmente precisa ser costurado, mas já se passou muito tempo agora e acho que a dor não compensaria o benefício.

Elphame assentiu apressadamente. Seu estômago tremia ao pensar em costurar a pele de Lochlan.

— Tire a camisa dele e limpe o melhor que puder. Depois que a flecha sair, o buraco que ficar precisará ser cauterizado. Vou à tenda de Brenna procurar o ferro que ela usava, depois mando aquecê-lo — disse Danann seriamente, apertando o ombro dela antes de deixá-los sozinhos.

Lochlan estava segurando o odre sozinho, deixando as mãos de Elphame livres para despejar a água do jarro na bacia. Ela sentia os olhos dele sobre si enquanto molhava um dos panos.

— Não era como pretendíamos fazer minha apresentação ao clã.

— Não — murmurou ela, pensando no corpo sem vida de Brenna. Com dedos que pareciam atrapalhados, ela começou a desatar a camisa encrustada de sangue. — Tudo deu tão errado, Lochlan — disse enquanto lidava com os cordões. A mão dele se fechou sobre a dela, que ergueu os olhos para ele.

— Não nosso amor, meu coração. Nosso amor não deu errado. Lembre-se de que, aconteça o que acontecer, não me arrependo nem por um instante do tempo que amei você.

— Trouxe o caldo, minha senhora.

A voz de Brendan se intrometeu entre eles, e Elphame levantou a cabeça para se deparar com o homem olhando suas mãos unidas. Lochlan lentamente afastou a mão da dela, embora devolvesse com frieza o olhar de Brendan.

— Me dê sua faca — pediu Elphame.

Embora houvesse um claro questionamento em sua expressão, Brendan obedeceu e depois a observou

cortar a camisa coberta de sangue de Lochlan. Ela devolveu a faca ao homem, que estava observando com curiosidade o peito poderoso de Lochlan e as enormes asas que nasciam de suas costas.

— Quer tomar o caldo agora ou esperar até terminarmos...? — Elphame apontou nervosa para a flecha que deveria ser arrancada de seu corpo.

— Agora — respondeu ele, tocando-lhe a face gentilmente numa rápida carícia. — Pelo que o centauro disse, creio que precisarei de sua força.

Sem olhar para Brendan, Elphame estendeu a mão e o homem lhe entregou silenciosamente a caneca fumegante. Lochlan bebeu depressa e depois assentiu para ela. Endurecendo-se contra a dor que sabia que lhe causaria, Elphame se pôs a limpar os ferimentos do consorte. Lochlan fechou os olhos e recostou-se na coluna de pedra. De vez em quando levava o odre aos lábios com uma das mãos, que tremia levemente.

Os cascos de Danann anunciaram sua aproximação. Ele trazia uma podadeira de aparência perigosa na mão. Com muitos estalos dos joelhos antigos, o centauro acomodou-se ao lado de Lochlan.

— Isso é o que devemos fazer — explicou ele à criatura alada. — Cortarei aqui, logo abaixo da pena. — Ele apontou para a flecha. — Vou contar até três e a puxo fora. E depois vem a parte desconfortável. — O olhar do centauro procurou o homem parado ali perto. — Brendan, o ferro de cauterização está na lareira da cozinha. Quando a flecha for removida, vá rápido buscá-la.

— Essa seria a parte desconfortável — disse Lochlan ironicamente.

Danann sorriu.

— Não o fato de ir buscá-la.

Uma risada inesperada sacudiu os ombros de Lochlan, que se encolheu de dor.

— Vamos logo com isso então, mestre centauro.

— Agarre a pena — disse Danann a Elphame.

Não pense nele como Lochlan, ordenou-se ela freneticamente ao segurar a ponta da flecha. Pense nele como um estranho que você está tentando ajudar. Ela trincou os dentes, tentando esquecer que tinha repousado naquele ombro e provado-lhe o suor com lábios perscrutadores.

Com um estalo a podadeira rachou a haste de madeira.

— Agora se incline para a frente — ordenou Danann.

Elphame achava que Lochlan caiu em vez de se inclinar. A asa rasgada pendia sobre ele, cobrindo as costas. Sem olhar para Danann, Elphame recolheu a asa frouxa nas mãos e a ergueu, depois a dobrou para que a ponta protuberante da seta ensanguentada ficasse exposta. O único som que Lochlan deu foi um gemido cheio de dor ao primeiro toque de suas mãos na asa.

Uma das mãos nodosas do centauro se fechou na seta, a outra segurava firmemente as costas de Lochlan.

— No três — disse ele. — Um, dois, três!

Os músculos do braço do velho artífice incharam ao arrancar a flecha do corpo de Lochlan num puxão limpo, depois ele pressionou um pano no buraco aberto, tentando conter o rio escarlate que se seguiu.

— Rápido! Traga o ferro — Elphame ordenou a Brendan, que já estava se virando para o Grande Salão.

Lochlan ficou bem parado no chão de mármore, a cabeça escondida na curva do braço direito.

Elphame acariciou-lhe o cabelo, sentindo os tremores que corriam pelo corpo dele.

— Está quase no fim — disse-lhe, tentando evitar que a voz falhasse.

No espaço de apenas algumas respirações, Brendan voltou carregando um bastão de metal do tamanho do braço de um homem. A ponta arredondada brilhava com uma luz vermelha doentia. Elphame mal notou que ele fora seguido por vários membros do clã, que ficaram parados observando num silêncio desconfiado.

Danann acenou para que Brendan trouxesse o ferro.

— Lochlan — a voz do velho centauro estava calma. — Deve ficar bem parado enquanto eu fecho a ferida. Quer que o segurem? — perguntou-lhe Danann.

Lochlan virou a cabeça para poder olhar Elphame.

— O toque dela basta.

Ele puxou a mão debaixo do corpo e a ofereceu a ela. Sem hesitação, Elphame a segurou entre as suas.

— Segure-se — disse Danann para Lochlan um instante antes de enterrar o ferro cintilante na ferida.

Foi Elphame quem gritou quando o corpo de Lochlan se curvou de dor e o fedor de carne queimando pairou como uma névoa tóxica ao redor deles. Os olhos de Lochlan não abandonaram os dela e ele não fez um ruído. Quando Danann finalmente afastou o ferro ardente da carne e começou a aliviar a ferida com bálsamo, só então Lochlan fechou os olhos e escondeu a cabeça novamente no braço. Ele não deixou de segurar a mão de Elphame.

— Elphame? Trouxe isso para ele.

Através da visão embaçada por lágrimas que ela não percebeu que caíam, Elphame ergueu os olhos para Meara. A governanta estava segurando um cobertor bem dobrado, que deixou no mármore frio perto de Lochlan.

Quando Meara se afastou, outra mulher tomou seu lugar.

— Wynne mandou mais caldo. O cozido é para você, minha senhora. — Kathryn, a nova adição à equipe da cozinha, fez uma rápida medida antes de deixar a bandeja que continha uma caneca de caldo e uma vasilha aromática de cozido perto de Elphame.

Depois outra mulher, que Elphame reconheceu como uma das tecelãs, saiu do grupo de observadores e se aproximou dela. Estava carregando uma pequena manta de lã nos braços. Com um sorriso tímido, envolveu com ela os ombros da chefe.

— É frio aqui à noite, minha senhora. Cuide de sua saúde. — As palavras fluíram musicalmente, identificando-a como uma das locais.

Incapaz de falar, Elphame sorriu em agradecimento e seu olhar borrado passou pelo clã. As expressões eram tristes, mas ela não viu raiva ou ressentimento entre eles, só reflexo da preocupação que as três mulheres tinham demonstrado.

— Sim, cuide de sua saúde, minha senhora — pediu um homem que Elphame reconheceu como Angus.

As palavras dele quebraram o estranho silêncio do clã. Vários homens se aproximaram de Elphame, falando baixinho com ela e fitando com franca curiosidade o ser alado que só precisava do toque de sua chefe para suportar uma provação tão agonizante.

Trinta e Sete

A NOITE PASSOU lenta. Lochlan falou pouco enquanto ela e Danann terminavam de cuidar de seus ferimentos. Ele tomou a segunda caneca de caldo e depois, enrolado num cobertor de Meara, acomodou-se novamente contra a poderosa coluna e pareceu dormir.

Elphame não queria deixar seu amado, mas podia sentir que seu clã precisava dela, por isso, enquanto Lochlan descansava, caminhou entre eles, que estavam reunidos no Grande Salão, parando para conversar aqui e ali, mas principalmente para ser vista e deixar que eles sentissem sua presença. As lágrimas tinham sumido e ela tinha penteado o cabelo e colocado um tartã limpo, com o broche ancestral d'O MacCallan exibido claramente em seu corpete. A conversa do clã se concentrava no castelo e no trabalho ainda por vir. Ninguém mencionou o homem alado acorrentado no cômodo ao lado, nem falou na missão de Cuchulainn, mas existia uma sensação tangível de espera, e muitos olhares lançados furtivamente em direção à entrada do castelo ao menor som do vento roçando as paredes grossas e expectantes. Ninguém saiu para dormir no conforto das tendas, em vez disso cabeças oscilavam e depois reviviam ocasionalmente conforme a noite avançava. Wynne e suas cozinheiras se mantiveram ocupadas enchendo canecas de café puro forte e enchendo o estômago com cozido espesso.

A escuridão do céu noturno estava sendo substituída pelo cinza suave que antecede o amanhecer quando Elphame cruzou o pátio principal para verificar Lochlan. Alguém tinha levado cadeiras para Brendan e Duncan, que recusaram que qualquer outro homem os aliviasse do encargo de guardar o prisioneiro alado. Os dois homens estavam sentados perto de Lochlan, e Elphame sentiu um abalo de surpresa quando percebeu que os homens estavam numa profunda conversa com ele. De propósito, caminhou suavemente para que não notassem sua aproximação.

— Cento e vinte e cinco anos. — Brendan sacudiu a cabeça. A expressão era cansada, mas a curiosidade soava grossa em sua voz. — Não consigo imaginar viver por tanto tempo. Você nem parece tão velho quanto Danann.

O sorriso de Elphame refletia aquele ouvido na voz de Lochlan.

— Eu não gostaria de contrapor minha sabedoria com a do centauro. Meus anos podem superar os

dele, mas a experiência pesa muito a favor de Danann. Eu não gostaria de competir com ele.

Duncan bufou:

— Nenhum de nós gostaria. — Ele parou, como se considerando cuidadosamente suas próximas palavras: — Observei o que aconteceu quando A MacCallan pediu ao espírito da coluna que contasse a verdade sobre você. Se fosse culpado da morte da pequena curandeira, nossa senhora então teria descoberto.

— Não, não matei Brenna, mais digo com honestidade que carregarei a culpa pela morte dela para o túmulo. Devia ter encontrado uma maneira de prevenir isso — disse Lochlan.

— Destino... Ele pode ser cruel — disse Brendan.

Duncan resmungou em concordância.

— Cavalheiros, a manhã se aproxima. Wynne tem comida quente e bebida para vocês. Eu os aliviarei temporariamente da vigia — disse Elphame, aparecendo na luz das tochas que iluminavam o pequeno grupo.

Dessa vez, em vez de hesitar, os dois homens se colocaram de pé, curvaram-se para a chefe e saíram silenciosamente do pátio. Sozinha com Lochlan, Elphame de repente descobriu que não sabia o que dizer. Arrumou uma pilha de bandagens descartadas e pôs a tampa num jarro de bálsamo.

— Sente um pouco aqui ao meu lado, meu coração.

As mãos de Elphame congelaram quando ela olhou nos olhos dele. O rosto estava pálido e círculos escuros envolviam os olhos expressivos. O cobertor que o cobria escorregara do ombro ferido e um matiz rosa de sangue se infiltrara manchando as bandagem brancas. Lochlan estava sentado mais ereto do que antes, quando imaginou que ele estava dormindo, mas ainda estava recostado na coluna, como se também ganhasse força por tocá-la.

Com um suspiro, Elphame sentou-se no mármore frio perto dele.

— É tão difícil saber o que fazer, Lochlan — disse ela com tristeza. — Como equilibrar quem sou com o que sinto?

As correntes retiniram quando ele tomou a mão dela na sua.

— Você está indo bem. Eles são leais a você, Elphame. Não precisa se preocupar em perder seu clã.

— E você? Não devo me preocupar em perder você?

— Não pode me perder, meu coração.

— E se Cuchulainn não encontrar sua gente, ou, pior ainda, matá-los e não deixar que a história deles seja contada? Ou o que acontecerá se ele os trouxer vivos e mentirem — disserem que foi você o culpado pela morte de Brenna? Ninguém no clã pode sentir a verdade através dos espíritos da pedra. Posso evitar que Cuchulainn o mate, mas talvez tenha que bani-lo, Lochlan. Compreende isso?

— Compreendo que fará o que deve ser feito. Mas nem o banimento nem a morte podem destruir meu amor por você. E não se esqueça de que há a mão de Epona nisso, Elphame. Decidi confiar na Deusa como minha mãe fazia.

Elphame sacudiu a cabeça.

— Acho que não possuo a sua fé.

Lochlan sorriu intencionalmente.

— Não, meu coração? Você foi tocada pela Deusa desde o nascimento. Talvez só precise confiar em si mesma para ouvir a voz Dela.

Elphame ergueu a mão dele para poder encostar a face no calor de sua palma.

— Tem certeza de que não é tão sábio quanto Danann?

— Vasta certeza.

Ele acariciou a lateral do rosto de Elphame, que se inclinou para beijá-lo gentilmente. Involuntariamente, as asas dele se agitaram e Lochlan não pôde reprimir um gemido de dor. Elphame logo se afastou dele, o rosto cheio de preocupação. Estendeu a mão para tocar a asa, mas deteve o gesto, com medo de causar-lhe mais dor.

— A asa vai sarar — disse Lochlan, tentando confortá-la, embora a voz soasse áspera. — Não teria sobrevivido nos Ermos se fosse frágil e facilmente quebrável.

— Mas é sua asa — disse ela.

— Vai sarar — repetiu ele. — Não tenha medo de me tocar.

Ela estava se recostando nele com cuidado quando o tropel de muitos cascos entrando no castelo a fizeram se afastar num sobressalto. Coração disparado, Elphame se levantou para encarar Cuchulainn e as notícias sombrias que trazia consigo.

Quando o irmão entrou cavalgando no pátio, ela quase não o reconheceu. Ele estava manchado de sangue e terra, assim como a dourada Brighid, que entrou no cômodo ao lado dele. Mas não era simplesmente que a aparência de Cuchulainn tivesse se transformado com a batalha e a exaustão; seu rosto tinha endurecido na máscara de um estranho. Por trás do guerreiro e da caçadora, homens e centauros entulharam o castelo. Elphame reconheceu que vários dos homens tinham vindo de Loth Tor. Alguém gritou de dentro do Grande Salão e o clã expectante saiu para o pátio.

Só dentro da luz das tochas Cuchulainn refreou o cavalo e desmontou rigidamente. Depois desenrolou uma grossa extensão de corda da parte mais alta da sela. Elphame conteve o fôlego enquanto os músculos maciços do braço do irmão inchavam conforme ele caminhava firmemente em sua direção, arrastando o que quer que estivesse amarrado na corda consigo. A distinta liberação do fôlego de Elphame se perdeu no arfar coletivo que encheu o pátio quando as figuras aladas tropeçaram na luz. Ela ouviu Lochlan lutar para ficar de pé às suas costas, mas não conseguia tirar os olhos dos prisioneiros do irmão.

Havia quatro deles, três homens e uma mulher. As mãos estavam atadas diante deles, e a corda que amarrava seus punhos subia para dar uma volta em cada pescoço antes de se conectar ao prisioneiro seguinte, então se um tivesse caído e sido arrastado pelo cavalo de Cuchulainn, ele ou ela teria feito os outros sufocarem. Eles sangravam de múltiplas lacerações e estavam cobertos de terra e sangue, mas os ferimentos os mais terríveis não estavam nos corpos. Os ferimentos que fizeram o estômago de Elphame revirar e a respiração prender foram os retalhos sangrentos no qual as asas orgulhosas tinham se tornado. Só os esqueletos restavam. O que costumava ser evidência da força recebida pelo sangue sombrio agora eram apenas faixas de carne mutilada.

Eles não sarariam, concluiu Elphame com um entendimento que a deixou enjoada.

— As criaturas estavam onde ele disse que estariam — disse Cuchulainn na voz de um estranho. — Não foram capturadas facilmente, mas criminosos dificilmente são. — Deu outro puxão cruel na corda e o homem próximo a ele, que era visivelmente gêmeo do prisioneiro ao qual estava amarrado, tropeçou e caiu de joelhos, fazendo os outros serem arrastados dolorosamente juntos.

A corrente de Lochlan retiniu quando ele caminhou até o fim de sua amarra de metal.

— Eles já estão derrotados. Não há necessidade de torturá-los.

Cuchulainn se voltou para ele, os olhos cheios de fúria.

— Eles mataram Brenna!

— Eles não a mataram, eu a matei.

Todos os olhos foram atraídos para a mulher alada. O corpo exibia os menores sinais de ferimento;

nem as asas estavam tão destruídas quanto a dos homens. Enquanto falava, endireitou a espinha e tentou manter as asas danificadas bem apertadas no corpo. Jogou o cabelo prateado para trás e os olhos cor de gelo fitaram desdenhosamente a multidão. Elphame achou que ela tinha uma beleza terrível que ardia de dentro dela como uma perigosa chama pálida.

— Não fale, Fallon — sibilou o alto homem amarrado ao lado dela.

Ela o ignorou e buscou os olhos de Lochlan.

— O tempo para o silêncio passou, não é, Lochlan?

— Fallon, por que...

Elphame tocou o braço de Lochlan, interrompendo a reação dele, e o rosto bonito de Fallon se contorceu no feio desdém.

— Isso mesmo, Lochlan. Não fale, a não ser que ela permita. Como sempre, você é um fantoche da deusa ungulada.

Elphame sentiu a raiva irradiar dentro dela, e o gelo em sua voz rivalizava com a frieza nos olhos da fêmea.

— Cuidado quando se dirigir a mim. Sou A MacCallan, chefe do clã MacCallan, e seu destino está em minhas mãos.

A risada da mulher alada era cruel e destituída de humor, por isso Elphame soube sem qualquer dúvida que estava olhando nos olhos da loucura.

— Minha mãe humana há muito falecida ficaria contente por eu ter finalmente entendido o conceito de ironia. Meu destino realmente está em suas mãos, deusa, exceto que até hoje era você quem devia ser sacrificada para cumprir esse destino.

— Basta, Fallon!

Lochlan teve que urrar acima do som das vozes zangadas do clã. Ninguém entrava no Castelo MacCallan e ameaçava sua chefe sem responder à ira do clã.

Elphame ergueu a mão pedindo silêncio. Caminhou na direção de Fallon, e Cuchulainn se aproximou para ficar ao lado dela. Conforme se aproximavam da fêmea alada, o macho amarrado ao lado dela se agitava. Elphame ignorou o som metálico das correntes de Lochlan, que lutava contra elas, assim como a raiva selvagem que irradiava do irmão; todo seu foco estava em Fallon.

— Explique-se — ordenou Elphame.

Fallon ergueu o queixo.

— Pergunte ao seu amante a verdadeira razão de entrar em Partholon sozinho e procurar por você. Não era só porque sonhava com você desde que nasceu. Há mais, muito mais. — Seus olhos ficaram dissimulados. — Mas talvez uma parte sua já saiba disso.

O clã de Elphame murmurou zangado, e ela ergueu a mão novamente pedindo silêncio.

— Por admissão própria, o sangue de uma mulher inocente está em suas mãos, e agora você para no coração do meu castelo e cospe meias-verdades e enigmas. — A raiva pulsava pelo corpo de Elphame, que ao preenchê-la oscilou e se transformou em fúria justiceira que formigou por sua pele e fez o cabelo espesso ondular e estalar sobre seus ombros. Numa voz ampliada magicamente, ela repetiu a ordem: — *Explique-se!*

Os olhos de Fallon se arregalaram com a clara evidência da existência do poder de uma deusa, mas em vez de ser humilde isso só pareceu abastecer sua loucura. Ela virou seu olhar acalorado para Lochlan.

— Veja o que suas mentiras conseguiram! Não há como negar que você a reconheceu como deusa, porém na sua obsessão por ela só pensou em mantê-la para si. Quando sugou sangue dela e a maldição

foi removida de você, o que pensou fazer conosco? Ou se importou tão pouco com sua própria gente que nem pensou em nós?

— Você matou e abraçou a loucura, Fallon. Suas palavras são insignificantes — disse Lochlan.

Mas Elphame estivera observando seu amante cuidadosamente enquanto Fallon falava, e viu nos olhos dele a culpa antes que pudesse ocultar a expressão.

— Dessa vez concordo com a criatura alada. Essas palavras são insignificantes. A fêmea matou Brenna, a fêmea deve morrer. — A voz de Cuchulainn era tão destituída de emoção que fez o coração de Elphame doer.

— Não! — O macho ao lado dela rosnou através de lábios sangrentos. — O que ela fez, fez apenas para salvar nossa gente. Lochlan abdicou da responsabilidade que tinha como nosso líder. Quando nos traiu e recusou-se a sacrificar a deusa ungulada, Fallon acreditou que não tinha outra escolha.

O urro zangado de Cuchulainn foi ecoado pelo clã MacCallan, e vários dos homens puxaram suas *claymores* assassinas e avançaram como se fossem abater os seres alados.

— *Silêncio!* — A voz de Elphame chiou pelo cômodo, erguendo os pelos nos antebraços e causando arrepios de poder sobre a pele. O silêncio caiu como uma tocha apagada.

A risada sarcástica de Fallon encheu o ar grosso de poder com ódio.

— Eu estava enganada sobre você, deusa. Com todo seu poder, você realmente não sabe. Não fazia ideia de que Lochlan a procurou para cumprir a Profecia. Acreditou em suas palavras doces e sentimentais de amor.

As correntes de Lochlan retiniram quando eles as puxou.

— Você não sabe nada do que está falando!

— Sei que é sua culpa a fêmea humana ter morrido! — Fallon cuspiu seu veneno. — Se tivesse cumprido a Profecia, eu não teria que ter matado para atrair sua amante para fora da fortaleza. — Outra vez sua risada maníaca ecoou pelo pátio. Depois sua expressão enlouquecida desmoronou, como cera derretendo de uma vela, e seus olhos sem cor se encheram de lágrimas. — Mas eu não estava preparada para sua traição final. — A mão longa e esguia tocou a beira esfarrapada da asa rasgada como se não pertencesse realmente a ela. — Oh, Keir, veja o que ele fez conosco. — Ela desabou em soluços enquanto o macho ao seu lado a tomava nos braços.

Elphame deliberadamente virou de costas para Fallon. Com a crescente sensação de entorpecimento, buscou o olhar de Lochlan.

— Fale-me da Profecia.

Lochlan respirou fundo. Mesmo estando acorrentado e ferido, sustentava-se alto e orgulhoso, parecendo mais um deus alado que um prisioneiro. Quando falou, sua voz profunda se espalhou claramente pelo castelo, hipnotizando o clã reunido, mas seus olhos só enxergavam Elphame: — Você já sabe que minha mãe era Morrigan, irmã mais nova d'O MacCallan, que foi o último chefe deste clã. Assim como muitas das mulheres MacCallan, minha mãe foi tocada por Epona. Ela me passou sua profunda fé, assim como uma Profecia que jurava que Epona lhe sussurrara num sonho. A Profecia previa que *através do sangue de uma deusa agonizante nosso povo seria salvo*.

Ele se calou. Suas palavras pareciam pairar no ar ao redor, lembrando a Elphame de repente o modo como seu nome se tornou magicamente tangível quando ela o chamou. Ela estremeceu, sentindo um mau sinal acariciar a extensão de sua espinha.

— Minha mãe disse que a Deusa lhe prometeu que eu estava destinado a cumprir a Profecia. Mesmo no leito de morte, sua fé nunca falhou. Morreu acreditando que eu algum dia encontraria uma maneira

de tornar a promessa de Epona realidade. Quando comecei a sonhar com uma criança tocada pela Deusa, nascida de um centauro e uma humana, soube que as orações dela tinham sido atendidas.

O sorriso de Lochlan aqueceu-lhe o rosto e por um instante era como se a multidão ouvinte desaparecesse e os dois estivessem sozinhos.

— Acho que comecei a amá-la quando era criança, e depois me apaixonei por você quando amadureceu numa bela mulher. Mas foi quando a observei falando com seu povo diante dos portões arruinados do Castelo MacCallan que percebi que não havia nada que não sacrificasse para mantê-la segura, mesmo que estivesse condenando minha gente ao banimento e à loucura.

— Foi você — disse Brighid de repente. — Você salvou Elphame na noite do acidente.

— Sim — disse Elphame, sem desviar os olhos de Lochlan. — O javali teria me matado se Lochlan não o tivesse matado primeiro.

— Não entendo. — A voz de Brighid interrompeu as exclamações de surpresa que vinham do clã reunido. — A que propósito serve essa Profecia? Se não são inimigos dispostos a reviver o passado de seus pais e reacender a guerra, por que simplesmente não entram em Partholon pacificamente? Porque acham que precisam do sacrifício da vida de Elphame?

— Eles estão enlouquecendo — disse Elphame com súbito entendimento. — A escuridão que carregam no sangue chama por eles. Quanto mais lutam contra ela, mais doloroso se torna para eles. — Ela apontou para Fallon, que ainda estava agarrada ao companheiro. — Por fim, a loucura vence. — Seus olhos varreram seu povo enquanto falava calmamente: — E existem crianças que carregam o sangue de seus ancestrais humanos — sangue que muitos de nós compartilhamos com eles. É pior para elas. Não tiveram nenhuma mãe humana que nutrisse sua humanidade.

— Então você acredita que Epona deseja que Elphame seja sacrificada para que seu sangue de alguma forma lave a loucura de sua gente? — zombou Cuchulainn. — A Profecia em si soa louca.

— Você pode estar parcialmente certo, Cuchulainn. Descobri que todos interpretamos mal a Profecia — disse Lochlan.

As asas rasgadas de Fallon farfalharam quando ela se afastou dolorosamente do companheiro.

— Você mente! — Ela cuspiu as palavras.

— Não — disse Lochlan simplesmente. — Provei o sangue dela. E vi a verdade contida nele.

No abismado silêncio que acompanhou suas palavras, Elphame não pôde evitar que a mão tocasse os dois furinhos no pescoço.

— O que ele está dizendo? — As palavras eram baixas e zangadas, e soavam como se alguém as tivesse arrancado de Cuchulainn.

Elphame não se esquivou da fúria do irmão.

— Lochlan é meu consorte. Ele e eu nos pactuamos e nosso casamento foi consumado. Ele provou meu sangue como parte do ritual de acasalamento.

Cuchulainn encarava a irmã como se não a reconhecesse. Elphame se obrigou a desviar o olhar antes que seu verniz de coragem rachasse.

— O que meu sangue contou a você? — perguntou a Lochlan, impressionada pela voz não trair nada do tumulto que acontecia dentro dela.

— A Profecia diz que é através do sangue de uma deusa agonizante que seremos salvos, mas não estava falando de uma morte física, assim como não era literalmente seu sangue que devia ser sacrificado. O que a Profecia realmente quer dizer é que você deve aceitar o sangue sombrio de nossos pais dentro do seu corpo, para que se misture e por fim substitua seu próprio sangue. Quando isso acontecer — por

ter sido tocada pela Deusa —, você assumirá a loucura de nossos pais. As batalhas que meu povo enfrenta diariamente para manter a humanidade serão transferidas para você. — Ele se calou, o horror do que estava dizendo refletido no rosto. — A loucura será levada de nós, mas para você seria pior que a morte física. Seria a morte de sua humanidade.

— Isso é impossível — zombou Cuchulainn. Gritos zangados de concordância irromperam do clã MacCallan.

Os olhos de Elphame permaneciam fixos nos do amante. Na mente, ela revia a expressão horrorizada dele ao fugir de sua cama depois de beber seu sangue. Com uma certeza que ecoava por sua alma, soube que o marido tinha falado a verdade. A veracidade ressoava dentro dela quando finalmente compreendeu, e depois aceitou, a escolha que devia fazer. Afastou apressadamente o olhar de Lochlan antes que ele pudesse ler a decisão dentro de seus olhos.

Sua mão erguida pedia silêncio.

— Meu julgamento está completo. — Naquele momento não era nem irmã nem esposa, era A MacCallan, e suas palavras vibraram nas paredes ouvintes do castelo. — Cuchulainn, sua perda e a do clã foi grande. Uma reparação deve ser feita. — Virou-se do irmão para Fallon. — Você tirou uma vida inocente. Sua vida é exigida em retorno.

Cuchulainn se aproximou da mulher calada, a espada desembainhada e pronta.

— Não! — berrou Keir.

— Não pode salvá-la, mas pode morrer com ela. — A morte preenchia a voz de Cuchulainn.

Fallon ignorou o parceiro e deu um passo adiante, como se estivesse ansiosa para encontrar a espada do guerreiro.

— Então me mate e mostre seu barbarismo, humano — disse ela com arrogância. Com um simples movimento, rasgou a roupa esfarrapada que cobria sua nudez e expôs o corpo pálido. Uma mão desceu para acariciar o volume que era seu abdômen. — Mas saiba que quando me matar, também matará meu filho que está por nascer.

Elphame não precisou ordenar que o irmão parasse. A espada de Cuchulainn, que estava erguida para um golpe assassino, vacilou. Lentamente, baixou a ponta dela para o chão de mármore. Com os olhos cheios de dor, ele olhou para a irmã.

— Brenna chamaria isso de vingança e não de justiça se uma criança inocente fosse morta para reparar sua morte, embora eu fosse quase capaz de cometer tal ato se soubesse que o espírito dela me assombraria como consequência disso.

— Concordo, Cuchulainn. Não seria justo tirar a vida de um inocente. — A voz de Elphame era de aço. — Mas alguém deve pagar o preço pela morte de Brenna.

— Fallon é minha companheira. A criança é minha. Pagarei o preço — disse Keir. Fazendo uma careta de dor, abaixou-se para recuperar a roupa de Fallon, a quem entregou sem olhar. Fallon nada falou, mas Elphame pensou ver um lampejo de emoção nos olhos da mulher alada, nem ódio nem loucura.

— Sabia que Fallon planejava matar Brenna? — perguntou Elphame a Keir.

— Não, deusa. — Ele não se acovardou, mas sua voz estava carregada de amargura. — Só viemos garantir o cumprimento da Profecia, nossos modos não são os de nossos pais.

— Keir, não foi por culpa sua que Fallon caiu na loucura. Você não é culpado pela morte de Brenna — disse ela.

Lenta e distintamente, Elphame virou-se para encarar Lochlan. Os murmúrios e conversas sussurradas

cessaram. No silêncio que os enquadrou, as palavras de Lochlan eram claras e fortes: — Keir não é culpado pela morte de Brenna, mas eu sou. Sou líder de meu povo. Sou também seu traidor.

— Suas palavras são sábias, marido. — No sobrenatural silêncio, *marido* foi um eco delicado, como se ao ser pronunciada a palavra se cristalizasse e depois se estilhaçasse.

A mão não estava firme ao ser estendida, palma aberta, para a espada de Cuchulainn. Sem falar, o irmão colocou o pomo em sua mão. Depois, com passos lentos e metódicos, ela caminhou em direção a Lochlan. Ele permaneceu bem parado, observando sua aproximação. Próxima a ele, mas ainda longe de seu alcance acorrentado, Elphame parou.

Lochlan ignorou a multidão observadora e falou apenas para ela: — Quando nos unimos, eu lhe disse que a seguiria, mesmo que isso levasse à minha morte. Quando atendi ao seu chamado e trouxe o corpo de Brenna, sabia qual seria meu fim. Eu aceitei então, eu o aceito agora. — O sorriso não guardava amargura e a voz refletia a profundidade de seu amor por ela.

Em vez de se mexer para golpeá-lo, Elphame retribuiu o sorriso.

— Lembra de quando me disse que eu precisava confiar bastante em mim mesma para ouvir a voz de Epona? Você estava certo, Lochlan. Finalmente encontrei essa confiança, e com ela ouvi a voz da Deusa. Agora você precisa confiar em mim também.

— Confio em você, meu coração — disse ele, estendendo as mãos abertas para longe do corpo para que ela pudesse facilmente executar um golpe mortal.

— Bom, logo precisarei dessa confiança. — Olhou por cima do ombro para o irmão. — Perdoe-me, Cuchulainn — disse ela.

Ao inspirar um profundo sopro purificador, os olhos do irmão se arregalaram e um súbito entendimento do que ela pretendia lampejou nele.

— Detenham-na! — gritou, disparando em frente.

Seu grito foi ecoado por Lochlan, e o ser alado se machucou selvagememente na corrente que o prendia, tentando alcançar a amante, enquanto Elphame rapidamente passou a ponta afiada da espada ao longo da própria carne desde o punho até o cotovelo num corte longo, profundo e mortal. Temendo que Cuchulainn a alcançasse cedo demais, tentou se apressar e mudar a espada de mão para que pudesse terminar o que tinha começado, mas a força já estava deixando seu corpo e ela se atrapalhava ao segurar a *claymore*. Em silêncio, sua alma clamava por mais tempo — e a pedra sobre a qual estava ouviu seu apelo silencioso.

Numa neblina escarlate, Elphame viu o espírito d'O MacCallan se materializar ao seu lado.

— *Estou aqui, menina.*

Ele levantou a mão cintilante e, um instante antes de o irmão alcançá-la, Elphame foi enclausurada num círculo de poder transparente. O corpo de Cuchulainn parou como se tivesse trombado numa parede invisível.

— *Não, Cuchulainn.* — Como o badalar de um sino de morte, a voz assustadora do espírito cortou a gritaria que irrompera ao redor deles: — *Você não pode mudar o destino d'A MacCallan. A escolha é dela, não sua.*

— Não, Elphame! — gritou Cuchulainn, batendo os punhos com impotência na barreira invisível de poder espiritual.

Movendo-se estranhamente, Elphame transferiu a espada para a mão direita e lutou contra uma maré de tontura para manter o domínio. O sangue se derramava do longo talho como um protuberante rio escarlate. Apertando os dentes, ignorou a dor e pressionou a lâmina na pele ilesa do punho direito,

seguindo o caminho da veia até o cotovelo. Só então deixou a espada retinir no chão de mármore. Sentia o calor do líquido que corria do corpo banhando braços e pernas. Como se dentro de um sonho, ela olhou através do círculo de poder que o espírito de seu ancestral tinha invocado para Lochlan. Lágrimas desciam pelo rosto dele conforme forçava as correntes para alcançá-la.

Através do sangue pulsando em sua cabeça, mal podia ouvir o som da própria voz: — Salve-me, e em troca salvo você. — O esforço exigido para formar as palavras foi demais, e o mundo começou a escurecer conforme caía de joelhos num lento movimento.

— *Você sabe o que deve fazer, sobrinho.*

Com as palavras d'O MacCallan, o círculo de poder se dissipou junto com o espírito, e com um grito aflito Cuchulainn puxou Elphame para seus braços.

— Traga-a até mim antes que perca a consciência! — gritou Lochlan.

Os olhos frenéticos de Cuchulainn vasculharam o rosto do homem alado.

— Confie em mim — disse Lochlan.

O guerreiro não hesitou nem mais um instante, simplesmente começou a arrastar a irmã até Lochlan. Foi auxiliado por outras mãos fortes, conforme o clã atravessava o rastro de sangue cada vez mais amplo para alcançar a chefe.

Lochlan caiu de joelhos quando seus braços se fecharam ao redor do corpo passivo de Elphame.

— A espada! Me dê a espada! — urrou ele. O punho avermelhado foi enfiado em sua mão. Num movimento ofuscantemente rápido, Lochlan raspou a ponta da espada na pele nua acima do coração. Depois atirou a espada para o lado como se fosse um inseto repulsivo. Aninhou a cabeça de Elphame nas mãos e pressionou-lhe os lábios frios na ferida.

— Beba, meu coração — implorou ele.

Os olhos estavam fechados e ela não respondeu.

— Beba, Elphame — chorou ele, a voz quebrada. — Fiz o que pediu — sua única chance de vida agora é cumprir a Profecia. Beba!

Lentamente, os lábios se moveram sobre sua pele, e com um som de engasgo Elphame engoliu. Seus olhos se abriram e lágrimas tingidas de vermelho brotaram deles conforme a boca apertava o peito e o sangue dos demônios invadia seu corpo. A princípio ela não conhecia nada e não sentia nada além do gosto metálico do sangue de Lochlan. Depois o calor começou. Estava bebendo de um rio vulcânico, mas não conseguia se afastar, e logo não mais desejou se afastar. O calor a seduziu. Preencheu seu corpo e acariciou sua alma com o poder hipnótico da escuridão conforme a loucura de uma raça inteira fluía dentro dela. As feridas sangrando nos braços secaram e depois selaram. Pensamentos estranhos começaram a espiralar em sua mente: *Sangue... Nunca teria o bastante... Poderia sorver dele até secar... Poderia sorver de todos até secarem... Poderia começar seu próprio exército... Parte demônio, parte deusa... Primeiro devia matar Lochlan... Matar o traidor...*

Matar Lochlan? Matar seu consorte?

Sua própria consciência interrompeu a névoa de sussurros demoníacos, e com um arfar Elphame afastou a boca do peito de Lochlan. Sobre mãos e joelhos afastou-se dele, sentindo o pânico dentro dela aumentar ao perceber que a poça rubra que cobria o chão e revestia seu corpo era seu próprio sangue. Não, aquilo não estava certo, corrigiu freneticamente sua mente. O sangue que a cobria não era mais seu, pois o seu estava agora irrevogavelmente misturado ao dos demônios.

Agora ela era um demônio... Sua única escolha era aceitar e abraçar isso.

— Não escute os sussurros sombrios — arfou Lochlan. Ele tombou no chão parecendo pálido e

doente. — Lute, Elphame!

O som fantasmagórico da risada louca de Fallon dançava em volta dela.

— Elphame? — Cuchulainn se aproximou dela lentamente, as mãos estendidas. — Venha até mim. — Como ela não respondeu, a voz dele falhou. — Não pode me deixar também, minha irmã. Não posso suportar.

Ainda sobre mãos e joelhos, ela estremeceu com o familiar vocativo carinhoso. A escuridão que ela aceitara era responsável pela perda de Cuchulainn. E agora ela era parte disso. *Sim...* Ela sentia as vozes se agitarem e se contorcerem dentro dela como se milhares de insetos escuros tremulassem debaixo de sua pele. *Sim... Nos sintam... Nos escute... Agora somos você.*

— Não sou mais sua irmã. Não pode me ajudar.

Não reconhecia o som estranho da própria voz. Não reconhecia as faces das pessoas ao redor que a encaravam. Pensamentos e lembranças se fragmentavam — tudo o que ela era começava a se esvaír, afogado na maré escura que pulsava dentro dela. Sentindo-se presa, girou pelo chão e foi confrontada pelo velho centauro que assomou diante dela.

— Chame o espírito das pedras... Elas ajudarão você — disse ele.

Elphame sacudiu a cabeça selvagememente. Não, os espíritos não mais atenderiam ao seu chamado. Estava sozinha, vencida pela voz da loucura em seu sangue que silenciava seu mundo.

Fique em paz, Amada. Nunca abandonarei você.

As palavras frescas lavaram seu corpo. E Elphame se agarrou a elas como uma alma moribunda ao sopro da vida.

— Epona! — soluçou Elphame. Ao falar o nome da Deusa, sentiu um tremor dentro do corpo e uma ideia menos substancial que névoa flutuou em sua mente surrada; agarrou-se a ela com toda a humanidade restante em sua alma.

Precisava confiar em si mesma.

Lutando contra medo e escuridão, Elphame se pôs de pé. Cambaleou adiante e a multidão de pessoas e centauros espantados se abriu até ela estar parada diante da fonte no meio do Grande Pátio. Ela encarou o rosto da garota de mármore que era sua ancestral e o primeiro raio de luz da manhã a tocou. Com uma mão limpa e carinhosa, o raio encontrou o broche d'O MacCallan, que faiscou com luz brilhante. Dentro daquela luz, Elphame procurou e encontrou sua herança — uma herança de fé e fidelidade e a força do amor triunfante que não podiam ser usurpados pelo fascínio sombrio lançado pelo mal. O novo dia irrompeu como um facho de esperança e Elphame lembrou quem era. E, com esse conhecimento, a escuridão estranha que tinha pensado em roubar dela a força do amor de uma deusa padeceu e gritou, mas foi forçada a se retirar perante a ofuscante luz da confiança e da coragem. Com um som parecido com os passos apressados de uma aranha, os sussurros malignos recuaram até não serem mais do que uma lembrança de ecos.

Como se despertando de um longo sono, Elphame estendeu languidamente os braços ensopados de sangue sob o rio de água limpa e observou o líquido frio lavar a mancha, rodopiando-a pela bacia, diluindo e enfraquecendo-a antes de drená-la. Quando os braços estavam livres de mancha, Elphame jogou a cabeça para trás e banhou o rosto na pura luz da manhã de Epona. Um grito se inflou dentro dela como o desenvolver de uma criança e depois explodiu para ecoar pelas paredes, onde foi recebido por vozes jubilosas, primeiro a do irmão, depois a do marido e depois a do clã: — FÉ E FIDELIDADE!

— FÉ E FIDELIDADE!

— FÉ E FIDELIDADE!

Sorrindo em triunfo, Elphame desabou no chão de mármore e saudou a paz da inconsciência.

Trinta e Oito

COMO A DOCE fragrância de madressilva numa brisa de primavera, a voz da mãe fluiu no sonho de Elphame: — *Queria que tivesse sido mais fácil para ela.*

— Eu sei, Amada. — Dessa vez Elphame reconheceu imediatamente a voz de Epona. — *Eu também queria que ela pudesse ter sido poupada dessa agonia, mas o caminho de sua filha nunca foi fácil. Agora você vê o quanto as dificuldades do passado a prepararam para enfrentar seu destino.*

— *Ela fez bem, não é?*

— *Muito bem. Ela me deixou orgulhosa.*

A alma de Elphame se revigorou com alegria pelo elogio delas.

— *O caminho dela ainda será difícil* — continuou a Deusa. — *Grande parte do clã MacCallan aceitará Lochlan e seu povo por amor a ela, mas o resto de Partholon não será tão facilmente conquistado.*

A mãe suspirou:

— *Agora me permite ir até ela? Ao menos posso formalizar o casamento deles.* — Depois a voz da mãe se entristeceu: — *E Cuchulainn precisa do carinho de mãe.*

— *Vá até eles* — disse a Deusa. — *Mas não fique surpresa se a dor de Cuchulainn for maior que o carinho de uma mãe possa confortar...*

A resposta da mãe se dissipou conforme Elphame navegava pelas camadas do sono. Enquanto seus sentidos adormecidos voltavam lentamente à vida, o corpo lhe dizia que estava repousando confortavelmente sobre penugem e lençóis finos. A luz bruxuleava delicadamente sobre suas pálpebras fechadas. Seus olhos adejaram, depois abriram.

Seu primeiro pensamento foi de que devia ser noite, porque a única luz no cômodo vinha de um grande candelabro de ferro e do fogo que queimava alegremente na lareira, então ela se perguntou por quanto tempo tinha dormido. Não tinha acabado de amanhecer? Então algo tomou forma no canto de seus olhos, e ela se virou para ver Lochlan. Ele estava sentado numa cadeira ao lado da cama. A cabeça pendia sobre o peito e ele estava dormindo. Seus olhos se banquetearam com ele. Ainda parecia surrado e machucado, mas a pele tinha perdido a cor de porcelana do choque desde a última vez em que o vira,

quando estava caído fraco no chão e coberto com seu sangue...

E sua memória retornou. Por um momento o pânico apertou seu estômago enquanto ouvia o interior de seu ser, esperando que a voz louca da escuridão começasse seu sussurro letal no seu sangue maculado. Mas a voz não veio. Sentiu uma vaga agitação de algo enterrado bem fundo, como um sonho meio esquecido. Com a intuição gerada pelo toque da Deusa, Elphame soube que embora carregasse dentro de si a loucura de uma raça, o amor, a confiança e a fé tinham sido vitoriosos contra o legado maligno.

Deve permanecer vigilante contra a escuridão enquanto houver vida em seu corpo, Amada. A voz de Epona inundou sua mente. Mas lembre-se que sempre estarei com você. Você foi tocada pela Deusa...

Talvez ela tivesse feito algum ruído involuntário em resposta, pois os olhos de Lochlan se abriram de repente. Quando percebeu que Elphame tinha acordado, buscou-lhe a mão.

— Cuchulainn! — gritou ele.

Quase imediatamente o irmão se juntou a Lochlan ao lado da cama.

Círculos escuros contornavam os olhos de Cuchulainn e um restolho de barba cobria o queixo geralmente bem barbeado. Elphame achou que o irmão parecia ter envelhecido uma vida inteira.

— Você está terrível — grasnou Elphame.

O rosto cansado de Cuchulainn se abriu num sorriso, e a risada aliviada de Lochlan mais parecia um soluço. Ela olhou do marido para o irmão.

Elphame pigarreou antes de tentar falar novamente: — Bom, nenhum de vocês está acorrentado e não vejo ferimentos que pareçam novos. Posso presumir que os dois estão aprendendo a se entender? — murmurou.

— Ela não está louca. — Lochlan levou-lhe a mão aos lábios, deixando Elphame chocada por ver que lágrimas silenciosas molhavam o rosto dele.

— Eu disse a você que ela não ficaria — disse Cuchulainn. Seus olhos também estavam suspeitamente brilhantes.

— Ela consegue ouvir vocês dois — disse Elphame, exasperada.

— Seja bem-vinda de volta, minha irmã — disse Cuchulainn.

— Por quanto tempo dormi?

— É a noite do quinto dia — disse Lochlan.

Ela piscou surpresa.

— Não é de admirar que esteja com tanta fome.

O sorriso de Cuchulainn parecia fora de contexto no rosto profundamente marcado.

— Wynne vai ficar muito contente por ouvir isso. — Ele começou a se apressar em direção à porta.

— Cuchulainn, espere.

Lendo a expressão em seu rosto, Lochlan beijou sua mão com carinho antes de soltá-la, e depois ficou de lado para que Cuchulainn pudesse tomar seu lugar.

Elphame sentou e estendeu a mão para o irmão.

— Eu queria contar sobre Lochlan...

Parecendo incrivelmente cansado, Cuchulainn meneou a cabeça.

— Não precisa explicar, El.

— Sim, preciso. Eu queria contar sobre Lochlan desde o momento em que eu o conheci. Só não sabia como, mas não queria que descobrisse sozinho e achasse que não o amo bastante ou não confio bastante em você para não ter revelado. Não conseguia encontrar as palavras, e por outro lado você estava muito apaixonado por Brenna.

Cuchulainn cerrou o maxilar e desviou o olhar.

— Não culpo você ou Lochlan pela morte de Brenna. — Ele fez uma pausa e inspirou de modo profundo e trêmulo. — Nem mesmo culpo Fallon. A loucura não era culpa dela.

— Cuchulainn, olhe para mim — pediu Elphame. Quando o irmão encontrou seus olhos, ela viu nas profundezas de seu lamento e compreendeu que Cuchulainn estava dizendo a verdade. Não os culpava pela morte de Brenna, culpava a si mesmo.

— Cuchulainn — ela começou a dizer, mas ele largou sua mão e se levantou tão abruptamente que a cadeira quase caiu.

— Não consigo falar sobre isso, El. — Sem olhar para ela, virou e foi apressado para a porta. Por cima do ombro, disse antes de fechar a porta sobre sua dor: — Vou trazer algo para você comer.

— Ele não deixou que ela fosse queimada numa pira funerária — disse Lochlan. Em vez de pegar a cadeira, ele se sentou na cama, de frente para ela. Tomou-lhe as mãos entre as suas. — Disse que o fogo já tinha causado a ela muita dor.

— Oh, Cuchulainn. — Elphame ofegou, encarando a porta fechada.

— Então o mestre centauro fez uma tumba e esculpiu a efígie de Brenna para selá-la. Cuchulainn finalmente a deixou descansar nela hoje de manhã.

— Onde? — sussurrou Elphame, secando lágrimas das faces.

— No lugar onde estava a tenda dela. — Lochlan sacudiu a cabeça com tristeza. — Acho que ele sepultou o coração junto com Brenna.

— Eu devia estar lá com ele. Ele precisava de mim.

— Você precisava muito se recuperar. Não se culpe. Seu irmão falou a verdade. Não culpa você, nem culpa meu povo ou a mim. Agiu nobremente em seu lugar nos últimos dias.

— Fallon, Keir e os outros dois, o que aconteceu com eles? — perguntou ela.

— Cuchulainn ordenou que ela fosse aprisionada no Castelo Guardião, onde vai esperar pelo nascimento da criança e também pela sua decisão quanto à penalidade que deve pagar pelo crime que cometeu. Keir escolheu ir com ela. Curran e Nevin continuam aqui, sarando dos ferimentos.

Elphame estudou-lhe o rosto.

— A loucura foi mesmo embora?

— Foi. — O assombro disso ainda permanecia em sua voz. — Ela me deixou, e também deixou os outros. Você cumpriu a Profecia e salvou meu povo. — Ele acariciou-lhe a face com carinho. — E dentro de você, meu coração? Sente o fardo desse peso?

O olhar de Elphame se tornou introspectivo. Como um sopro sobre um lago tranquilo, sentia-se bem lá no fundo um ondular sombrio.

— Está aqui, dentro de mim. Posso sentir sua presença. A loucura foi conquistada, mas não totalmente silenciada. Tenho a palavra de Epona de que venci uma batalha contra ela, mas a Deusa me avisou que preciso ser sempre vigilante para permanecer vitoriosa. — Elphame estremeceu.

— Não há outra possibilidade que não seja a vitória — disse Lochlan ferozmente. — Juntos, não deixaremos que ela conquiste você.

A vívida força do amor dele preencheu Elphame, que sentiu a expectante escuridão dentro de si recuar novamente.

Ela inspirou de modo profundo e satisfeito.

— Devemos avisar seu povo. Eles devem trazer as crianças para cá.

Lochlan a puxou para os braços e suas asas em recuperação a envolveram, enchendo-a com seu calor.

— Assim faremos, meu coração, assim faremos — disse ele.

Elphame parou diante da tumba de mármore conforme o céu matutino enviava gavinhas hesitantes de malva e violeta. A efígie era muito bonita, era quase como se Brenna tivesse dormido e virado pedra. Exceto por Danann ter esculpido sua imagem livre de qualquer cicatriz.

— Não pedi que tirasse as cicatrizes. Isso nem me ocorreu. — A voz assombrada de Cuchulainn surgiu do lado da irmã. Ele deu um passo adiante, inclinou-se e colocou uma braçada de flores selvagens cor de turquesa nos braços da garota de pedra.

— Quando perguntei a Danann por que não tinha mostrado as cicatrizes, ele respondeu que simplesmente a esculpiu da maneira que se recordava dela — disse Brighid. A caçadora tocou a face direita da efígie, que agora era tão clara e lisa quanto o lado esquerdo do rosto.

— Brenna ficaria contente por ser lembrada assim — disse Elphame. Virou-se para o irmão e segurou sua mão. — Por favor, não vá, Cuchulainn.

— Eu preciso. — Ele olhou por cima do ombro para o castelo que estava começando a despertar. — Tudo aqui me lembra ela... Cada aroma e cada som parecem falar seu nome. — Os olhos cheios de lamento encontraram o olhar preocupado da irmã. — Não é que eu queira me livrar dela, só quero aprender a suportar a perda. Não posso fazer isso aqui. — Apertou a mão dela antes de soltá-la.

A mente de Elphame compreendia o que ele dizia, mas o coração doía por pensar na ausência do irmão.

— Vou sentir sua falta, Cuchulainn — anunciou Brighid baixinho enquanto estendia a mão para apertar o braço dele num cumprimento de guerreiro.

Sua pele parecia quente de encontro ao aperto forte.

— Estava enganado a seu respeito, Brighid Dhianna. Você foi uma amiga dedicada.

— Talvez algum dia possamos sair para caçar juntos outra vez. — Ela sorriu com tristeza para ele.

Um *woof* abafado chamou a atenção deles para baixo quando Fand pulou de uma moita de capim alto para rosnar e morder os cascos de Brighid. A caçadora fez cara feia.

— Corrigirei minha oferta. Caço com você novamente, desde que prometa não trazer de volta nada que esteja vivo.

Cuchulainn deu um tapinha na coxa e a filhote veio saltando até ele para se retorcer entre suas pernas.

— Da próxima vez que vir Fand, ela terá boas maneiras.

— É o que todos os pais dizem — murmurou Brighid enquanto retornava para o castelo.

Irmão e irmã ficaram em silêncio olhando um para o outro. Depois Elphame estava nos braços dele, abraçando-o com força e enterrando a cabeça no ombro familiar.

— Não pode esperar pela mamãe? — perguntou entre lágrimas. — Você sabe que o mensageiro disse que ela está a um dia de viagem.

Cuchulainn deu tapinhas nas costas dela.

— Ela vai entender.

— Não vai, não. Vai ficar doida.

Elphame ouviu a leve risada. Soava grave e penosa, completamente diferente do irmão alegre que ela conhecia tão bem, que seu coração se contraiu numa torrente de tristeza.

— Tem razão, mas ela vai ficar tão ocupada cacarejando ao redor de você e de Lochlan que não vai ter tempo de pensar nisso. — Gentilmente, Cuchulainn afastou-se e beijou-lhe as faces. — É algo que eu preciso fazer. — Depois se virou e atirou as rédeas sobre o pescoço do capão e o montou num fácil

movimento.

Como se notando a deixa, Fand se lançou numa série de choramingos lastimosos e Elphame logo a pegou no colo, entregando a filhote gorducha para o irmão.

— Amo você, minha irmã — disse, depois direcionou o cavalo para o norte e com a pressão dos joelhos o pôs a trotar.

Elphame observou quando ele se juntou às duas figuras aladas que esperavam pacientemente diante da entrada principal do castelo. Os ferimentos não estavam completamente curados e as asas ainda muito esfarrapadas, mas Curran e Nevin insistiram em acompanhar Cuchulainn quando ele anunciou que viajaria para os Ermos para guiar as crianças deslocadas de seu lar em Partholon.

Elphame ficou observando até eles sumirem nas árvores. Sentiu como se o passado tivesse desaparecido com Cuchulainn, e com sua ausência a parte mais feliz de sua juventude também tinha partido. O que aconteceria com seu amado irmão? Será que seria para sempre uma carapaça rachada ou de alguma forma poderia ser curado? Elphame sabia da amarga ironia de seus pensamentos. Cuchulainn precisava encontrar uma maneira de remendar o que estava quebrado dentro dele sem uma curandeira. Sentira-se muito impotente nos últimos dias enquanto observava um vazio horrível penetrar a alma dele. Será que ele encontraria a felicidade sem Brenna? Ela não sabia. Tinha acreditado que perderia Lochlan, então sabia um pouco do que o irmão estava sentindo. Poderia ter seguido em frente sem seu consorte, assim como Cuchulainn, mas poderia realmente encontrar a felicidade outra vez? Disso ela não sabia.

Por favor, Epona. Ela fez uma oração silenciosa e fervorosa à Deusa. *Cuide de trazê-lo em segurança para casa. E ajude-o a encontrar a felicidade outra vez.*

O coração de Elphame doía e ela já sentia saudades da presença familiar de Cuchulainn. Seus ombros tremiam com os soluços e seus passos estavam pesados quando começou a fazer o caminho de volta para o castelo.

Como se fosse uma carícia física, sentiu o olhar dele tocá-la. A luz matutina de Epona moldava a forma alada de Lochlan parado no balcão da Torre do Chefê. Não podia ler o rosto dele, mas enquanto observava, viu-o tocar o lugar acima do coração, depois os lábios, depois estender a mão para ela.

Cuchulainn guardava seu passado, mas seu futuro estava com Lochlan e o clã MacCallan. Eles teriam que enfrentar uma terra cheia de pessoas que desconfiavam deles e os julgavam com crueldade. Partholon não seria facilmente conquistada, mas com a bênção de Epona enfrentariam o futuro juntos. A chefe do clã MacCallan secou o rosto e endireitou os ombros. Os passos de Elphame eram fortes e seguros quando ela correu para se juntar ao consorte, e assim dar início a um novo dia.

Cast, P. C.

C339e A escolha de Elphame [recurso eletrônico] / P.C. Cast; tradução de Elaine Moreira. — Rio de Janeiro: HR, 2012.

Recurso digital (Partholon, 1)

Tradução de: Elphame's choice

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: A busca de Brighid's

ISBN 978-85-398-0490-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção fantástica americana 2. Livros eletrônicos. I. Moreira, Elaine. II. Título. III. Série.

12- CDD: 813

5806 CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:

ELPHAME'S CHOICE

Copyright © 2004 by P.C. Cast

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA Edição eletrônica da versão digital: FA Digital Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-398-0490-0